UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras (FCL) - Campus de Araraquara

THIAGO PACHECO GEBARA

A COMPLEXA BATALHA CULTURAL, INFODÊMICA E POLÍTICA NA CIDADE DE ARARAQUARA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19: 2020-2021.

Araraquara
2025

THIAGO PACHECO GEBARA

A COMPLEXA BATALHA CULTURAL, INFODÊMICA E POLÍTICA NA CIDADE DE ARARAQUARA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19: 2020-2021

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Democracia, cultura e pensamento social

Orientador(a): Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Araraquara

2025

G293c

Gebara, Thiago Pacheco
A COMPLEXA BATALHA CULTURAL, INFODÊMICA E POLÍTICA NA CIDADE DE ARARAQUARA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19: 2020-2021 / Thiago Pacheco Gebara. -- Araraquara, 2025
251 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Memória Histórica. 2. Pandemia de Covid-19. 3. Pensamento Mágico. 4. Negacionismos. 5. Araraquara. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Através dessa pesquisa, esperamos contribuir para a análise de um período histórico que julgamos determinante na transformação da sociedade contemporânea. Nesse sentido, a reconstrução da memória histórica da pandemia de Covid-19 na cidade de Araraquara e sua relação com acontecimentos nacionais e globais é relevante na medida em que expõe as contradições existentes entre classes e grupos sociais que disputam a hegemonia do poder em um período histórico de crises complexas. A pesquisa tem o potencial de investigar a disseminação do irracionalismo e suas consequências sociais, culturais, informacionais, ambientais, sanitárias, econômicas e morais, bem como os interesses materiais que sustentam sua propagação em diferentes esferas da sociedade. Sendo a pandemia de Covid-19 um evento recente, de alta complexidade e com questões ainda não solucionadas (ou sequer percebidas), a dissertação contribui para o estudo empírico de um caso emblemático que envolve conceitos e categorias amplamente debatidos nas ciências sociais, destacando o papel de universidades e institutos de produção científica na resolução de problemas. Por fim, com o levantamento de dados, pesquisa documental e realização de entrevistas com agentes públicos, trabalhadores da área da saúde e diretores de campus universitários, a pesquisa aponta estratégias que serviram como resistência contra grupos de extrema-direita e ideologias discriminatórias e negacionistas, assim como destaca alguns efeitos que já podem ser percebidos na política, cultura e sociedade, indicando novas questões sociais que precisam necessitam de compreensão.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

Through this research, we hope to contribute to the analysis of a historical period that we consider decisive in the transformation of contemporary society. In this sense, the reconstruction of the historical memory of the Covid-19 pandemic in the city of Araraquara and its relationship with national and global events is relevant to the extent that it exposes the contradictions between classes and social groups that dispute the hegemony of power in a historical period of complex crises. The research has the potential to investigate the spread of irrationalism and its social, cultural, informational, environmental, health, economic and moral consequences, as well as the material interests that sustain its spread in different spheres of society. As the Covid-19 pandemic is a recent event, of high complexity and with issues not yet solved (or even perceived), the dissertation contributes to the empirical study of an emblematic case that involves concepts and categories widely debated in the social sciences, highlighting the role of universities and institutes of scientific production in solving problems. Finally, with data collection, documentary research and interviews with public agents, health workers and directors of university campuses, the research points out strategies that served as resistance against extreme right-wing groups and discriminatory and denialist ideologies, as well as highlights some effects that can already be perceived in politics, culture and society, indicating new social issues that need to be understood.

THIAGO PACHECO GEBARA

A COMPLEXA BATALHA CULTURAL, INFODÊMICA E POLÍTICA NA CIDADE DE ARARAQUARA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19: 2020-2021

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais
Área de Concentração: Democracia, cultura e pensamento social

Data da defesa: 25/03/2025

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

_____

Prof. Dr. Cláudio César de Paiva
UNESP/Araraquara

_____

Prof. Dr. Savio Machado Cavalcante
UNICAMP/Campinas

Dedico este trabalho à Josiane, Adriano e Miguel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, às minhas avós Marisa e Maria de Lourdes, que sempre me acolheram e incentivaram, essa dissertação é resultado dos esforços e privações que tiveram ao longo de suas vidas para que nunca faltassem oportunidades para mim.

À minha mãe, Josiane, mulher guerreira que supera todas as adversidades que encontra, fonte maior de inspiração que nunca me permite desistir dos meus sonhos e que faz de tudo para que eu possa vive-los. Ao meu pai, Adriano, compreensivo, companheiro e conselheiro, ponto de referência pelo qual me guio quando estou perdido. À Miguel, meu irmão, onde encontro a manifestação verdadeira do amor na forma de admiração e carinho, sempre disponível para me escutar quando precisei.

Às minhas tias, tios, primos e primas, que escutaram e respeitaram minhas opiniões sobre cultura, política, economia e diversos outros temas que se tornaram pautas de nossos debates nos encontros familiares. Seus questionamentos e contrapontos foram fundamentais para a minha compreensão de várias questões presentes nessa dissertação.

Ao meu orientador, João Carlos Soares Zuin, pessoa íntegra, ética e admirável, que me impulsiona na construção de uma visão de mundo crítica e comprometida com a justiça social desde minha graduação, atencioso com minhas dúvidas, por mais simples ou ingênuas que fossem, e sempre presente mesmo com a intensa rotina de um professor e pesquisador no Brasil.

Aos meus amigos João, Bruna, Gabriel, Igor, Pedro, Ádrima, Eduardo, Yan, Rafael, Renan, Luis Felipe e Lucas, os dois últimos nomes no plural, pessoas que me acolheram e, principalmente, toleraram quando ninguém mais suportava ler e ouvir sobre o mesmo tema pela milésima vez. Os momentos de descontração e companheirismo que todos proporcionaram, cada qual à sua maneira, foram fundamentais para que eu respirasse fundo e seguisse em frente para terminar esse trabalho. Também agradeço especialmente aqueles que me hospedaram em suas casas quando precisei, sem vocês essa dissertação não seria possível.

Agradeço aos meus colegas do Grupo de Pesquisa, Participação e Democracia e Políticas Públicas (GEPPADE) da UNESP de Araraquara, em especial à Professora Carla Gandini Giani Martelli, pelas discussões e provocações ao longo de nossos encontros mensais, descobri e utilizei muitas referências, como também incorporei diversas reflexões que surgiram e se desenvolveram dentro desse grupo.

Agradeço aos meus colegas de curso e, sobretudo, aos professores e professoras que ministraram disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP de

Araraquara, todos os encontros sempre renovaram meu ânimo em continuar pesquisando, estruturando um propósito coletivo para uma ação que, muitas vezes, ocorre de forma individual e solitária.

Às pessoas que cederam seu tempo e contribuíram de forma determinante para essa dissertação através de relatos de suas vivências durante a pandemia de Covid-19, sem suas entrevistas o conteúdo e a relevância desse trabalho seria infinitamente menor. Eliana Honain, Rowaylly Alexandrino, Atair Machado de Oliveira, Ana Marisa Fusco de Almeida, Luis Vitor Silva do Sacramento e Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia

Aos professores Danilo Rothberg, Sávio Machado Cavalcante e Claudio Cesar Paiva, pela participação no exame de qualificação e na banca de defesa, agradeço pelo olhar atencioso ao texto, pela disponibilidade em ouvir nossa apresentação e pelos importantes apontamentos, seus olhares críticos foram essenciais na revisão da dissertação para fazê-la o mais coerente possível.

Também utilizo esse espaço para agradecer às inúmeras pessoas que conheci em minhas andanças pelas estradas e escolas do Estado de São Paulo, alunos, professoras, cozinheiras, faxineiras, seguranças, porteiros, inspetores, coordenadoras, diretoras e demais colegas de trabalho que fizeram parte do meu dia a dia, muitas vezes a dinâmica escolar, mesmo cansativa, moldou meu olhar acerca de questões que são tratadas nesse trabalho, a presença e a troca cotidiana com cada um fez parte disso.

Aos trabalhadores e trabalhadoras que, durante os momentos mais difíceis da pandemia de Covid-19, se mantiveram atuantes e garantiram, na linha de frente, o funcionamento de espaços que foram determinantes para que a maioria de nós pudesse ficar seguro em nossas casas.

“Salvar alguma coisa deste tempo no qual nós nunca mais estaremos”

(Annie Ernaux, 2021, p. 219)

RESUMO

A dissertação visa compreender o sentido e o significado dos discursos, e ideias produzidas e difundidas durante a pandemia de Sars-Covid-19 em Araraquara, município do Estado de São Paulo, que decretou diversas políticas públicas de distanciamento social e, sobretudo, lockdowns, no momento mais elevado de números de mortos pela pandemia. O objeto de investigação parte da hipótese de que diversas formas de pensamento mágico foram desenvolvidas por forças econômicas e políticas durante a pandemia, especialmente, após os decretos de lockdowns pela Prefeitura de Araraquara. Pretendemos utilizar a noção de pensamento mágico como expressão dos discursos anti-intelectuais, anticientíficos e irracionalistas difundidas nos meios de comunicação tradicionais e, sobretudo, nas redes sociais digitais. O objetivo da pesquisa é compreender como o processo de difusão do pensamento mágico ocorreu através dos jornais, blogs, revistas entre 2020 e 2021. Pretendemos, também, investigar como os agentes públicos tiveram que lidar com diversas manifestações do pensamento mágico por parte das pessoas, grupos sociais e instituições, colher depoimentos através de entrevistas diretas, para recompor o contexto histórico social mais amplo possível da pandemia no município. Pretende-se, assim, entender quais são as relações existentes entre o capitalismo contemporâneo desregulamentado econômica, política e culturalmente, as crises sociais e sanitárias, a difusão do pensamento mágico e a influência no comportamento e na mentalidade dos indivíduos atomizados e dos cidadãos espectadores da política.

Palavras-chave: Memória histórica; pandemia de Covid-19; pensamento mágico; negacionismos; Araraquara

ABSTRACT

The dissertation aims to understand the meaning and significance of the discourses and ideas produced and disseminated during the Sars-Covid-19 pandemic in Araraquara, a city in the State of São Paulo, which decreed several public policies of social distancing and, above all, lockdowns, at the highest moment of death tolls from the pandemic. The object of investigation is based on the hypothesis that several forms of magical thinking were developed by economic and political forces during the pandemic, especially after the lockdown decrees by the City Council of Araraquara. We intend to use the notion of magical thinking as an expression of the anti-intellectual, anti-scientific and irrationalist discourses disseminated in the traditional media and, above all, in digital social networks. The objective of the research is to understand how the process of diffusion of magical thinking occurred through newspapers, blogs, magazines between 2020 and 2021. We also intend to investigate how public agents had to deal with various manifestations of magical thinking by people, social groups and institutions, collect testimonies through direct interviews, to recompose the broadest possible social historical context of the pandemic in the city. Thus, it is intended to understand what are the existing relations between the contemporary capitalism economically deregulated politically, politically and culturally, the social and health crises, the diffusion of magical thinking and the influence on the behavior and mentality of atomized individuals and citizens who are spectators of politics.

Keywords: Historical memory; Covid-19 pandemic; magical thinking; denialisms, Araraquara.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: ambientes de confiança e de risco em épocas pré-modernas e modernas 69
Quadro 2: Os diferentes tipos de informação imprecisa ou equivocada. 88
Quadro 3: tipos de informação, seus elementos, fases e interpretadores. 91
Quadro 4: tipos de desinformação, informação imprecisa ou equivocada e tipos de confiança em informação. 93
Quadro 5: discursos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e características do pensamento mágico. 130
Quadro 6: comparação epidemiológica entre municípios no ano de 2020 140
Quadro 7: comparação epidemiológica entre municípios até do início de 2021 até a data próxima do lockdown 143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: data das declarações do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro e o respectivo número de óbitos no Brasil. 134
Gráfico 2: data das declarações do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro e o respectivo número de infectados no Brasil. 134
Gráfico 3: data das declarações do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro e o respectivo teor do discurso 135
Gráfico 4: mortes por Covid-19 em Araraquara até março de 2021. 151
Gráfico 5: casos de Covid-19 em Araraquara por semana do início até março de 2021. 152
Gráfico 6: ocupação de leitos para Covid-19 em Araraquara, do início até março de 2021. 153
Gráfico 7: mortes por Covid-19 a cada semana, do início até março de 2021, em Araraquara. 155
Gráfico 8: comparação epidemiológica entre Araraquara e São Carlos, do início até abril de 2021. 156
Gráfico 9: comparação da evolução de casos de Covid-19 por dia entre Araraquara e Bauru, do início até março de 2021. 157
Gráfico 10: comparação da evolução de óbitos decorrentes da Covid-19 por dia entre Araraquara e Bauru, do início até março de 2021. 158
Gráfico 11: comparação da evolução de internações decorrentes de Covid-19 por dia entre Araraquara e Bauru, do início até março de 2021. 159
Gráfico 12: comparação epidemiológica entre Araraquara e outros municípios em 2021. 162
Gráfico 13: comparação entre Araraquara e São Carlos durante o período dos dois lockdowns. 168

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 14

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA NOVA ORDEM MUNDIAL 19

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO NEOLIBERALISMO 25

2.2 CRISES SOBREPOSTAS E A FINANCEIRIZAÇÃO DA VIDA 34

2.3 O INDIVÌDUO E O SUJEITO NEOLIBERAL 41

2.3.1 A crise do sujeito neoliberal 45

2.4 CONFLITOS DE IDENTIDADE E LUTAS PELA HEGEMONIA DO PODER 50

2.5 O ADOECIMENTO DO SUJEITO COMO EXPRESSÃO DAS CRISES DA NOVA ORDEM MUNDIAL 55

3. A PANDEMIA DE COVID-19 62

3.1 A DESTRUIÇÃO DAS AUTORIDADES NA PANDEMIA DE COVID-19 70

3.2 A INFODEMIA E A DESORDEM INFORMACIONAL 81

3.3 A “OPULÊNCIA INFORMATIVA”, A “INDIGÊNCIA COGNITIVA” E O FENÔMENO DA INFODEMÊNCIA 94

3.4 O PENSAMENTO MÁGICO 102

4. O COMBATE AO CORONAVÍRUS EM ARARAQUARA 116

4.1 A CHEGA DO “TREM DA MORTE” 119

4.1.1 A pandemia e o federalismo no governo Bolsonaro 135

4.1.2 Araraquara como referência de gestão da pandemia de Covid-19 em 2020 139

4.2 O PRIMIERO LOCKDOWN 143

4.3 O SEGUNDO LOCKDOWN 161

4.4 A PARCERIA COM A UNESP DE ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA 170

4.5 OS DESAFIOS DO CENÁRIO PÓS-PANDEMIA 176

4.5.1 As consequências da disseminação do pensamento mágico entre os indivíduos 180

5. CONCLUSÃO 192

REFERÊNCIAS: 200

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS AGENTES PÚBLICOS 218

APÊNDICE B – DIRETORES e VICE-DIRETORES DA UNESP DE ARARAQUARA 219

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS 220

ENTREVISTADA: ELIANA HONAIN – SECRETÁRIA DA SAÚDE EM ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 221

ENTREVISTADA: ROWAYLLY ALEXANDRINO - GERENTE DE COMBATE À COVID-19 EM ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA 226

ENTREVISTADO: ATAIR MACHADO DE OLIVEIRA – FISCAL DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA DE ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 232

ENTREVISTADOS: LUÍS VITOR SILVA DO SACRAMENTO E ANA MARISA FUSCO ALMEIDA – DIRETOR E VICE-DIRETORA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS (FCF) DA UNESP DE ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 238

ENTREVISTADA: PATRICIA PETROMILI NORDI SASSO GARCIA – VICE-DIRETORA DA FACULADDE DE ODONTOLOGIA DE ARARAQUARA (FOAR) DA UNESP DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 E ATUAL DIRETORA 249

1. INTRODUÇÃO

No dia 17 de novembro de 2019 era notificado o primeiro caso de contaminação por SARS-CoV-2, um vírus que também era chamado novo Coronavírus, o responsável por gerar a doença que ficou popularmente conhecida como Covid-19. A doença, até então desconhecida e com pouca relevância para a população, surgiu na cidade de Wuhan, na China, se espalhou rapidamente e, em poucos meses, estava presente em diversos países do mundo. No início de 2020, China, Japão, Coréia do Sul e Itália eram as nações onde mais se concentravam casos de contaminações e mortes; as imagens de milhares e, rapidamente, milhões de pessoas em diversas cidades confinadas, e grandes quantidades de pessoas morrendo em decorrência de um vírus desconhecido, alarmavam a população global, que recebiam as atualizações por seus aparelhos celulares, comentavam sobre elas em suas redes sociais e debatiam as matérias jornalísticas lançadas pela televisão e replicadas na *internet*. O que é esse vírus? Qual sua gravidade? Devemos nos preocupar? Estamos sendo alarmistas? Existe cura? Há tratamento? Foram alguns dos questionamentos gerais que, de múltiplas formas, inundaram a consciência individual de todos os seres humanos que viveram durante esse momento da história.

Para tais perguntas, haviam poucas respostas. O que exigia cautela, se transformou no mais acalorado dos debates, com jornalistas, cientistas, políticos, economistas, artistas, comerciantes, trabalhadores da saúde, dentre diversos outros grupos sociais, argumentando o que deveria e o que não deveria ser feito para enfrentarmos o que estaria por vir – ou, para alguns, o que não deveria ser feito, afinal, tudo não se passava de puro alarmismo.

O vírus chegou ao Brasil, oficialmente, no dia 26 de fevereiro de 2020, no meio do carnaval, maior festa popular do país. Praticamente um mês depois já havia ampla organização da sociedade civil e de parte do mundo político e institucional exigindo normas e diretrizes para frear a contaminação de Covid-19, que já estava presente em diversos estados e municípios. Nos discursos realizados por figuras de relevância na opinião pública nacional, muitas vezes se revelaram o racismo, o elitismo e o descaso com a população mais vulnerável, diversos daqueles questionamentos iniciais se transformaram em ataques sistemáticos e a ausência de respostas foi transformada, por muitos, em ausência de evidências.

Com diâmetro de 50 a 200 nanômetros, o vírus, impossível de ser visto sem o auxílio de um nanoscópio, revelou problemas complexos de tamanho planetário, expôs uma população global integrada de forma irremediável, mas, curiosamente, com muitos impasses para estabelecer uma ampla cooperação. Aeroportos, estradas, ferrovias e portos foram fechados,

rotas comerciais e industriais foram profundamente afetadas, toda a maneira cotidiana, por parte dos sujeitos, de se situar no mundo, de repente, foi transformada radicalmente.

Anteriormente presente apenas em morcegos, o novo Coronavírus passou a infectar seres humanos e seus sintomas eram semelhantes à de um resfriado ou gripe, o que dificultava sua distinção. Tosse, dor de garganta, coriza, perda de olfato, dores no corpo e dores de cabeça eram os sinais mais comuns, mas podiam também evoluir para pneumonia e causar conjuntivite, náuseas, dor de estômago, diarreia, lesões na pele e alteração do nível de consciência. Seu período de incubação, ou seja, o intervalo entre a data do primeiro contato com o vírus até o início dos sintomas da doença, pode variar de 1 a 14 dias, sendo que o mais comum é que os sintomas comecem a se manifestar depois do terceiro ao quinto dia de contato com o vírus.

Essa "gripe estranha" [1] não tinha cura nem tratamento, era uma doença respiratória que se transmitia através de secreções contaminadas, como gotículas de saliva, espirro, tosse e catarro. Isso significava que o contato pessoal era o maior responsável pela disseminação da Covid-19. Beijos, abraços e apertos de mão, tão presentes na vida humana, deveriam ser evitados a todo custo, sobretudo com pessoas que apresentavam sintomas respiratórios. Nesse momento, restavam as medidas não-farmacológicas de se proteger: lavar as mãos com água e sabão, principalmente antes de comer, espirrar ou tossir, evitar tocar nos olhos, boca e nariz, usar máscaras em locais públicos, manter os espaços bem ventilados, evitar locais com muitas pessoas.

Termos como "gripezinha" ou "resfriadinho" foram utilizados, no Brasil e em outros locais do mundo, para minimizar sua relevância, associando o termo no diminutivo ao impacto pequeno que o vírus teria na vida cotidiana das pessoas. A preocupação que, no início, era associada aos grupos de risco (pessoas com comorbidade, por exemplo) e a população mais idosa, se espalhou de forma desenfreada; a taxa de letalidade também aumentou, o vírus sofreu mutação e seus sintomas se agravaram, cada vez mais pessoas jovens e sem outros agravantes de saúde eram internadas. As descobertas e projeções iniciais que eram incessantemente comunicadas por cientistas, acusados de levar pânico à população e de serem alarmistas, pessimistas ou até covardes, se aproximavam cada vez mais da realidade com o passar dos dias, meses e anos.

Todos nós que vivenciamos esse período, experienciamos, de diversas formas, as múltiplas crises da sociedade capitalista contemporânea. A epidemia que aceleradamente foi ampliada para pandemia, em parte, devido as lógicas e dinâmicas da complexidade do

[1] O que é o novo Coronavírus? Fiocruz. 03 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-o-novo-coronavirus. Acesso em 12 de Janeiro de 2025.

capitalismo globalizado e das intensas trocas comerciais e deslocamento de mercadorias e pessoas, impactou todas as esferas sociais: problemas existentes na política, na economia, na ciência, na ética, na cultura e no meio ambiente foram aflorados nos debates públicos. A realidade extremamente complexa, que impunha o esforço inaudito de compreensão e decisão política nas esferas locais, regionais, nacionais e, simultaneamente, na esfera global, foi elevadq à complexidade ainda maior com o impacto da pseudociência, da desinformação, das fake news e do negacionismo. Nas diversas esferas da política, a situação de extrema gravidade da pandemia foi ampliada com a batalha cultural – usamos a expressão no sentido lato do termo, isto é, o enfrentamento político entre as diversas formas de vida, concepções de mundo e ideologias para obter o consenso social e, consequentemente, o poder hegemônico de determinação de quais valores e princípios devem servir para orientar e determinar o agir social e a reprodução material da existência – contra a manifestação de múltiplas formas de irracionalismo existentes na sociedade capitalista contemporânea. Logo, pretendemos compreender como algumas experiências políticas foram capazes de enfrentar o irracionalismo disseminado local e globalmente, na complexa batalha cultural ocorrida nos dois anos de pandemia.

O Brasil foi governado pela extrema-direita, em âmbito federal, de 2018 à 2022, em uma gestão da pandemia que foi amplamente guiada pelos negacionismos e pela necropolítica. Instaurou-se uma crise no sistema federalista de governo que tinha se consolidado desde o período de redemocratização, em 1988, abrindo espaço para novas formas de governança durante o período de pandemia de Covid-19. Nesse sentido, governadores e Prefeitos assumiram as responsabilidades que foram deixadas de lado pelo governo federal, muitos deles divergindo das políticas negacionistas e irresponsáveis que estavam se consolidando no país, que ao final dos dois anos, acumulou mais de 700 mil mortos pela doença, resultando em acusações de genocídio e crimes contra a humanidade por parte do próprio presidente da República Jair Messias Bolsonaro.

Esta pesquisa pretende investigar como a experiência política e científica desenvolvida na cidade de Araraquara, município localizado no centro-oeste do estado de São Paulo e com 230 mil habitantes, foi a maior expoente da batalha cultural e política ocorrida no Brasil durante o período da pandemia. Araraquara foi a primeira cidade do Brasil a propor o *lockdown* como medida política para conter a disseminação do vírus e, ao fazer isso, passou a fazer parte do debate público nacional e recebeu ataques sistemáticos de grupos extremistas que negavam as evidências científicas em torno da pandemia de Covid-19.

Desde o início da pandemia, o município já se organizava a partir de uma política que dialogava diretamente com a ciência, sobretudo, através da cooperação das universidades e dos polos de produção científica que haviam em seu território, através de preceitos científicos: a média de testagem se comparava com a de países ricos e desenvolvidos e, em um curto espaço de tempo, a cidade de Araraquara foi uma referência nas estratégias de combate ao Coronavírus e, sobretudo, na queda da letalidade vinculada com o vírus (uma das menores do estado de São Paulo). Contudo, por diversos fatores que buscaremos explorar nessa pesquisa, Araraquara sofreu com o aumento repentino de casos e viu seu sistema de saúde entrar em colapso, o que tornou o debate político em torno da eficácia das medidas sanitárias ainda mais turvo. O município, como buscaremos reconstruir nessa dissertação, é uma experiência exitosa de enfrentamento à pandemia de Covid-19, com diversas pesquisas apontando para as centenas de vidas que foram salvas através de suas políticas de distanciamento social, testagem ampla, controle epidemiológico, ampliação de políticas públicas e, principalmente, parcerias com setores de produção científica da Unesp.

Em Araraquara, o poder executivo decretou dois *lockdowns* realizados ao longo da pandemia de Covid-19, o que gerou muitos atos de resistência por parte da população e de grupos organizados econômica e politicamente para impedir que as ações da prefeitura e de outros colaboradores avançassem. O objetivo da dissertação ao reconstruir os enredos que formam a memória histórica e política dos dois anos de pandemia visa analisar o significado e o sentido das matérias jornalística, das colunas de opinião, das manifestações feitas nas ruas e nas redes sociais, e dos relatos de alguns entrevistados que tiveram papel de relevância (na política, na ciência e na linha de frente de atuação) nesse período. É nesse espaço social que buscaremos analisar, dialeticamente, como os conflitos de valores, ideias e interesses entre as forças sociais e políticas foram desenvolvidos, com quais meios e intenções, e acabaram por se manifestar nas ações dos sujeitos, nas decisões políticas, nos embates culturais e políticos.

Conforme anunciado em 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), junto com a pandemia de Covid-19 se desenvolveu outro complexo problema global, a *infodemia*, neologismo composto pela contração de info (informação) e demia (doença generalizada a uma população). Não se trata apenas de mais um neologismo que alcança, aceleradamente, a manifestação generalizada na era da sociedade capitalista globalizada e midiática, mas da compreensão de um complexo problema que, portanto, não era somente sanitário, era também um problema da construção de conhecimento da globalização neoliberal. Os negacionismos disseminados por grupos organizados política, econômica e culturalmente, não são fruto somente da insanidade humana, inesperada e espontânea, mas produtos causais de uma

sociedade capitalista que manifesta crises permanentes e subsequentes que, ao que tudo indica, falhou em prover uma visão de mundo capaz de lidar com as questões sociais complexas da modernidade tardia.

Nos restringimos em investigar as evidências da disseminação desse pensamento mágico e irracional na cidade de Araraquara e, acima de tudo, buscamos contribuir na tarefa da construção da memória histórica e política de um período trágico que deveria estabelecer um ponto de inflexão na humanidade. Para isso, serão desenvolvidos três capítulos: no primeiro pretendemos analisar a lógica de reprodução material e as dinâmicas sociais do capitalismo neoliberal e globalizado neoliberal e suas características em questão de configuração social, econômica, política, cultural e ambiental, visando entender quais as mudanças produzidas nos valores, nas dinâmicas sociais e nos indivíduos nas últimas décadas do século XX impactaram na pandemia de Covid-19; no segundo capítulo, investigamos, conjuntamente, as duas pandemias, a de Coronavírus e a de informação, nesse capítulo buscaremos compreender como a (des)confiança nos sistemas de segurança tradicionais da modernidade é uma variável determinante para analisar as formas de pensar e se situar no mundo que se guiam, em maior ou menor escala, pelo obscurantismo, pelo ocultismo, pelo negacionismo, pelo complotismo, pela discriminação, pelo ódio, pelo naturalismo, pelo maniqueísmo e pelo hiperindividualismo; no terceiro e último capítulo, buscaremos evidenciar como esse pensamento mágico, reativo à sociedade de risco, afetou diretamente as políticas públicas que buscaram conter a disseminação de Coronavírus através de evidências científicas, atacando sistematicamente não só as ações, mas as ideias que, de alguma forma, se contrapunham e geravam incertezas em sua visão de mundo reacionária. Utilizando matérias de jornais, artigos científicos, livros de memórias e entrevistas realizadas para essa dissertação, buscaremos reconstruir a memória histórica do que foi a batalha cultural, política e infodêmica nesse espaço social, nos anos de 2020 e 2021, destacando a governança do município de Araraquara e sua parceria com universidades, sobretudo com a Universidade Estadual Paulista (UNESP), como capazes de fornecer caminhos possíveis para enfrentar as novas questões sociais postas no mundo pós-Covid-19.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA NOVA ORDEM MUNDIAL

A pandemia de Covid-19 deve ser compreendida dentro de um contexto histórico específico e determinado, formado no curso terminal da guerra fria e da reconquista de poderes e prestígios do capital após os trinta anos do Welfare State, que também podemos compreender como os trinta anos de existência do Estado Social e da democracia moderna. Logo, iniciamos a exposição e a explicação das diversas questões sociais inauditas e complexas que foram formadas nas últimas décadas do século XX e que se manifestaram com maior dramaticidade no curso da pandemia de Covid-19.

Tomando o binômio 1989 e 1991 como ponto de partida da era de grandes transformações ocorridas na sociedade capitalista, é possível visualizar como o final do século XX representou, ao menos para o Ocidente, a consolidação da ideia de que a sociedade capitalista representava o ponto mais elevado alcançado pela humanidade e a cristalização de esperanças do início de uma nova era de progresso material, da plena liberdade individual, dos benefícios do desenvolvimento tecnológico promovido pelas forças de mercado, do aumento do bem-estar e da qualidade de vida dos indivíduos. Foi em 1989 que ocorreu a queda do Muro de Berlim, transmitida ao redor do mundo pelas redes de televisão e rádio, jornais e revistas como a expressão simbólica e cultural do triunfo do capitalismo na Europa, desfazendo blocos históricos e hegemonias construídas durante a Guerra Fria e envelhecendo ou apagando as acomodações estratégicas e táticas sob as quais o mapa do mundo era desenhado até então (Ianni, 2011, p. 12). Foi em 1991 que ocorreu a declaração do fim da União Das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e, consequentemente, o ano em que o capitalismo passou a ser visto como o único sistema econômico e político vencedor e remanescente do século XX, alcançando a hegemonia através dos modelos de produção e estruturas político-jurídicas na maioria dos países do mundo.

Novos horizontes surgiram desde que se desagregou o bloco soviético e reduziram-se as barreiras que controlavam inversões estrangeiras na China, no Vietnã e outros países com regimes socialistas, além da transição para a economia de mercado em todos os países que compunham o bloco soviético, ocasionando a abertura de uma imensa fronteira de expansão para o capitalismo, sobretudo, com um contingente excepcionalmente numeroso de trabalhadores disponíveis, em larga medida qualificados, que só começou a ser ocupada no final do século XX (Ianni, 2001, p. 20).

Nesse período histórico é interessante notar a força cultural e política das novas manifestações ideológicas, como as do governo de Margaret Thatcher, primeira ministra da

Inglaterra de 1979 até 1990, popularizando o slogan “There Is No Alternative” (que ficou conhecido pela sigla TINA), em uma alusão à derrocada do comunismo, mas principalmente à constante menção ao capitalismo como única forma econômico-política mais avançada historicamente. Não haver alternativa para outras formas de sociedade, significava que aquele era o único mundo possível, que não havia mais espaço para as utopias e nem mesmo outros projetos econômicos e políticos, que os grupos sociais que desejavam outro modelo de produção econômica e organização política estavam equivocados, que as reivindicações por justiça social através de um Estado com poder centralizador sempre estariam alinhadas com o autoritarismo e o totalitarismo. Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos da América de 1981 até 1989, em um famoso discurso, popularizou o termo “império do mal” para se referir ao comunismo como antagonista e inimigo da sociedade capitalista, tendo dentro de sua essência tudo aquilo que supostamente colocaria em perigo a boa vida proporcionada pelo Ocidente, conforme podemos observar no seguinte discurso proferido para uma associação religiosa:

> Então, eu insisto para que vocês se manifestem contra aqueles que colocariam os Estados Unidos em uma posição militar e moral de inferioridade. Vocês sabem, eu sempre acreditei que o velho *Screwtape* reservou seus melhores esforços para aqueles de vocês que estão na Igreja. Portanto, em nossas discussões sobre as propostas de congelamento nuclear, eu insisto que vocês tomem cuidado com a tentação do orgulho - a tentação de alegremente se declararem acima disso tudo e rotularem ambos os lados como igualmente culpados, de ignorarem os fatos da história e os impulsos agressivos de um *império do mal*, de simplesmente chamar a corrida armamentista de um grande desentendimento e, assim, retirar-se da luta entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. (Reagan, 1983, n.p. Grifo nosso)[2].

O discurso proferido pelo ex-presidente dos EUA deixa evidente a correlação retórica entre a política e a religião, colocando a sociedade capitalista como equivalente à uma sociedade na qual está presente a figura divina e, portanto, legitimando o mercado como um espaço positivo e benéfico para a humanidade. Em contrapartida, aquela outra sociedade que tem na figura do Estado sua maior manifestação, estaria sempre à espreita dos cidadãos do Ocidente, esperando para tirar deles as coisas boas da vida que foram proporcionadas pela sociedade capitalista, equiparando o Estado ao demônio, e concebendo as sociedades não capitalistas

[2] Tradução livre: So, I urge you to speak out against those who would place the United States in a position of military and moral inferiority. You know, I've always believed that old Screwtape reserved his best efforts for those of you in the church. So, in your discussions of the nuclear freeze proposals, I urge you to beware the temptation of pride -- the temptation of blithely declaring yourselves above it all and label both sides equally at fault, to ignore the facts of history and the aggressive impulses of an evil empire, to simply call the arms race a giant misunderstanding and thereby remove yourself from the struggle between right and wrong and good and evil. Ver: Reagan, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando, FL. Roanld Reagan Presidential library and museum. 8 de março de 1983https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-annual-convention-national-association-evangelicals-orlando-fl. Acesso em 16 de julho de 2023.

como essencialmente más. Além disso, justifica-se as ações armamentistas através de uma interpretação histórica de uma luta do bem contra o mal, da qual não poderia se esquivar e, dessa maneira, qualquer tipo de diálogo em prol da paz e da convivência é impossibilitado permanentemente[3]. É possível dizer que, no curso da complexa Guerra Fria, nas batalhas culturais e políticas, foram construídas, experimentadas e avaliadas diversas estratégias políticas, a saber: o impacto das palavras potencializado com o uso das imagens marcantes difundidas pela televisão e pelo cinema para produzir imediata indignação moral, a redução da complexidade da avaliação do sentido da realidade social através da construção e do estímulo ao uso diário do pensamento binário e maniqueísta na reflexão das questões sociais, a utilização do sacro no discurso político na construção do consenso eleitoral, o estímulo ao aumento do consumo e o vínculo direto com o status pessoal, a despolitização de massa e o hedonismo sem limites.

Mas, para além da análise da retórica política, o que importa aqui é a análise histórica e política das grandes mudanças ocorridas no final da década de 80 e o modo como elas impactaram profundamente na sociedade capitalista contemporânea. Thatcher e Reagan, representando a velha e a nova potência capitalista demonstraram, através de seus discursos e atos governamentais durante seus mandatos, uma nova forma de avaliação política da sociedade e da relação entre mercado e política. Representavam os interesses que não eram somente da figura do indivíduo livre e proprietário, mas de toda uma classe capitalista que ao longo de anos mobilizou a política, economia, filosofia, sociologia, para formular novas propostas que superassem o Welfare State, já que desde os anos 1930 após a devastadora crise econômica de 1929, o neoliberalismo[4] como doutrina política começou a se reestruturar - muito influenciado pelo ordoliberalismo alemão - e se apresentar como solução à crise do *laissez-faire* do século XX, fazendo oposição, posteriormente, ao keynesianismo vigente até os finais dos anos 1970 (Dardot; Laval, 2016), recomendando a liberalização do mercado, o movimento do capital e a gestão de riscos (Gallino, 2011, p. 117). O neoliberalismo foi compreendido pelo sociólogo italiano Luciano Gallino, como uma forma de "reconquista" dos espaços, dos poderes de determinação e prestígio, compartilhados com a classe proletário durante o Welfare State e a democracia moderna:

[3] Para uma visão ampla das problemáticas do armamentismo como forma de resolução de conflito entre Estado-nações, sobretudo no século XX ver Huxley, Aldous. O despertar do mundo novo. Editora Italaia. 2000.

[4] "Assim, quando o termo "neoliberalismo" surge no Colóquio Walter Lippmann, realizado em Paris, no ano 1938, ele simboliza o esforço para restaurar certas bases teóricas do liberalismo, num contexto em que este havia perdido a hegemonia. Esse ideário, tão múltiplo em suas formulações quanto em suas práticas, desenvolve-se nas décadas seguintes em *think tanks* com apoio maciço de corporações. Seu principal pólo de organização, a partir de 1947, é a Sociedade Mont Pèlerin (Franco *et al*. 2022, p. 65).

> O neoliberalismo atuou desde o início como uma doutrina política revestida com o pano de uma teoria econômica. Em outras palavras, é o instrumento técnico de contraofensiva aos direitos sociais conquistados pela classe trabalhadora pós Segunda Guerra Mundial (Gallino, 2011, p. 116)[5].

O fim da Guerra Fria inaugura um novo período da modernidade, que diferentemente daquele que viu a primeira *belle époque* (1870-1914) do capitalismo e que independentemente se os governos fossem liberais, conservadores, social-democratas, os cidadãos tinham, em diferentes esferas da vida, parâmetros determinados quase que exclusivamente pelos Estados "modernos", seja pela sua atividade ou inatividade (Hobsbawm, 1995, p. 440), agora proporcionou uma nova *belle époque* que nem chegou a durar 10 anos (1989/1991 - 2000), terminando com a manifestação de crises que colocaram em xeque as promessas da globalização através da abertura dos mercados globais, de uma economia financeirizada e de diversas desregulamentações que ocorreram nos Estado-nações.

Utilizamos a definição de uma época histórica como aquela que compreende "uma modalidade de ação, produção e elaboração cultural que envolve e determina todos os níveis de existência" (Galli, 2010, p. 102). Assim, a globalização econômica e política do capitalismo pode ser caracterizada como o conjunto de processos onde todas as tensões da modernidade explodem (Galli, 2010, p. 103). É o fim do espaço social no qual a política ordenou, planejou e controlou as atividades econômicas e, dessa forma, o início de um novo espaço político, com novas dinâmicas e forças sociais e políticas hegemônicas. A segunda modernidade (termo usado por Ulrich Beck) é característica por efeitos complexos, inesperados, indesejados e contraditórios, que antes de significar um "estado de natureza" pela constante incapacidade das instituições em organizar a sociedade como nos períodos anteriores, deve ser compreendida como um período e uma formação social cujas forças obrigam todos a estarem em movimento[6], mesmo quando não desejam tal coisa, já que o espaço social sem forma da globalização não pode ser confundido com algo "natural" (Galli, 2010, p. 111-114). O valor do livre mercado e da livre circulação de capitais nas diversas sociedades nacionais transforma tanto a percepção coletiva sobre a capacidade do Estado em promover o bem-estar geral, quanto a capacidade

[5] Tradução livre: "Il neoliberalismo ha operato sin dalle origini come una dottrina politica rivestita con i panni di una teoria economica. È stato, in altre parole, lo strumento tecnico della controffensiva politica diretta a cancellare per quanto possibile le conquiste sociali delle classi lavoratrici ottenute nel trentennio seguito alla Seconda Guerra mondiale."

[6] Milton Santos irá chamar esse processo de "globalitarismo", utilizando essa aglutinação para exemplificar a maneira totalitária com que a globalização se coloca na vida dos indivíduos e grupos. Ver TENDLER, S. Encontro com Milton Santos: ou o mundo
global visto do lado de cá. Rio de Janeiro: Caliban Produções, 2006, DVD (89 min), son., colo
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgYAcesso em 21 de setembro de 2023.

objetiva de ação das instituições, o impacto das políticas públicas, o alcance dos controles fiscais. A transformação da economia se impõe de forma imperativa:

> As "economias regionais" e as "cidades globais" que constituem a economia global são espaços expostos *imediatamente* aos fluxos e dinâmicas da economia global, alheios às fronteiras de Estado demandadas pela "região", onde a "cidade" não mais necessita da mediação do Estado e suas hierarquias espaciais entre centro e periferia (Galli, 2010, p. 105, tradução nossa).[7]

O imediatismo dos acontecimentos sociais, somados à ausência do Estado em regular e determinar os rumos da economia - das regionais e das metrópoles - em relação aos fluxos e dinâmicas da economia global, é um movimento que cria a polarização entre os "globalizados saudáveis" (aqueles que podem ocupar os diversos espaços abertos no mundo após as transformações ocorridas em 1990) e os "pobres localizados" (aqueles que estão presos em espaços desqualificados ou são obrigados a se movimentar para outros lugares por conta de que seu mundo local se tornou inóspito)[8]. Logo, a lógica econômica que pode agir sem limites e regulamentações políticas, movimentando-se e agindo livremente, promoveu para Galli um poderoso salto de qualidade na capacidade subjetiva e na possibilidade objetivas das forças sociais hegemônicas: da "mobilização total", desenvolvida no curso preparatório e nas guerras mundiais, para a era da "mobilização global" de pessoas, recursos, renda, oportunidades, meios de ação e forças produtivas. Contudo, a singularidade da mobilização na era do capitalismo neoliberal e globalizado está nas forças que comandam e determinam o que deve ser mobilizado e o alcance: quem determina o movimento da reprodução material da existência são as forças econômicas das grandes corporações do capitalismo industrial e do capitalismo financeiro e do capitalismo transnacional e o alcance é o mundo e o mercado global.

---

[7] Tradução livre: The "regional economies" and "global cities" that constitute global economics are, in effect, spaces that are *immediately* exposed to the flows and dynamics of the global economy, heedless of the State borders demanded by the "region", where the "city" no longer needs to rely on the mediation of a State and its spatial hierarchies between center and periphery. Na tradução há uma repetição do termo "economia global", a perda de sentido parcial se deve a tradução de "global economics" e "global economy" para o português ao utilizar a mesma palavra "economia" em ambas as frases que tem um significado diferente.

[8] O Iraque, que no início do século XXI ainda era visto como um símbolo de fertilização do solo e abundância da água, relembrando os motivos que fizeram com que a mesopotâmia fosse o berço da civilização, algumas décadas depois enfrenta uma desertificação massiva, falta de água, secas nos rios e leitos, migração crescente, altas temperaturas, impossibilidade de manter a agricultura, e com seu regime político abalado por conflitos com o renascimento do ISIS. A mudança climática extrema, somado aos problemas em territórios de países do Oriente Médio devido ao combate ao terrorismo e ao imperialismo dos países industrializados do Ocidente demonstram como algumas populações, somando milhões de pessoas, podem, rápida e subtamente, se tornarem "pobres localizados". Ver: RUBIN, Alissa. J. A CLIMATE WARNING FROM THE CRADLE OF CIVILIZATION. The New York Times. 29 de julho de 2023. Disponível em: https://www.nytimes.com/2023/07/29/world/middleeast/iraq-water-crisis-desertification.html. Acesso em 05 de agosto de 2023.

A “mobilização global” (Galli, 2010) explica não somente as mudanças que ocorrem no plano econômico e político remetendo ao conceito de “mobilização total”, muito utilizado pelos Estado-nações durante as duas grandes guerras do século XX. Mas, diferente do totalitarismo que emerge através da degeneração dos espaços políticos modernos e de suas dinâmicas internas, baseado em uma energia destrutiva com uma forte prioridade política, a mobilização produzida pela globalização é, em contraste, primeiramente econômica (Galli, 2010, p. 114).

Essa nova configuração, portanto, tem suas principais características baseadas não em um *laissez-faire* melhorado, que seria a continuação daquele primeiro, apenas evoluindo seus principais aspectos como o cosmopolitismo, a revolução técnica, a urbanização.[9] Mesmo que seja composta por alguns desses aspectos, a nova ordem mundial precisa ser entendida como uma reação ao momento anterior à década de 70, ao Welfare State que conciliou as demandas da classe trabalhadora e reconheceu o poder dos sindicatos e partidos políticos na formação cidadã e que tinha o Estado como principal organizador da sociedade, mesmo que houvesse, de fato, o espaço do mercado. É, no limite, uma reação à própria democracia moderna[10] (Brown, 2015, p. 21), que ao propor uma integração cultural e uma conciliação de classes, transformou substancialmente os vínculos e as identidades sociais no passado.

Luciano Gallino (2011, p. 116) afirmou que a lógica de combater a intervenção do Estado, por entender que isso prejudicaria o bom funcionamento do mercado e da sociedade, é utilizada desde o século XVI para se contrapor ao poder autocrático e as monarquias, contudo, o neoliberalismo aplicando essa lógica dentro da democracia moderna, antes de se constituir como uma nova fase da democracia liberal, é mais provável de ser considerado como o seu coveiro. O Estado social, por exemplo, tem um fim nessa lógica pois não encontra mais espaço para sua atuação, não possuí mais a força para organizar a sociedade, seja através da tributação e controle fiscal, da realização de políticas públicas, da criação de novas normas e instituições; conjuntamente conceitos fundamentais da democracia moderna (do Welfare State) também foram, gradativamente, perdendo prestígio e relevância social: a justiça social, a liberdade

[9] “O neoliberalismo [...] não é o herdeiro natural do primeiro liberalismo [...] Não retoma a questão dos limites do governo no ponto em que ficou. O neoliberalismo não se pergunta mais sobre que tipo de limite dar ao governo político, ao mercado, aos direitos ou ao cálculo da utilidade, mas sim sobre como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si. Considerando uma racionalidade governamental [...] o neoliberalismo é precisamente o desenvolvimento da lógica de mercado como lógica normativa generalizada (Silva *et al*, p. 102). Para uma compreensão da questão de forma aprofundada ver Dardot; Laval, 2016, p. 37-100.

[10] Hayek (*apud*, Dardot; Laval, 2016, p. 184), um dos principais intelectuais neoliberais, em uma entrevista de 1981 disse: “entenda, é possível para um ditador governar de forma liberal. E também é possível para uma democracia governar sem liberalismo nenhum. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo”. Esse trecho é um bom exemplo de como o projeto do neoliberalismo prezou por suas bases fundadas na ideia de um mercado superior ao Estado como organizador da sociedade, abdicando em última instância da própria democracia moderna para ter um mercado globalizado.

social, a responsabilidade social, os direitos sociais e econômicos, não conseguem fazer parte do imaginário do indivíduo que não se vê enquanto coletivo e, portanto, não podem ter impacto dentro de uma sociedade que funciona estritamente na métrica valorativa que enaltece o individual, o particular e o privado.

É necessário, portanto, entender quais as características específicas do neoliberalismo para compreensão de como ele transformou não somente as relações sociais entre sujeitos econômicos e políticos, ou o poder das instituições e da política na organização da sociedade, mas principalmente a própria concepção de mundo do indivíduo e do cidadão, determinando o modo de pensar e de agir, e como a partir dela surgem e se configuram as ações sociais na sociedade capitalista do início do século XXI.

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO NEOLIBERALISMO

Caracterizada por seu caráter homogeneizador e essencialmente contraditório, a sociedade capitalista neoliberal e globalizada se contrapõe ao local e transforma aceleradamente as formas de vida existentes e os valores que norteiam os indivíduos em suas ações sociais. No capitalismo neoliberal, há uma forma particular de razão que configura todos os aspectos de existência em termos econômicos, desfazendo elementos básicos da democracia (Brown, 2015, p. 17). Contudo, o neoliberalismo não pode ser reduzido a somente uma forma de organização econômica, pois transforma também a moral, a cultura e a política, é um novo *ethos* baseado no princípio do lucro e do desempenho, formado através da educação para o sucesso pessoal e consolidado de forma normativa: obriga tanto os indivíduos quanto o Estado a funcionarem em uma lógica empresarial e racionalizada através da produtividade, refazendo, em última instância, a ideia de qual é o papel do Estado na economia e na sociedade nacional - que foi central na organização da vida das pessoas ao longo de toda a modernidade.

Wendy Brown (2015, p. 22-24) afirma que nesse processo há a coerção através do risco de que quem não seguir essa lógica (estipulada através de termos do mercado) estará sujeito a crises e perda de sentido na relação indivíduo-sociedade. A educação serve para formar uma subjetividade baseada na permanente valorização do indivíduo, do particular e do privado e, consequentemente, na desvalorização do coletivo, do universal e do público. O processo de formação escolástica e social da pessoa e do cidadão foi transformado através dos conteúdos, que deixaram de ser direcionados a formação cidadã ativa e passam a priorizar normas corporativas e posturas necessárias para o mercado de trabalho, como o mérito pessoal, competição e a concorrência, a avaliação do desempenho pessoal.

Assim como a moral é transformada através da educação, o papel do Estado em projetar, planificar, regular e controlar foi redefinido pelo neoliberalismo, reduzido à função de garantir a lei e a ordem, ao mesmo tempo que o mercado é colocado como capaz de promover o bem-estar coletivo e generalizado se não tiver interferências estatais diretas na economia[11]. Um exemplo interessante dessas transformações conceituais e transformações das ações sociais pode ser encontrado no valor da ideia da "responsabilidade social" no período do Welfare State: centralizada na figura do Estado social, dos deveres do indivíduo e do cidadão para o bem-estar da sociedade nacional, nos direitos sociais e econômicos, expressava uma concepção de sociedade desenvolvida e organizada pelas forças sociais, pelos partidos políticos e, sobretudo, pela importância do Estado na organização da economia e da sociedade. A ideia de responsabilidade social foi profundamente modificada nas últimas décadas do século XX, passando a centralizar a importância das forças econômicas e do Mercado. Em outros termos, as pessoas passam a se preocupar mais com o consumo, o investimento, o valor, e as relações entre essas coisas dentro da esfera mercadológica, e deixam de lado questões de formação cívica, política e que mobilizavam grupos sociais primários e secundários para resolver questões da vida cotidiana (Brown, 2015, p. 27).

Esse processo pode ser chamado de "economização" das diversas esferas da vida coletiva e individual[12], sendo que a questão central não é que o neoliberalismo monetiza todas as esferas da vida, mas que os sujeitos passam a agir subjetivamente como agentes do mercado mesmo em situações onde a questão monetária não está envolvida, fazendo com que o ser humano deva estar sempre se aprimorando, aprendendo, se desenvolvendo e sendo competitivo para adentrar o espaço do trabalho e gerar lucro para o mercado, a figura humana passa a ser *homo oeconomicus* e somente *homo oeconomicus*.[13]

---

[11] No Brasil, por exemplo, há uma ampla parte da população que entende o Estado como ineficaz e inflado, necessitando de privatizações para melhoria dos produtos e serviços (Ver nota 14), contudo, se comparado com outros países como os EUA ou Chile, que adotaram políticas neoliberais desde seu princípio, com esse último servindo de laboratório para o neoliberalismo através da ditadura de Pinochet, o Brasil possui uma taxa menor de funcionários públicos. Ver SALOMÃO, Alexa. Brasil tem menos servidores que EUA, Europa e países vizinhos, 30 de julho de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/brasil-tem-menos-servidores-que-eua-europa-e-paises-vizinhos.shtml. Acesso em 02 de agosto de 2023. Ver também Carvalho, Laura. 2020, p. 94. para alguns dados sobre a disparidade entre servidores e públicos no Brasil.

[12] Karl Polanyi (2000) foi quem formulou o célebre conceito de "moinho satânico" para tratar sobre o *laissez-faire* e o impacto da revolução industrial que modificou as relações entre capital e trabalho, modos de produção e organização social. Para ele, o mito da "mão invisível de mercado" e a sua verdadeira lógica na maximização de lucros e autoregulação transformaram toda a realidade em mercadoria, obrigando os indivíduos a se movimentarem e existirem em função desse "moinho satânico" que não deixaria nada escapar. Tudo se resumiria a pensar de forma econômica para não ser triturado pelo "moinho satânico", e daí que advém o processo de economização. Ver Polanyi, Karl. "Moinho Satânico" in: A grande transformação: as origens de nossa época. 2. ed. – rio de janeiro. Compus, 2000, p. 15-159

[13] "Ou seja, na concepção do *homo oeconomicus*, a vida reduz-se às operações de troca e rentabilidade." (Franco *et al*, 2022 p. 52)

Além do ser humano ser apenas *homo oeconomicus*, é visto e avaliado como um capital humano, com um valor determinado a partir de sua posição de mercado e as suas capacidades competitivas relacionadas com as diversas inventividades tecnológicas. A retórica do capital humano foi disseminada em áreas financeiras e de investimento de capital, não ficando somente no capital produtivo ou empresarial (Brown, 2015, p. 31-33). Como bem sintetiza a autora:

> [...] No imaginário político neoliberal que tomou um rumo responsável, nós não somos mais criaturas de autonomia moral, liberdade ou igualdade. Nós não mais escolhemos nossos meios ou fins para alcançá-las. Não somos nem mesmo mais criaturas interessadas em buscar incansavelmente nos satisfazer. A esse respeito, a construção do *homo oeconomicus* como capital humano deixa para trás não somente o *homo politicus*, mas o humanismo em si próprio. (Brown, 2015, p. 42. Tradução nossa)[14].

A política deixa de regular a economia e passa a ter que se adaptar à sociedade econômica, deixa de produzir e garantir os bens comuns e guiar nossa existência, ao mesmo tempo, que auxilia a economia para produzir mais através das privatizações. Daí que o processo de atravessamento incontrolável das fronteiras da política e da economia são produtos substanciais de uma ideologia que, para além do campo cultural, permite que isso ocorra em diversas esferas da vida. A ideologia neoliberal, em suma, legitima e incentiva o agir racional como agir econômico em detrimento do agir político[15] (Gallino, 2011 p. 116-117).

A construção de sujeito no neoliberalismo não deixa para trás somente a concepção de ser político que, desde a Grécia Antiga com o *Zoon Politikon*[16] aristotélico, guiou a concepção Ocidental do que é o ser humano e sua relação com a sociedade, mas deixa de tratar o ser humano em si como um ser de direitos, para utilizá-lo como recurso econômico através dos caminhos trilhados pelo mercado. Na nova ordem mundial, as diversas economias nacionais foram interconectadas, mas não integradas em um modo uniforme e contínuo, o que gera contradições fundamentais entre a forma universalizadora da modernidade global e a autonomia da sociedade local, ou, em outras palavras, a globalização não tem uma uniformidade global,

---

[14] Tradução livre: "[...] in the neoliberal *political* imaginary that has taken a responsibilized turn, we are no longer creatures of moral autonomy, freedom, or equality. We no longer choose our ends or the means to them. We are no longer even creatures of interest relentlessly seeking to satisfy ourselves. In this respect, the construal of *homo oeconomicus* as human capital leaves behind noy only *homo politicus*, but humanism itself

[15] Atualmente, no Brasil, 38% da população apoia a privatização das empresas do país por acreditar que elas são mais eficientes do que as públicas (54% da população), sendo que esse número sobe para 63% entre as pessoas com 16 a 34 anos. Ver Canzian, Fernando. Apoio à privatizações chega dá salto e chega a 38% da população, diz Datafolha. Folha de São Paulo. 08 de abril de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/04/apoio-a-privatizacao-da-salto-e-chega-a-38-da-populacao-diz-datafolha.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

[16] "O homem, no sentido mais literal, é um *zoon politikon* [animal político - grego - N.E.], não somente um animal sociável, mas também um animal que não pode se isolar senão dentro da sociedade. (marx, 2008, p. 239).

mas exacerba a tensão, típica da modernidade, entre o sistema-mundo e o mundo da vida, entre o que é padronizado e o que é único, entre o universal e o particular (Eriksen, 2017, n.p.)[17] .

Para o antropólogo Eriksen (2017), a globalização exaspera a complexa relação entre o processo global e a interação global, já que o neoliberalismo longe de ser um mero determinante da história ou significar o próprio fim da história após a queda do Muro de Berlim, como algumas teses liberais apontaram, significa, ao contrário, a aceleração da história que produz diversos atritos, conflitos, tensões, entre o global e o local. Nesse conflito entre a escala local/nacional e a escala global se destaca o fenômeno do superaquecimento nas ações e relações sociais entre as diversas lógicas das organizações e instituições no espaço social e no tempo histórico, gerando diversas consequências sociais, tais como: a competição agressiva e extrema que tende a formar oligopólios e monopólios; a concentração de renda e recursos em poucas mãos, o hiperindividualismo, a destruição do consenso, o aumento do conflito valorativo, étnico e identitário; o aumento exponencial entre os interesses de breve período e os de longa duração, entre a criação de empregos no plano local e a sustentabilidade do meio ambiente; os conflitos identitários e a retórica do particular. Surgem, portanto, complexas questões sociais que chocam com os valores predominantes na democracia moderna: a justiça social, a liberdade social, a responsabilidade social, os direitos sociais e econômicos.

Segundo Ulrich Beck (2005, p. 30-32), na sociedade capitalista neoliberal os riscos também são transnacionais já que, seguindo sua própria lógica interna, todas as tentativas de controlá-los conduzem aos cenários de conflitos e debates globais. E, em consenso com Wendy Brown, entende que o cosmopolitismo na sociedade nacional e industrial só poderia existir no imaginário dos sujeitos. É apenas no século XXI com as novas possibilidades advindas da globalização que ele pode se concretizar de forma prática. Entretanto, a decisão de cosmopolitizar-se, ser sempre o "estrangeiro" ou o "forasteiro", não ocorre de maneira voluntária, é fruto da necessidade diante das condições de precariedade da vida humana que surgem com o neoliberalismo, é forçosa. Beck irá contrapor cosmopolitismo (filosófico) da cosmopolitização (sociológica). Cosmopolitização significa cosmopolitismos inconscientes, passivos, que reafirmam o comércio internacional e os perigos globais; "Os cosmopolitismos reais são cosmopolitismos deformados" (Beck, 2005, p. 32). Para Kant, cosmopolitismo é um ato, uma tarefa, é a ação de ordenar o mundo, e é justamente a isso que a cosmopolitização se

[17] No original: È un mondo interconnesso, ma non integrato in modo uniforme e continuo [...] Una contraddizione fondamentale consiste nella cronica tensione tra le forze universalizzanti della modernità globale e il desiderio di autonomia della comunità o società locale [...] In altre parole, la globalizzazione non porta all'uniformità globale e il mondo della vita, tra ciò che è standardizzato e ciò è unico, tra L'universale e il particolare.

contrapõe, significa a perspectiva de ver algo que nos sucede, que nos ocorre rápida e violentamente, sem muito espaço para reação.

Na sociedade de risco mundial, a interdependência ecológica, econômica e territorial gera três diferentes conflitos que configuram a nova ordem mundial. A pergunta: "quem você é?" ou "de onde você é?" não tem uma resposta única e perdurável (Beck, 2005, p. 41), justamente por diversas perspectivas para essa resposta se tornarem possíveis com a globalização neoliberal e demonstrarem que a subjetivação dos indivíduos e a construção da identidade na sociedade contemporânea se distancia drasticamente de como esses conflitos eram resolvidos no capitalismo industrial.

Norbert Elias (1994, p. 151) dirá que a identidade individual e coletiva, que chama de identidade-eu e identidade-nós, é parte integrante do *habitus* social de uma pessoa e, por isso, está aberta à individualização. Essa identidade representa a resposta à pergunta "quem sou eu" como ser social e individual. Elias dá como exemplo a necessidade de que toda criança recém-nascida seja registrada perante o Estado para ser, posteriormente, reconhecida como cidadão do país, precisando da certidão de nascimento em muitas ocasiões de sua juventude e sua vida adulta. E, poderíamos pensar a partir da reflexão do autor, que a organização social se transformou radicalmente nos últimos 30 anos e que, por isso mesmo, a identidade eu-nós é transformada não mais somente em relação às sociedades nacionais que atingem esse nível de desenvolvimento onde a organização avançou a tal ponto, mas que agora precisam de outros documentos, certificações, validações, competências, que são globais ao invés de nacionais, que dependem dos rumos da política e do mercado internacional.[18]

A criação da Organização Mundial do Comércio (OMC), do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI), da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), são exemplos do cosmopolitismo institucionalizado que tratam de moldar e ordenar por cima e além das esferas do nacional e do internacional[19] (Beck, 2005, p. 50). Trata-se, mais uma vez, de uma

[18] Para uma noção aprofundada sobre a balança entre identidade-eu e identidade-nós e o distanciamento social através do uso de pronomes linguísticos e de transformações históricas ver o capítulo VIII do livro III em A Sociedade dos indivíduos de Norbert Elias (1994).

[19] O diretor da Fitch Ratings, agência que classifica riscos de crédito, ao avaliar os sete primeiros meses do governo Lula, após o conturbado período de eleições de 2022 no Brasil, disse que: "Falou-se em reverter a reforma da Previdência e algumas das outras reformas que foram aprovadas em governos anteriores e que achamos que foram positivas para o crescimento das finanças públicas. Houve críticas muito explícitas ao Banco Central e alguns temeram que isso pudesse se traduzir em uma tentativa séria de mudar a estrutura de metas de inflação ou a estrutura de política monetária de forma mais ampla."

Então, acho que inicialmente sim, vimos muitos sinais importantes e isso se refletiu em alguns nervosismo do mercado em termos da curva de juros da moeda, mas desde então vimos uma consistência muito maior nas mensagens do governo, vimos que as críticas à política monetária são apenas críticas. As críticas às reformas do governo passado provavelmente não vão resultar em esforços sérios para derrubá-las e mudar radicalmente o modelo econômico do país." Demonstrando como determinadas políticas econômicas e políticas públicas são

racionalidade instrumental que influencia na transformação do modo de ver, sentir, agir e se situar no mundo do indivíduo:

> O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos (Dardot; Laval, 2016, p. 15).

Utilizando a fórmula de Dardot e Laval, poderíamos resumir a questão da seguinte forma: "O neoliberalismo é a *razão do capitalismo contemporâneo*" e sua originalidade está no fato de criar um novo conjunto de regras que definem não apenas *outro* "regime de acumulação", mas também, mais amplamente, *outra* sociedade." (Dardot; Laval, 2016, p. 17-24).

> Em vez de um modo econômico de produção cujo desenvolvimento é comandado por uma lógica que age à maneira de uma "lei natural" implacável, o capitalismo é um "complexo econômico-jurídico" que admite uma multiplicidade de figuras singulares. É por isso também que devemos falar de *sociedade neoliberal*, e não apenas de *política* neoliberal ou *economia* neoliberal - embora seja inegavelmente uma sociedade capitalista, *essa* sociedade diz respeito a uma figura singular do capitalismo que exige ser analisada como tal em sua irredutível especificidade (Dardot; Laval, 2016, p. 25).

Muito mais do que um processo natural da humanidade, o neoliberalismo deve ser encarado como uma forma específica de ser e se organizar pertencente ao período histórico em que nos situamos, e que, dessa forma, detém também características próprias que necessitam ser compreendidas. Uma das principais características é a competitividade como princípio geral de governo[20], que representa precisamente a extensão da norma liberal a todos os países, a todos os setores públicos, a todos os domínios da vida social: é do princípio da competitividade que advém a redução da demanda em todos os aspectos da vida em prol de uma oferta mais competitiva, é da concorrência entre os assalariados dos países europeus e dos outros países do mundo que acarreta o problema persistente da deflação salarial e desigualdades crescentes (Dardot; Laval, 2016, p. 29).[21]

---

condicionadas a se realizarem e/ou perpetuarem pelo poder existente em organizações, bancos, empresas, agências que são internacionais.Ver BOMBANA, Lucas. Brasil deve mostrar consenso econômico para novo aumento na nota de crédito, diz Fitc. Folha de São Paulo. 26 de julho de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/brasil-deve-mostrar-consenso-economico-para-novo-aumento-na-nota-de-credito-diz-fitch.shtml. Acesso em 02 de agosto de 2023. Ver também IANNI, Octavio. A era do globalismo. 2011. p. 18

[20] "Sob o neoliberalismo, a ordem do mercado aparece para o sujeito como o palco da realização de uma série de valores sob a condição de que ele participe do jogo da concorrência e otimize suas capacidades competitivas" (Franco *et al,* 2022, p. 71).

Essas transformações também têm origem na substituição do fordismo como padrão de organização do trabalho e da produção, que passa a combinar-se com ou ser substituído pela flexibilização dos processos de trabalho e produção, que combina produtividade, capacidade de inovação e competitividade para atender às novas exigências do mercado mundial (Ianni, 2011, p. 14). Uma lógica capaz de "levar sujeitos a não se verem mais como portadores e mobilizadores de conflitos estruturais, mas como operadores de performance, otimizadores de marcadores não problematizados" (Safatle, 2022, p.25). Mercados passam a se transformar rapidamente, cidades a competirem entre si através de isenções e incentivos fiscais para atraírem certos nichos de investimento econômico, políticas públicas passam a ser menos duradouras e indivíduos passam a ter uma maior flexibilidade e movimentação entre empregos cada vez mais reduzidos, de meio período, sem seguridade social e garantias futuras (Gallino, 2014).

Como dito por Marc Augé (2012), a descentralização, a desregulamentação, a desterritorialização, irão transformar lugares em não-lugares. Espaços vivenciados pelas pessoas por gerações, onde vínculos substanciais se constituíam dentro da família, da escola, da igreja, do trabalho, e que tinham uma especificidade própria causada pelas transformações da cultura humana, deixam de ser originais, de comportar tradições e vivências, para buscar atingir um ideal baseado na lógica da cosmopolitização imposta pela globalização neoliberal. Aeroportos, *fast-foods*, *shoppings centers*, centros de convenções diversos, e outros espaços que participam da dinâmica global rompendo o vínculo entre o local e o global, fazem parte desse processo no qual a visão, a audição, o tato, o paladar, o olfato encontram os mesmos estímulos e sensações, mesmo estando em dois lugares que teoricamente são distintos (pela localização geográfica) um do outro, mas que na prática significam a exata mesma coisa, são não-lugares.

Um bom exemplo desse processo, vivenciado sobretudo nas cidades, o grande símbolo da globalização, é escrito por Octavio Ianni:

> Em boa parte dos casos, o indivíduo situa-se na cidade como um caleidoscópio em contínuo movimento, veloz e errático, Como ela se organiza, funciona e transforma de acordo com processos dos quais o indivíduo pouco sabe, este se perde ou assusta-se, defende-se ou isola-se. Diante do vasto bombardeio de signos, significados e conotações, difíceis de decodificar, o indivíduo pode levar o anonimato a fórmulas inimagináveis, a extremos de paroxismo. Muitos cidadãos defendem-se dos incessantes assaltos do meio isolando-se e protegendo os seus sentidos, obscurecendo as vidraças dos seus automóveis, levando continuamente aos ouvidos os *walkmen* a todo volume, evitando suas emoções ou fixando-se na pequena tela no transistor dia e noite para evitar a visão da realidade, conscientizar-se. Como resultado, as vivências reais tornam-se ilusórias e remotas, cria-se um mundo no qual a essência humana de carne e osso torna-se menos real que as histórias que se apresentam no vídeo, filme,

> fita megafônica ou o papel do diário. Incapazes de alcançar uma vida pessoal gratificante, esses homens e mulheres optam por uma existência imaginária, sucedânea, de segunda mão, como espectadores, ouvintes ou leitores passivos dos meios de comunicação (Ianni, 2011, p. 64). [22]

Para Zygmunt Bauman (2014, p. 45) existem quatro afirmações da lógica neoliberal que são tomados como verdades absolutas, mesmo quando empiricamente observamos que são falsas: 1) o crescimento econômico é a única maneira de encarar e superar todos os desafios e os problemas que são gerados pela coexistência humana; 2) o crescimento contínuo do consumo, ou mais precisamente uma rotação acelerada de novos objetos de consumo, é talvez a única maneira, ou em todo caso a principal e mais eficaz, de satisfazer a busca humana pela felicidade; 3) a desigualdade entre os homens é natural, e adaptar as oportunidades da vida humana a esta regra beneficia todos nós, sendo que tentar remediar seus efeitos prejudica todos nós; 4) a competitividade (com suas duas caras: o reconhecimento daquele que o merece e a exclusão/degradação daquele não merecia) constitui de maneira simultânea uma condição necessária e suficiente da justiça social assim como da reprodução da ordem social. A consequência da aceitação de tais verdades é que:

> A desregulamentação dos bancos e de seus movimentos do capital permite os ricos mover-se livremente, buscar e encontrar os melhores terrenos para obter os melhores benefícios, o que os fará mais ricos; enquanto que a desregulamentação dos mercados de trabalho faz com que os pobres não possam se beneficiar das melhorias e muito menos parar ou atenuar os deslocamentos dos proprietários do capital (rebatizados como "investidores" no jargão das bolsas de valores), e portanto estarão condenados a empobrecer (Bauman, 2014 p. 51-21). [23]

Longe de estarem participando ativamente do novo mundo que se abriu com a globalização, a classe trabalhadora, pobre e média, se vê condenada a empobrecer e impossibilitada de agir contra o movimento rápido do capital e das suas novas formas de exploração. O aumento da concentração de renda e diminuição do salário e da qualidade de vida ano após ano são as consequências sociais (Sassen, 2016). A ilusão de que o crescimento econômico é a solução universal para os problemas sociais mais importantes e difíceis de serem

[22] Contudo, para o autor o espaço da cidade também faz com que novas configurações humanas e mudanças históricas sejam possíveis a partir do caráter contraditório do capitalismo globalizado: "O mesmo ambiente em que o indivíduo pode sentir-se solto e atado, local e global, anônimo e nominado, desconhecido e celebrado é o ambiente em que florescem a liberdade e a opressão, a racionalidade e a alienação. Na cidade é que floresce a humanidade. É o lugar que o indivíduo pode levar a sua individualidade ao extremo, como exorcismo e paroxismo, tanto assim que aí se inventam a modernidade e a pós-modernidade." (Ianni, p. 66)

[23] Tradução livre: "La desregulación de los bancos y de sus movimientos de capital permite a los ricos moverse libremente, buscar y encontrar los mejores terrenos para obtener los mejores beneficios, lo que les hará más ricos; mientras que la desregulación de los mercados de trabajo hace que los pobres no si puedan beneficiar de las mejoras, y mucho menos parar ou atenuar los desplazamientos de los proprietários del capital (rebautizados como "inversores" en la jerga de las bolsas de valores), y por tanto estáran condenados a empobrecerse"

resolvidos oculta o fato de que cada vez mais desigualdade parece ser a principal causa da persistência e do agravamento desses problemas (Bauman, 2014, p. 56)[24].

Além da condenação ao empobrecimento, Bauman afirma que as consequências do neoliberalismo apontam para a máxima "o caminho da felicidade é através das compras" (Bauman, 2014, p. 67), no sentido de que mensagens explícitas e implícitas que apelam para as nossas faculdades intelectuais, emocionais e aos desejos subconscientes e formam nossa concepção de ser, fazem isso reafirmando cada vez mais o consumismo como caminho para a felicidade. Ou seja, "a busca pela felicidade funde-se com a ideia mercadológica de demanda, de modo que os afetos humanos passam a ser reduzidos a motivação para investir, comprar e vender." (Franco *et al*, 2022, p. 63). Por isso é que, como afirmam Eva Illouz e Edgar Cabanas (2018), há a sensação de sermos obrigados a estarmos felizes a todo momento na sociedade contemporânea, que cristaliza o sentimento de que só através desse movimento o sujeito conseguirá ser um "vencedor", daí que também se naturaliza a desigualdade na racionalidade neoliberal ao compreendermos que a natureza distribui as capacidades de forma desigual e que, portanto, existem sujeitos que nascem fadados ao fracasso (Bauman, 2014, p. 83). As exigências normativas de sociabilização do capitalismo nacional industrial geravam proibições morais, hoje no capitalismo neoliberal a situação promove a flexibilização das leis, as ações não estão mais relacionadas com a permissão social em primeiro lugar, mas se deslocam para a concepção de desempenho, performance e força relativa à capacidade de sustentar os infinitos desejos individualmente (Safatle, 2022, p. 42).

É nesse contexto que muitos sujeitos começam a compreender que têm problemas em comum, apesar de viverem em condições diversas, lugares distantes e sob formas distintas de governo (Ianni, 2011, p. 24). No mesmo mundo em que, dia após dia, há estampado em manchetes jornalísticas e publicidades os mais diversos e incríveis avanços matemáticos, físicos, biológicos, químicos, antropológicos, geográficos, e os espetaculares eletrodomésticos e utensílios que prometem facilitar a vida humana, é onde também ocorrem chacinas, genocídios, onde a desigualdade social e a concentração de renda não param de aumentar, onde novas doenças e desastres ecológicos arrasadores surgem em escala de grandeza sem precedente.

[24] "Se o neoliberalismo é uma ideologia proativa, o solucionismo é reativo: ele desarma, desativa e descarta toda alternativa política. O neoliberalismo encolhe os orçamentos públicos; o solucionismo encolhe a imaginação coletiva. O maior objetivo do solucionismo é convencer o público de que a forma legítima de uso das tecnologias digitais é perturbar e revolucionar tudo — com exceção da instituição central da vida moderna: o mercado." ver Morozov, Evgeny. Solucionismo, nova aposta das elites globais. Tradução de Simone Paz. Outras palavras. 23 de abril de 2020. Disponível em: https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/. Acesso em 08 de agosto de 2023.

2.2 CRISES SOBREPOSTAS E A FINANCEIRIZAÇÃO DA VIDA

A sociedade capitalista contemporânea é uma sociedade de crises sobrepostas. Nela coexistem crises políticas, ambientais, culturais, sociais e econômicas que podem se influenciar mutuamente[25], geradas pela própria dinâmica do capitalismo desregulamentado e, sobretudo, pelo capitalismo financeiro. Para Luciano Gallino (2011, p. 9-13) existem três componentes que determinam o que é o capitalismo financeiro. O primeiro é o "sistema bancocentrico", que é composto por entidades invisíveis. O segundo ponto são as finanças paralelas, que são montantes derivados das entidades correlacionadas, é através desse segundo ponto que ocorrem as sonegações fiscais e fugas de capitais dos países. O terceiro são os investidores institucionais, fundos de pensão, fundos comuns de investimento, campanhas de asseguração e fundos comuns especulativos. São esses três componentes que caracterizam o capitalismo financeiro enquanto uma mega-máquina, que foi permitida - pela própria política - de se estender globalmente e assumir o papel que antes era da política. Outra questão determinante é a *extração* de valor, que toma lugar da *produção* de valor:

> A *extração* de valor é um processo muito diferente da *produção* de valor. Se produz valor quando se constrói uma casa ou uma escola, se elabora uma nova medicina, se cria um posto de emprego remunerado, se lança um sistema operacional mais eficiente que o seu antecessor, ou se plantam árvores. Por outro lado, se extrai valor quando se provoca um aumento do preço das casas através da manipulação das taxas de juros ou dos termos de hipoteca (Gallino, 2011, p. 5-6). [26]

A extração de valor é diferente da produção de valor justamente pelo quesito material e intelectual, o que diferencia os dois conceitos é a criação ou construção de algo novo de forma concreta em detrimento da especulação que aumenta o valor artificialmente daquilo que já foi construído ou criado anteriormente. Dessa forma, no capitalismo industrial a clássica fórmula que resumia as operações de produção de valor era: D1-M-D2[27], onde D1 é a quantia de dinheiro inicial que se investia para a produção de uma mercadoria M, que geraria uma mais valia D2 e que seria reinvestida nesse ciclo. No capitalismo financeiro passa a valer a fórmula D1-D2,

[25] Dirá Norbert Elias (1994, p. 116): "O controle da natureza, o controle social e o autocontrole compõem uma espécie de anel concatenado: formam um triângulo de funções interligadas que pode servir de padrão básico para observação das questões humanas. Um lado não pode desenvolver-se sem os outros; o alcance e a forma de um dependem dos dos (SIC) outros; e, quando um deles fracassa, mais cedo ou mais tarde os outros o acompanham."

[26] Tradução livre: L'*estrazione* di valore è un processo affatto diverso dalla *produzione* di valore. Si produce valore quando si costruisce una casa o una scuola, si elabora una nuova medicina, si crea un posto di lavoro retribuito, si lancia un sistema operativo più efficiente del suo predecessore o si piantano alberi. Per contro si estrae valore quando si provoca un aumento del prezzo delle case manipolando i tassi di interesse o le condizioni del mutuo

[27] Para uma visão aprofundada ver: Marx, Karl. Introdução à contribuição à crítica da economia política. In: Contribuição à crítica da economia política São Paulo, Martins Fontes. 2008

onde o dinheiro investido pula a etapa da produção de mercadoria como mediadora do processo e, através da especulação, passa a gerar mais dinheiro através do próprio dinheiro (Gallino, 2011, p. 7).

A importância dessa mudança reside no fato de que, nos últimos trinta anos, alguns principais aspectos da estrutura da civilização ocidental se estenderam para diversos outros países ao redor do planeta, fazendo com que a lógica financeirizada tomasse conta das mediações econômicas. A primeira característica dessa sociedade capitalista mundializada é o intricamento entre economia, cultura, política e comunidade. Novos modos de agir, ser, pensar, se organizar surgem para satisfazer o interesse da economia. A segunda é que a nova sociedade, em nível planetário, não apresenta mais fronteiras. E a terceira é que economia, mercado de trabalho e cultura estão intimamente ligados, o que ocorre em uma dessas esferas invariavelmente irá resvalar nas outras, estão conectadas e são interdependentes (Gallino, 2011, p. 15-16).

Um exemplo simples utilizado pelo autor é o fato de que o dinheiro existente na especulação financeira é quatro vezes maior que o Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, e que se em algum ponto o dinheiro se torna poder e se concretiza em bens materiais (reais e concretos), é impossível que isso aconteça com os dólares do capitalismo financeiro, é um "ilusionismo financeiro" que demonstra como a economia atravessou as fronteiras da política, não somente físicas, mas também do domínio humano, das culturas, política e economia (Gallino, 2011, p. 19-20).

Esse movimento ocorreu através das *think tanks* financiadas por grupos financeiros e corporações industriais ao redor do mundo, difundindo o neoliberalismo com sucesso e alcançando uma hegemonia cultural[28], impulsionado pela tecnologia da informação que permitiu que o movimento do capital não fosse controlado pelos governos nacionais. Gallino (2011, p. 20-24) resume em três pontos essa nova configuração: 1) mercado autorregulado; 2) capital maximizado e 3) gestão de riscos. Todavia, na contramão dos sonhos que seriam atingidos através do movimento de diversas desregulamentações, a sociedade capitalista contemporânea aparenta estar em uma crise global que apresenta múltiplos aspectos:

> a) o enorme desequilíbrio entre a potencialidade tecnológica e econômico e a condição de vida efetiva da população do planeta; b) o gênero de existência humana junto com a personalidade ou caráter da pessoa que a civilização em questão é orientada globalmente a produzir; c) a multiplicação de sinais atestando que a atual relação entre o uso de recursos naturais e o modelo econômico fundado no desenvolvimento sem

> fim não é sustentável, e que o tempo para mudá-lo radicalmente está se tornando dramaticamente curto (Gallino, 2011, p. 26)[29].

Esses múltiplos aspectos fazem com que as crises dentro desse sistema sejam extremamente complexas: no ponto a) se trata de resolver as questões pertinentes à desigualdade socioeconômica, que ao ser confrontada com a crescente concentração de renda na mão de poucos indivíduos é resolvida pela racionalidade neoliberal através da lógica em que o indivíduo trabalha a si mesmo para se tornar mais produtivo, mas faz isso porque quer tornar a empresa, que é a entidade de referência que guia suas ações, mais produtiva (Dardot; Laval, 2016, p. 343). A "autonomia" que foi idealizada no espaço onde o Estado não mais comandasse a economia e onde não mais os indivíduos tivessem que ser coagidos pelo poder social, converte-se na mera internalização das injunções do mercado, como por exemplo a "liberdade de empreender" (Franco *et al*, 2022, p. 48). O ponto b) evoca problemas da própria psique humana, que é transformada pela racionalidade neoliberal e que, além de impulsionar todos os sujeitos a serem empresas de si mesmo, os coloca em uma relação agressiva com qualquer coisa que não seja de seu interesse próprio e privado.[30] Assim, o termo *idiotes* que em grego significava, negativamente, a pessoa que não desempenhava nenhum papel nas questões públicas do Estado, e que hoje encontra termos equivalentes em palavras como: "pessoa privada" ou "leigo" e também sentidos como "excêntrico", "ignorante" ou "tolo", parece se fazer uma regra no comportamento da maior parte dos sujeitos atualmente (Elias, 1994, p. 131). E o ponto c) remete à um dos maiores problemas do século XXI, senão o maior, que é a contradição irremediável entre o modelo de produção capitalista e os recursos finitos do planeta terra, com um tempo extremamente reduzido e urgente para ser transformado, com pena de que a vida humana e outras vidas animais e vegetais deixem de existir no planeta terra[31]. Ulrich Beck (2011) analisou a formação e o desenvolvimento da sociedade de risco, teorizando sobre

---

[29] Tradução livre: a) "L'immane squilibrio tra le potenzialità tecnologiche ed economiche, e le effettive condizioni di vita della popolazione del pianeta; b) il genere di esistenza umana insieme con la personalità o carattere della persona che la civiltà in questione é orientata globalmente a produrre; c) il moltiplicarsi dei segni attestanti che l'attuale rapporto tra uso delle risorse naturali e il modello economico fondato sullo sviluppo senza fine non è sostenibile, e che il tempo per cambiarlo a fondo si sta facendo drammaticamente breve.

[30] Um homem nos EUA, no Texas, matou cinco pessoas que eram suas vizinhas, incluindo uma criança de 8 anos, pois estava disparando tiros para o alto em seu quintal e, ao ser solicitado por eles para parar, porque tinham um bebe que estava tentando dormir, respondeu que iria fazer o que quisesse no seu quintal. Ver: Homem no Texas mata 5 vizinhos a tiros, incluindo criança de 8 anos. Folha de São Paulo. 29 de abril de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/motorista-de-aplicativo-mata-jovem-atropelado-e-debocha-menos-um-fazendo-o-l.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

[31] Mais da metade dos estadunidenses (180 milhões) estão em alerta para vivenciar e se proteger de uma onda de calor onde as temperaturas podem ser superiores a 37ºC. Ver: Chegada de onda de calor a Nova York é questão de vida ou morte, diz Prefeito. Folha de São Paulo. 27 de julho de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/07/chegada-de-onda-de-calor-a-nova-york-e-questao-de-vida-ou-morte-diz-Prefeito.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

as novas configurações que a vida humana precisa assimilar devido ao modo de produção capitalista, a relação - sobretudo do Ocidente - com a natureza e os diversos riscos mundializados irremediáveis, demonstrou que de fato há uma incompatibilidade entre o modo de produção capitalista e os recursos finitos da terra, conflito esse que é muito mais profundo do que somente uma questão de quantidade de produção/consumo, já que está ligado à estrutura global do planeta e precisa ser resolvido em um âmbito que nunca antes tinha se tornado tão complexo e interdependente.

Economicamente falando, as crises que surgiram desde os anos 90 antes de significarem o fim do neoliberalismo, significaram formas de dar continuidade a lógica intrínseca do capital desregulado e financeirizado, demonstrando que mais além de crises econômicas, também têm um caráter político, alterando o regime democrático e destruindo silenciosamente as antigas configurações sociais e políticas. Para o economista alemão Wolfgang Streeck (2011, p.1), a crise da bolha imobiliária de 2008, faz parte do desenvolvimento da democracia capitalista, que o autor caracteriza como sendo:

> uma economia política governada por dois princípios conflituosos, ou regimes, de alocação de recursos: uma operando de acordo com a produção marginal, ou o que é revelado como *mérito* por um "jogo livre das forças do mercado", e a outra seguindo a necessidade social, ou *direito*, como certificado por uma escolha coletiva da política democrática (Streeck, 2011, p. 3).

As grandes transformações na democracia ocorridas nos últimos quarenta anos resultam do permanente estado de crise entre capital e trabalho que surge com o fim do Welfare State e da democracia moderna. Essencialmente, essa fórmula implicava na aceitação das classes trabalhadoras em relação aos mercados capitalistas e aos direitos à propriedade em troca da democracia política, que possibilitava que atingissem seguridade social e um padrão de vida em constante ascensão. O mundo ocidental, especialmente na Europa, compartilhava esse conjunto estrutural que garantia duas coisas para a classe trabalhadora: barganha coletiva livre e pleno emprego (Streeck, 2011, p.3). A crise do petróleo e a inflação foi o principal ponto de ruptura na crise que se formaria na época, ameaçando a democracia capitalista, já que era necessário decidir como lidar com a inflação e quem iria ser mais afetado por ela. O resultado foi a dívida pública como solução dos governos quando não conseguiam mais manter a inflação e, ao mesmo tempo, manter o pleno emprego, estabelecendo os proprietários do capital como os grandes beneficiados da crise (Streeck, 2011, p. 7-11).

Daí que a dívida pública e a dívida externa criada pela maior parte dos países industrializados no período de crise do Welfare State foi resolvida às custas da precarização do

trabalhador através da dessindicalização, e a revolta foi contida com uma nunca antes vista quantidade de ofertas de produtos de consumo para o cidadão e investimentos de empresas exteriores em territórios nacionais, uma espécie de keynesianismo privado (Streeck, 2011, p. 12). Em outros termos, houve uma crescente onda de desemprego e precarização do trabalho, ao mesmo tempo que um aumento de dívidas públicas e privadas para manter a inflação, sobretudo nos investimentos do capital que tinha se tornado financeirizado, tudo sustentado pelo aumento do consumo através de marcas globais e do universo publicitário, somado com as privatizações em massa de empresas estatais para empresas multinacionais.

Para Streeck (2011, p. 13), a classe média e até mesmo trabalhadores de baixa renda podiam se beneficiar com as oportunidades atrativas de participarem do mercado de especulações que estava fazendo os ricos muito mais ricos nos anos 90 e início dos anos 2000, o que acabaria com a crise de 2008, que colapsou de repente com essa prosperidade advinda do esquema de pirâmide de crédito internacional:

> Tolerância da inflação, aceitação da dívida pública, e desregulamentação do crédito privado não eram mais do que medidas temporárias para governos confrontados com o conflito aparentemente irreversível entre dois princípios de alocação contraditórios no capitalismo democrático, de um lado direitos sociais e de outro a produtividade marginal como determinada por relações entre oferta e demanda (Streeck, 2011, p. 18).[32]

A grande questão que se constituí como fio condutor dessas crises é a internacionalização das contradições do capitalismo e o modo como atualmente nenhum governo pode, de maneira isolada, resolver esses problemas. São crises e contradições institucionalizadas que, quando compreendidas pela sua origem no final dos anos 60 e início dos anos 70, remontam uma história de crises sobrepostas que cada vez mais neutralizaram ou destruíram as possibilidades de ação da classe trabalhadora para reivindicar direitos sociais e cada vez mais deram poder para os proprietários do capital, sendo que a resolução desse problema está longe de ter um fim e suas combinações ainda irão criar diversos problemas sociais inauditos.

O sociólogo Loïc Wacquant (2013), demonstrou como essa lógica econômica do neoliberalismo, quando visto a partir de uma sociologia capaz de explicar os fenômenos que envolvem a criminalidade, a marginalidade, a violência, o racismo, dentro da sociedade

[32] Tradução livre: Toleration of inflation, acceptance of public debt, and deregulation of private credit were no more than temporary stopgaps for governments confronted with a apparently irrepressible conflict between the two contradictory principles of allocation under democratic capitalism social rights on the one hand and marginal productivity as determined by the relationship between supply and demand, on the other.

contemporânea, se mostram como agouro da racialização, da desigualdade social, do segregacionismo e da desumanização. Dirá o autor que:

> Ao contrário dos gritos dos políticos, dos periodistas e dos universitários que ofereciam ao gosto da moda o discurso vitoriano que rebaixa os "pobres sem mérito", não é um "*ethos* do assistencialismo", e sim uma marginalização socioeconômica forçada que resulta do jogo dinâmico entre a desigualdade de classes, a segregação racial e as diferenças de gênero que, no contexto dos distúrbios do capitalismo estadunidense e das políticas urbanas e sociais regressivas, explicam a provação dos negros no gueto do fim de século (Wacquant, 2013, p. 145. Tradução nossa). [33]

A possibilidade de viver na sociedade capitalista é desigual no modo como se apresenta para os diferentes grupos e classes sociais. Etnia e raça, classe, gênero, orientação sexual, faixa etária, regionalidade, determinam de maneira hierarquizada a integração dos sujeitos na globalização neoliberal. Esse fato não ocorre por acaso, como algo externo e incompatível que estivesse atrapalhando o desenvolvimento da racionalidade neoliberal e da expansão do capital. É inerente ao sistema, que ao substituir o braço de ferro entre a norma e o desvio, saúde, doença, trabalho e anseios pessoais agora propõe uma busca de performance e autossuperação através das tecnologias que existem e que estão disponíveis para que busquemos ser mais saudáveis, dispostos, inteligentes e criativos, conquistando nosso espaço no mercado de trabalho e tendo uma boa vida pelo nosso próprio esforço (Neves *et al*, 2022, p. 166).

De um lado, as crises do capitalismo financeiro se manifestam pela falta de certeza no âmbito das proteções que antes existiam por parte do Estado, impossibilitando as pessoas de saber se amanhã ou depois ainda estarão empregadas, com direito à saúde, à moradia, segurança etc. E, de outro lado, se manifesta na distância cada vez maior entre a maioria da população global que vivencia esses problemas estruturais de forma aguda, e entre a minoria que consegue viver sem ser radicalmente afetada por essas crises, justamente pela acumulação de renda às custas da precarização do trabalho e da vida. Todo o processo é permeado pela transformação da noção de sujeito e da culpabilização individual dos fracassos, ocultando o caráter estrutural que obriga[34] os indivíduos a se situarem na marginalidade:

---

[33] Tradução livre: "Al contrario de los gritos de los políticos, los periodistas y universitarios que ha ofrendado al gusto de moda el discurso victoriano que envilece a los "pobres sin mérito", no es un "ethos del assistencialismo", sino una marginación socioeconómica forzada lo que resulta del juego dinámico entre la desigualdad de clases, la segregación racial y las diferencias de género que, con el transfondo de las pertubaciones del capitalismo estadounidense y de las políticas urbanas y sociales regressivas, explican el calvario de los negros del gueto de fin de siglo"

[34] Se na maior parte do século XX as sociedades foram marcadas pelas preocupações envolvendo o Estado-nação e as formas de coerção baseadas no todo social, que podem ser exemplificadas pelas obras de distopias envolvendo temas como vigilância e autoritarismo, como é o caso de "1984" de George Orwell, ou ainda "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley que envolvia temas como a racialização da sociedade, a biologização do social e a homogeneização do pensamento. Nos últimos 30 anos a obrigação não vem pela mão de ferro do Estado, mas pela

> O sujeito passa a ser reduzido a uma *unidade decisória* não necessariamente corporificada cuja estranheza fica clara na suposição de que os indivíduos não seriam nem sequer completamente conscientes que suas escolhas maximizam suas utilidades, *o que implica dizer que não há escolha*. Não há escolha porque o *output* que gera a ação individual é simplesmente o resultado algorítmico do confronto entre um dado sistema de preferências fundamentais estáveis e as informações do mercado. (Silva *et al*, 20222, p. 114)

Não ter escolha (alternativa), como disse Margaret Thatcher, e ter que encarar permanentemente os problemas econômicos, ambientais, sociais, políticos, psicológicos, culturais, que afetam os sujeitos atomizados no âmbito local, mas que se constroem através de acontecimentos no âmbito global, implica que o sujeito é obrigado a lidar com uma crise permanente que é derivada do próprio sistema - que avança com suas crises e não apesar delas. "Adaptação", "performance", "capacidade", "habilidades", "competências", "aprendizado" são algumas das palavras que passam a fazer parte da subjetividade e do imaginário do indivíduo contemporâneo, que deve almejar estar sempre em movimento em direção ao autoaperfeiçoamento e maior produtividade para ser valorizado.

O capitalismo desregulamentado e o capitalismo financeiro geraram, e estão gerando, crises econômicas que potencializam crises políticas e sociais que são vivenciadas dramaticamente pelos indivíduos e pessoas, sujeitos e cidadãos nos mais diversos países. Passemos, portanto, à exposição e compreensão do sujeito neoliberal, que diante das novas configurações estabelecidas pela sociedade capitalista globalizada se percebe com novas questões sociais que devem ser resolvidos pelo próprio sujeito, diferentemente de momentos anteriores onde o poder ainda estava situado em instituições centrais do Estado-nação, ou em grupos primários como a família, ou ainda em grupos de reivindicação coletiva de classe, como sindicatos.

Max Horkheimer (1973), no livro *Para a crítica da razão instrumental*, afirmou que a crise da razão na sociedade capitalista do século XX implicava em grandes transformações nos processos de individualização e de socialização: a perda da autonomia e a de emancipação do indivíduo, a extensão do processo de reificação do trabalho ao tempo livre, a internalização dos valores da produtividade e da competição acirrada por renda e recursos, a predominância dos meios em detrimento dos fins, a naturalização da indiferença e do egoísmo, a exaltação da particular e do individualismo, a atomização social do indivíduo e a destruição dos valores coletivos e universais. Para o filósofo alemão, toda força social hegemônica, ao construir uma

---

pressão individualizada exercida pelo mercado desregulado em ter que se adaptar a vida economicizada, em ter que consumir, em ter que ser permanentemente fluído.

nova ordem social, uma nova totalidade, não apenas generaliza os seus valores fundamentais através de uma nova forma de linguagem, mas produz o tipo de indivíduo que necessita para a rotinização e reprodução material da existência.

Para os objetivos desta dissertação, é extremamente importante compreendermos como a sociedade capitalista neoliberal, mas também midiática e tecnológica, foi (e ainda o é) capaz de criar um novo tipo de indivíduo: hiperindividualista e hedonista, narcisista e egoísta, estimulado a existir para competir e a vencer os demais usando quaisquer meios que permitam obter vantagens pessoais e realizar os interesses particulares, sem vínculos substanciais com a família e os grupos sociais secundários, sem vínculos substanciais com a sociedade nacional. Logo, precisamos compreender como a sociedade capitalista neoliberal criou uma nova ordem mundial baseada no indivíduo e no sujeito neoliberal que, quando as crises econômicas e políticas permanentes foram potencializadas pela crise sanitária da pandemia de Covid-19, que potencializou ao extremo os riscos sociais, agiu segundo os critérios da autoconservação, do particularismo, da ação social desprovida da razão moral, valorativa e social. Como uma espécie de mônada, o hiperindividualismo do indivíduo proprietário potencializou o sentido da vida no curso do imediato e na realização do interesse econômico pessoal e o privado, mesmo quando tais ações na sociedade geravam a proliferação do vírus na sociedade nacional e no mundo.

2.3 O INDIVÌDUO E O SUJEITO NEOLIBERAL

"Sujeito" é aquele que atua e "Objeto" é aquilo sobre o que se atua (Bauman, 2014, p.93), e por isso:

> A descrição da relação sujeito-objeto é surpreendentemente parecida com a de "poder", "mando" ou "dominação". A maneira como as coisas são definidas, classificadas, avaliadas e tratadas vem determinada pelo o que os sujeitos consideram que devem ser suas necessidades próprias, e são moldadas à conveniência do sujeito. Pode-se concluir que as coisas, naturalmente passivas, submissas e mudas, estão ali (seja lá o que seja "ali") para servir a sujeitos caracteristicamente ativos, inteligentes e com capacidade de decisão (Bauman, 2014, p. 94).[35]

A relação feita por Zygmunt Bauman entre sujeito-objeto e as definições do que são um ou outro em detrimento de seu contato é elucidativa ao pensar como o neoliberalismo

[35] Tradução livre: "La descripción de la relación sujeto-objeto es sorprendentemente parecida com a la del "poder", "mando" ou "dominación". La manera en que las cosas son definidas, clasificadas, evaluadas y tratadas viene determinada por lo que los sujetos consideran que deben ser sus próprias necessidades, y son modeladas a conveniencia del sujeto, Se puede concluir que las cosas, naturalmente pasivas, sumisas y mudas, están ahi (sea lo que sea "ahí") para servir a sujetos característicamente activos, inteligentes y con capacidad de decisión.

transforma os sujeitos em capital humano e que, ao cristalizar valores sobre a natureza humana competitiva, meritocrática e compatível à esfera do mercado, também hierarquiza a sociedade e determina aqueles que serão sujeitos e aqueles que serão objetos (com propósitos pré-estabelecidos através da vontade e necessidade dos tais sujeitos) na globalização.

Assim também entendem Dardot e Laval (2016, p. 392) ao pontuar que "[...] a ideia de governamentalidade une a ideia do governo dos homens à ideia da administração das coisas [...]". Podemos pensar que a governamentalidade não se limita apenas à essa combinação, mas também afeta a própria ideia de quem é sujeito e quem é objeto na sociedade contemporânea, que transformam suas identidades a partir dessa relação hierárquica daqueles que vivenciam a globalização plenamente e se beneficiam com ela, e daqueles que sofrem seus efeitos mais nefastos com cada vez menos oportunidade para agir.

Como demonstrado por Hochschild (2004, n.p.), a crescente divisão dos ricos e dos pobres globais faz com que a classe média do terceiro mundo ganhe menos do que os pobres do primeiro mundo, o que evidencia a situação inédita que pode ser encontrada na globalização: aumento de concentração de renda entre países, interferências cada vez maiores das relações globais nos espaços locais, impossibilidade de mobilização popular e rápida transformação do capital. Mesmo com a divisão entre os ricos e os pobres globais crescendo, o mundo como um todo (seu capital, suas imagens culturais, os gostos do consumidor, e as pessoas) se torna mais integrado. Graças à disseminação de filmes e programas de televisão estadunidenses, as pessoas do sul do mundo pobre agora sabem mais sobre os ricos do norte, mas o que eles aprenderam sobre o norte foi o que as pessoas têm, no que parece ser um *striptease* material:[36] "Para homens e mulheres assim, migração tem se tornado uma solução privada para um problema público" (Hochschild, 2004, n.p.)[37], o que significa que mesmo com a globalização homogeneizante, a migração como fenômeno de nosso tempo (por características e proporção) faz com que laços sociais sejam formados por indivíduos que saem do seu lugar de origem e se juntam [ajudam] em outro espaço do mundo, compartilhando os saberes e impulsionando a migração enquanto fazem parte dela. Ou dito de outra forma, a migração é uma reação à ordem hierárquica estabelecida pela globalização, que não somente promove aquilo que deseja, na quantidade exata, mas abarca em si contradições sociais que são contingentes.

[36] Tradução livre: "Even as the gap between the globe's rich and poor grows wider, the globe itself - its capital, cultural images, consumer tastes, and peoples - becomes more integrated. Thanks to the spread of Western, and especially American, movies and television programs, the people of the poor south now know a great deal about the rich north. But what they learn about the north is what people *have*, in what often seems like a material striptease.

[37] Traduçao livre: "For men and women alike, migration has become a private solution to a public problem"

O sociólogo italiano Dal Lago (2004) investiga a fundo a questão da migração e da estigmatização por parte da mídia, da política e do mercado nos países europeus, sobretudo na Itália. Segundo a tese do autor, a constante caracterização e vinculação midiática do fenótipo e dos costumes culturais dos imigrantes dos diferentes povos e nações (que são principalmente da Ásia e África) junto a crimes cometidos por imigrantes do terceiro mundo, assim como a separação de direitos civis, políticos e sociais específicos para imigrantes e cidadãos italianos, somado por fim com a exclusão econômica, da baixa renda e participação no consumo, educação, segurança e moradia precária, fazem com que seja o próprio Estado que impossibilite a integração social do imigrante, impulsionando a xenofobia e criando um direito reduzido quando anuncia que está buscando combater a própria raiz do problema que ele mesmo cria e a alimenta.

Os principais países europeus ricos e desenvolvidos, dessa forma, se mostram intolerantes com a presença social, cultural, política, suas manifestações, suas tradições e seus posicionamentos - sobretudo quando enfrentam a escassez de trabalhadores[38] dispostos a ocuparem postos de serviços braçais - sendo que eles, no geral, são os portadores dos emblemas da democracia, cidadania, humanismo (Ianni, 1995, p. 153).[39]

Isso nos demonstra como a mercantilização das relações sociais, juntamente com a urbanização, foi um dos fatores mais poderosos da "emancipação" do indivíduo com relação a tradições, raízes, apegos familiares e fidelidades pessoais. Emancipação essa que não foi do gênero humano, mas do indivíduo em relação aos vínculos substanciais que possuía. (Dardot; Laval, 2016, p. 323). Como diz Norbert Elias:

> O que emerge é isto: o avanço da individualização, que pode ser observado em fenômenos como as mudanças no grupo de parentesco, e, portanto, na família em sentido mais estrito, tem, sob certos aspectos, um caráter paradigmático. É mais fácil entender isso ao se recordar que, em estágios anteriores, o grupo familiar era a unidade de sobrevivência primordial e indispensável dos indivíduos. Ela não perdeu interinamente essa função, em especial para as crianças. Entretanto, em épocas mais recentes, o Estado - e, ainda mais recentemente, o Estado parlamentar com certas instituições previdenciárias mínimas - tem absorvido essa função da família, como

[38] A Alemanha, por exemplo, vem formulando uma reforma à lei de imigração, prometendo aumentar as possibilidades de trabalhadores qualificados se tornarem cidadãos do país caso migrem para trabalhar. Ver CHAZAN, Guy e ARNOLD, Martin. Alemanha promete 'lei de imigração mais moderna da Europa' para suprir falta de trabalhadores. Folha de São Paulo 4 de maio de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/05/alemanha-promete-lei-de-imigracao-mais-moderna-da-europa-para-suprir-falta-de-trabalhadores.shtml. Acesso em 02 de agosto de 2023.

[39] Nos EUA, a recente denúncia de que tropas militares eram instruídas a negar água para imigrantes e jogar crianças no rio contrasta com esses valores do mundo ocidental dito civilizado. Ver: OLADIPO, Gloria. Texas trooper says they were told to push children into Rio Grande and deny migrants water. The Guardian. 19 de julho de 2023. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2023/jul/18/texas-troopers-inhumane-migrants-greg-abbott-border-initiative. Acesso em 02 de agosto de 2023.

> muitas outras. Inicialmente sob a forma do Estado absolutista e depois sob a do Estado unipartidário ou pluripartidário, o nível nacional de integração assumiu, para um número cada vez maior de pessoas, o papel de unidade primária de sobrevivência, papel que parece indispensável e permanente. (Elias, 1994, p. 168)

A grande questão, contudo, é que esse Estado se transformou e se enfraqueceu a partir de seus próprios poderes. Foi o Estado que permitiu que a influência do mercado crescesse na vida dos indivíduos de maneira absoluta, que seu papel no nível nacional de integração como unidade primária de sobrevivência - indispensável e permanente - desse espaço para formas privadas de resolução das crises irremediáveis do capitalismo contemporâneo. O indivíduo nesse processo se desfez dos vínculos com os grupos primários e com o Estado, estando muito mais sujeito às determinações do capital do que de outros fatores na atualidade: "O Estado, encarnação do universalismo, libertou o indivíduo das amarras de sua dependência, mas em troca reduziu a sociedade em pó". Daí que muitas vezes "o pensamento reacionário se apresenta como uma alternativa ao individualismo igualitário por meio de um retorno ao mundo anterior e estrutura nosso teatro político como uma afronta à ordem e ao progresso" (Ehrenberg, 2012, p. 120). Assim, a concepção de um mundo prévio e desprovido de conflito é evocada em prol de uma reivindicação social pelas desigualdades e inseguranças criadas e vivenciadas no neoliberalismo, renegando tudo o que significa a globalização e transformando sujeitos diferentes em bodes expiatórios, inimigos da pátria, deturpadores da ordem social (Dal Lago, 2004).[40]

Em termos políticos e econômicos, esse movimento se traduz na fabricação do sujeito unitário, sujeito do envolvimento total de si mesmo, caracterizado pela vontade de "trabalhar para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer *distância* entre o indivíduo e a empresa que o emprega" (Dardot; Laval, 2016, p. 327). É um sujeito que não se relaciona mais com outro sujeito, mas apenas com o eu, já que o único outro que existe é a subjetividade neoliberal dentro de cada um de nós. "Sendo bem sucedidos profissionalmente, fazemos da nossa vida um "sucesso" (Dardot; Laval, 2016, p. 333), é a fórmula que define a ética da empresa e a torna singular de outros momentos do capitalismo.

Se verifica, portanto, que a individualidade que sempre marcou a modernidade e se fez como um dos valores essenciais da vida humana a partir desse período, está sofrendo transformações radicais no neoliberalismo e pode ter outros significados na subjetividade e na formação de identidade dos indivíduos.

---

[40] Aprofundaremos o tema da intolerância com o diverso e de manifestações extremistas, principalmente com a ascensão da extrema direita, no tópico 2.4

2.3.1 A crise do sujeito neoliberal

Alain Ehrenberg é preciso ao diferenciar o que foi a individualidade nascente da modernidade e sua diferença com o narcisismo que surge com o neoliberalismo:

> A emancipação dos vínculos institucionais tradicionais não dá ao indivíduo "a liberdade de ser autônomo ou orgulhoso de sua própria individualidade". Ao contrário, contribuiu para uma insegurança pessoal que só consegue ser superada vendo a si mesmo refletido na atenção dos outros: Para o narcisista o mundo é um espelho, enquanto que para o individualista primitivo era uma terra de ninguém a ser moldada pela sua vontade (Ehrenberg, 2012, p. 70)[41].

Dentro desse processo, que relaciona a nova concepção de sujeito com uma organização social que é integrada de forma permanente, "[...] o tempo da vida é cada vez menos linear, cada vez menos programável. Sob esse ponto de vista, o sinal mais tangível da nova normatividade é que em longo prazo não existe" (Dardot; Laval, 2016, p. 364). Algo também dito por Hartmut Rosa (2019) ao apontar a aceleração social como principal variável que explica o porquê de estarmos em uma modernidade tardia, que em todas suas esferas apenas se estabiliza dinamicamente, ou seja, apenas consegue se manter estável se continuar aumentando seus processos no quesito velocidade (ações por minuto). Na contemporaneidade as percepções e a capacidade de se integrar com o mundo se transformam rapidamente a partir das mudanças aceleradas na tecnologia, na mudança social e no ritmo de vida, fazendo com que relações com o tempo e o espaço, consigo mesmo e com o outro e com a natureza se configurem como novos tipos de alienação.[42]

Não à toa Thomas Eriksen (2017, n.p.), problematizou a intersecção entre neoliberalismo e sobreaquecimento, entre calor e velocidade. O antropólogo norueguês afirma que somos cada vez mais expostos ao mundo globalizado, que em média, cada um de nós tem mais laços com o mundo do que os nossos antepassados, seja através de viagens de negócios, migrações, férias, engajamento político, comércio ou outras formas. Baseado na física, o autor dirá que velocidade gera calor e é por isso que o mundo contemporâneo é um mundo sobreaquecido, acima de tudo definido por tensões e fricções, sua velocidade faz com que

[41] Tradução livre: "L'emancipazione dai vincoli istituzionali tradizionali non reca all'individuo "la libertà di essere autonomo, o fiero della propria individualità". Al contrario, contribuísse a un'insicurezza personale che egli è in grado di superare solo vedendo il suo sé riflesso nelle attenzioni altrui: "Per il narcisista il mondo è uno specchio, mentre per l'individualista primitivo era una terra di nessuno da modellare secondo la sua volontà".

[42] Para uma compreensão mais ampla sobre o que é a aceleração social e os tipos de alienação Ver Rosa, Hartmut. O que é a aceleração social? In: Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. 2019.

utilizemos popularmente o termo *burnout*, que remete a algo que está muito quente, o ato de queimar, quando uma pessoa fez coisas demais e fez muito depressa.

O filósofo sul coreano, Byung-Chul Han (2017, p.7) dirá, em sua obra *The Burnout Society*, que "apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral" e que "visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal". Ainda que em 2020 o mundo tenha adentrado a época viral e que hoje o século XXI tenha passado a ser definido como bacteriológico e viral em diversos aspectos, aquilo dito pelo autor antes de significar algo ultrapassado é uma soma aos demais problemas vivenciados contemporaneamente.[43] Significa que, além do século ser bacteriológico e viral, ele é também neuronal, e além disso "caracteriza-se pelo desaparecimento da "alteridade e da estranheza" (Han, 2017, p.8), demonstrando como a positivação do mundo fez com que novas formas de violência se consolidassem.

O que ocorreu, de fato, foi a mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho, apontando para a continuidade de um nível, tudo movido pelo desejo de maximizar a produção (Han, p. 25). O chefe passa a vigiar, fortalecer e apoiar a motivação ao invés de impor, a antiga coerção econômica e financeira se transforma em "autocoerção e autoculpabilização"[44], já que somos os únicos responsáveis por aquilo que nos acontece (Dardot e Laval, 2016, p. 345). e nessa situação:

> os sujeitos, por intermédio das técnicas gerenciais, provam seu ser enquanto "recurso humano" consumido pelas empresas para a produção de lucro; submetidos à norma do desempenho, tomam uns aos outros na diversidade de suas reações, por objetos que devem ser possuídos, moldados e transformados para melhor alcançar sua própria satisfação; alvo das técnicas de marketing, os sujeitos buscam no consumo das mercadorias um gozo último que se afasta enquanto eles se esfalfam para alcançá-lo. (Dardot; Laval, 2016, p. 371).

Como observou Horkheimer (1973), ao mesmo tempo que ocorre uma transformação radical na sociedade capitalista, ocorre também uma transformação radical no indivíduo que se enquadram em novas configurações da vida humana para que possam servir enquanto objeto e cumprir seu propósito pré-estabelecido, contudo, o sujeito também busca resistir e modificar os costumes e as organizações político-econômicas, mesmo que muitas vezes de forma não

[43] Iremos abordar o tema da pandemia de Covid-19 e o modo como ela se caracteriza enquanto crise sanitária que se soma às crises já existentes do capitalismo no capítulo 3.

[44] Nesse sentido, a psicanálise na sociedade contemporânea permite ao indivíduo frear seu instinto sem o apoio ou a vigilância da comunidade positiva, constituindo uma nova forma de estabelecer normas a partir de si próprio em detrimento do que antes era feito pela comunidade externa através das figuras que tinham autoridade. Ver EHRENBERG, Alain, 2012, p. 13. Tradução livre: "La psicoanalisi permette all'individuo di vivere frenando i suoi istinti senza il supporto (o la sorveglianza) della comunità positiva."

planejada e intencional. O risco para o sujeito se constitui, portanto, como uma esfera comercial, na medida em que se trata de produzir indivíduos que poderão contar cada vez menos com formas de ajuda mútua e de seus meios de pertencimento e com os mecanismos públicos de solidariedade, fazendo com que simultaneamente se produza o sujeito de risco e o sujeito da assistência privada (Dardot; Laval, 2016, p. 348). Ao se desvincular o indivíduo das formas de ajuda mútua que existiam antes da mercadorização da vida, ainda cria uma espécie de consumo dos riscos, dos instrumentos e técnicas que são (re)inventados para remediar ou apaziguar as consequências do que pode vir a acontecer no mundo globalizado.[45]

Ser e existir como uma empresa pressupõe viver inteiramente em risco, a novidade disso reside na universalização de um estilo de existência econômica que era reservado aos empreendedores, aquilo que antes era associado ao perigo das vendas fracas, das perdas, da falência desde a Idade Média, agora faz parte do imaginário e do plano de ação de todos os seres humanos (Dardot; Laval, 2016, p. 346). Por isso, a sociedade de risco (Beck, 2011) não se caracteriza somente pelo compartilhamento de riscos de forma global, mas também pelos riscos internos que cada sujeito tem que lidar, afinal, somos todos responsáveis por nós mesmos na modernidade tardia.[46]

Segundo Alain Ehrenberg (2012, p. 64-66), a partir desse novo contexto histórico é que se pode observar como o fenômeno do individualismo potencializou o narcisismo. Para o autor, são dois os motivos que caracterizam esse contexto: o primeiro é o fim do ciclo liberal, com a atuação de Roosevelt em políticas públicas que buscavam reduzir a desigualdade e instaurar um Estado assistencialista com o objetivo de aumentar as oportunidades dos indivíduos. O segundo motivo é a liberação sexual que ocorre através dos movimentos sociais na segunda metade do século XX, que ao valorizar o indivíduo e a emancipação transformaram o senso e o valor daquilo que é "pessoal". Juntos, esses dois fatores geram a primeira crise do individualismo, já que com o protesto contra o Estado também se originou uma crise de autoconfiança. Esse novo personagem estadunidense estudado por Ehrenberg que enfrenta a crise da autonomia, vê em si o hedonismo como a justificativa do capitalismo, é o impulso como modo de vida, levando no limite a um novo niilismo, caracterizado pela distância com a coisa

[45] Pensamos aqui nas diversas e constantes invenções tecnológicas, mas também nas diversas receitas, técnicas, táticas e estratégias que são vendidas através de cursos, ou impulsionados nas redes sociais por *digital influencers* e pessoas influentes na mídia no geral, geralmente prometendo uma resolução rápida e eficaz dos diversos problemas físicos, mentais, nutricionais, dentre outros que as pessoas vivenciam em suas vidas.

[46] Isso pode ser exemplificado pela recém descoberta por pesquisadores de Harvard que a poluição de ar está associada ao alto risco de desenvolver algum tipo de demência ao longo da vida. Ver MORAES, Acácio. Poluição do ar está associada a alto risco de demência, diz estudo de Harvard. Folha de São Paulo. 28 de abril de 2023 Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/04/poluicao-do-ar-esta-associada-a-alto-risco-de-demencia-diz-estudo-de-harvard.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

pública e pela agressividade com um sistema e com tudo aquilo que significa uma barreira, real ou simbólica, aos desejos desprovidos de moral do indivíduo.

Para Ehrenberg (2012, p. 77-78), o mal-estar psíquico que se manifesta de diversas formas tem uma característica dupla: é um sentimento de vazio interior e uma busca por sensações para preencher esse vazio interior. Esse mal-estar está interligado com as desregulamentações realizadas pelo neoliberalismo, que ao retirar diversos pilares que davam segurança e orientação para o indivíduo, o coloca em um mundo de muitas possibilidades, mas também de muitos riscos[47]. Daí que narcisismo é a crise da vida comum e da autoconfiança que o individualismo tradicional simbolizava, com sua aliança equilibrada entre vigor competitivo, cooperação com os outros e independência pessoal.

O problema se agrava na medida em que, em detrimento da democracia, que é a forma de sociedade que atribui possibilidades à iniciativa individual, implicando que sejamos livres e iguais, e onde a autonomia consiste em ser autor de si mesmo, o narcisismo leva essa ideia a um passo adiante, afirmando que a autonomia consiste no indivíduo acreditar ser Deus, o que o destrói por dentro através de uma oscilação entre ser frágil diante dos diversos problemas do mundo e ser grandioso diante das possibilidades de gozar dos prazeres desse mesmo mundo (Ehrenberg, 2021, p. 92). Logo, o narcisismo que analisa Ehrenberg não está vinculado ao mito grego, mas ao tipo de indivíduo que é emotivo, psíquico e socialmente incapaz de observar e reconhecer o outro como uma pessoa e ser de direitos. O narcisismo na sociedade capitalista neoliberal impede o reconhecimento recíproco entre os indivíduos, a existência de interesses comuns e coletivos, e potencializa a lógica da ação social do indivíduo que age como um proprietário visando adequar meios e fins para o benefício meramente particular e privado.

Isso pode estar interligado com a seguinte observação de Norbert Elias (1994, p. 106):

> [...] com a crescente mudança nas relações entre os seres humanos e as forças naturais extra-humanas, estas últimas vão aos poucos perdendo terreno como elemento da noção de um "mundo externo" oposto ao "mundo interno" humano. Em lugar delas, o abismo entre a parte "interna" do indivíduo e as outras pessoas, entre o verdadeiro eu interior e a sociedade "externa", desloca-se para o primeiro plano. à medida que os processos naturais se tornam mais fáceis de controlar, parece que nossa relativa falta de controle sobre as relações entre as pessoas e, em particular, entre os grupos, bem como os insuperáveis obstáculos erguidos contra as inclinações pessoais pelas exigências sociais, se torna muito mais perceptível.

Dessa forma, poderíamos dizer que as possibilidades que se abriram para a vida humana com os avanços da tecnologia também afetaram a subjetividade dos sujeitos, colocando

[47] "A abundância de oportunidades e metas individuais diferentes nessas sociedades é equiparável às abundantes possibilidades de fracasso." (Elias, 1994, 109).

os seres humanos em um outro espaço de observação e compreensão de si mesmo e dos outros, com uma transformação radical acerca da relação entre ser humano e natureza. Em outras palavras, a sociedade neoliberal estabelece novas questões sociais que são pertinentes a uma ordem diferente daquelas que já existiram antes na história, precisamente pela oposição entre excesso de controle nos processos naturais e relativa falta de controle sobre as relações entre as pessoas. Como dito por Freud (2011, p, 93) "[...] os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem." e da consciência disso é que advém o desassossego, a infelicidade e o medo dos sujeitos na modernidade.

Miguel Benasayag e Gerald Schmit (1996, p. 13) vincularam a psicologia, o espaço do consultório, as novas questões psicológicas e sociais dos indivíduos e a sociedade neoliberal. A questão é que estamos presenciando, na sociedade contemporânea, a passagem de uma confiança incomensurável para uma desconfiança igualmente extrema no confronto ao futuro, sendo que "o ocidente baseou seus sonhos de futuro na crença de que a história da humanidade é uma história de progresso" (Benasayag; Schmit, 1996, p. 14).[48] Ocorre uma mudança na forma como as pessoas enxergam, pensam e sentem a vida em sua relação infância-vida adulta-velhice. O que esperar do futuro? Quais as novas estratégias que devem ser adotadas? Quais pontos de referência devem ser utilizados, já que aqueles de antigamente já não são suficientes para explicar e garantir o sucesso no mundo contemporâneo? São perguntas extremamente complexas que devem ser respondidas individualmente, gerando o sentimento de impotência, congelamento e pessimismo para com o mundo.

Os sujeitos, que agora se autocontrolam, freiam seus desejos sem a ajuda institucional ou a relação coletiva, e fazem isso internamente ao aplicar a racionalidade neoliberal dentro de seus próprios costumes, desejos e vontades. Isso se torna uma crise na medida em que o narcisismo como conceito sociológico demonstra que os sujeitos não mais conseguem estabelecer vínculos que foram fundamentais para a construção da democracia moderna e da luta por justiça social em outros tempos, tendo que dispor de muito mais tempo de sua vida para lidar com a quantidade enorme de produtos, tendências, invenções, programas que existem. Em suma, o indivíduo inserido nesse cenário parece ter que se preocupar muito mais consigo mesmo do que com os outros, ser competitivo a todo instante e buscar resoluções privadas para problemas coletivos, sejam eles de ordem econômica, política, cultural, social, psicológica, emotiva, afetiva ou ambiental.

[48] Tradução livre: "L'Occidente ha fondato i suoi sogni di avvenire sulla convinzione che la storia dell'umanità sia inevitabilmente una storia di progresso."

2.4 CONFLITOS DE IDENTIDADE E LUTAS PELA HEGEMONIA DO PODER

No contexto histórico e social exposto, fica evidente que o indivíduo tem que contar muito mais consigo mesmo também ao decidir sobre a forma dos relacionamentos e sobre sua continuação ou término, que além de serem pouco duradouros, vem tendo sua permutabilidade aumentada, uma forma peculiar de *habitus* social, como diz Norbert Elias (1994, p. 167), concluindo que essa "estrutura de relações requer do indivíduo maior circunspecção, formas de autocontrole mais conscientes e menor espontaneidade dos atos e do discurso no estabelecimento e na administração das relações".

Em última instância, o próprio terrorismo[49] é uma resposta à crise da sociedade contemporânea, como demonstra o ensaísta Pańkaj Miśra (2017) com a problematização das filosofias do anarquismo e do niilismo para explicar a constituição de uma noção destruidora em relação ao Estado e a sociedade, que hoje auxilia para compreender a revolta de seres humanos onde o ato de violência é tudo. Nessa era do ódio, as pessoas buscam a verdadeira liberdade e igualdade sendo agressivas e violentas com o diverso - que significa para o indivíduo uma barreira que o separa de seus maiores desejos narcísicos.

Nossa existência é marcada por essa tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do presente, que faz com que a concepção de identidade tenha que enfrentar muitas adversidades que antes não estavam postas (Bhabha, 1998, p. 19). Essa identidade é fruto da transição do *fin de siècle*, que ao ter espaço e tempo se cruzando para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão, gera uma sensação de desorientação decorrente das mudanças ocorridas na "classe" ou "gênero" como categorias conceituais e organizacionais básicas, que guiavam a consciência das posições do sujeito (Bhabha, 1998, p. 19-20).[50]

Para Homi Bhabha (1998, p. 23), o presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou com um vínculo com o passado e o futuro, uma presença sincrônica, já que a nossa presença mais imediata, a nossa imagem pública, é na verdade revelada pelas

[49]Mishra trata do terrorismo como atos de violência contra a sociedade civil com motivações diversas, não especificamente se referindo ao imagético atual de invasores que geralmente remontam a pessoas de países de terceiro mundo, fundamentalistas religiosos, bárbaros, que atacam os países de primeiro mundo com o intuíto de destruir sua cultura. Terrorismo aqui também abarca os próprios cidadãos dos países de primeiro mundo que representam o esteriótipo da "pessoa comum" e que realizam ataques planejados para satisfazer os seus impulsos odiosos. Sendo esse o principal objeto do autor, já que auxilia para pensar como o ato de ódio do terrorismo é um sintoma global das crises sobrepostas da sociedade contemporânea.

[50] Para uma crítica sobre os limites do pós-colonialismo e algumas categorias de análise ver COSTA, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia - A contribuição pós-colonial. 2006

descontinuidades, desigualdades e minorias que carrega consigo. Quer dizer que, na realidade, não existe a suposta revolução no indivíduo realizada pelo neoliberalismo, que agora está livre de toda a repressão (que advinha do Estado) e pode gozar plenamente das boas condições da humanidade que foram proporcionadas pelo mercado. Nem existe uma sociedade que era inevitável, onde o neoliberalismo supostamente tinha que emergir pelas condições da evolução da história, pela superioridade do mercado em relação ao Estado, da economia em relação à política

A existência se constitui, muitas vezes, em "entre-lugares" que fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, que podem ser tanto singulares quanto coletivas, dando início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação para definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p. 20). Em outros termos, a sociedade se define a partir das condições reais daquilo que são os conflitos e contradições entre diferentes identidades formadas a partir de crises políticas, econômicas, sociais, de migrações do terceiro mundo ao primeiro mundo, mas também de reivindicações de direito, justiça, igualdade, liberdade, política, ecologia etc. realizada por movimentos sociais pertencentes a grupos e classes sociais específicos, demonstrando como o final do século XX e o século XXI caracterizam-se de forma inédita não somente pela nova estrutura produtiva ou avanço tecnológico, mas também pela transformação da formação da identidade dos sujeitos a partir das novas configurações sociais.

Para Axel Honneth (2003, p. 256)

> uma luta só pode ser caracterizada de "social" na medida em que seus objetivos se deixam generalizar para além do horizonte das intenções individuais, chegando a um ponto em que eles podem se tornar a base de um movimento coletivo.

E, se a luta social é o processo prático onde experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais que servem para todos pertencentes ao grupo, podendo servir para guiar ações que reivindicam as exigências coletivas através do reconhecimento (Honneth, 2023, p. 257), podemos também perceber como identidades em crise, seja baseada na autodestruição, como demonstra Mishra (2017), seja na expressão racista e discriminatória para com o outro - racistas, xenofóbicas, homofóbicas, machistas, sexistas etc. - tem seu surgimento nas crises estruturais sobrepostas que constituem as idas e vindas que movimentam o capitalismo.

O desemprego, o endividamento, a violência, a insegurança, os medos, são todos componentes da formação das identidades contemporaneamente, sejam elas tolerantes ou não

com o político e culturalmente diferente de si próprio. Muito interligado com o narcisismo no século XXI, as identidades que desejam a ascensão da extrema-direita ao redor do mundo e que baseiam sua concepção de sociedade, boa vida, política, cultura em sua própria imagem e semelhança também são afetadas por esses componentes, mas respondem às novas questões sociais com agressividade, impulsividade e desejo de eliminar o diverso. Como dito por Axel Honneth:

> Sentimentos de lesão dessa espécie só podem tornar-se a base motivacional de resistência coletiva quando o sujeito é capaz de articulá-los num quadro de interpretação *intersubjetivo* que os comprova como típicos de um grupo inteiro; nesse sentido, o surgimento de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar as experiências de desapontamento pessoal como algo que afeta não só o eu individual mas também um círculo de muitos outros sujeitos (Honneth 2003, p. 260, grifo nosso.).

Mesmo os autores, tanto Homi Bhabha quanto Axel Honneth, se preocupando com a resistência de minorias através dos movimentos sociais que generalizam as experiências do plano individual para o plano coletivo, a semântica coletiva de movimentos sociais atualmente parecem também estar se transformando, muitas vezes pela influência do populismo contemporâneo e das manifestações violentas que crescem na subjetividade das pessoas, sobretudo nos países de primeiro mundo onde a imigração é uma das principais questões no debate público. Nesse processo de diferentes lutas sociais, que muitas vezes reivindicam coisas contrárias entre si, é importante retomar os conceitos de reconhecimento e de redistribuição como essenciais para a luta social. Nancy Fraser (1996, p. 3-6) dirá que as políticas de redistribuição não abarcam somente noções orientadas pela classe, mas também lutas identitárias, e as políticas de reconhecimento não são relacionadas somente a lutas contra injustiças na valorização de identidades, se orientando também através de conceitos que rejeitam o "essencialismo" de políticas identitárias tradicionais e que, por isso, uma luta social necessita de ambos para se consolidar plenamente:

> O objetivo dessas políticas [de redistribuição], portanto, é abolir, não reconhecer a diferença. As políticas de reconhecimento, em contraste, tratam a diferença de duas formas. Em uma versão, diferenças de grupos são preexistentes, uma variação cultural positiva, que um esquema interpretativo injusto maliciosamente transformou em uma hierarquia de valor. Em outra versão, diferenças de grupos não preexistem em relação à sua transvaloração hierárquica, mas são criadas contemporaneamente com ela através de uma estrutura discursiva de oposições binárias. Dependendo da versão em questão, as políticas de reconhecimento assumem dois objetivos: no primeiro caso, procura celebrar, não eliminar, diferenças de grupo; no segundo caso, almeja

> desconstruir os próprios termos em que tais diferenças são geralmente elaboradas.[51] (Fraser, 1996, p. 9-10, grifo nosso.)

No espaço altamente competitivo, com trabalhadores assalariados espalhados ao redor do mundo, migrações em massa transformando as culturas e as dinâmicas internas dos Estado-nações, crises político-econômicas que trazem o desemprego, a fome, a miséria não só como ameaça longínqua, mas como possibilidade real e concreta, os sujeitos em plena crise de autoconfiança buscam se mobilizar nas lutas sociais muitas vezes mirando contra as minorias sociais que denunciam os abusos e crueldades da sociedade capitalista neoliberal por entenderem que eles querem "furar a fila" e, assim, ter acesso à uma qualidade de vida através de privilégios fornecidos pelo Estado e pelo mercado globalizado (Hochschild, 2016). Somente as subjetividades fragmentadas sendo compreendidas através dos processos de redistribuição e de reconhecimento e o modo como eles afetaram as dinâmicas de poder no século XXI é que é possível entender como grupos sociais podem estar novamente surgindo e ganhando terreno aludindo à um discurso que entoa contra bodes expiatórios, inimigos da pátria, traidores e subversores da ordem e dos ditos bons costumes. Essa lógica tem nexo para essas pessoas justamente por oferecer uma resposta simples, coesa e coerente dentro do universo limitado que se propõe a analisar de forma amoral e tendenciosa, que baseia a ideia de que as verdadeiras "vítimas da globalização" são aqueles que perdem espaço no mercado de trabalho, que tem cada vez menos oportunidades de ter bem-estar material e imaterial, que veem as promessas das gerações anteriores não sendo consolidadas, tudo por culpa das pessoas diferentes que querem tomar seu lugar e que, portanto, devem ser expulsas.

Essa concepção de mundo se mostra equivocada ao se entender que ninguém é membro de apenas uma coletividade, que não existe essa suposta separação entre uma cultura pura e outra impura:

> Ninguém é membro de apenas uma coletividade. E as pessoas que são subordinadas ao longo de um eixo da divisão social talvez seja dominante ao longo de outro. Visto dessa forma, a necessidade de uma política de abordagem dupla de redistribuição e reconhecimento não surge apenas endogenamente, como era com uma única

[51] Tradução livre: The point of this politics, accordingly, is to abolish, not recognize difference. The politics of recognition, in contrast, treats differences in either of two ways. In one version, group differences are preexisting, benign cultural variations that an unjust interpretive schema has maliciously transformed into a value hierarchy. In another version, group differences do not preexist their hierarchical transvaluation but are created contemporaneously with it through a discursive framework of binary oppositions. Depending on the version in question, the politics of recognition assumes either of two aims: in the first case, it seeks to celebrate, not eliminate, group differences; in the second case, it aims to deconstruct the very terms in which such differences are currently elaborate.

> coletividade bivalente. Isso também surge exogenamente, para dizer, ao longo de coletividades.[52] (Fraser, 1996, p. 23)

Justificar o reconhecimento do "outro", para Nancy Fraser (1996, p. 37), requer identificar hierarquias de valores injustos e por isso não é possível um tipo de reconhecimento que se baseie apenas na validação de privilégios historicamente construídos e que, ao invés de identificar hierarquias de valores injustos, busca ocultá-los. Dito de outra forma, os grupos dominantes que podem ser exemplificados da seguinte forma: homens, brancos, cisgêneros, heteronormativos, culturalmente cristãos e que buscam caracterizar essa forma de ser como a única correta, como se estivessem perdendo espaço para a diversidade, ao interpretarem a realidade de forma hostil e buscar o reconhecimento e a redistribuição apenas para si, demonstram a complexidade da crise vivenciada pelo sujeito no neoliberalismo e como ela se relaciona com as outras já diversas crises existentes.

Fraser dirá ainda que:

> O Estado Social é fundamental para institucionalizar as condições de paridade de participação [...] Mas o Estado Social deveria também ser visto como tendo um papel principal na promoção de reconhecimento recíproco ao institucionalizar normas livres de viés, que expressam respeito igualitário por todos os cidadãos. De fato, o Estado Social é um nexo central entre a interpenetração da economia e da cultura [...] por isso, o Estado Social é o ponto chave da imbricação entre economia e cultura, redistribuição e reconhecimento (Fraser, 1996, p. 55, grifo nosso). [53]

A racionalidade neoliberal, ao corroer o Estado Social por dentro e se contrapor à democracia moderna em diversas formas, como já demonstrado, impossibilita que o nexo social entre a interpenetração da economia e da cultura, ou seja, entre redistribuição e reconhecimento, seja possível. Assim, as reivindicações sociais esbarram no próprio sistema em que se manifestam, onde existe o espaço para a manifestação, mas não para a ação social, onde existe a promessa de liberdade e igualdade, mas que na prática só se concretiza para alguns poucos sujeitos ao redor do mundo. Paradoxalmente, permite que manifestações violentas surjam e sustentem a ascensão de governos de extrema-direita que retiram direitos da maior parte da população ou impedem que avanços na redução da desigualdade social, na maior diversidade

[52] Tradução livre: No one is a member of only one such collectivity. And people who are subordinated along one axis of social division may well be dominant along another. Viewed in this light, the need for a two-pronged politics of redistribution and recognition does not only arise endogenously, as it were within a single bivalent collective. It also arisers exogenously, so to speak, across intersecting collectivities.

[53] Tradução: The welfare state is fundamental for institutionalizing the conditions for participatory parity.[...] But the welfare state should also be understood as having a major role to play in promoting reciprocal recognition by institutionalizing bias-free norms that express equal respect for all citizens. In fact, the welfare state is a central nexus of interpenetration of economy and culture[...] Thus, the welfare state is a key point of imbrication of economy and culture, redistribution and recognition

dentro das universidades, empresas e o surgimento de maior oportunidade para grupos minoritários possam ocorrer, só por sustentar as privatizações dos setores da economia, flexibilizar o trabalho e proteger o mercado como entidade máxima da vida humana. Trata-se de um neoliberalismo conservador.

2.5 O ADOECIMENTO DO SUJEITO COMO EXPRESSÃO DAS CRISES DA NOVA ORDEM MUNDIAL

O sujeito neoliberal é também um sujeito em crise. Essas crises se manifestam na sua concepção de mundo, na sua identidade, nos grupos sociais e reivindicações que são criadas através dessas subjetividades fragmentadas, nas hostilidades, violências e repressões ao diverso. Ao transformar as subjetividades e identidades, a sociedade contemporânea também abarca dentro de si muitas outras contradições, como os conflitos de identidade e as lutas pela hegemonia do poder, que modificam a vida humana em seus sentidos mais profundos e que são intimamente ligadas entre si. Por isso, é necessário entender parte da origem dessas crises e o modo como fazem parte do desenvolvimento do neoliberalismo para ser possível visualizar os novos dilemas sociais que se colocam a partir daí e o modo como eles se relacionam.

Christian Dunker (2022, p. 182) irá teorizar a chamada "hipótese depressiva" para explicar algumas das consequências desse processo de adoecimento do sujeito. Para o autor, essa hipótese supõe que a depressão tornou-se rapidamente uma forma de sofrimento globalizada justamente por ser egossintônico com a maneira como somos induzidos a interpretar nossos conflitos, nos termos e com o vocabulário capaz de produzir uma unidade entre nossa forma de linguagem, desejo e trabalho, isto é, por ser capaz de gerar um sentido amplo na complexidade do mundo atual e em suas demandas, e na impossibilidade de adentrar esse mundo por parte de muitos sujeitos, que são diagnosticados e se identificam como depressivos. Isso ocorre pois:

> O campo psicológico organizado pelo neoliberalismo envolve discursos que veiculam valores, técnicas, e procedimentos para o enfrentamento do sofrimento psíquico, como as narrativas morais (como testemunhos, relatos e declarações autobiográficas), experiências fílmicas, teatrais e musicais (que funcionam como paradigmas estéticos), discursos de ordem pública (políticos, disciplinares, sanitários) e de ordem privada (conversas de intimidade, diários, meditações), bem como práticas de ajuda (grupos de encontro, apoio, comunidades digitais) (Dunker *et al*, 2022, p. 225).[54]

[54] Assim também demonstra Slavoj Zizek no documentário "Guia Pervertido da Ideologia", ao debater a ideologia existente nos grandes filmes de Hollywood e na forma como eles cristalizam modos de ver a guerra, o Estado, a política, a economia, a sociedade, o amor, a família através de histórias diversas que atingem milhões de pessoas ao redor do mundo.

Daí que diversos transtornos, como a depressão, a personalidade *borderline*, o transtorno bipolar, os transtornos funcionais do sono, da alimentação, da sexualidade, e o pânico substituem as neuroses como categorias capazes de explicar o excesso de adaptabilidade de algum sujeito em relação à sociedade (trabalho, família, escola etc.) são novas narrativas de sofrimento que emergem com uma visibilidade social (das entidades, dos manuais, dos programas de televisão, das universidades, dentre outros espaços) e individualiza ao extremo a maneira de encarar o sofrimento psicológico, bem como psicologiza o fracasso no âmbito do trabalho, do afeto e do discurso enquanto um problema de moralidade individualizada. Assim, obriga o sujeito a se retroalimentar e gerenciar os efeitos de seus próprios fracassos (Dunker *et al*, 2022, p. 225) reorientando o sujeito em direção à autogestão do adoecimento mental que só pode ser superada mediante a internalização das normas estabelecidas pela racionalidade neoliberal, quais sejam, estar sempre se adaptando, se tornar um sujeito-empresa, ou empreendedor de si próprio, ter no horizonte a maximização da produção, performance e rendimento, tudo isso enquanto autogerencia o seu sofrimento e os riscos que estão em jogo.

Esse gerenciamento transforma o sofrimento expresso pela repetição, pela perda de sentido e pela perda de satisfação, bem como os sentimentos de frustração e ansiedade para que funcionem em uma lógica dual. A defesa contra a angústia - que é o principal objetivo do gerenciamento - busca preservar o eu através da negação, racionalização, projeção ou sublimação do conflito, o que quer dizer que a acomodação narcísica do Eu que é chamada de "ideologia defensiva da profissão" está sempre situada entre esses dualismos improdutivos como repetição ou criatividade, prazer ou insatisfação, desejo e contrariedade, homem ou coisa, com o qual trabalhador interpreta e narrativa o seu próprio sofrimento (Dunker *et al*, 2022, p. 247).

> [...] Dar mais serviço do que alguém pode realizar, atribuir mais controles e responsabilidades do que alguém é capaz de cumprir no horário regular de trabalho, criar metas inexequíveis para "puxar ao máximo" os esforços do trabalhador, criar políticas de competição entre departamentos e sistemas predatórios de bônus são exemplos de como o aumento de sofrimento, segundo a racionalidade da gestão e principalmente da microgestão, extrai valor de condições precárias de trabalho, o que acaba reunindo o mundo corporativo com aqueles que já têm uma relação precarizada com o labor, seja por contratos intermitentes (zero hora), seja por terceirização ou exclusão de benefícios protetivos. O apagamento do termo "trabalhador" e sua substituição por "colaborador", "empreendedor" ou "associado", por exemplo, nas empresas e organizações, são um indício da forma como o neoliberalismo oculta as relações de trabalho em seus esforços de renomeação da categoria (Dunker *et al*, 2022, p. 247).

O neoliberalismo depende da produção de sujeitos que entendam como naturais as formas de precarização social que ocorreram a partir do desmonte do Welfare State. Essa naturalização ocorre através de um longo processo de transformação das formas de vida, incluindo o trabalho, a linguagem e o desejo, como diz Nelson da Silva Junior (2022, p. 266). Esse neoliberalismo pode ser examinado, dessa forma, como uma formação discursiva: "uma concepção de governo protetor do mercado, uma concepção de ciência submetida à tecnologia e ao capital, e uma concepção de sujeito cuja liberdade depende do seu caráter *associal*" (Dunker *et al*, 2022, p. 271, grifo nosso).

Ao mesmo tempo que internaliza a inevitabilidade da desigualdade social e das misérias que existem na globalização, o sujeito neoliberal é associal e busca as soluções internamente, uma vez que está impossibilitado de ter vínculos substanciais que possam fornecer outras modalidades de ação. Liberdade é um conceito que só poderá ser atingido de forma individualizada, e o mercado é o espaço que se mostra como possível para que isso se desenvolva; a doença é a incapacidade do sujeito de ser livre, pois não está apto para usufruir dos bens que estão dispostos no mercado através do consumo; para ser curado deve transformar seus hábitos, linguagens e desejos. "*as formas de expressão e produção do sofrimento são implicadas pela transformação dos próprios sujeitos realizada pelo neoliberalismo." (*Neves *et al*, 2022, p. 131).

Em última instância, esse quadro poderia ser exposto na noção de triunfo da liberdade negativa, onde o sujeito parece ter sido reduzido à instância egóica pensada como entidade última e soberana de si, em detrimento da liberdade positiva que se caracteriza pela vontade do sujeito de poder se autorrealizar no sentido amplo do termo (Silva *et al*, 2022, p. 82). O adoecimento do sujeito segue o ritmo das crises existentes no neoliberalismo, suas formas de categorizar as dificuldades, de estabelecer objetivos, sua linguagem, costumes, desejos, relacionamentos, e seu intelecto estão todos baseados nas prioridades estabelecidas pela lógica neoliberal.

A imagem desse sujeito, fragilizado e sozinho diante dos problemas que se erguem de forma rápida e mutável, fornece uma pista para entendermos como a resolução desses mesmos problemas será buscada pelos indivíduos e coletivos, de como haverá a construção de uma nova forma de saber a partir das revoluções tecnológicas que se iniciaram no final do século XX, da transformação da gramática dos sentimentos de amor e ódio, mas também das estruturas das instituições no mundo globalizado, das relações internacionais entre os países, em suma, do modo como a crise faz parte do imaginário moderno.

Entendemos, assim como Franco *et al* (2022, p. 72), que a gênese teórica da subjetividade neoliberal tratada aqui não abarca os hibridismos que possibilitaram a inserção histórica e geográfica do neoliberalismo, sendo necessário a avaliação das mutações operadas pela concepção neoliberal de subjetividade a partir das tensões com outros modelos de subjetividade. Justificamos aqui o tratamento do neoliberalismo, principalmente no esforço de inseri-lo em um contexto histórico-social bem delimitado e defini-lo em relação ao seu caráter contraditório e instável, pois entendemos que mesmo que as culturas e o sujeito não sejam formas únicas e exclusivas, estáticas aos acontecimentos externos, ainda sofrem com o neoliberalismo como forma mais ou menos generalizada e que, apesar dos hibridismos do neoliberalismo, impõe suas principais características e demandas mais ou menos à todos os povos e países de forma forçosa e violenta, obrigando todos a seguirem uma racionalidade específica, mesmo que seja resistindo à ela.

Iniciamos o capítulo com o intuito de demonstrar, através de alguns discursos e slogans, como a década de 1980 marcou o início de uma nova ordem mundial. Nessa nova ordem estariam promessas de uma melhoria da qualidade de vida generalizada através das diversas desregulamentações e flexibilizações da vida, novos sonhos, desejos e possibilidades se abriram junto com a globalização. Posteriormente, buscamos evidenciar quais são as características do neoliberalismo, regime que conquistou a hegemonia político-econômica nessa nova ordem mundial; suas características principais residem no fato de ser uma nova racionalidade para além de um novo modelo de produção, o neoliberalismo transforma a moral e os costumes, impulsiona a crença no mercado como regulador da sociedade através de parâmetros econômicos e de uma mudança na educação e no *ethos* dos sujeitos globalizados. Um ponto essencial foi tentar demonstrar como a crença de que o Estado deixou de existir é equivocada, uma vez que foi o próprio Estado e a política que permitiram a volta do mercado como protagonista no desenvolvimento da vida humana; o Estado neoliberal se caracteriza justamente por ser um protetor do mercado, por permitir e impulsionar a busca pela performance, pelo desenvolvimento constante e pelo autogerenciamento do indivíduo nesse panorama histórico-social.

Esse movimento também é interligado à financeirização da vida, que gera crises sobrepostas pelo seu caráter essencialmente inconstante. A nova forma econômica de distribuir recursos auxiliada pelas tecnologias digitais faz com que o trabalho, o lazer, a família, a educação, a produção, o consumo, a distribuição e a troca sejam cada vez mais voláteis, transformando as subjetividades das pessoas para que essas possam funcionar na chave necessária ao neoliberalismo. O neoliberalismo e a financeirização da vida formam um sujeito

neoliberal; esse sujeito é caracterizado por ser narcísico, por ter seus desejos e impulsos baseados em uma construção de identidade que prioriza o Eu e não reconhece o nós, que se reconhece, mas não reconhece o outro. Nessa nova configuração o sujeito não se vê mais obrigado a ter sua liberdade cerceada pelas garras do Estado-nação que dita os deveres e os direitos, mas pode se lançar no infinito mundo da globalização. O enfoque se deu na construção de um sujeito que está de fato desvinculado dos laços substanciais que antes faziam parte de sua identidade, mas que essa desvinculação se deu num sentido estrito, de fortalecimento de uma lógica econômica e de participação da sociedade através do consumo. Seria inevitável, portanto, que uma sociedade em crise não formasse um sujeito em crise; são as novas formas de adoecimento, as constantes cobranças para autoaperfeiçoamento e inserção no mercado de trabalho que irão servir de parâmetro para entendermos a crise do sujeito neoliberal e o motivo dela ser interligada com a sociedade que se consolida nos últimos 40 anos.

A migração, as catástrofes naturais, as crises políticas, econômicas, culturais, sociais e ambientais, a instabilidade da vida local para lidar com os problemas globais, o desemprego, a violência, o terrorismo, dentre diversos outros pontos importantes foram abordados para tentar explicar como os conflitos de identidades surgem na modernidade tardia, onde categorias como gênero, classe e grupo social, região, religião, faixa etária, sexo, fazem parte da construção do sujeito globalizado. Diante das diversas crises e da fragmentação do sujeito, lutas pela hegemonia do poder surgem no âmago das populações, o ódio ao diverso, a construção de gramáticas racistas, xenofóbicas, sexistas, elitistas, são parte das contradições estabelecidas pela globalização neoliberal. Grupos fundamentalistas, o populismo contemporâneo, a ascensão da extrema direita, a volta de manifestações preconceituosas e a reafirmação de identidades violentas estão nesse processo e podem ser explicadas através da crescente concentração de renda e desigualdade social presente no capitalismo contemporâneo. Como bem sintetiza Lilia Schwarcz:

> Esses novos governos têm, igualmente, recorrido a uma profusão de estratégias comuns: a seleção de um passado mítico e glorioso, a criação de um anti-intelectualismo e um antijornalismo de base; um retorno à sociedade patriarcal de maneira a elevar conceitos como hierarquia e ordem; o uso da polícia do Estado ou, se necessário, de milícias para reprimir bandidos mas também desafetos políticos; uma verdadeira histeria sexual que acusa mulheres, gays, travestis e outras minorias de serem responsáveis pela degeneração moral de suas nações; um apelo à própria vitimização aos supostos algozes de outrora; o incentivo à polarização que divide a população entre “eles” e “nós”, estabelecendo que “nós” somos os realizadores e “eles” os usurpadores; o uso extensivo da propaganda política que não preza a realidade pois prefere inventá-la; a naturalização de certos grupos nacionais e a consequente ojeriza aos imigrantes, logo transformação em estrangeiros; a manipulação do Estado, de suas instituições e leis, visando perpetuar o controle da máquina e garantir um retorno nostálgico aos valores da terra, da família e das

> tradições, como se esses fossem sentimentos puros, imutáveis e resguardados. (Schwarcz, 2019, p. 226).

Todos esses problemas, de forma sucinta, podem ser visualizados nas novas formas de categorização e adoecimento do sujeito neoliberal. Esse sujeito que tem que se adaptar constantemente e que deve ser responsável pelo seu destino também adoece de novas maneiras: depressão, ansiedade, síndrome do pânico, substituem a neurose; psicólogos servem como maneira de frear os desejos narcísicos dos indivíduos para que possam voltar a ser produtivos e adaptáveis, papel que antes era delegado ao Estado como responsável pelo "cumpra-se" dos deveres do trabalho, da família e da nação.

Abordaremos, no próximo capítulo, as causalidades existentes entre essa nova ordem mundial que foi exposta, suas características e a formação desse novo sujeito, com o surgimento da doença advinda do Sars-CoV-2, popularmente conhecida como novo Coronavírus. Tentaremos traçar uma linha cronológica do surgimento da Covid-19 e o modo como o vírus se espalhou ao redor do mundo, fazendo com que fosse decretada uma pandemia global e que diversas dessas categorias tratadas anteriormente fossem exacerbadas (positiva ou negativamente).

O principal objetivo do capítulo a seguir será conseguir estabelecer o vínculo entre os diversos impasses nas resoluções de problemas entre os países e o modo como a pandemia de Covid-19 tirou o véu de várias das concepções que elegem o mercado como esfera de maior bem-estar da vida humana. Com diversos governos negacionistas, grupos de extrema-direita, mortes em massa e situações de calamidade pública ao redor do mundo, buscaremos evidenciar como a crise decorrente da Covid-19 é só mais uma crise que se soma no neoliberalismo, mas que ao mesmo tempo transforma as possibilidades de ação social e também as configurações da vida humana, estabelecendo assim um marco temporal importante na análise sociológica sobre a modernidade.

Esse percurso passará pela concepção de segurança ontológica e de confiança de Anthony Giddens (1991) e de risco de Ulrich Beck (2011), buscando exemplificar o modo como se constituíram as crenças no funcionamento das instituições da sociedade para lidar com os problemas que advém não só do próprio funcionamento social, mas também dos ambientes externos ao controle humano. A intenção primária será elencar os motivos pelos quais a confiança nessas instituições deixaram de existir e, principalmente, quais as consequências disso na relação entre indivíduo e sociedade.

Para isso será fundamental a reflexão sobre como o período de pandemia de Covid-19 auxiliou para a destruição das autoridades na família e na sociedade civil e nacional, algo que

já vinha ocorrendo pela própria lógica do neoliberalismo, mas que adquire um caráter novo a partir desse panorama histórico-social que será analisado. A destruição das autoridades, portanto, são a forma nítida de percebermos como uma sociedade que não consegue estabelecer uma segurança ontológica pode gerar novas formas de pensamento que são descolados da realidade, são a-históricos e servem para propósitos negativos, política, econômica e socialmente.

A relação entre falta de confiança nas instituições, destruição das autoridades no período pandêmico e ausência de segurança ontológica em meio à crise sanitária será mobilizada para explicar como as novas mídias digitais tiveram um papel fundamental na veiculação de notícias nesse momento, aumentando a reflexividade social. As novas mídias digitais também proporcionaram o surgimento de outra pandemia, a *infodemia*. É através da *infodemia* que procuraremos demonstrar o modo como as informações nesse contexto podem atingir milhões de pessoas, transformar a realidade, reescrever a história, se baseando em falsas concepções de mundo.

No final do próximo do capítulo, esperamos conseguir demonstrar como esse amplo contexto se relaciona com a proliferação do irracionalismo, especialmente, com o pensamento mágico, uma forma do pensamento humano que, ao buscar resoluções para todos esses novos problemas sociais, se baseia em formas discriminatórias, fantasiosas, obscurantistas, complotistas, dentre outras, para organizar as questões quando a sociedade experimenta duras crises sociais. Tentaremos definir precisamente quais as características desse pensamento e o modo como ele se relaciona com o contexto previamente desenvolvido, intuindo quais são as consequências disso na psique humana e na dificuldade de estabelecimento de normas coletivas em um contexto extremamente individualizado, anômico e inconstante.

3. A PANDEMIA DE COVID-19

> [...] Só precisamos nos perguntar uma única vez o que é que de fato poderia ter sido feito diferente se houvesse ocorrido uma contaminação do ar, da água, da fauna e dos seres humanos que alcançasse, também, segundo parâmetros oficiais, uma proporção *acentuadamente perigosa*. Nesse caso, a vida - respirar, comer, beber - seria interrompida ou restrita por uma medida oficial? O que acontece com a população de um continente inteiro que, em diferentes graus (de acordo com variáveis "fatalistas" como vento, condições atmosféricas, distância em relação ao local do acidente etc.), é irreversivelmente contaminada? Podem (grupos de) países ser mantidos em quarenta? Desencadeia-se um caos interno? Ou então, mesmo num caso desses, tudo acabaria *precisando* acontecer como aconteceu em Chernobyl? Perguntas como essa revelam o tipo de suscetibilidade objetiva na qual o diagnóstico do perigo coincide com a sensação de inelutável desamparo diante dele (Beck, 2011, p. 7-8).

No dia 11 de março de 2020, através da declaração do Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Ghebreyesus, em Genebra, a Covid-19 passou a ser um vírus pandêmico[55]. Isso se deu pela alta disseminação do vírus em diversos países e o alarmante aumento de casos, necessitando uma classificação que abrangesse e incentivasse a cooperação internacional no combate à doença. O vírus, que surgiu na China em de dezembro de 2019, já se encontrava em 114 países na época da declaração. O número de casos diários, fora da China, havia aumentado 13 vezes e a quantidade de países afetados triplicado, totalizando 118 mil casos e 4.291 mortes. Para o Diretor-geral da OMS, o fato de mais de 90% dos casos notificados se concentrarem em apenas 4 países (China, Itália, Coreia do Sul e Japão) e 81 nações não terem tido nenhum caso notificado, mostrava uma possibilidade de combate à pandemia através de alguns preceitos básicos: "Se os países detectarem, testarem, tratarem, isolarem e acompanharem os casos e mobilizarem as pessoas para a resposta, os países com poucos casos podem prevenir que esses casos se tornem focos da doença." [56]

Segundo Tedros Ghebreyesus, o desafio que se erguia diante desse cenário não era se os países conseguiriam seguir esse exemplo (das medidas sanitárias necessárias), mas se iriam ou não fazê-lo, já que "alguns estão a lidar com uma falta de capacidade, outros com uma falta de recurso e alguns com uma falta de vontade".[57] Ou seja, já era notório à época a quantidade de variáveis que determinavam a possibilidade de combate bem sucedido contra o vírus recém descoberto e agora em um patamar pandêmico, não se limitando à esfera puramente biológica, mas necessitando de mobilizações econômico-políticas e sociais.

---

[55] Informação disponível em: Johnson, Daniel. Organização Mundial da Saúde declara novo Coronavírus uma pandemia. ONU News. 11 de março de 2020. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881. Acesso em 07 de setembro de 2023.

[56] Op cit.

[57] Op cit.

Compreendido de forma isolada, a pandemia de Covid-19 está relacionada ao acaso, ao infortúnio fato de um vírus (Sars-CoV-2) parecido com um que já existia (Sars), se espalhar pelo mundo de forma mais aguda do que em 2002, acontecimento esse que estaria fora do alcance do controle humano. Visto de outra forma, historicamente contextualizada, a pandemia de Covid-19 parecia de fato estar fadada a acontecer, mas antes de significar um destino que reservava-nos a "guerra" contra um vírus letal, significava um prelúdio de algo que há muito tempo vinha sendo discutido dentro de diversas áreas da ciência moderna: o crescente risco que a modernidade assumiu como tolerável para que continuasse a manter sua estrutura de reprodução material e simbólica, sobretudo quando pensamos aqui no modo de produção capitalista e suas transformações históricas.

Foquemos, portanto, no panorama histórico-social dos últimos 40 anos que foi desenvolvido no capítulo anterior. As mudanças ocorridas no cenário global através da racionalidade neoliberal propuseram uma série de desregulamentações, desterritorializações, desestatizações, desindustrializações, dentre outros. Esse movimento não se deu através da inevitabilidade da história e nem da superioridade do capitalismo como forma mais avançada de organização social, mas através do Estado e da política remediando as crises do capitalismo às custas das conquistas da classe trabalhadora no período da democracia moderna. Direitos civis, políticos e sociais regrediram para muitas parcelas das populações globais; migrações em massa cada vez mais fizeram parte do imaginário da globalização, com um fluxo da periferia para o centro do mundo; flexibilização do trabalho através das constantes invenções tecnológicas, possibilitando o trabalho *part-time* (meio período/tempo parcial/tempo reduzido) e de contratos terceirizados ou apenas por tempo pré-determinado passaram a ser uma regra para diversos setores da economia; o aumento constante da desigualdade social e da concentração de renda; a crise econômica de 2008 que surgiu através da especulação imobiliária nos Estados Unidos da América e se espalhou para o restante do mundo; a ascensão da extrema-direita em diversos países com tradições políticas distintas; o individualismo exacerbado que forma um sujeito narcísico; a meritocracia e o sujeito-empresa que vê o mundo através das lentes econômicas em todos os aspectos; e muitos outros fatores que poderiam ser citados aqui para caracterizar esse cenário.

O que ocorreu, portanto, não foi um mero acaso do destino, mas uma doença que se espalhou rapidamente justamente pela interdependência econômica dos Estado-nação na globalização[58] e as crises sobrepostas que fazem parte, de forma estrutural, do desenvolvimento

[58] Tratamos aqui sobre a interdependência dos Estado-nação, mas não se trata somente disso, a globalização integra povos no geral, com movimentos sociais, desastres ambientais, acidentes industriais, crises econômicas,

do capitalismo financeiro, como já demonstrou Streeck (2011). Junto com as crises econômicas que provocaram a recessão em países da periferia do mundo como o Brasil, a Argentina, a Venezuela, mas também em países do centro como a Grécia, a Espanha, a Itália, a Inglaterra, surgiam crises políticas que possibilitaram a ascensão de *outsiders* (Levitsky e Ziblatt, 2018), representando uma ameaça à democracia moderna e propondo uma forma de totalitarismo interno, que mina a democracia através de suas próprias instituições e mecanismos. Além da crise econômica e política, tratamos no capítulo anterior o modo como algumas questões sociais estão em crise, com novas estruturas possíveis de família, com novas definições de gênero, com mudanças radicais no mercado de trabalho, em suma, com a maioria da classe média nos países perdendo alguns de seus privilégios históricos, e um crescente sentimento de solidão e insegurança por parte das pessoas, não só em relação aos medos naturais (desastres e doenças) mas, também, à pressão por produtividade imposta pelo capitalismo financeiro e pela atomização do indivíduo, que cada vez mais fica desprovido de vínculos substanciais com outras pessoas, o que antes significavam uma segurança física, mental, financeira, afetiva etc.

Todo esse conjunto de graves questões sociais foi afetado e também afeta a pandemia de Covid-19, que não será uma doença que surge e se desenvolve de maneira isolada, mas que irá evidenciar o declínio das autoridades (institucionalizadas ou não), a complexidade das crises que fazem parte de maneira integral da vida humana na sociedade que se desenvolveu no século XXI, e também nas disputas ideológicas de poder que vem ocorrendo na definição de identidades, subjetividades, conhecimento científico, poder político e estruturas econômicas na sociedade contemporânea.

Somente em 05 de maio de 2023 é que o Diretor-geral da OMS declarou o fim da Covid-19 como emergência de saúde. Segundo o controle da OMS, os casos acumulados em todo o mundo nessa data eram 765.222.932, com quase sete milhões de mortes. Praticamente todos os locais do globo foram afetados pela presença do vírus, altamente contagioso, que segundo Tedros Adhanom Ghebreyesus: “expôs as falhas políticas, dentro e entre as nações. Ela [a Covid-19] corroeu a confiança entre pessoas, governos e instituições, alimentada por uma torrente de desinformação".[59]

---

revoluções políticas, afetando todos de maneira irremediável, mesmo que não seja um acontecimento especificamente determinado ou controlado por um ou mais Estados-nações. Sobre esse nacionalismo metodológico que precisa ser superado ver Beck, U. La mirada cosmopolita o la guerra es la paz. Barcelona. 2005. Sobre o tema ver também o capítulo 4 “A interdependência das nações” de Octavio Ianni em “Teorias da globalização”. 2010.

[59] Informações disponíveis em: Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde declara o fim da COVID-19 como uma emergência de saúde global. Nações Unidas Brasil. 05 de maio de 2023. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-Covid-19 -como-uma-emerg%C3%AAncia-de-sa%C3%BAde Acesso em 09 de setembro de 2023.

Vale lembrar que tais são os dados oficiais coletados pela Organização Mundial da Saúde, mas que existiram, desde o início da pandemia de Covid-19, diversos casos de subnotificação que não foram contabilizados[60], o que agrava a situação se considerarmos as dificuldades dentro dos países em fazer a contagem, com impedimentos governamentais e censuras políticas, como foi o caso do Brasil[61], muitas vezes impossibilitando uma transparência no conhecimento público sobre a doença.

A confiança, como expõe o Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, é um fator determinante para entendermos as consequências desses mais de dois anos de pandemia vivenciados pela humanidade na história recente. É através da confiança que podemos entender como a modernidade foi capaz de lidar com os riscos presentes na vida dos sujeitos; como que, principalmente, as autoridades que representavam o centro dessa confiança, dando seguridade no enfrentamento dos problemas, também possibilitaram a coesão social necessária para o funcionamento democrático, pelo menos nos aspectos mais importantes da democracia representativa em um período recente da história ocidental.

Mas é através do declínio da confiança na ciência, nas autoridades, nas instituições, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas políticas públicas, no Estado e na política, no reconhecimento do outro, que é possível compreender como o período pandêmico demonstrou que as diversas crises sobrepostas do capitalismo contemporâneo fazem parte de seu funcionamento estrutural e que esse processo de descredibilização do público em relação ao privado, que cravou a racionalidade neoliberal dentro de todas as subjetividades, foi um dos principais causadores da impossibilidade de resolução dessas crises dentro da esfera de ação pelos Estado-nações, pelas autoridades e pelas instituições.

Para Anthony Giddens (1991, p. 39), a confiança é definida como uma situação na qual o indivíduo reconhece as alternativas existentes e busca calcular os riscos reconhecidos no alcance de seu objetivo final. Diferentemente da crença, onde o indivíduo não considera as

---

[60] A gravidade da subnotificação reside no fato de que [...] “uma epidemia não se compara a uma doença qualquer. No seu desenrolar, nasce uma dor específica: a abolição da morte personalizada. Durante o período da peste, compreende-se facilmente de onde vem essa dor; o medo do contágio se instala na população e o importante para todos é livrar-se do cadáver o mais depressa possível. O anonimato não elimina, porém, a necessidade do registro fidedigno da morte. Ele revela a dimensão e a intensidade do mal, ajuda a encontrar suas causas, possibilita a reconstituição de um histórico do qual sairão logicamente os meios para enfrentar a doença.” (Schwarcz; Starling, 2020, p. 72)

[61] No Brasil, devido aos negacionismos do governo de Jair Messias Bolsonaro, a imprensa se viu obrigada a criar um consórcio onde pudesse fazer a contabilidade de novos casos, mortes, internações, e outros dados relevantes e relacionados à COVID-19 no país. ver: Consórcio de imprensa que permitiu transparência sobre covid chega ao fim. UOL. 28 de janeiro de 2023. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2023/01/28/consorcio-de-imprensa-que-permitiu-transparencia-sobre-covid-chega-ao-fim.htm Acesso em 09 de setembro de 2023.

alternativas existentes e reage ao desapontamento culpando outros, a confiança determina que o indivíduo deve assumir parcialmente a responsabilidade e pode se arrepender de ter depositado a confiança em alguém ou algo. Assim, confiança se difere da crença na medida em que depende da possibilidade de frustração ser influenciada pelo próprio comportamento prévio do indivíduo. Segundo o Giddens:

> A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo visto um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico) [...] Em condições de modernidade, a confiança existe no contexto de: (a) a consciência geral de que a atividade humana - incluindo nesta expressão o impacto da tecnologia sobre o mundo material - é criada socialmente, e não dada pela natureza das coisas ou por influência divina; (b) o escopo transformativo amplamente aumentado da ação humana, levado a cabo pelo caráter dinâmico das instituições sociais modernas. [...] O risco não é apenas uma questão de ação individual. Existem "ambientes de risco" que afetam coletivamente grandes massas de indivíduos - em certas instâncias, potencialmente todos sobre a face da Terra, como no caso de risco de desastre ecológico ou guerra nuclear. Pode-se definir "segurança" como uma situação na qual um conjunto específico de perigos está neutralizado ou minimizado. A experiência de segurança baseia-se geralmente num equilíbrio de confiança e risco aceitável. Tanto em um sentido factual quanto em seu sentido experimental, a segurança pode se referir a grandes agregações ou coletividades de pessoas - até incluir a segurança global - ou de indivíduos. (Giddens, 1991, p. 41-43)

Se a confiança está baseada na consciência de situações de risco, é importante entender que, segundo Giddens, perigo e risco estão intimamente relacionados mas não são a mesma coisa, o risco pressupõe justamente o perigo, mas não necessariamente a consciência do perigo, portanto, pode-se tomar ações baseadas em um risco calculado quando se está ciente dos perigos que existem em determinadas situações, mas também pode-se agir completamente alheio aos perigos existentes e, por isso, de forma arriscada - sem um cálculo prévio das possibilidades.

A confiança na modernidade se estrutura de maneira distinta de como era na época pré-moderna. Se estabelece, na modernidade, através de compromissos com rosto (pessoais) e compromissos sem rosto (impessoais), sendo que os primeiros se referem a relações verdadeiras que são mantidas por ou em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença, já os segundos dizem respeito ao desenvolvimento de fé em fichas simbólicas ou sistemas peritos, que Giddens caracteriza como "*sistemas abstratos*" (Giddens, 1991, p. 84). Os sistemas abstratos surgem enquanto mecanismos de desencaixe para o autor, que define desencaixe como sendo um "deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas no tempo-espaço" (Giddens, 1991, p. 29). Nesse sentido, "fichas simbólicas significam meios de intercâmbio que podem ser "circulados" sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em

qualquer conjuntura particular" (Giddens, 1991, p. 30). Um exemplo seria o dinheiro, que "permite a troca de qualquer coisa por qualquer coisa, a despeito dos bens envolvidos partilharem quaisquer qualidades substantivas em comum" (Giddens, 1991, p. 30) e independentemente também de quem é o indivíduo ou grupo que está realizando a troca através do dinheiro, "possibilitando a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço" (Giddens, 1991, p. 32).

Para Giddens, os "sistemas peritos" são mecanismos que removem as relações sociais das imediações do contexto, assim como as fichas simbólicas. A diferença é que ele está baseado em "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje." (Giddens, 1991, p. 35). No limite, para Giddens, a pessoa leiga tem uma confiança em sistemas peritos que não dependem nem de uma plena iniciação nestes processos e nem no domínio do conhecimento que eles produzem, mas no sentimento de que na maioria das vezes a funcionalidade do produto, processo ou ação ocorre como planejado e anunciado por aqueles que são os peritos. Por isso, "todos os mecanismos de desencaixe, tanto as fichas simbólicas como os sistemas peritos, dependem da confiança." (Giddens, 1991, p. 34) e a confiança é uma forma de "fé" onde a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva do processo ou do conhecimento em questão.

A confiança, estruturada a partir dos sistemas abstratos na modernidade, é o que garante a sensação de segurança ontológica para o sujeito, logo, "ninguém pode optar por sair completamente dos sistemas abstratos envolvidos nas instituições modernas" (Giddens, 1991, p. 88), o que torna a confiança o único meio de se viver uma vida onde a tríade passado, presente e futuro possa ser relembrada, vivida e imaginada de forma não ansiosa e traumática. Segundo Anthony Giddens:

> A expressão se refere à crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e a na constância dos ambientes de ação social e material circundantes. [...] A segurança ontológica tem a ver com "ser" ou, nos termos da fenomenologia, "ser-no-mundo". Mas trata-se de um fenômeno emocional ao invés de cognitivo, e está enraizado no inconsciente (Giddens, 1991, p. 95).

Nesse sentido, o não desenvolvimento da confiança básica ou o não domínio de sua ambivalência inerente, resulta em uma ansiedade existencial persistente, caracterizando o pavor existencial como a antítese de confiança (Giddens, 1991, p. 103). Não confiar nos sistemas abstratos que fazem parte de praticamente todo o funcionamento das instituições na modernidade pressupõe que não se pode agir sem ter certeza de que os diversos riscos existentes

na vida contemporânea irão ser superados para que os objetivos finais dos sujeitos sejam alcançados, tornando a vida inconstante e assustadora.

A segurança ontológica, dessa forma, deve ser caracterizada como essencialmente distinta na era moderna do que foi na era pré-moderna. E isso por que "o risco e o perigo, como vivenciados em relação à segurança ontológica, tornaram-se secularizados juntamente com a maior parte dos outros aspectos da vida social." (Giddens, 1991, p. 112). As relações de parentesco, a comunidade local, as cosmologias religiosas e a tradição não garantem mais a segurança ontológica dos sujeitos modernos, que devem buscá-la nos sistemas abstratos ao mesmo tempo que lidam com a reflexividade dessa sociedade - ou seja, a constante mudança nos conhecimentos existentes para definir, categorizar ou realizar determinada ação em detrimento dos riscos que são conhecidos sobre o assunto naquele determinado momento. Como forma de síntese, utilizaremos uma tabela feita pelo próprio Anthony Giddens na contextualização dos ambientes de confiança e risco nas culturas Pré-Modernas e Modernas:

	PRÉ:MODERNAS	MODERNAS
	Contexto geral: importância excessiva na confiança localizada.	*Contexto geral*: relações de confiança em sistemas abstratos desencaixados.
Ambiente de confiança	*1. Relações de parentesco* com um dispositivo de organização para estabilizar laços sociais através do tempo-espaço 2. A *comunidade local* como um *lugar*, fornecendo um meio familiar. 3. *Cosmologias religiosas* como modos de crença e práticas rituais fornecendo uma interpretação providencial da vida humana e da natureza. 4. *Tradição* como um meio de conectar presente e futuro; orientada para o passado em tempo reversível.	1. *Relações pessoais* de amizade ou intimidade sexual como meios de estabilizar laços sociais. 2. *Sistemas abstratos* como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas do tempo-espaço. 3. Pensamento contrafatual *orientado para o futuro* como um modo de conectar passado e presente.
Ambiente de risco	1. Ameaças e perigos emanando da *natureza*, como a prevalência de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações ou outros desastres naturais. 2. A ameaça de *violência humana* por parte de exércitos pilhadores, senhores da guerra locais, bandidos ou salteadores.	1. Ameaças e perigos emanando da *reflexividade* da modernidade. 2. A ameaça de *violência humana* a partir da industrialização da guerra. 3. A ameaça de *falta de sentido pessoal* derivada da reflexividade da modernidade enquanto aplicada ao eu.

	3. Risco de uma *perda da graça religiosa* ou de influência mágica maligna.	

Quadro 1: ambientes de confiança e de risco em épocas pré-modernas e modernas

Fonte: "As consequências da Modernidade" (Giddens, 1991, p. 104)

O período de crise sanitária - mas também política, econômica, social, cultural, ambiental e moral - devido à pandemia de Covid-19 caracterizar um desses "ambientes de risco" que afetam coletividades ou todos presentes na Terra que falava Giddens. A segurança ontológica deixou de ser garantida no momento em que o equilíbrio entre confiança e risco pendeu para esse último na balança. O crescente número de infectados e mortos desde o início da pandemia, a falta de respostas sobre a origem, o desenvolvimento, as consequências do vírus e os tratamentos existentes, a incapacidade dos países em restringir a sua circulação dentro de seu território local, regional e nacional, devido à integração global e, sobretudo, a reflexividade que passou a representar a ameaça de falta de sentido pessoal, demonstram um processo no qual a confiança deixou de existir - apenas parcialmente - nos sistemas abstratos, com o questionamento das normas e diretrizes estabelecidas por órgãos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde, mas também por instituições nacionais de regulamentação interna.

Walter Benjamin em seu ensaio intitulado "As armas do futuro" irá refletir sobre a industrialização da guerra e suas transformações a partir das diversas revoluções tecnológicas, relacionando esse processo com a visão de mundo dos sujeitos que precisam lidar com essa nova forma de violência humana que estava surgindo, para ele "o aspecto problemático dessas exposições é que a fantasia humana se recusa a acompanhá-las, e justamente a monstruosidade do destino ameaçador se torna um pretexto para a inércia mental" (Benjamin, 2013, p. 71). Nos importamos aqui, portanto, com o modo como o declínio da segurança ontológica pode fazer surgir novas formas de irracionalismos, de inércia mental, baseadas no terror da realidade e na incapacidade de lidar com a falta de confiança nos sistemas abstratos e, principalmente, nos enfrentamentos dos riscos que parecem ser cada vez mais presentes em todas as esferas da vida humana. Dessa forma, não pensar no problema pode se tornar a solução; ou ainda transformar o problema em solução ou a solução em problema, no sentido de que a inversão da realidade passa a servir com propósito manipulador para construção de narrativas simplificadoras de uma realidade complexa, onde grupos que visam alcançar a hegemonia do poder apontam para bodes expiatórios, inimigos da coletividade, e constroem teorias obscurantistas e diversas outras

formas de negacionismos para justificar ações que supostamente resolveriam os problemas que estão aterrorizando as mentes e corações do "verdadeiro povo".

Em "Crônica dos desempregados alemães", Benjamin irá dizer que:

> A nova miséria permitiu vislumbrar novas perturbações no equilíbrio, novas alucinações e novas anormalidades no comportamento dos atingidos por ela. De sujeitos da política eles passaram com bastante frequência à condição de objetos patológicos dos demagogos. O "homem simples do povo" ressuscitou na forma do *Volksgenosse* [compatriota] - moldado com a substância do neurótico, do subnutrido e do desafortunado. (Benjamin, 2013, p. 160)

É a caracterização de um grupo formado pelos "desafortunados, neuróticos e subnutridos" que permite a concepção de um novo mundo imaginário, que antes de resolver os problemas gerados pela falta de segurança ontológica de uma maneira positiva, busca diferenciar, hierarquizar e excluir sujeitos, grupos e instituições que são julgados culpados pela situação. Como dito pelo autor, "uma das condições que o nazismo encontrou para o seu crescimento foi o abalo da consciência de classe a que o proletário ficou exposto com o desemprego" (Benjamin, 2013, p. 160). Longe de tentarmos traçar um paralelo com a ascensão do nazismo e o período de pandemia de Covid-19, nos preocupamos aqui com as formas de pensamento irracional, anticientíficas, anti-intelectuais, desumanizadoras, que podem surgir a partir da "nova miséria" vivenciada por grande parte da população ao redor do mundo. Essa situação gera novas anormalidades e novos comportamentos, conforme diz Walter Benjamin, transforma a realidade e pode, através dessa concepção, significar o retrocesso e a barbárie.

Abordaremos, portanto, o modo como os diversos negacionismos que se situam na opinião pública contemporânea foram possíveis de emergir e qual é a definição própria dessa categoria do pensamento, buscando vincular essa situação com a destruição das autoridades que representavam o único caminho para se combater o vírus da Covid-19, conjunto esse que caracteriza uma nova questão social específica do século XXI e só pode ser entendida mediante às novas tecnologias digitais que, através da mudança da dinâmica na informação e na comunicação global, geraram uma desordem informacional, uma *infodemia*.

3.1 A DESTRUIÇÃO DAS AUTORIDADES NA PANDEMIA DE COVID-19

Para a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz[62], o século XXI começou depois da pandemia de Covid-19, e isso porque foi esse momento que demonstrou uma característica

[62] Entrevista dada para a CNN e disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kvWDAMzBhT4 Acesso em 12 de setembro de 2023. Ver minuto 3.

muito específica de nosso tempo: as tecnologias vistas e ufanadas como forma mais alta da evolução e do progresso da sociedade ocidental, que possibilitaram uma vida material nunca antes vista pela humanidade, com um desenvolvimento econômico e político que significava o triunfo da sociedade em relação ao domínio da natureza, não foi capaz de combater um micro-organismo invisível a olho nu, que escancarou as desigualdades sociais e a concentração de renda gerada por essa mesma revolução tecnológica, que, além disso, demonstrou como as instituições da democracia moderna e as estruturas do Estado-nação são incapazes de lidar com diversos dos novos problemas contemporâneos.

Para efeito comparativo, em 1918 quando houve a pandemia de gripe espanhola, existiram muitas diferenças no modo como as recomendações médicas e sanitárias foram seguidas pelas autoridades e instituições no Brasil, desembocando inclusive na criação do ministério da saúde em 1930. Segundo Lilia Schwarcz, "em 1918 não tínhamos essa situação histórica única: junção de crise sanitária, política, econômica, ambiental e moral."[63]. Daí que, historicamente, as duas pandemias traçam paralelos distintos no modo de seus enfrentamentos, não somente pelo cenário global nas duas épocas, mas principalmente pela capacidade de organização das autoridades e instituições em relação às diretrizes que deveriam ser seguidas pela população em geral no Brasil, ou dito de outra forma, no equilíbrio existente entre confiança e risco e na segurança ontológica que hoje deixou de existir parcialmente em muitos sentidos.

Se, logo após a primeira guerra junto à gripe espanhola, deu-se um sequestro da morte[64] (Schwarcz, 2023), onde não mais se podia falar sobre a morte, essa também é uma experiência vivenciada mais de um século depois. Entre 2020, 2021 e 2022 o sequestro da morte se tornou evidente ao percebermos a incapacidade de lidarmos com as mortes durante esse processo, mas também com a dificuldade em se tratar de políticas públicas endereçadas aos órfãos da Covid-

[63] Op cit. Ver minuto 15.

[64] O historiador Philippe Ariès diz que logo depois da Primeira Guerra, e eu diria logo após a Primeira Guerra junto à gripe espanhola, deu-se um sequestro da morte. Em outras palavras, não se podia mais falar da morte. "Até então, ela era um fenômeno, uma experiência que aglutinava, uma experiência que fazia com que a comunidade sentisse aquela perda. Os mortos desfilavam em procissão, os sinos das igrejas badalavam. Depois de 1918, a morte foi ficando reclusa a um lugar em que não se vê e que se trata dela de forma muito sumária, muito rápida. E, sobretudo, algo a respeito do qual não se reflete.
Essa também é a nossa experiência diante da atual pandemia. "Impressiona-me muito como não se fala, não se comenta, não existem políticas públicas endereçadas às vítimas da covid; não apenas às pessoas que pereceram por conta do vírus, mas às pessoas que têm traumas pós-covid. Nós sabemos como a depressão virou uma doença endêmica depois da pandemia, nós sabemos que existem várias pessoas traumatizadas por conta das mortes na família; filhos culpabilizados pelas mortes dos pais, irmãos pelas mortes de outros irmãos. Mais uma vez, nós estamos sequestrando a morte, retirando-a do nosso convívio, da nossa reflexão e do nosso desenvolvimento como pessoas, como humanidade, como agentes que têm capacidade reflexiva. Enfim, infelizmente, a história não tem a capacidade de, com as experiências do passado, dar conta do presente e prever o futuro." (Schwarcz, 2023.)

19[65], aos que tiveram graves sequelas, aos que sofreram com o desemprego. A morte, fator fundamental da reflexão e da humanização do outro, passou a ser tratada como um assunto extremamente sensível naquele momento.

Para além disso, o sequestro da morte é evidenciado pela disputa política e ideológica que envolve a escrita, no presente momento, de como se desenvolveu a pandemia no Brasil, de como os diferentes agentes se portaram diante dela, do que era ou não era possível de ser feito. Quando o país registrava 40 mil mortes, em 11 de junho de 2020, ocorreu um protesto na praia de Copacabana no Rio de Janeiro, local mundialmente conhecido, pela ONG Rio de Paz, covas simbólicas com cruzes em cima foram abertas para representar as mortes que vinham acontecendo e para denunciar o descaso do governo federal com a situação, diante desse cenário um homem, apoiador do governo na época, entrou no local e passou a derrubar as cruzes, uma por uma, enquanto era aplaudido ao fundo; posteriormente um outro homem, revoltado com a manifestação, passou a reposicionar as cruzes em seus locais[66].

Essa situação exemplifica a proibição em falar-se dos mortos, em lidar com sua memória e com a gravidade da crise sanitária, o que cristaliza um receio na sociedade a partir do próprio posicionamento das autoridades; poderíamos lembrar aqui da famosa frase dita pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro que, quando questionado sobre o número de mortos e infectados pela Covid-19 no país, em abril de 2020, respondeu: “Eu não sou coveiro, tá certo?” [67]. Delegar a morte apenas para quem é afetado diretamente por ela, retirando-a do debate público e impossibilitando que a política seja responsabilizada pelos rumos da sociedade, em um momento de crise aguda, é uma caracterização que possibilita a percepção de como a destruição das autoridades ocorreu também de forma interna.

Walter Benjamin (apud Lowy, 2005, p. 54.) diz que “o cronista que narra profusamente os acontecimentos sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história”. Quer dizer que,

---

[65] Segundo o observatório da infância, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), são mais de 40 mil crianças e adolescentes que se tornaram órfãos no período da pandemia de 2020. Além disso, a fome, o desemprego, a precarização do trabalho, são outros fatores que se somam a esse para demonstrar a urgência da sociedade em se mobilizar para garantir a proteção às crianças e adolescentes no país no período pós-pandemia. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/observa-infancia-brasil-tem-mais-de-40-mil-orfaos-da-Covid-19 Acesso em 12 de setembro de 2023.

[66] O vídeo da cena descrita está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fjeLmKS6d0s. Acesso em 16 de setembro de 2023. Ver também Alves, Roni. Homens invadem ato no Rio e um deles derruba cruzes que lembram mortos pela Covid. G1. 11 de junho de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/11/grupo-ataca-manifestacao-que-lembra-mortos-pela-Covid-19 -no-rio.ghtml. Acesso em 16 de setembro de 2023.

[67] Gomes, Pedro. H. G. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por Coronavírus. G1. 20 de abril de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml. Acesso em 16 de setembro de 2023.

historicamente, nenhuma vida perdida, nenhum sofrimento, nenhum acontecimento simples pode ser esquecido, já que a compreensão do passado é uma tarefa do presente. As desigualdades econômicas que formam a maior sequela social do período pós-pandêmico precisam ser combatidas no presente, e a construção do discurso sobre esse período é fundamental para que entendamos como a tragédia ocorrida se interliga, de forma direta, à ausência das autoridades na condução normativa da sociedade do período pandêmico.

O papel do historiador, segundo Benjamin, deve ser o de garantir, mediante a interpretação esperançosa do passado, que os mortos estejam seguros diante do inimigo (Benjamin Apud Löwy, 2005, p. 65) que, para se manter em posição de privilégio na hierarquia social, utiliza a memória dos mortos de acordo com seus interesses de classe. Os mortos, para o autor, constituem a representação de todos aqueles que foram subjugados historicamente no processo da luta de classes: "a tradição dos oprimidos nos ensina que o "estado de exceção" no qual vivemos é a regra." (Benjamin Apud Löwy, 2005, p. 83). A constelação das diversas crises da globalização neoliberal nos coloca, diante dos acontecimentos, que tais fatos só foram permitidos pela construção histórica - principalmente a partir do final do século XX - e a constante desumanização imposta para a maioria da população no mundo e que, por isso:

> Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie. E, assim como ela não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida do possível, se afasta dessa transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo. (Benjamin Apud Löwy, 2005, p. 65).

Todos os documentos da cultura, todas as representações do progresso material possibilitado pelas revoluções tecnológicas e pela descentralização do poder político em função de um funcionamento social pautado em lógicas empresariais e financeiras, também são as representações dos acontecimentos trágicos ocorridos no Brasil e no mundo, das covas coletivas abertas e transmitidas pela mídia para a população, com medo e reclusa, em seus ambientes domésticos, são documentos da barbárie.

"Aqueles que abandonam Omelas", conto de Ursula Le Guin (1973), dialoga integralmente com essa perspectiva. No breve conto, a autora descreve uma cidade utópica, ausente de conflitos; lá toda realização humana é possível, a felicidade e a alegria são vivenciadas por todos de maneira absoluta, não hierarquizada, é uma sociedade sem rupturas em sua história, sem crises inesperadas. Descrito as belezas da cidade, a autora conta-nos que para que essa beleza e alegria exista é necessário que em algum lugar, em algum ponto da

cidade, exista também uma criança que vive em um porão minúsculo e sujo, ela está presa e não tem o direito de vivenciar a felicidade, passa fome, frio e está doente. Os cidadãos de Omelas têm ciência da criança, mas aprendem a naturalizar a situação, pois é só mediante à dor dessa criança que é possível a alegria de todos que estão em Omelas. Mesmo aqueles que sentem tristeza e dor ao verem a situação da criança conseguem esquecer o fato depois de um tempo, conseguem compreender que ela não poderia vivenciar a cidade mesmo que tivesse esse direito, pois já está desumanizada há muito, não sabe mais o valor da liberdade. Le Guin diz que "uma coisa que sei que não existe em Omelas é culpa" (Guin, 1973, p.6), pois a culpa só vem mediante a responsabilidade de um sujeito ao perceber seu papel, positivo ou negativo, em determinado acontecimento histórico. Não haver culpa na cidade, onde todos são inteiramente alegres, é fruto da falta de memória histórica e da desconsideração coletiva e sistemática daqueles que sofrem para que uma boa vida seja possível para alguns, mesmo que num determinado local seja para a maioria. O nome do conto, por fim, advém do curioso fato que narra a autora, das meninas e meninos que visitam a criança e nunca mais retornam para suas casas, apenas deixam essa cidade e caminham de forma solitária para outra região, distante e desconhecida. Aqueles que abandonam Omelas não conseguem lidar com a desumanização que possibilita a alegria, mas também escolhem seguir individualmente um caminho atravessado pela solidão. Escolhem não rememorar mais os fatos cruéis e as condições precárias de alguns, ou no caso do conto, de apenas um. De toda forma, a história tem em si muito da necessidade da consciência histórica e da tomada de posição sobre os esquecidos e, principalmente, sobre aqueles que mais são afetados pelo "porão da desumanização".

Como diz Walter Benjamin (Apud Löwy, 2005, p. 140) "[...] nenhum fato, por ser causa, já é, só por isso, um fato histórico. Ele se tornou tal postumamente, graças a eventos que dele podem estar separados por milhares de anos." A ausência das figuras de autoridades em determinar os rumos da pandemia e, sobretudo, a falta de coesão social em determinar como o período se estruturou historicamente, devido às "guerras de narrativas" que estão vinculadas a ideologias que disputam a hegemonia do poder, caracterizam a urgência de se estabelecer cientificamente as possibilidades que se abrem em períodos de crise e, também, em determinar os papéis dos diferentes agentes sociais e grupos sociais, através de seus posicionamentos e ações sociais, conforme o avanço histórico, mesmo que recente, acontecia.

Para citar uma manifestação concreta e real da importância da consciência dos processos históricos, um áudio vazado de um grupo em uma rede social digital de grandes empresários brasileiros revela a visão ideológica que uma parcela significativa da população tinha, no início, de como encarar o problema da pandemia de Covid-19. Segundo o empresário brasileiro

Roberto Justus, em março de 2020, reagindo à uma notícia que alertava para a previsão de que o Brasil poderia atingir um milhão (1.000.000) de mortos pela Covid-19, compartilhado neste grupo de WhatsApp privado, disse que isso era fruto da "histeria" gerada pela pandemia no país; na realidade essa era apenas uma "gripezinha leve para 90% das pessoas"[68], disse ainda que:

> [O vírus] não vai matar ninguém na favela. Vai matar velhinho e gente já doente. [...] Os pobres não são todos doentes, não. Na favela não vai acontecer porra nenhuma se entrar o vírus, muito pelo contrário [sic]. Essa molecada que está na favela... Criança, então, de 0 a 10 anos, nenhum caso. E as crianças nem pegam a doença. Então isso não é grave. Grave é o que vai acontecer com o mundo agora, uma recessão global como nunca vista na história, nem no 'crash de 29' e nem nada[69].

Em março de 2023, 3 anos após o início pandemia, o Brasil tinha chegado à marca dos 700 mil mortos[70]. Mas para citar uma janela de tempo menor, de março de 2020 até março de 2021, a pandemia provocou 305 mil mortes acima do "esperado" no país. Segundo a Agência Senado (2021), baseados em dados do Grupo Alerta, se medidas eficientes de distanciamento social e controle tivessem sido adotadas, haveria uma redução de 40% no potencial de transmissão do vírus, já com a política efetiva de controle baseada em ações não farmacológicas (uso de máscara, álcool em gel, distanciamento e isolamento, entre outros) 120 mil vidas poderiam ter sido poupadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. Menos de 14% da população brasileira fez testes de diagnóstico para a Covid-19 até novembro de 2020. Pessoas com renda maior do que quatro salários mínimos consumiram quatro vezes mais testes do que pessoas que receberam menos de meio salário mínimo. No todo, a Agência Senado (2021), baseada em dados do Estudo EPICOVID, afirma que 4 de cada 5 mortes teriam sido evitadas se o Brasil estivesse na média mundial de óbitos pela Covid-19, ou seja, 400 mil mortes não teriam ocorrido. No país, 2.345 pessoas morreram pelo Coronavírus para cada um milhão de habitantes, sendo que a média mundial é de 494 pessoas.[71]

---

[68] Áudio desumano de Roberto Justus sobre o Coronavírus choca a internet. Pragmatismo Político. 22 de março de 2022. Disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/03/audio-roberto-justus-coronavirus.html Acesso em 16 de setembro de 2023.

[69] Roberto Justus debate com Mion e diz que isolamento é necessário, mas 'vai custar caro'. Folha de São Paulo. 22 de março de 2022. Disponível em : https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/03/roberto-justus-debate-com-mion-e-diz-que-isolamento-e-necessario-mas-vai-custar-caro.shtml Acesso em 16 de setembro de 2023.

[70] Mortes e casos conhecidos de Coronavírus no Brasil e nos estados. G1. 28 de janeiro de 2023. Disponível em: https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/ Acesso em 16 de setembro de 2023.

[71] Pesquisas apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil
Compartilhe este conteúdo no Whatsapp. Agência Senado. 24 de junho de 2021. Disponível em: .https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil Acesso em 16 de setembro de 2023.

Mais simbólico e discrepante ainda é o fato de que, no Brasil, as notícias divulgadas sobre o primeiro caso de uma pessoa que testou positivo para a Covid-19 e morreu em decorrência da doença foi um porteiro, em São Paulo.[72] No estado do Rio de Janeiro a primeira pessoa que testou positivo e morreu em decorrência da doença era uma empregada doméstica que trabalhava no Leblon, bairro da elite da cidade do Rio de Janeiro, e que pegou o vírus através do contato com sua patroa que tinha retornado de uma viagem na Itália para passar o carnaval. Por não ter sido dispensada pela patroa quando a doença estava se espalhando e não ter sido informada da possibilidade de contaminação, foi internada e morreu sem saber qual era a doença que a acometia[73].

No abismo existente entre a preocupação com a estagnação da economia pela classe empresarial e os primeiros mortos da classe trabalhadora no país, com seus familiares impedidos de ir ao enterro por conta do contato recente com o vírus, perdurou a impossibilidade dos mais de 13 milhões de brasileiros que moravam nas favelas no Brasil de seguirem as regras sanitárias, que contrariando a pergunta do empresário Roberto Justus "O que é morrer de 10 a 15 por cento dos mais velhos se comparado com o estrago na economia?", já que crianças e adolescentes da favela não ficariam doentes, já que lá o vírus não faria estrago, demonstra que a crise sanitária se somava à outras: sociais, econômicas, políticas, morais e ambientais; onde os mais afetados pelas mazelas socioeconômicas foram e estão sendo a população mais pobre, vulnerável e que são a mão de obra para os serviços essenciais em nossa sociedade, na maioria das vezes através de um trabalho precarizado e sem a devida atenção do Estado brasileiro.[74]

É isso que define o "Estado suicidário" no Brasil, caracterizado por Vladimir Safatle ao utilizar o termo originalmente criado por Paul Virilio, segundo Safatle:

> Engana-se quem acredita que isto é apenas a já tradicional figura do necroestado nacional. Caminhamos para além da temática necropolítica do Estado como gestor da morte e do desaparecimento. Um Estado como o nosso não é apenas o gestor da morte. Ele é o ator contínuo de sua própria catástrofe, ele é o cultivador de sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição.

[72]Confira: https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/03/quatro-familiares-de-porteiro-morto-com-coronavirus-sao-internados.shtml Acesso em 16 de setembro de 2023.

[73] Simões, Mariana.Primeira morte do Rio por Coronavírus, doméstica não foi informada de risco de contágio pela "patroa". Agência Pública. 19 de março de 2020. Disponível em: https://apublica.org/2020/03/primeira-morte-do-rio-por-coronavirus-domestica-nao-foi-informada-de-risco-de-contagio-pela-patroa/ Acesso em 16 de setembro de 2023.

[74] Para uma compreensão das dificuldades vivenciadas pela parcela da população brasileira que mora em favelas e estava impossibilitada de seguir algumas das diretrizes sanitárias básicas ver Pires, Carol. A maior tragédia do Coronavírus pode ser nas favelas brasileiras. New York Times. 31 de março de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/pt/2020/03/31/espanol/opinion/a-maior-tragedia-do-coronavirus-pode-ser-nas-favelas-brasileiras.html acesso em 16 de setembro de 2023.

> O fim da Nova República terminará em um macabro ritual de emergência de uma nova forma de violência estatal e de rituais periódicos de destruição de corpos.[75]

Na perspectiva do autor, o "Estado suicidário", remontando a alguns ideais fascistas que se originaram no século XX, utiliza das diversas crises complexas e interligadas para propor uma vida onde a morte seja normalizada, seja invisível, seja parte do funcionamento da sociedade. A ausência da autoridade pública dificultou que as políticas públicas fossem efetivamente aplicadas de acordo com as necessidades das classes e grupos sociais, bem como, na internalização das normas requeridas para buscar uma segurança ontológica na pandemia ou ainda para estabelecer-se um autocuidado[76] e um cuidado com os outros. O que a anomia vivenciada nesse período também afetou foi a capacidade informativa da mídia, das autoridades, das instituições, de conscientizar e propor um enfrentamento sanitário, histórico, social, político e econômico da situação; as preocupações da população se constituíram em falar ou não falar da morte, em disputar os espaços que serviriam para a cura e para o cuidado, em buscar minimizar ou flexibilizar os danos, principalmente se levarmos em consideração a norma neoliberal de gerenciamento do sofrimento por parte dos indivíduos isolados. É nesse cenário que é possível um protesto em frente à um hospital, no estado do Paraná, onde buzinas eram apertadas para se manifestar contra as medidas de restrição no combate à pandemia de Covid-19, pedindo que medicamentos sem eficácia científica fossem autorizados no combate à doença.[77]

Por isso é que, para Walter Benjamin (2013, p. 21), o capitalismo deve ser visto como uma religião, o que quer dizer que o capitalismo está por essência a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações que em outro momento histórico as assim chamadas religiões quiseram oferecer uma resposta. É dentro desse sistema, onde tais contradições citadas anteriormente podem coexistir com o suposto progresso material que sempre acontecerá se a "economia não parar", que as pessoas devem buscar as resoluções de seus problemas. Para o autor:

> [...] três traços já podem ser identificados na estrutura religiosa do capitalismo. Em primeiro lugar, o capitalismo é uma religião puramente cultual, talvez até a mais extremada que já existiu [...] Ligado a essa concreção do culto está um segundo traço

[75] Safatle, Vladimir. Bem-vindo ao Estado suicidário. Disponível em: https://utopiasposcapitalistas.com/2020/03/27/bem-vindo-ao-estado-suicidario-vladimir-safatle/ acesso em 16 de setembro de 2023.

[77] Hammes, Bárbara. Manifestantes fazem buzinaço em frente a hospital no Paraná, e profissionais de saúde reagem pedindo respeito a pacientes. G1. 04 de abril de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/04/04/manifestantes-fazem-buzinaco-em-frente-a-hospital-no-parana-e-profissionais-de-saude-reagem-respeite-os-pacientes.ghtml Acesso em 16 de setembro de 2023.

> do capitalismo: a duração permanente do culto. O capitalismo é a celebração de um culto *sans trêve et sans merci* [sem trégua e sem piedade] [...] Faz parte da essência desse movimento religioso que é o capitalismo aguentar até o fim, até a culpabilização final e total de Deus, até que seja alcançado o estado de desespero universal, no qual ainda se deposita alguma *esperança* [...] O quarto traço dessa religião é que seu Deus precisa ser ocultado e só pode ser invocado no zênite de sua culpabilização. O culto é celebrado diante de uma divindade imatura; toda representação dela e toda ideia sobre ela viola o mistério da sua madureza. (Benjamin, 2013, p. 21-22).

Nesse culto celebrado diante de uma divindade imatura, onde toda representação dela e toda ideia sobre ela viola o mistério de sua madureza, o sequestro da morte (Schwarcz, 2023) tem um funcionamento bem delimitado, pois impede que determinados assuntos sejam desenvolvidos, ao mesmo tempo, evitando que a representação dessa religião que é o capitalismo seja feita, pois essa representação invariavelmente irá tocar nas crueldades que são cometidas em troca de seu funcionamento perfeito.

Segundo Benjamin (2013) as preocupações se constituem como uma doença própria da época capitalista, e se manifestam na em forma de pauperismo, vadiação, mendicância, pois trata-se de situação sem saída de cunho espiritual (não material). Essa situação tão sem saída é culpabilizadora e as "preocupações" são o indicativo dessa consciência de culpa provocada pela situação sem saída, gerando uma angústia de cunho comunitário e não de cunho individual-material.

A deterioração das autoridades em um momento de crise aguda, somado à integração da situação mundial e ao funcionamento "estável" da sociedade mediado pelas novas tecnologias que possibilitaram o ensino remoto para os estudantes, o trabalho remoto para os trabalhadores, as reuniões distantes para os gestores, dentre outros exemplos, também foram afetadas pela outra pandemia que surgiu desse momento de crise, a *infodemia*, a pandemia de informação. É através dessa outra pandemia que é possível a compreensão de alguns dos principais aspectos extremados da crise instaurada no mundo a partir de 2020: as disseminações da pós-verdade e de *fake news*, o sofrimento derivado do individualismo e do isolamento, a dificuldade em estabelecer normas sociais.

Esse processo é caracterizado pela desordem informacional vivenciada no mundo, que é estruturada a partir de diversas esferas e atores sociais, e justamente por isso devemos investigá-la, pois é aí que reside um dos fundamentos para o surgimento de uma nova forma de pensamento que não só tolera, mas incentiva uma visão de mundo que é reducionista e dualista, que aceita a censura em nome de uma liberdade ilimitada, que é contraditória por essência e que contribuiu muito para tragédia humanitária que ocorreu na pandemia de Covid-19 no Brasil. Ambas questões (a destruição das autoridades e a desordem informacional) estão interligadas,

se relacionando também com a crise de 2008 que ainda não foi solucionada e é a maior crise do capitalismo financeiro:

> No mundo todo, a sociabilidade digital nasceu junto com três fenômenos de enorme amplitude: a crise econômica iniciada em 2008 e que até agora não encontrou solução ou perspectiva; a rápida expansão das grandes plataformas digitais; e as crises de representação dos sistemas democráticos, identificadas como uma crise do conjunto das instituições políticas (Nobre, 2020, p. 35).

Segundo Marcos Nobre, o discurso político que ascendeu no Brasil nesse período é o de não governar o "sistema", que para além de ser apenas um discurso que visa ganhar a eleição, é também um dado da realidade, na medida em que os candidatos antissistema não podem recorrer a quem tem experiência de governar. Ao mesmo tempo, a rápida e acelerada expansão da internet permitiu a criação de polos aglutinadores anti-institucionais, que na mesma medida em que enfraquecem as autoridades, buscam propor um revisionismo histórico e influenciar na imagem do presente (Nobre, 2020, p. 29-34). Por isso é que:

> As atividades das instituições políticas foram enormemente dificultadas pelo necessário distanciamento social, quem pode e tem consciência da gravidade do momento está em casa, todos os esforços estão voltados para enfrentar a pandemia e seu cortejo de atrocidades (Nobre, 2020, p. 63).

Nas palavras de Laura Carvalho (2020, p. 17), "a pandemia provoca um curto-circuito macroeconômico, pois o distanciamento entre produtores e consumidores transforma-se em choque negativo tanto para a oferta quanto para a demanda. Tudo ao mesmo tempo". E isso por que, como demonstrado pela compreensão da pandemia através da conexão entre as diversas crises do neoliberalismo, as novas formas de informação e comunicação, em conjunto com a falência das instituições, faz com que as redes de proteção existentes não sejam desenhadas para proteger os indivíduos dos riscos gerados pelo sistema capitalista, como foi o caso da crise sanitária de Covid-19 que se agravou ao impulsionar e ser impulsionada por outras crises já existentes. Essas redes de proteção, na realidade, devem ser compreendidas como assistência temporária em situações de mudança socioeconômica extremas (Carvalho, 2020, p. 79). Dito de outra forma, são em momentos de crises agudas da sociedade capitalista que se tornam perceptíveis os mecanismos de auxílios que existem para combater a falência do sistema e realizar a manutenção do poder, antes de significar o auxílio humanitário e cosmopolita para os grupos sociais mais vulneráveis afetados pelos riscos gerados pelo sistema:

> não será surpresa nenhuma, portanto, se alguns de nós sairmos de casa, finda a primeira fase da pandemia, para se deparar com um mundo ainda mais desigual e com riscos até maiores para a democracia. (Carvalho, 2020 p. 120).

A falta de autoridade no comando da situação, pela própria característica em que o discurso político e os dados da realidade se fundaram na história contemporânea do Brasil e de diversos outros países - através de uma identidade antissistema e reacionária -, geram um "caos social" como diz Marcos Nobre, que define o termo como sendo "uma conjunção de falência do sistema de saúde, de crise econômica aguda e de crise política desorganizadora" (Nobre, 2020, p. 65). Maria Homem irá dizer que, na realidade, não criamos ainda um espaço subjetivo suficientemente maduro para que haja uma relação entre sujeitos e grupos que possibilite a troca, a confiança e a construção de um projeto comum, mesmo que seja em benefício de todos" (Homem, 2020, p. 58). Esse cenário que se ergue é único, pois são raras as vezes que um grande número de pessoas tem a mesma experiência ao mesmo tempo, já que o habitual é podermos esquecer da morte para seguir a vida (Homem, 2020, p. 67).

São relações causais que se estabelecem entre o período pandêmico e a destruição das autoridades, onde assuntos que deveriam estar sendo pensados através de um consenso coletivo, ou pelo menos através de instituições centrais que detivessem o conhecimento específico e fossem respeitadas pela população, estão em disputa midiática, intelectual, cultural, econômica e política. Aqui diversos dos pontos citados, tanto no capítulo anterior, quanto no presente, convergem para complexas questões sociais: as diversas crises estruturais que fazem parte integral do sistema do capitalismo financeiro desenvolvido nos últimos anos; o individualismo que originou um narcisismo contemporâneo e também adoeceu o sujeito de forma crônica e patológica; a crise sanitária que agravou a crise global complexa e exacerbou os problemas sociais; a ascensão do populismo contemporâneo e as novas formas discriminatórias; a destruição das autoridades, incluindo aí sua destruição interna que segue a mesma lógica do Estado neoliberal; e por fim as novas formas de comunicação e informação que surgiram com a revolução tecnológica no final do século XX e que, na pandemia, fizeram parte do fenômeno da desordem informacional.

A pandemia de Covid-19 se distingue de outras crises de mesmo aspecto na história por ser a primeira em que tecnologias e redes sociais podem auxiliar no compartilhamento de informação e na promoção de segurança e saúde, ao mesmo tempo que gera uma *infodemia*, uma pandemia de informação[78]. Desinformações sobre aspectos importantes da vida humana,

[78] Romenzi, Alessio. ONU pede a países para combater notícias falsas e desinformação sobre Covid-19 . ONU News. 23 de setembro de 2020. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/09/1727222 Acesso em 17 de setembro de 2023.

que promovem a morte de milhares de indivíduos indiretamente e aceleram o processo de deterioração da democracia enquanto modelo político-econômico são estruturados em diferentes níveis, por diferentes agentes e são interpretados de maneiras distintas de acordo com aqueles receptores da notícia. Por isso, interesses políticos, econômicos, culturais, ambientais, dentre outros, podem fazer parte da desinformação que circula em determinada rede social ou em determinada plataforma de notícias, ou ainda em determinado grupo ou comunidade. As intenções próprias dos agentes quando compartilham alguma notícia falsa, e também o modo como essa notícia manipula, destrói ou cria algum aspecto da realidade para sustentar uma narrativa interfere na informação como um todo, o que nos aponta para a necessidade da definição do que é a desordem informacional e de como as novas tecnologias afetaram na construção de uma visão de mundo que não tem mais confiança nas instituições democráticas, nas autoridades e, principalmente, não encontra a segurança ontológica em um mundo que seja construído através da diversidade e da complexidade das questões sociais, sobretudo quando se evidencia a maior crise sanitária desde a gripe espanhola e a maior crise econômica desde a crise de 29.

3.2 A INFODEMIA E A DESORDEM INFORMACIONAL

A socióloga Claudia Hassan, docente da Universidade de Roma Tor Vergata, ao estudar o antissemitismo na internet, contribui para compreensão do lado obscuro da internet e o modo como ele se estrutura. Segundo a autora, é a normalização, a indiferença, a trivialização, o retorno de figuras retóricas e clichês baseados em um passado latente, senão presente, que configuram o chamado antissemitismo 2.0 (Hassan, 2014, p. 17). As novas tecnologias digitais e seu relacionamento com a democracia vem sendo objeto de estudo há tempos, tanto em aspectos negativos, quanto positivos. A internet, nessa perspectiva, serve como ferramenta capaz de garantir a liberdade para indivíduos, ao mesmo tempo que pode servir como ferramenta de controle. Da mesma maneira, é uma ferramenta para a informação e também para a desinformação e para a divulgação de preconceitos e formas simplistas de pensamento (Hassan, 2014, p. 17).

Estudando os sites que divulgavam conteúdos antissemitas, Hassan dirá que “esses sites almejam atingir o máximo de pessoas possíveis com o seu antissemitismo, para transmitir informação enganosa, falsa ou manipulada através da internet.” (Hassan, 2014, p. 18). O importante a ser destacado aqui é a quantidade de pessoas que, mesmo não adeptas à movimentos ligados ao antissemitismo, ou que não compactuam com esse discurso, são

afetadas pelas informações enganosas, falsas ou manipuladas através da internet e, por isso, passam a interpretar, em alguns aspectos, a realidade de maneira equivocada. Com sites que tem um *layout* (a interface; a aparência) que passa a sensação de credibilidade, informações parcialmente falsas são vinculadas e internalizadas pelos leitores que acreditam estarem em contato com uma informação neutra, mas que na realidade é extremamente manipulada através da construção de um argumento que se inicia de forma complexa e articulada, mas acaba repetindo clichês do antissemitismo tradicional (Hassan, 2014, p. 19). Esse particular revisionismo histórico, que é posto em prática através da manipulação da informação digital, possibilita uma forma específica de encarar o fenômeno da desordem informacional:

> As afirmações sobre a base científica de suas informações têm o objetivo de descredibilizar a historiografia tradicional como sendo ideológica e politizada. No entanto, é importante entender que nós não temos em nossa frente uma simples interpretação ou manipulação da informação para propósitos ideológicos: nesses casos, a história é negada através do uso deliberado de mentiras, e essas mentiras são mais graves dado a enormidade do Holocausto e da evidência de sua realidade.
> A estratégia de comunicação e a retórica dos negacionistas almejam, de fato, destruir a percepção coletiva do Holocausto, a herança de solidariedade humana para com as vítimas: é uma forma de ação que mina profundamente o tecido democrático de nossa civilização (Hassan, 2014, p. 19)[79].

Dada a forma como a desinformação sobre o Holocausto é percebida nesses ambientes digitais, a generalização dessa nova forma de negação da história deixa perceptível que, para além de apenas objetivos ideológicos, de conquista da hegemonia do poder através da economia e da política, as manipulações da informação ocorrem para transformar a percepção coletiva sobre determinados assuntos, fazendo com que, aos poucos, a desumanização seja naturalizada, disseminando conteúdos que subjetivamente tenham um efeito devastador na formação democrática de indivíduos e da sociedade. A transformação de temas históricos importantes, e que deveriam ser tratados de forma rígida e objetiva, em meros pontos de vista, estrutura uma forma de pensamento que é guiada pela negação da história e da humanidade, fazendo com que cada vez mais discursos de ódio sejam normalizados e banalizados entre pessoas que não tinham, no início, nenhum vínculo com essas organizações ou sites extremistas.

[79] Tradução livre: Their claims about the scientific basis for their information aims to discredit traditional historiography as ideological and politicised. However, it is important to understand that we do not have in front of us a simple interpretation or manipulation of information for ideological purposes: in theses cases, history is denied through the deliberate use of lies, and these lies are all the more serious given the enormity of the Holocaust and the evidence of its reality.
The communication Strategy and rhetoric of the deniers aims in fact to destroy the collective perception of the Holocaust, the human heritage of solidarity towards the victims: a form of action that deeply undermines the democratic fabric of our civilization.

Na perspectiva de Hassan, o problema reside no fato de que diversas redes sociais - como o Twitter (agora X), o Facebook e o Youtube - sirvam como canais para a disseminação de ideias antissemitas, somando com os diversos sites que já existem para veicular essas informações. Isso tudo gerado por um importante fenômeno:

> Um espaço virtual omnipresente emergiu na sociedade e se tornou para o ser humano o principal meio de comunicação e informação, um ciberespaço onde opiniões de profissionais e de usuários do cotidiano são misturados em um vasto mar onde tudo pode ser considerado no mesmo nível (Hassan, 2014, p. 21).[80]

Intimamente relacionado com a deterioração das autoridades na sociedade capitalista contemporânea, o fenômeno da desordem informacional se caracteriza, portanto, pela possibilidade de informações de profissionais, que são os representantes dos sistemas peritos, serem vinculadas a de pessoas leigas, que utilizam as redes sociais para emitir opiniões. Essa junção, somada a descaracterização da história como científica, faz com que não se saiba ao certo em quem confiar, ou ainda, que qualquer um possa emitir uma opinião - de assuntos simples até os mais complexos, como o Holocausto - e tenham a mesma credibilidade naquele espaço digital.

A segurança ontológica que está em declínio com as diversas crises na sociedade contemporânea, somado à falta de capacidade da veiculação da informação através dos *sistemas abstratos* e da confiança em que as pessoas têm no funcionamento das instituições, nesse caso relacionado às autoridades e as formas de enxergar eventos históricos e grupos sociais, geram um cenário anárquico no qual a *infodemia* encontra caminho livre para percorrer e atingir as emoções, o intelecto e o sentimento das pessoas através de apelos simplistas que evocam o medo ou a raiva (Humprecht, Hellmueller e Lischka, 2020) e buscam propor soluções que elegem bodes expiatórios e conspirações mirabolantes (Illouz, 2020).

Se relaciona com isso, também, o enfrentamento do cenário pandêmico, que ao necessitar de um combate coletivo e com informações bem delimitadas, colocaram para as autoridades e instituições uma dificuldade em fazer valer a sua legitimidade (não só sanitária, mas também política, econômica e social) para traçar diretrizes que fossem seguidas pela maioria da população. Remédios, vacinas, distanciamento social, desemprego, mortes,

[80] Tradução livre: an all-pervasive virtual space has emerged in society and has become for man the main means of communication and information, a cyberspace where opinions of professionals and everyday users are mixed up in a vast sea where everything can be considered at the same level.

sequelas, foram todos temas que entraram em disputa através da desinformação que era veiculada em uma velocidade bem maior do que as informações científicas conseguiam atingir.

Em um estudo sobre as emoções hostis em comentários no facebook, Humprecht, Hellmueller e Lischka (2020) perceberam que o problema da desinformação está interligado com um comportamento semelhante ao de torcedores de um time esportivo, que tentam manter o status de seu time a todo custo ao invés de pensarem sobre as questões políticas visando um bem maior, comum. Esse ambiente hostil se retroalimenta, uma vez que comentários agressivos geram mais agressividade e, consequentemente, mais comentários agressivos sobre os assuntos (Humprecht; Hellmueller; Lischka, 2020, p. 1-2). De acordo com a pesquisa, os comentários agressivos estão interligados a aspectos do irracionalismo, principalmente no sentido do não reconhecimento do outro como ser de direitos pleno. Se manifestam através de opiniões antissociais que culpam ou desumanizam as vítimas de algum acontecimento, fazendo com que a impolidez, incivilidade e hostilidade estejam intimamente relacionados (Humprecht; Hellmueller; Lischka, 2020, p. 2-3). Nesse sentido:

> No nível micro, o tipo de conteúdo das notícias explicam os variados níveis de hostilidade dos comentários dos usuários [...] Cobertura de notícias de tópicos controversos, como imigração ou política pública, é frequentemente seguido por um alto números de comentários do usuário, entre eles muitas vezes aqueles que incluem emoções hostis [...] Negatividade é um importante fator da notícia, bem como da discussão [...] Ao favorecer reportagens dramáticas e que enfatizam o conflito, os meios de comunicação podem gerar uma comunicação que reflita seu tom negativo (Humprecht; Hellmueller; Lischka, 2020, p. 3).[81]

As notícias polêmicas, que geram debate, são frequentemente estimulantes da negatividade como ponto de vista primário sobre a realidade, bem como abrem espaço para que comentários hostis sobre a resolução dos problemas, e que refletem a falta de segurança ontológica do indivíduo, possam se manifestar. Essa é uma importante característica a ser apreendida do fenômeno da desordem informacional, pois é através desse movimento que se torna compreensível o aumento dos comentários agressivos com o diverso (seja em questão de identidade ou discurso) nos ambientes reais e digitais. São dois os aspectos que talvez influenciam esse processo: a orientação do mercado e a posição de uma inclinação política extremista. A orientação do mercado não diz respeito só sobre o que é ou não noticiado, mas também sobre o que é permitido ou não nos comentários sobre o assunto, o que quer dizer que

[81] Tradução livre: On a micro-level, the type of news content explains varying levels of hostile user comments [...] News coverage on controversial topics, such as immigration or public policy, is often followed by high numbers of user comments, among them often those including hostile emotions [...] Negativity is an important news factor as well as a discussion factor [...] By favoring dramatic, conflict-emphasizing news reporting, news outlets might generate follow-up communication reflecting their negative tone.

apesar de as companhias midiáticas frequentemente reclamarem das emoções negativas nos comentários dos usuários, elas os toleram, já que tais comentários atraem mais audiência e também despertam a atenção do público e ampliam o alcance das notícias (Humprecht; Hellmueller; Lischka, 2020, p. 2-3).

De forma sucinta, o fenômeno da desordem informacional é consequência da somatória entre: o efeito da polarização, a importância que se dá para mídia A ou B, dado o comportamento de torcida organizada (Ercolani, 2021), junto com o seletismo na hora de confrontar ideias prévias em notícias online. Esses três fatores geram uma retroalimentação entre notícias falsas e comentários negativos online, que caracterizam as "batalhas pelo monopólio da verdade" (Schwarcz, 2019, p. 21)[82] onde a polarização desempenha um fator fundamental, o da impossibilidade do confronto de ideias distintas de forma racional, o que leva usuários a buscarem e/ou (re)afirmarem notícias que já estão alinhadas ao seu posicionamento político e ideológico (Humprecht, Hellmueller e Lischka 2020, p. 4).

Através das análises de comentários em notícias, as autoras pontuam que as manifestações agressivas como fenômeno novo em diversos países não surgem apenas por conta das novas tecnologias digitais de comunicação, mas dependem do como as variáveis apresentadas se relacionam em cada contexto específico. Contudo, mesmo variando no

[82] Para citar um exemplo recente: um texto intitulado "After a far-right government: challenges for Brazil's Unified Health System" publicado no The Lancet no dia 22 de fevereiro de 2023, por alguns participantes da Comissão de Transição Governamental (CTG), na área da saúde, pontuando alguns dos desafios para a reconstrução do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, dado as dificuldades envolvendo desmonte do sistema no período 2018-2022, apontava para o número de mortos no país em decorrência da Covid-19 , que totalizam 10,4% de toda a mortalidade mundial envolvendo o vírus, para o conjunto discursivo da extrema-direita no país e sua influência nos negacionismos crescentes da população, além do número mais baixo de vacinações gerais na população brasileira desde o ano de 1995. Como resposta, o ex-ministro Marcelo Queiroga no dia 23 de setembro de 2023, publicou no The Lancet que o artigo continha, a exemplo da expressão extrema-direita (*far-right*) em seu título, um viés político-partidária e que buscava escrever uma narrativa para os problemas futuros que viriam com a atual gestão federal e o funcionamento do SUS, para fundamentar seu argumento disse que os leitores foram expostos a uma *fake news* e que, dentre outras coisas, o governo Lula é apoiador do aborto através do SUS, enquanto o governo de Bolsonaro fez uma gestão sanitária histórica na pandemia e que concebe a vida desde sua fecundação. Esse episódio consegue colocar elementos empíricos que sustentam nossa argumentação, na medida em que demonstra como os termos *fake news*, desinformação, Covid-19 , SUS, mortes, política, investimento, dentre tantos outros, são mobilizados por agentes políticos, que muitas vezes são autoridades do conhecimento científico, como é o caso do ex-ministro da saúde, para sustentar visões distorcidas da realidade, que maquiam dados e/ou omitem informações para, através de uma lógica interna, moralizar questões - como o aborto - e através de uma visão reacionária e puritana aumentarem a polarização em momentos críticos da sociedade, contribuindo integralmente para a desordem informacional e, com isso, com a crise sanitária vivenciada no Brasil. Para o texto original, a réplica e a tréplica ver: Massuda, A. et al. After a far-right government: challenges for Brazil's Unified Health System. The Lancet. 22 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)00352-5/fulltext. Acesso em 25 de setembro de 2023. Massuda, A. et al. Bolsonaro's Ministry of Health's response to COVID-19 and other health challenges – Authors' reply. The Lancet. 23 de setembro 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01363-6/fulltext. Acesso em 25 de setembro de 2023. Parente, R e Queiroga, M. Bolsonaro's Ministry of Health's response to COVID-19 and other health challenges. 23 de setembro de 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01364-8/fulltext#%20. Acesso em 25 de setembro de 2023.

contexto, como é o caso do discurso violento que é muito presente nos EUA, mas que na Alemanha só se manifesta em alguns tópicos específicos como a imigração, no geral as análises mostram que comentários hostis são mais frequentes nas páginas da extrema-direita no Facebook, e apontam para uma relação diretamente proporcional entre audiências polarizadas e hostilidade em discussões online (Humprecht; Hellmueller; Lischka, 2020, p. 7):

> Ao abordar atores polarizadores e enquadrá-los de uma forma ideológica, os meios de comunicação alternativos de extrema-direita provocam um grande número de comentários hostis. Além disso, os meios de comunicação do mercado de massa podem copiar esta estratégia bem sucedida por motivos de lucro e, assim, também contribuir para aumentar a hostilidade e a poluição da esfera pública das redes sociais. No geral, o nosso estudo mostra que a hostilidade nos comentários de notícias do Facebook não é apenas um fenômeno impulsionado pela tecnologia, mas é impulsionado por fatores estruturais do ambiente de informação e da organização de notícias (Humprecht; Hellmueller; Lischka, 2020,, p. 8). [83]

A desordem informacional, além de ser caracterizada pelas novas mídias digitais - que são determinantes nessa nova questão social - também precisa ser entendida através dos fatores estruturais do ambiente de informação e da organização de notícias, que se relaciona com as diversas crises sobrepostas do capitalismo financeiro, com a desorientação e desilusão do indivíduo em relação às estruturas democráticas, e com a polarização que é a impulsionadora de uma forma de pensamento simplista dentro dos diálogos e debates políticos.

A desinformação pode ser definida enquanto um termo "guarda-chuva" para informações consideradas imprecisas ou falsas, que são comprovadamente mentiras através do conhecimento específico de especialistas e/ou evidências empíricas. Ela gera interpretações erradas e desconfiança, podendo ser danosa para as democracias; ao serem expostos à desinformação, sujeitos podem ter percepções equivocadas da realidade e respostas incivilizadas, sendo que a desinformação pode ser criada por diferentes maneiras - indo de simples alterações na informação até mentiras descaradas (Hameleers *et al*, 2021, p. 2).

Desinformação é, de forma sintética, a informação falsa, imprecisa ou equivocada, que nem sempre é intencional. O termo também se refere a manipulação, descontextualização e fabricação de mentiras para atingir um objetivo prévio. É esse conjunto de fatores que gera a desordem informacional, que se caracteriza por 1) compartilhar intencionalmente informações falsas (desinformação); 2) compartilhar não intencionalmente informações falsas (informação

[83] Tradução livre: By addressing polarizing actors and issues and by framing them in an ideological way, alternative right-wing outlets provoke a large number of hostile comments. Moreover, mass-market outlets may copy this successful strategy for profit motives and thus also contribute to increasing hostility and pollution of the social media public sphere. Overall, our study shows that hostility in Facebook news comments is not solely a technology-driven phenomenon but is driven by structural factors of the information environment and the news organization (Ibidem, p. 8)

imprecisa ou equivocada) e 3) compartilhar informações falsas genuinamente para causar danos a algo ou alguém (má informação) (Hameleers *et al,* 2021, p.2; Wardle; Derakhshan, 2017; Wardle; Derakhshan, H. 2018).[84]

A questão passa a ser sempre mais complexa na medida em que a mesma informação falsa pode ser compartilhada por diferentes motivos, tornando difícil saber a intencionalidade dos agentes em cada um dos casos em que isso ocorre. Segundo Hameleers *et al* (2021, p.3), existem dois tipos de informação imprecisa ou equivocada: podem ser parcialmente falsas ou descontextualizadas, e podem ser completamente falsas ou fabricadas. Geralmente as informações imprecisas ou equivocadas são parcialmente falsas ou descontextualizadas, pois se referem a fatos objetivos, mas os colocam em lugares diferentes de seu contexto de origem, alterando o seu significado. Esse tipo de informação também pode desviar completamente dos fatos da maneira como ocorreram. Nesse sentido, desvios pequenos da informação correta, como referências conspiratórias e deixar dados relevantes de fora da informação podem levar a uma interpretação errada.

Aqui já temos a capacidade de mobilizar alguns desses aspectos para compreender como a manifestação do pensamento mágico ocorre, já que se articula com a desordem informacional na medida em que adentra o imaginário de todos e afeta mesmo aqueles que não estão intencionalmente compartilhando informações falsas, tornando as pessoas mais suscetíveis a informações falsas, ou pelo menos mais inseguras em relação em quem ou no que acreditar, principalmente quando analisamos esse fenômeno dentro de um cenário de crise sanitária, política, econômica, cultural, ambiental, moral e que aumenta o medo, a insegurança, gera raiva e ressentimento na subjetividade das pessoas. Utilizaremos uma tabela de Hameleers *et al* (2021) para sintetizar os tipos de informação impressa ou equivocada:

	Tipo de informação imprecisa Descontextualizada ou informação parcialmente falsa	Informação fabricada ou completamente falsa
Facticidade do desvio	● Permanece próximo da realidade, mas coloca os fatos fora de seus contextos, alterando seus significados ● Fatos são reinterpretados ou	● Desvia-se ainda mais da realidade ao introduz narrativas contrafactuais e histórias falsas ● Um evento é retratado

[84] Na definição das autoras, respectivamente, os termos seriam *disinformation*, *misinformation* e *mal information*. Como na tradução para o português frequentemente utilizamos o termo "desinformação" para se referir tanto à *disinformation* quanto à misinformation, optamos por caracterizar o primeiro enquanto a desinformação, que é intencional, e o segundo enquanto informação imprecisa ou equivocada, que é não intencional.

	descontextualizados	imprecisamente ao alterar seus fundamentos epistêmicos
Intenções/causas	● Não intencional (informação imprecisa ou equivocada): baseado em falta de evidência e conhecimento especializado ● Intencional (desinformação): explorar um efeito de veracidade e permanecer próximo da realidade para tornar uma mentira mais verossímil, afetando a percepção da verdade	● Não intencional (informação imprecisa ou equivocada): baseado em falta de evidência e conhecimento especializado ● Intencional (desinformação): para persuadir usuários de notícias de uma narrativa contrafactual diferente; para aumentar a dúvida; desconfiança e cinismo; para mobilizar

Quadro 2: Os diferentes tipos de informação imprecisa ou equivocada.

Fonte: Elaboração própria.

Quando a informação é parcialmente falsa, as pessoas podem se confundir e dar credibilidade a ela por conter em si elementos da realidade que propõe uma interpretação alternativa e coerente dos fatos e pela tendência (humana) em aceitar informações mais do que rejeitá-las, por isso:

> Informação que é completamente falsa e mais distante de notícias familiares deve ser menos crível do que informação parcialmente falsa que usa elementos da verdade. Existem duas razões principais para isso. Primeiro, a informação parcialmente falsa apresenta uma interpretação alternativa de fatos corretos e coerentes e, por isso, se assemelha fortemente à informação verdadeira. [...] Devido aos limites cognitivos de usuários de notícias, esse tipo de informação provavelmente será processado com base em sinais heurísticos ao invés de ser sistematicamente analisado [...] Segundo, seres humanos, por natureza, tendem a ter um efeito de veracidade. (Hameleers *et al*, 2021, p. 4). [85]

Se tratando de informação falsa, um importante fator que envolve o processo é a tendência a aceitar as informações descontextualizadas ou parcialmente falsas, que aumenta conforme elas confirmam visões de mundo pré-estabelecidas. Crenças e visões de mundo se interligam diretamente com a informação falsa e a percepção de sua veracidade, sendo que quanto mais verídica a informação falsa for percebida, mais forte será seu efeito nas atitudes em relação à questão (Hameleers *et al*, 2021, p. 4).

[85] Tradução livre: information that is completely false and further away from familiar news stories should be less believable than partially false information that uses elements of the truth. There are two main reasons for this. First, partially false information presentes a alternative interpretation of correct and coherent facts and thus strongly resembles truthful information. [...] Due to news users limited cognitive capacity, this type of information is likely to be processed based on heuristic signals instead of being systematically analyzed [...] Second, by default, humans generally tend a veracity effect.

Outro problema que decorre desse cenário é que, se os verificadores de fatos (*fact-checkers)* são a estratégia mais efetiva no combate do problema, quanto mais a ideologia do sujeito estiver alinhada com as informações falsas, mais distante se torna a crença nos verificadores de fatos que estão refutando determinada notícia. Se tratando da pandemia de Covid-19, "Informação imprecisa ou equivocada sobre COVID-19 pode ser politizada ou estar menos associada a uma agenda política" sendo que "argumentos que visam espalhar informações imprecisas ou equivocadas intencionalmente são frequentemente disseminados pelos atores radicais da extrema-direita" (Hameleers *et al*, 2021, p. 5).[86]

As autoras, realizando uma pesquisa sobre as atividades físicas e a disseminação do vírus, principalmente relacionado à diferença da visão das pessoas sobre o assunto quando envolvia a questão da imigração na Alemanha, concluem que existe uma relação íntima entre veracidade e ideologia, já que "quanto mais os participantes têm atitudes alinhadas com informações fabricadas sobre imigrantes, mais eles acham a informação imprecisa ou equivocada credível e persuasiva comparada com a informação correta factualmente." (Hameleers *et al*, 2021, p. 11).[87] Os participantes da pesquisa que foram expostos aos verificadores de fatos, que refutaram notícias que vincularam a disseminação de Covid-19 com a imigração, tiveram uma tendência maior de perceber que aquela informação era imprecisa/incrível comparado com participantes que não foram expostos a um verificador de fatos, demonstrando uma crise de credibilidade e consenso científico na percepção das pessoas sobre o que é ou não verdade empiricamente.

No geral, segundo Hameleers *et al* (2021), as pessoas tendem a perceber ambas informações, parcialmente e completamente falsas, como menos crível do que informações corretamente factuais. Além disso, concordam menos com informações falsas do que com informações corretas sobre Covid-19 no geral. Contudo, os resultados da pesquisa revelam uma diferença importante entre informação parcial e completamente falsa: as informações completamente falsas podem ser refutadas com mais facilidade através de um verificador de fatos, o que se torna mais difícil com informações parcialmente falsas, sendo que as informações parcialmente falsas são frequentemente divulgadas por atores políticos que usam desse procedimento como estratégia para reforçar suas narrativas. Concluem que, nessas

[86] Tradução livre: misinformation on COVID-19 may be either politicized or less clearly associated with a political agenda [...] arguments that intentionally misleading misinformation is frequently disseminated by radical right wing actors.

[87] Tradução livre: "the more participants' prior attitudes aligned with fabricated information on migrants, the morte they find misinformation credible, and persuasive compared to factually correct information."

circunstâncias, a correção de informações imprecisas ou equivocadas tende a falhar, justamente quando essa correção se mostra a mais necessária (Hameleers *et al*, 2021, p. 13). Além do mais, as correções realizadas pelos verificadores de fatos geralmente não conseguem alcançar o mesmo número de pessoas expostas aos conteúdos falsos originais (Sampaio, 2022, p. 135).

O motivo reside na passagem despercebida das informações parcialmente falsas pelas pessoas, por não levantarem suspeitas devido ao seu caráter descontextualizado e por muitas vezes não entrarem em categorias dos verificadores de fatos e tornarem-se mais difíceis de serem refutadas, o que caracteriza as informações descontextualizadas como a forma mais danosa e que contém em si as maiores ameaças no cenário pandêmico (Hameleers *et al*, 2021, p. 13). Baseado nessa pesquisa, atitudes a priori de pessoas sobre imigrantes tendem a ser mais suscetíveis de acreditarem que informações falsas sobre o Coronavírus são verdadeiras. Portanto, a informação falsa pode aumentar a polarização em sociedades que já estão divididas, pois fortalece crenças e pré-conceitos através de uma retroalimentação de fatos descontextualizados, parcialmente falsos ou totalmente fabricados. São essas atitudes prévias, que encontram respaldo em notícias imprecisas ou equivocadas, que são as mais difíceis de serem combatidas pelos verificadores de fatos (Hameleers *et al*, 2021, p. 14), o que caracteriza o problema enquanto uma junção da crise das autoridades na pandemia de Covid-19, a falta de segurança ontológica e o declínio da confiança nos *sistemas abstratos*, causando um pavor existencial (Giddens, 1991, p. 103). Isso fortalece a disseminação de informações falsas, gerando uma pandemia de informação (*infodemia*), que só pode ser combatida mediante o entendimento das sociedades divididas politicamente e da relação entre a desordem informacional e a ideologia.

Segundo Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017, p. 12), baseado em um estudo realizado pela BBC World Service em setembro de 2017, 79% das respostas obtidas apontaram para uma preocupação sobre o que é verdade e o que é falso na internet. Brasileiros foram os mais afetados, com 92% dos entrevistados do país afirmando alguma preocupação sobre o assunto. As autoras, na intenção de entender o fenômeno da desordem informacional, caracterizam sete tipos desinformação e informação imprecisa ou equivocada: 1) sátira ou paródia; 2) conteúdo equivocado; 3) conteúdo impostor; 4) conteúdo fabricado; 5) falsa conexão; 6) falso contexto e 7) conteúdo manipulado.[88]

[88] Respectivamente ocorrem quando: 1) não tem intenção de causar mal, mas tem potencial de enganar; 2) uso impreciso ou equivocado de uma informação para enquadrar um problema ou um indivíduo; 3) quando fontes genuínas são personificadas; 4) novo conteúdo é 100% falso, designado para prejudicar ou enganar; 5) quando manchetes, imagens ou legendas não se relacionam com o conteúdo: 6) quando conteúdo genuíno é compartilhado com falsa informação de contexto e 7) quando informação legítima ou imagem é manipulada para enganar.

Nesse estudo também são caracterizados três tipos de desordem informacional: 1) desinformação, quando informação falsa é deliberadamente criada para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país; 2) informação imprecisa ou equivocada, mas a informação não é criada com a intuição de causar prejuízo e 3) má-informação, quando a informação é baseada na realidade, mas usada para causar prejuízo à uma pessoa, organização ou país (Wardle; Derakhshan, 2017, p. 21). Já relacionado com as fases e elementos da desordem informacional, as autoras indicam três elementos: 1) agente, quem são os "agentes" que criaram, produziram e distribuíram o exemplo, e quais as suas motivações? 2) mensagem, qual o tipo da mensagem? Qual o formato que ela tem? Quais são suas características? 3) interpretador, quando a mensagem foi recebida por alguém, como ela interpretou a mensagem? Se alguma ação foi tomada pela pessoa, qual foi ela? E, por último, em relação às fases podem ser descritas da seguinte forma: 1) criação, a mensagem é criada; 2) produção, a mensagem é transformada em produto midiático e 3) distribuição, a mensagem é distribuída ou tornada pública. É fundamental notar que o fenômeno, pela sua complexidade, abarca diferentes agentes nas diferentes fases do processo, tornando essencial a interpretação de quem são, qual sua função na desordem informacional e quais são suas intenções (Wardle; Derakhshan, 2017, p. 23-24).

Quando se trata dos interpretadores, podem dar sentido a mensagem de diferentes formas: 1) hegemônica, dando sentido à mensagem da maneira como ela foi codificada; 2) negociada, aceitando aspectos da mensagem, mas não inteiramente e 3) oposta, declinando a mensagem da maneira como ela foi codificada (Wardle; Derakhshan, 2017, p. 42). O que nos demonstra como todas as mensagens que fazem parte do fenômeno da desordem informacional não afetam todas as pessoas de forma hegemônica, mas aumentam os nuances de diferentes formas de interpretar uma realidade, de gerar incertezas nas fontes de notícias, mas também de possibilitarem um combate acerca da disseminação dessas informações falsas em diversas fases e através de seus elementos.

Quadro 3: tipos de informação, seus elementos, fases e interpretadores.

	Informação	Elementos	Fases	Interpretação
Tipos	Desinformação	Agente	Criação	Hegemônica
	Informação imprecisa ou equivocada	Mensagem	Produção	Negociada
	Má-informação	Interpretador	Interpretação	Oposta

Fonte: Elaboração própria baseado em Wardle; Darakhshan (2018).

Seguindo a interpretação de Wardle e Darakhshan (2018, p. 2), utilizamos aqui o termo desordem informacional no lugar do tradicional *fake news*, por compreendermos que dentro deste último as categorias de informação imprecisa ou equivocada e desinformação se confundem e não são bem delimitadas, já que no primeiro caso a pessoa está compartilhando uma informação falsa sem saber disso, pois acredita ser legítima, e no segundo a pessoa sabe que a informação é falsa e mesmo assim a compartilha. Bem como por entender que a confusão deriva por que:

> No seu sentido alternativo e distorcido, fake news é um termo utilizado por políticos ou grupos extremistas para desqualificar veículos midiáticos, geralmente do jornalismo profissional, que fazem coberturas negativas do grupo político em questão. Essa desqualificação acontece para a promoção de meios alternativos de comunicação, geralmente digitais, direcionados a grupos partidários e militantes específicos, que não tenham filtragem ou mediação desses atores midiáticos. Esses canais paralelos costumam ser justamente aqueles que ajudam a difundir as fake news em seu sentido original (Sampaio, 2022, p. 135).

Lena Frischlich e Edda Humprecht (2021, p. 8) irão caracterizar o processo de *infodemia* pela influência das mídias digitais e da internet ao afetar a confiança das pessoas no processo de interpretação da informação. Para elas são cinco pontos que caracterizam o que é confiança: 1) a percepção dos motivos do administrador/gestor, como por exemplo quando se tem a percepção de que o governo está agindo para o bem do povo; 2) percepção da integridade; 3) percepção da habilidade para cumprir tarefas nos prazos; 4) percepção da reputação do administrador/gestor, como por exemplo quando uma mídia de qualidade tem uma reputação superior na reportagem de fatos do que mídias de tabloides e 5) confiança determinada por fatores heurísticos, como por exemplo proximidade de um conhecimento específico de título acadêmico, a aparência de um jornal de notícias ou o número de curtidas que uma postagem recebeu.

	Desinformação, informação imprecisa ou equivocada	**Percepção e confiança na informação**
Tipos	1) sátira ou paródia	1) percepção dos motivos
	2) conteúdo equivocado	2) percepção da integridade
	3) conteúdo impostor	3) percepção da habilidade

	4) conteúdo fabricado	4) percepção da reputação
	5) falsa conexão	5) percepção através de fatores heurísticos
	6) falso contexto	
	7) conteúdo manipulado.	

Quadro 4: tipos de desinformação, informação imprecisa ou equivocada e tipos de confiança em informação.

Formulação própria baseado em Wardle; Derakhshan (2018) e Frischlich; Humprecht (2021).

Nessa perspectiva, a pandemia de Covid-19 se demonstra muito importante no modo como se relaciona com a pandemia informacional, que diferentemente de outros momentos da história humana, não teve tão presente assim a descredibilização das autoridades e o abalo na confiança da população nas instituições públicas, tudo afetado pela reflexividade do conhecimento no mundo digital. Um exemplo é que, segundo uma pesquisa realizada pela Oxford Internet Institute, 39% a 78% das pessoas dos diversos países pesquisados utilizavam redes sociais para consumir notícias nas semanas anteriores da crise sanitária e muitas delas apontaram a rede social como principal meio para disseminação da desinformação durante esse momento (Frischlich; Humprecht, 2021, p. 11). Como diz Lilia Schwarcz:

> No vale tudo da internet, não há tempo para a confirmação dos fatos, documentos e fontes, tampouco para autoria intelectual, ou para a análise menos passional do que aquela feita no "calor da hora". Ao contrário, as mensagens tomam a forma de propagandas, que tencionam a formação ainda mais exacerbada de polarizações. O sucesso delas será garantido quanto mais retomarem palavras de ordem conhecidas e disseminadas como medo, ódio, insegurança, ou, melhor, quanto mais se arriscarem a introduzir teorias conspiratórias e assim gerarem esse tipo de sentimento (Schwarcz, 2019, p. 213).

É por isso que a mentalidade conspiratória pode ser entendida como uma atitude generalizada, como uma propensão que molda a resposta a diferentes objetos, pessoas ou contextos, que nesse caso é uma generalização de atitudes de desconfiança em relação ao poder e uma abertura para acreditar em mitos conspiratórios (a existência de uma ordem anterior) e

teorias da conspiração (como por exemplo uma nova ordem mundial como criadora do Coronavírus) (Frischlich; Humprecht, 2021, p. 16).[89]

O modo como a pandemia de Coronavírus se relaciona com a desordem informacional e o momento de pandemia de informação gera um outro fenômeno, a *infodemência*, que é o processo pelo qual estruturas de pensamento simplistas são estruturadas a partir do consumo de informação na maneira como ele se dá no mundo digital. Intimamente ligados, estão, portanto, a pandemia de Covid-19, a *infodemia* e a *infodemência*, fatores que juntos possibilitam o surgimento do que chamamos de pensamento mágico e que buscaremos explicar ao final desse capítulo.

3.3 A "OPULÊNCIA INFORMATIVA", A "INDIGÊNCIA COGNITIVA" E O FENÔMENO DA INFODEMÊNCIA

"Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?" (Benjamin, 1987, p.1). Essa foi a preocupação central de Walter Benjamin quando escreveu seu ensaio "Experiência e pobreza", buscando compreender como um novo fenômeno estava se estruturando no pós-guerra da Primeira Guerra Mundial. Para o autor, a horrível junção de vários estilos e concepções de mundo desordenadas e confusas que ocorreu ao longo do século XIX demonstrou até onde esses valores culturais podem conduzir a sociedade, em uma guerra devastadora e sem sentido, que pode ocorrer justamente em um momento onde a experiência é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, tornando honroso o ato de confessar a própria pobreza, já que não é mais privada, mas de toda a humanidade e dá origem uma nova barbárie.

Essa nova barbárie obriga que o sujeito sempre esteja indo adiante, sempre começando de novo, contentando-se com pouco, construindo com pouco, sem olhar para a direita e nem para a esquerda; as mentes que assim pensam se caracterizam, segundo Benjamin, por uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século (Benjamin, 1987, p. 2). Para compreender a pobreza de experiência:

> [...] não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam

[89] Tradução livre: Conspiracy mentality can be understood as generalized attitude, i.e., a propensity that shapes the response to different objects, persons, or contexts, in this case a generally distrustful attitude towards power and an openness to believing in conspiracy myths89 (e.g., the existence of a 'new world order') and conspiracy stories (such as the new world order having created the coronavirus)

> ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles "devoraram" tudo, a "cultura" e os "homens", e ficaram saciados e exaustos. "Vocês estão todos tão cansados — e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso." Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças (Benjamin, 1987, p.3)

O resultado é que "ficamos pobres", pois abandonamos uma e depois as outras peças do patrimônio humano, e todas elas ao final do trajeto. Para receber a moeda miúda do "atual", precisamos empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor, já que a crise econômica está diante da porta e atrás dela está uma sombra, a próxima guerra (Benjamin, 1987, p. 3). É a concepção, portanto, da pobreza de experiência que se ergue a partir de um enquadramento em um mundo que necessita da pobreza, do espírito humano e das relações sociais, que através do medo constante devido às crises se rende ao presentismo, da vivência contínua de um mundo que se reinventa e que não almeja o futuro e não pensa no passado.

A demência é uma diminuição, lenta e progressiva, da função mental, que afeta a memória, o pensamento, o juízo e a capacidade para aprender.[90] Enquanto categoria médica tem suas especificidades, mas se pensada em um contexto de experiência e pobreza adquire um novo significado. Se o século XIX demonstrou, para Walter Benjamin, a capacidade de valores culturais conduzirem a sociedade para uma nova barbárie, o século XX, não somente com as duas Guerras Mundiais, com a pandemia da "bailarina da morte" (Schwarcz e Starling H, 2020), com o Holocausto, o nazismo e o fascismo, a guerra fria, as ditaduras na América Latina, mas também com o surgimento do neoliberalismo, as constantes crises sobrepostas, a atomização do sujeito e as diversas desregulamentações e perdas de vínculos substanciais na vida humana, podem demonstrar como a demência a partir da veiculação de informações que fortalecem a transmissão de experiências pobres é um fenômeno contemporâneo, no século XXI, que interliga a perca do patrimônio cultural através das novas tecnologias.

A *infodemência*, uma diminuição, lenta e progressiva, da função mental, que afeta a memória histórica, o pensamento crítico e racional, o juízo baseado em informações verdadeiras e a capacidade para apreender através de experiências que são passadas de geração para geração, causada pelos fenômenos da desordem informacional e da *infodemia* tratados no tópico anterior, é uma característica central da sociedade atual, que fortalece a destruição das autoridades e

[90] Ver a definição de demência no Manual MSD disponível em: https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-cerebrais,-da-medula-espinal-e-dos-nervos/delirium-e-dem%C3%AAncia/dem%C3%AAncia. Acesso em 01 de outubro de 2023.

também o avanço da "vanguarda obscurantista",[91] que avança na mesma medida em que a memória histórica diminui.

É através da "opulência informativa" e da "indigência cognitiva" (Ercolani, 2019) que se desenvolve o que estamos caracterizando enquanto *infodemência*. São aspectos centrais pois é a "opulência informativa" que explica a dificuldade de se situar diante de um mundo digital com informações virtualizadas e instantâneas, que geram novas tendências constantes através dos *trending topics* e semelhantes, que, como numa enxurrada, passa destruindo tudo que está em seu caminho e não permite sua propagação. Já a "indigência cognitiva" se relaciona diretamente com a "opulência informativa": não é a quantidade de informações que garante uma interpretação complexa da realidade, mas a qualidade da reflexão que é gerada. Nesse caso, a indigência, que caracteriza o estado de penúria e miséria mais profundo que pode existir na vida humana, se aplica na mentalidade de um sujeito que não consegue pensar autonomamente e de forma complexa, correlacionando variáveis e, principalmente, tendo o humanismo como valor que guia sua existência. Esses dois fatores se relacionam na medida em que, como demonstrado anteriormente, é a incerteza sobre as fontes informativas, a destruição das autoridades e um momento de diversas crises agudas, que proporciona a proliferação da desordem informacional, que adentra o imaginário dos sujeitos, gerando um efeito contrário - mesmo que não proporcional - onde o espaço de informações de livre circulação fortalece a decadência da cognição humana na interpretação da realidade. Um espaço onde os sonhos durante a noite compensam as experiências que não foram possíveis de serem experimentadas durante o dia (Benjamin, 1987). É, também, nesse ambiente que:

> O "tempo de antes" transforma-se, facilmente, naquele da intimidade protetora de um grupo social fechado e estritamente hierarquizado; um léxico familiar de afetos, que une a figura do pai governante aos irmãos, filhos e amigos, numa comunidade de justos autoeleitos. Em suma, esse tipo de narrativa histórica representa a projeção simbólica de uma espécie de civilização, uma certa ordem, uma determinada harmonia social, capaz de assegurar a continuidade desse mundo que, na verdade, jamais existiu (Schwarcz, 2019, p. 226).

É através da *infodemência* que formas autoritárias podem existir contemporaneamente e serem reconstruídas permanentemente na subjetividade dos sujeitos, elegendo cenários que orientam de forma arbitrária os elementos presentes na realidade para que façam sentido com a visão de mundo pré-estabelecida por esse grupo que busca a ordem, mesmo que ela seja excludente, violenta e discriminatória.

[91] Ver a charge de Laerte disponível em: https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2023/09/30/laerte.shtml. Acesso em 01 de outubro de 2023.

A internet, que não é homogênea, mas tem diversas formas, tanto em sua origem quanto em seu desenvolvimento, esteve no início, em parte, vinculada com posturas cientificistas e a centros de produção e disseminação do conhecimento. Mas hoje não se contenta em mediar, já que também produz formas e possibilidades de vida que estão muito além da mera troca de informações (Parreiras, 2022, p. 172). São três pontos que caracterizam o desenvolvimento da internet nos últimos trinta anos:

> O primeiro ponto diz respeito ao caráter cotidiano da internet, hoje, é possível dizer que o acesso à internet é algo que faz parte do nível mais comum e ordinário da vida de milhões de pessoas. [...] Diretamente associada a esse primeiro ponto, a internet pode ser caracterizada como um meio/artefato altamente desigual [...] Ela se tornou cada vez mais um lugar das desigualdades, algumas delas que espelham desigualdades sociais mais amplas e outras que se traduzem em formas específicas de desigualdades digitais. Assim, marcadores sociais da diferença, como raça, classe social, gênero, sexualidade e idade, por exemplo, são fundamentais para compreender as experiências contemporâneas possibilitadas pela internet [...] A terceira característica se refere à capacidade de gerar escala. A partir de sua configuração algorítmica, a internet funciona como um artefato que garante a reverberação e espalhamento rápido de todo tipo de informação. Com o advento da chamada *social media*, cujo maior representante são as redes sociais, essa capacidade de amplificação atinge outros patamares, por meio da combinação de moderação de conteúdo insuficiente; processo de plataformização em que todas as operações e atividades são concentradas dentro de uma mesma plataforma; e programação algorítmica, que a partir de modelos computacionais, direciona conteúdos, delimita o alcance e os tipos de informação acessíveis a cada pessoa, funcionando como verdadeiros filtros (Parreiras, 2022, p. 172-173).

Como espaço em que amplas possibilidades de ação se abrem para uma grande quantidade de indivíduos, grupos sociais, organizações e países, a internet possibilita, na maneira como funciona atualmente, que seja desenvolvido um ambiente anárquico onde diversas formas de discriminação, ódio, medo, possam se manifestar e atingir cada vez mais pessoas, já que não há um controle objetivo, e, somando-se à crise das autoridades, impulsiona a desordem informacional ao mesmo tempo que fortalece uma "indigência cognitiva" dos sujeitos. Como diz Walter Benjamin (2013, p. 124) em seu ensaio "Três livros": "O desaparecimento da intelectualidade livre é condicionado, se não exclusivamente, ao menos decisivamente pela economia" e, no caso da atualidade, a economia está determinada também pelas *Big Techs*, o modo como elas permitem a veiculação da informação, as mudanças na opinião pública a partir das novas formas de vida produzidas na internet e, principalmente, as consequências que isso gera na mentalidade do ser humano.

A solução do problema está, portanto, não somente restrita à forma como se dá a circulação das informações, mas na necessidade de melhorar a literacia midiática das pessoas, através de um consumo de mais e melhores fontes de informação que possa aumentar a

capacidade dos sujeitos de distinguirem boas fontes de informação e notícias falsas (Sampaio, 2022, p. 136), bem como no combate à proliferação dos extremismos e negacionismos enquanto pontos de vista legítimos e que podem ser mobilizados livremente nas argumentações dos sujeitos. O problema se complexifica na medida em que:

> Com o advento da internet, tem se multiplicado a produção e disseminação de conteúdos midiáticos que contribuem para a emergência e difusão de pânicos morais. Dessa forma, vários grupos e organizações têm sido capazes de agir como "empreendedores da moral", canalizando as ansiedades sociais para certos episódios do cotidiano, convertendo-os em potenciais pânicos. (Costa, 2022, p. 240).

Esses pânicos, devido à racionalidade neoliberal e à autoculpabilização (Dunker *et al*, 2022), tendem a operar no sentido de individualizar responsabilidades pelos problemas sociais, ainda com lideranças populistas utilizando de pânicos morais para mobilizar diversos setores do eleitorado, canalizando suas frustrações e descontentamentos em direção à certos grupos sociais (Costa, 2022, p. 240). Os pânicos morais são, portanto, um dos diversos exemplos que se proliferam na sociedade contemporânea a partir da *infodemência* que afeta, cada vez mais, não só a interpretação dos sujeitos acerca das informações consumidas diariamente, mas a sua visão de mundo e a sua relação consigo e com o outro.

Em um espaço como esse, de pânicos morais que se utilizam de acontecimentos cotidianos para difundir um assunto publicamente, ao mesmo tempo que se tem uma grande quantidade de informações (disputando a hegemonia desse espaço através do discurso, inclusive) e uma deficiência na interpretação crítica e reflexiva delas, torna-se possível o anti-intelectualismo como uma corrente de pensamento que molda opiniões de forma significativa e, em diversos casos, determinante. Segundo José Szwako:

> O anti-intelectualismo pode ser entendido como uma atitude de aversão ou um sentimento de hostilidade à comunidade universitária e ao estilo intelectual de vida nutrido em espaços de formação acadêmica e cultural. Isso significa, por um lado, oposição continuada e sustentada a alguns dos traços mais característicos do *ethos* acadêmico [...] Por outro lado, e de modo mais concreto, significa a contraposição a encarnações mais evidentes e palpáveis da comunidade científica, ou a partes dela, como instituições acadêmicas, associações ou autoridades científicas [...] compartilha com as teorias conspiracionistas e com os diversos negacionismos um parentesco de primeiro grau (Szwako, 2022, p. 39).

As lógicas que permeiam o sentimento hostil em relação aos intelectuais e ao pensamento reflexivo - a lógica do irracionalismo, do instrumentalismo e do populismo, que se pretende "antielitista" - são adequadas para discernir dinâmicas anti-intelectuais na perspectiva histórica, que no caso do Brasil pode ser situado, além do próprio momento atual, no conjunto

das forças que marcaram a ditadura militar de 1964-1985 (Szwako, 2022, p. 40), demostrando que, no caso brasileiro, assim como em outros lugares do mundo, o lado obscuro da internet (Hassan, 2014) tem relação com nosso passado autoritário e suas diversas formas de manifestação ao longo da história social, política, econômica, sanitária, ambiental e cultural do país (Schwarcz, 2019), o que, no limite, situa a *infodemência* como um grave empecilho para o desenvolvimento democrático.

Somado à isso, a crise agravada pela Covid-19 acirrou ainda mais o anti-intelectualismo do governo Bolsonaro e de suas bases de apoio, o que explica o fato de que, ao lado de universidades e escolas, centros de pesquisa como o Instituto Butantan e a Fiocruz, se tornaram alvos da inverdades e ofensas dirigidas contra as ciências e autoridades científicas (Szwako, 2022, p. 41), bem como assuntos que se tornaram mais difíceis de serem discutidos e disseminados na opinião pública devido à resistência de grupos negacionistas que tem pautas contrárias ao pensamento científico.

Contudo, como diz Cibele Barbosa, nem todo negacionismo implica anti-intelectualismo, já que nesse caso os negacionistas apropriam-se de alguns recursos próprios da pesquisa histórica para supostamente se validarem sob a rubrica de revisionistas (Barbosa, 2022, p. 307). Tratamos aqui, anteriormente, da gravidade do revisionismo presente na internet para legitimação de formas de desumanização e que auxiliam para “experiências pobres”, o que se agrava com o fato de que:

> Nos tempos atuais, em governos de cunho autoritário ou naqueles imersos em uma democracia híbrida, onde liberdade democrática e conservadorismo nos costumes se imiscuem, as táticas de abusos à História - aqui concebida não como história oficial, mas como um espaço de produção coletiva e referendada de conhecimento - são conduzidas a partir do apagamento ou da morte simbólica (Barbosa, 2022, p. 307).

Desse modo, um espiral de dúvidas sem solução e sem lastro ou compromisso com a busca pela verdade é criado através da desqualificação do conhecimento histórico, prejudicando o direito das sociedades de conhecer e acessar o passado de modo seguro (com acervos e patrimônios), confiável (com metodologias e critérios éticos) e plausível (com argumentos referendados pelos pares) (Barbosa, 2022, p. 308). O anti-intelectualismo, os negacionismos, o revisionismo histórico, que são algumas das características do pensamento mágico, se tornam evidentes na medida em que percebemos que a *infodemência* é o ponto onde essas novas estruturas de pensamento, que estão relacionadas com as transformações políticas, econômicas, morais e sociais no mundo, convergem.

Através de uma dinâmica que se retroalimenta, assim como faz o capitalismo autoreferenciado (Azzarà, 2020, p. 16), as formas hostis, maniqueístas e simplistas de lidar com o mundo podem circular através do fenômeno da *infodemia* e transformar as concepções através da *infodemência*, legitimando desigualdades históricas e gerando crises piores do que as já existentes. Optamos pela utilização desses dois neologismos envolvendo 1) a informação e a pandemia e 2) a informação e a demência, pois compreendemos que são dois fenômenos que, além de se relacionarem entre si, auxiliam na explicação de uma situação inédita na humanidade, que não reside na desorientação que surge de um momento de crise sanitária, mas na sua junção com um novo modo de formar a opinião pública e de circular as informações. Um bom exemplo dessa diferença pode ser encontrado na análise de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling sobre a gripe espanhola no Brasil:

> Os profissionais de saúde estavam perplexos e atarantados e a população sentia-se anormalmente insegura. O cotidiano fora reduzido a medo e confusão, e, quando a espanhola levou o pânico para dentro das casas, as pessoas perceberam-se vulneráveis e se dispuseram a experimentar todo tipo de chá e remédio caseiro, mezinha ou beberagem. Tinha de existir uma maneira de deter a doença e ver a vida voltar ao normal. Receitas medicamentosas conhecidas ou imaginadas encheram os periódicos: infusão de tília, tintura de angélica ou eucalipto, xarope de alcaçuz ou tolu, chá de flores de laranja, chá de enxofre com casca de limão e tintura de bariônica, chá de sabugueiro, água laxativa vienense, magnésia fluida, benzoato de sódio. (Schwarcz e Starling, 2020, p. 85)

Presenciamos, em 2020, a escalada de remédios milagrosos que pretendiam combater a Covid-19 de forma mais rápida e eficaz do que as recomendações médico-científicas oficiais. A importância do fenômeno contemporâneo reside no modo como esses meios alternativos ganharam força para contornar as recomendações de órgãos e instituições oficiais, bem como propor uma outra visão à das autoridades científicas e políticas, através da internet e das redes sociais digitais. José Szwako (2023) demonstrou, com efetividade, como o anti-intelectualismo faz par com uma outra forma de descredibilização de métodos tradicionais de conhecimento e reflexão crítica, os negacionismos. Os negacionismos podem ser definidos como uma ação que coloca em sua mira os consensos científicos e as autoridades e instituições que produzem tais consensos, mas, para tal, se traveste de ciência, gerando uma versão de ciência que é (ultra)cientificista ao mesmo tempo que não visa a transformação e ampliação de consensos científicos em seu horizonte e nem quer disputar consensos por meio de rotinas e retóricas institucionalizadas. Sua dimensão fundamental reside na ideologia dos atores e em seus objetivos, se preocupa apenas com a roupagem científica, não com seus métodos e normas.

Os negacionismos, seguindo essa definição, fazem parte do arcabouço teórico mobilizado pelos sujeitos - expostos à *infodemia* e à *infodemência* - que encontram sentido e respostas para os problemas atuais de grande complexidade e, por isso, passam a aderir algumas premissas ditadas pelos grupos reacionários que formulam e divulgam tais informações. O problema se agrava na medida em que a os mecanismos ideológicos dos quais estamos tratando aqui não somente se debruçam sobre um ou outro aspecto isoladamente, como por exemplo remédios milagrosos para curar uma doença nova, altamente contagiante e que implica dor física e mental aos sujeitos, mas também legitimam e/ou impulsiona desigualdades estruturais já presentes na sociedade, como é o caso da desigualdade social que é naturalizada através de mecanismos muitos semelhantes à estratégias reacionárias e conservadoras contra a mudança social (Bahia, 2023) ou da concepção de um racismo reverso, que é mais um desdobramento da negação da história (Jesus, 2023).

"Fingir que uma epidemia não existe significa empurrar a economia à custa da população em risco" (Schwarcz; Starling, 2020, p. 95), e por isso é tão urgente o combate aos negacionismos que, no limite, junto com o conspiracionismo, formam um par que servem ao populismo reacionário, tensionando a democracia liberal, negando as instituições vigentes e servindo como parte estruturante do pensamento reacionário. Esse negacionismo estrutural propõe uma guerra aberta, destrói a busca racional pelo consenso coletivo e recusa toda explicação que não seja útil ao seu projeto de dominação (Lynch; Cassimiro, 2023).

Como diz Christian Dunker, a maneira de transformar a crise da ética em uma ética da crise é através do reconhecimento da possibilidade de ação que existe dentro do reconhecimento da diferença, da vulnerabilidade e da necessidade de uma coletividade, de que, em suma, não somos super heróis e por isso necessitamos do esforço coletivo para superação de problemas amplos e generalizados. Anti-intelectualismo, negacionismos, conspiracionismo, anticientificismo, revisionismo histórico, são alguns conceitos e categorias que buscamos mobilizar para especificar uma nova maneira de pensar, que é originária do século XXI justamente pelo modo, intensidade e impacto que tem na realidade, principalmente quando analisada à luz das novas formas de comunicação e dos problemas sociais que daí podem ser verificados.

Nesse sentido, a "opulência informativa" e a "indigência cognitiva" (Ercolani, 2019), formam o que caracterizamos como sendo uma *infodemência*, que é a incapacidade do raciocínio lógico, complexo, que mobiliza fatores históricos para compreensão da sociedade e consegue ter juízo sobre a realidade através de uma aprendizagem contínuo. Constatamos, de fato, que é uma diminuição lenta e progressiva dessas capacidades através da influência

exercida não somente pela *infodemia*, mas pelas diversas formas de negacionismos que se proliferam através da desordem informacional, não se restringindo apenas à uma influência passiva na mentalidade das pessoas, mas fazendo parte de seu arcabouço teórico-mental e estimulando a intervenção empírica, através de manifestações políticas violentas, através da produção de informações falsas, através de manifestações sociais discriminatórias, através de, enfim, manifestações que alteram a realidade.

Essas categorias e conceitos, juntamente com alguns outros, formam o que buscamos caracterizar aqui enquanto pensamento mágico, que para além de ser apenas uma forma de visualizar o mundo, as relações sociais, as questões e problemas sociais, a cultura, econômica, política, moral, meio ambiente, é uma forma de ser e se situar no mundo, que através dessas formas simplistas e descoladas da realidade, estruturam, no limite, novas formas de ser ser humano, que podem levar ao retrocesso e à uma nova barbárie, como diz Walter Benjamin (1987).

3.4 O PENSAMENTO MÁGICO

Segundo Zygmunt Bauman (2001, p. 250), uma característica indispensável da paisagem da modernidade líquida está presente no que ele chama de sociedades "*Cloakroom*" ou "de carnaval". São comunidades explosivas, onde indivíduos de jure (por direito) tentam, sem efeito, se tornarem indivíduos de facto (de fato/concretamente) e, por serem essencialmente solitários, impedem que comunidades "genuínas", compressíveis e duradouras, se formem. Essas sociedades "de carnaval" imitam e prometem replicar ou fazer surgir do nada, elas espalham a energia dos impulsos de sociabilidade em vez de condensá-las, contribuindo para a perpetuação da solidão dos indivíduos que buscam desesperadamente redenção nas raras e intermitentes realizações coletivas orquestradas e harmoniosas.

São, em outros termos, comunidades que vestem máscaras e extrapolam questões presentes e adormecidas em determinados espaços sociais - o medo, a ansiedade, a violência, são explorados na mídia, no consumo, na propaganda, como uma possível forma de engajamento que rapidamente irá perder seu espaço e deixar de ser discutida. Não há proposição para resolução dos problemas verificados, apenas o fortalecimento do ressentimento dado às situações extremas de dor e incerteza vivenciadas por indivíduos e coletividades, proporcionando que uma nova forma de olhar para o mundo e para os problemas sociais se cristalize. Nesse sentido:

> Os problemas podem ser semelhantes (e os cada vez mais populares programas de entrevistas insistem em demonstrar sua semelhança, enquanto martelam a mensagem de que sua semelhança mais importante consiste em que são enfrentados por conta própria pelos que os sofrem), mas não formam uma "totalidade que é maior que a soma de suas partes"; não adquirem qualquer qualidade nova, nem se tornam mais fáceis de manejar por serem enfrentados, confrontados e trabalhados em conjunto (Bauman, 2001, p. 49).

Com o declínio das autoridades, a anomia - enquanto uma ausência ou mera falta de nitidez das normas - se torna o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida, já que as normas capacitam tanto quanto incapacitam, e por isso a anomia anuncia a pura e simples incapacitação. A falta de regulamentação normativa que ocorreu com o processo do neoliberalismo junto com a responsabilização do indivíduo por seus sucessos e fracassos faz com que, segundo Bauman, a "busca compulsiva da certeza" se instale e gere a busca desesperada por "soluções" capazes de "eliminar a consciência da dúvida", onde o que quer que prometa "assumir a responsabilidade pela certeza" seja bem vindo (Bauman, 2001, p. 31).

Por isso, não há como o indivíduo de jure (por direito) se tornar indivíduo de facto (de fato/concretamente) sem antes tornar-se cidadão. Uma sociedade que não é autônoma não pode proporcionar o surgimento de indivíduos autônomos, e não há como a autonomia da sociedade existir sem a autoconstituição deliberada e perpétua - algo que necessita de uma realização compartilhada de seus membros (Bauman, 2001, p. 55). Esse processo se relaciona com a nova agenda que surge do hiato existente entre individualidade de jure e de facto, ou entre a "liberdade negativa", legalmente imposta e a "liberdade positiva" que é ausente ou ainda longe de universalmente disponível, ou seja, a genuína potência da autoafirmação (Bauman, 2001, p. 65).

O processo que deflagra a incapacidade de ação do indivíduo isolado para lidar com problemas que fazem parte da vida da maioria da população global é importante pois demonstra que a verdadeira libertação requer mais da "esfera pública" e do "poder público" ao invés de menos. Requer, paradoxalmente, que a guerra pela emancipação ressuscite o que na maior parte de sua história lutou por destruir e afastar do caminho, uma defesa desesperada da esfera pública contra o invasor privado, não para reduzir, mas para viabilizar a liberdade individual (Bauman, 2001, p. 68). Num âmbito mais amplo:

> O capitalismo leve, amigável com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade. [...] Quando as autoridades são muitas, tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que

> pode escolher entre elas. É por cortesia de quem escolhe a autoridade se torna uma autoridade. As autoridades não mais ordenam; elas se tornam agradáveis a quem escolhe; tentam e seduzem. (Bauman, 2001, p. 83).

Dado a conjuntura formada pelo declínio das autoridades, somado à responsabilização pessoal das resoluções das novas questões sociais por indivíduos que são forçados a aceitar a individualização da racionalidade neoliberal, "a incerteza está destinada a ser para sempre a desagradável mosca na sopa da livre escolha" (Bauman, 2001, p. 112). E, ainda mais com o contexto de *infodemia* e *infodemência*, formas de pensar o mundo que sejam reativas aos espetáculos das sociedades "de carnaval" se mostram capazes de mobilizar de forma parcial tais elementos e dar uma resposta "aceitável" para pessoas inseguras e que tendem a ser irritáveis, sendo também:

> [...] intolerantes com qualquer coisa que funciona como obstáculo a seus desejos; e como muitos desses desejos serão de qualquer forma frustrados, não há escassez de coisas e pessoas que sirvam de objeto a essa intolerância. Se a satisfação instantânea é a única maneira de sufocar o sentimento de insegurança (sem jamais saciar a sede de segurança e certeza), não há razão evidente para ser tolerante em relação a alguma coisa ou pessoa que não tenha óbvia relevância para a busca da satisfação, e menos ainda em relação a alguma coisa ou pessoa complicada ou relutante em trazer a satisfação que se busca (Bauman, 2001, p. 206).

O pensamento mágico, como buscaremos definir ao fim desse capítulo, está diretamente ligado com esse panorama, estruturando uma forma de pensar que reage à essas incertezas e medos fazendo um recorte ideológico da realidade e propondo resoluções simplistas para tais problemas complexos, muitas das vezes sendo violentos e hostis com aqueles que são identificados como os "inimigos" ou a "ameaça". É, também, uma forma afirmativa de se situar no mundo, com conceitos que são mobilizados enquanto centrais na garantia de uma vida idealizada.

Não à toa, por exemplo, o lema de campanha do atual presidente ultraliberal da Argentina, Javier Milei, nas eleições de 2023 foi: "*viva la libertad, carajo*". Que nesse caso demonstra a transformação do discurso político - com a utilização de uma palavra que remete ao órgão sexual masculino e apela para emoções e simplificações - através do imperativo, de algo que não deve ser relativizado e nem pensado em sua complexidade. A liberdade, nesse caso, deve ser comemorada em sua totalidade e infinidade, sem levar em consideração a incerteza sempre presente na livre escolha, nem as consequências nefastas da atomização do indivíduo. É uma forma de colocar um ponto final na discussão e propor uma visão de mundo unilateral, que consegue "resolver" os problemas vivenciados por todos, mas que são combatidos individualmente.

Esse tipo de discurso se caracteriza como negacionismo histórico por ser “mentira organizada, voltada para encobrir interesses ideológicos extremistas ou mesmo interesses políticos e econômicos dos herdeiros dos perpetradores de violências massivas passadas”. (Napolitano, 2022, p. 218), ao mesmo tempo em que difere de uma mera opinião, já que:

> O revisionismo ideológico faz exatamente o contrário. Mesmo quando se apropria de formulações legítimas e cientificamente embasadas, o revisionismo ideológico se pauta por citação fora do contexto, anacronismos, seletividade intencional de fontes primárias, generalizações de casos particulares que servem de exemplo contra uma visão historiográfica dominante (Napolitano, 2022, p. 218).

O pensamento mágico é uma forma de irracionalismo na medida em que “ser razoável ou racional é ter certos pressupostos de objetivo, sistema ou método tão profundamente arraigados que questioná-los é não só desarrazoado [*unreasonable*] como irracional” (Williams, 2007, p. 338), e por isso sua presença contemporânea está relacionada com as formas de negação dos consensos estabelecidos pela sociedade, não somente os científicos mas principalmente eles, e com sua reafirmação de formas de vida hostis e que podem ser compreendidas através das crises sobrepostas do capitalismo financeiro. O negacionismo e o revisionismo ideológico, que compõe uma parte do que chamamos de pensamento mágico, podem ser definidos em cinco formas:

> I) negacionismo raiz (exemplo: “não existiu o Holocausto Judeu ou as câmaras de gás”); II) revisionismo ideológico que camufla posições conservadoras e contra os grupos e movimentos sociais (“nem todos os indígenas resistiram ao colonizador, muitos se aliaram a ele, portanto os indígenas não foram vítimas passivas”) - esse tipo de revisionismo se opõe a uma suposta “história politicamente correta”; III) atualização das teorias conspiratórias da extrema direita (“o comunismo ainda é ativo e quer dominar o mundo, disfarçando-se de globalismo”); IV) relativismo historiográfico (“a análise historiográfica é só uma guerra de narrativas, cada um tem sua verdade”); V) História como utopia regressiva (“a elite brasileira precisa recuperar os exemplos e valores do passado colonial e monárquico para regenerar a política e a sociedade brasileiras”) (Napolitano, 2022, p. 218).

No cenário pandêmico a tendência é que esses irracionalismos que vinham se manifestando na sociedade contemporânea, especificamente no Brasil com a problemática da extrema-direita alcançando uma posição de poder relevante na determinação das narrativas legitimadas sobre o combate ao vírus e às múltiplas crises, ganhem cada vez mais relevância na visão de mundo dos indivíduos e grupos. Principalmente quando levamos em consideração a *infodemia* e a *infodemência* (com a “opulência informativa” e a “indigência cognitiva” (Ercolani, 2019) e a deterioração do debate público - em questão de informação e comunicação

- na formação de consensos e estratégias coletivas. Poderíamos dizer que o pensamento mágico se fortalece com a disseminação de boatos, sendo que:

> Um boato é um meio informal de circulação de ideias e comunicação de massa - aliás, um dos mais antigos da história. Brota em situações ambíguas e corre em paralelo ao noticiário e ao discurso oficial: as pessoas se sentem desinformadas, buscam compreender um fato concreto que não parece estar claro, as declarações fornecidas pelas autoridades são desencontradas ou incompletas. Boato é a mídia gerada numa conjuntura de desconfiança em que versões inventadas entram em curso porque o dado real está inacessível ou foi falsificado. Vive do indefinido, cresce no silêncio oficial, se espalha com grande velocidade e necessita de uma sociedade disposta a acreditar. (Schwarcz; Starling, 2020, p. 314).

Na medida em que cada vez mais existem espaços no mundo digital para que a desordem informacional seja disseminada, com uma ausência de regulamentação - e, portanto apoiada em uma normatividade que favorece um contexto anárquico e de disputa de poder e hegemonia constante - os boatos sobre diferentes assuntos se misturam com fontes legítimas e verídicas de informação, transformando tudo em mera opinião, a interpretação racional se equipara a uma interpretação irracional como igualmente válidas. Esse cenário pandêmico (no sentido viral e informacional) é logicamente o momento onde diferentes remédios milagrosos e soluções simplistas surgiriam, propondo a resolução fácil e rápida dos problemas tão graves e complicados. É o caso da cloroquina, remédio descoberto em 1934 por Hans Anderson, pesquisador da Bayer, para o tratamento da malária, onde mesmo com seus efeitos adversos como problemas musculares, perda de apetite, diarreia, erupções cutâneas, distúrbios na visão, danos musculares, crises epilépticas, baixa concentração de células sanguíneas (Schwarcz; Starling, 2020, p. 139), teve seu uso defendido - mesmo sem comprovação científica - para combate à Covid-19, por empresários, políticos, líderes religiosos, dentre outros.

A pandemia e o pensamento mágico também se relacionam, pois, como diz Zygmunt Bauman (2001, p. 103), “a saúde é cada vez mais identificada com a otimização dos riscos”, e por isso formas de pensamento irracional e negacionistas são articuladas como maneira efetiva de otimizar tais riscos, e ainda:

> Quando a morte acontece em momentos de graves crises sociais, como guerras, fome e epidemias, ela se torna ainda mais perturbadora, pois escapa do curso considerado “normal” nas sociedades. Diante da morte coletiva, das perdas que afetam milhares de pessoas e das quebras da rotina, o sentido dos ritos se dissipa, e as relações sociais tomam um novo rumo [...] Nessas horas, o receio da morte, a perda de referenciais afetivos, levam a muita desagregação social, e não poucas vezes escancaram a falência das instituições, dos recursos e das políticas de saúde. (Schwarcz; Starling, 2020, p. 323-324).

Trata-se, portanto, de como a mudança de comportamento, individual e coletiva, a partir dos novos dilemas sociais e do modo como as possibilidades de enfrentamento a tais dilemas se demonstram empiricamente. Como dito por Norbert Elias, acerca do processo civilizador:

> O processo que assim emerge lembra, na sua forma - embora não em substância -, processos químicos nos quais um líquido, cujo todo é sujeito a condições de mudança química (como, por exemplo, a cristalização), começa adquirindo forma cristalina em um pequeno núcleo enquanto o resto só gradualmente se cristaliza em torno dele. Nada seria mais errôneo do que considerar o núcleo da cristalização como causa da transformação.
> O fato de uma dada classe em uma fase ou outra do desenvolvimento social formar o centro de um processo e, desta forma, fornecer modelos para outras classes, e de que estes modelos sejam difundidos e aceitos por elas já pressupõe uma situação social e uma estrutura especial de sociedade como um todo, em virtude da qual a um círculo é destinada a função de criar modelos e a outro as de difundi-los e assimilá-los (Elias, 2011, p. 119).

O pensamento mágico só é possível pela cristalização de um comportamento, nesse caso uma forma de pensar o sujeito e seu entorno, o individual e o coletivo, o privado e o público, que não ocorre apenas pelo grupo que inicia e incentiva esse tipo de comportamento, o núcleo no paralelo de Norbert Elias, mas pela suscetibilidade da sociedade e de sua situação (e estrutura) social, que "aceita" e "permite" a difusão dessa determinada forma de pensar, o todo em detrimento da parte.

Daí que, se no processo civilizador a estrutura emocional e cognitiva dos indivíduos do Ocidente foi condicionada para uma forma específica de organizar e enxergar os conceitos que fazem parte do que definimos como "sociedade", como por exemplo o Estado, a política, a família, o trabalho, dentre outros conceitos que fazem parte da vida social, isso só pode ocorrer às custas da renúncia das pessoas em relação às suas inclinações primárias, irrefletidas e espontâneas, na compreensão de todas as suas experiências de seu propósito e seu significado para si mesmas. Em outros termos, o processo civilizador só ocorreu pela capacidade de, numa espécie de acordo coletivo, impostos e contestados de muitas formas historicamente, construir uma visão e uma aceitação coletiva sobre a interpretação de questões da vida humana. Sendo assim, os modos científicos de pensamento, também seguindo essa lógica, tiveram seu desenvolvimento baseado no maior autocontrole pela humanidade (Elias, 2011, p. 234-235). As formas de conhecimento humano, aí abarcando o conhecimento científico como uma delas e sendo determinante na construção da sociedade ocidental, resumidamente, também estão sujeitas às idas e vindas da noção de evolução que não é positivista-evolucionista.

"Pensamento racional" e a "consciência moral" são exemplos de como os autocontroles individuais autônomos criados dessa maneira na vida social se interpõem entre os impulsos

espontâneos e emocionais e entre os impulsos físicos do corpo, impedindo de forma mais eficaz que os primeiros comandem os segundo sem a permissão desses mecanismos de controle criados socialmente (Elias, 2011, p. 237). E, dessa forma, quando as formas de pensar que antes surtiam efeito na contenção de determinadas ações, mas também estavam presentes no constituir e no agir das instituições e na formação das relações interpessoais, passam a não mais conseguir organizar de forma satisfatória a complexidade social e natural, uma nova questão social pode ser visualizada como relevante para a construção das narrativas que servem como alternativas ao "pensamento racional" e a "consciência moral".

Para o filósofo italiano Paolo Ercolani (2021), a grande questão de nosso século é o modo como o Ocidente hipertecnológico e científico tem uma forma de pensar própria que está ganhando cada vez mais relevância: um pensamento mágico e fanático. São duas suas características principais, a primeira é a de que esse pensamento fortalece um comportamento de estádio de futebol ou rede social, ou seja, o indivíduo/grupo deve sempre se posicionar de maneira bem delimitada sobre os assuntos que compõe o debate público, tendo sempre um alinhamento rígido e fixo em relação ao seu posicionamento e o posicionamento de seu time, de seu grupo; o outro é visto como rival, o posicionamento do outro é tomado como afrontoso, competitivo, como indigno de ser compartilhado e, em última instância, respeitado e tolerado. Consequentemente, a atitude agressiva e hostil é extremamente presente no modo como as pessoas se direcionam umas às outras quando se encontram diante de uma diferença (no sentido amplo desse termo), os sentimentos e as emoções, transformadas muitas vezes em ofensas e agressões, viram um modo de agir predominante no debate público e na desqualificação da opinião do outro.

Uma outra característica importante é a aversão e o distanciamento do pensamento científico, nesse caso a estrutura do pensamento mágico e do fanatismo aponta para a idealização do mundo, como tudo deveria ser em sua mais extrema perfeição, dialogando bastante com as esferas religiosas e teorias que tratam do momento posterior à vida, não há espaço para pensar respostas que são momentaneamente satisfatórias mas que, no futuro, podem cair em desuso, nem para compreender sociedade, identidade, política, como algo mutável e transitório, características específicas do pensamento científico. O pensamento mágico, portanto, fortalece não só uma postura fechada em pequenos grupos que compartilham de percepções similares, rigorosas e agressivas sobre uma ampla quantidade de assuntos, mas principalmente busca respostas suscintas e absolutas para os problemas sociais cada vez mais complexos, idealizando a sociedade através de uma perspectiva fantasiosa e irracional.

Ercolani (2021) chama a atenção para as consequências desse tipo de pensamento, especialmente nos países de primeiro mundo: os maiores desafios da pandemia não se trataram somente de avanços tecnológicos e combate científico, mas à dificuldade em formar consensos coletivos para combater o vírus e reduzir seus danos (políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais etc.). Num momento histórico onde países de periferia reivindicavam vacinas para poder salvar sua população, movimentos antivacina e conspiratórios surgiam em países de centro que tinham plena condição de vacinação rápida e ampla. A pandemia, nesse sentido, foi o momento crucial do século XXI, em detrimento do período da Primeira Guerra Mundial do século XX, onde o irracionalismo se manifestou de maneira mais concreta.

Esse tipo de pensar não considera o significado da realidade social, não valoriza o pensar histórico e as implicações que diferentes forças sociais podem ter no mundo, busca acima de tudo uma fuga da realidade ao invés de uma transformação dela, é sempre mais estruturado no âmbito do discurso do que da ação, utilizando-se das diversas formas de irracionalismo que buscamos expor anteriormente – como negacionismo histórico, revisionismo, anti-intelectualismo, anticientificismo, negacionismo racial, complotismo, misticismo, superstições, fanatismos, dentre muitos outros.

É justamente aí que está a relação entre a ascensão da extrema-direita global e o irracionalismo, é onde o discurso encontra materialização através de atitudes autoritárias que toleram o racismo, a xenofobia, a homofobia, enquanto formas imperativas de buscar respostas absolutas para problemas sociais. Mas é também nesse momento pandêmico que podemos compreender como o pensamento mágico é uma expressão da desorientação e falta de capacidade interpretativa de uma parcela da população civil em momentos de crise, quando não se confia mais no pensar e agir científico como capazes de resolver os problemas de modernidade, nem é possível enxergar a diversidade e o funcionamento das instituições democráticas como plenamente aptos para garantir uma boa vida. Em contrapartida, muitos sujeitos se vinculam tanto no agir (como torcedor de um time de futebol) quanto no pensar (anticientífico e fanático) à grupos que prometem encontrar o mundo simples e perfeito, pacífico e estável, distante de todas as categorias elencadas como problemáticas da modernidade.

Analisando um relatório censitário de 2021, na Itália, o filósofo Stefano Azzarà (2021) também reflete sobre o momento pandêmico com bastante preocupação. Não foi somente o vírus que se disseminou rapidamente, juntamente com o aspecto biológico se deu um desdobramento ideológico, uma irracionalidade generalizada que infiltrou o tecido social e se tornou uma variante conspiratória (Azzarà, 2021, p.2), fazendo com que uma parcela

significativa da população se vinculasse com noções distorcidas da realidade que tratam de assuntos científicos, tecnológicos, ambientais, políticos, sociais, culturais e econômicos. Esses irracionalismos são manifestações que pertencem ao pensamento mágico pois buscam decifrar o significado oculto da realidade, vão além do mero irracionalismo no sentido de contrariar a razão, utilizam do misticismo, do ocultismo, do fantasioso e religioso, e com isso tomam cada vez mais espaço no debate público, através das redes sociais, dos livros, filmes, séries, estabelecem relações de causa e efeito que não existem e ignoram a história e os impactos de indivíduos e coletividades na sociedade.

Ao não tolerar ser discutido, contradito ou falsificado, esse tipo de visão de mundo se estabelece como tentativa de afirmar um ponto de vista dogmático negando o discurso crítico (Pier Aldo Rovatti apud Azzarà, 2021, p.3). Se mostra, portanto, resultado das crises complexas e interconectadas do capitalismo neoliberal; indivíduos e grupos sociais desorientados, sem confiança nos sistemas e instituições da modernidade tardia, com grande dificuldade em vislumbrar um futuro próspero, sobretudo ambientalmente, buscam resolução para os crescentes riscos e incertezas nos discursos rígidos, hostis e absolutos, ao invés de assumir as suas fraquezas e preocupações, esse tipo de discurso faz promessas e estabelece causalidades do mundo atual com um mundo idealizado, profético. Além disso, o relatório utilizado como base de análise por Azzarà, assim como a maioria das pesquisas estatísticas feitas sobre pensamentos irracionais, falam sobre posições sabidamente fantasiosas (teoria da terra plana, movimento antivacina, teorias conspiracionistas em relação à tecnologia, para citar alguns exemplos), e tem sua importância por caracterizar tais problemas sociais, mas não avançam na reflexão sobre a difusão do irracionalismo na população em relação à crença no capitalismo neoliberal como forma de organização mais avançada da humanidade, nem tratam sobre as privatizações, hiperindividualismo, meritocracia, como extremamente danosos para formação de consensos populares e harmonia social.

Não é somente o absurdo e o extremo que caracteriza o pensamento mágico, uma parte de sua essência na atualidade é a difusão silenciosa nas mentes e corpos dos sujeitos, transformando-os em a-históricos ao não entenderem o modo de produção capitalista como um produto histórico, que não é natural e nem eterno (Azzarà, 2021, p. 4). Seguindo o censo, Azzarà problematiza o fato de que pesquisas estatísticas que tratam sobre negacionismos colocarem opiniões que contrariam o modo de produção vigente ou a democracia liberal como igualmente irracionais a outros posicionamentos fantasiosos.

O resultado é o fetichismo sobre a ordem estabelecida (Azzarà, 2021, p. 5), uma caracterização de pensamento mágico ou irracionalismo que é válida para o absurdo e

extremado dentro dessa lógica, mas que também abrange novos e diferentes modos de pensar e imaginar o mundo. Assim, existe uma esfera religiosa que autorreferencia o capitalismo como única e melhor forma de organização social sem, no entanto, relacionar as novas manifestações extremistas que estão surgindo e ganhando espaço na opinião pública, com as desorientações e atomizações produzidas nos sujeitos pelo próprio capitalismo neoliberal e sua desregulamentação constante.

Baseado em Gramsci, Steffano Azzarà (2021, p. 7) vai sustentar que a problemática do pensamento mágico e dos irracionalismos não pode ser resolvida por uma análise que não estabeleça causalidade com as crises do capitalismo. É a queda de uma hegemonia (intelectual, econômica, política, cultural, ambiental) que abre espaço para que novas formas de pensar o mundo ganhem relevância, mesmo que essas formas de pensar o mundo sejam místicas, obscurantistas, complotistas e anticientificistas. Como buscamos tratar no capítulo 2, a formação da globalização neoliberal foi um projeto do Ocidente, sobretudo das elites dos países centrais, de retomar o imperialismo e manter privilégios históricos, administrando as crises do capitalismo e, posteriormente, repassando as consequências negativas da perda de hegemonia (por conta da ascensão de países de terceiro mundo, principalmente a China) para as classes médias e baixas.

A revolta das classes subordinadas, com discursos que repercutem a sensação de cansaço, irritação e abandono de crenças e atitudes vinculadas à democracia liberal, é um produto próprio da lógica neoliberal, é sua consequência imediata; a ascensão do populismo contemporâneo e a adesão de parcelas significativas da população em diversos países ao redor do mundo, somado com os novos meios de informação, sua produção e distribuição, explicam que o pensamento mágico "não é apenas o de quem desconfia da ciência, mas também o de quem está na ciência" (Azzarà, 2021, p. 9).[92] São as formas imediatistas de vida que tornam possível a viabilidade do pensamento mágico, nos situamos em uma democracia bonapartista, pós-moderna, com uma disputa de hegemonia pulsante e sem forças sociais organizadas para fazer uma oposição progressista, que caminhe para formação de consensos e busque resoluções complexas para os problemas complexos que nos circundam.

Discursos que se preocupam mais com a economia, com a liberdade dos sujeitos, com a gravidade de regulamentações públicas, nos demonstram que no momento da pandemia se sobressaiu uma lógica centrada no sujeito ocidental, que valorizou mais sua capacidade de agir de forma irrestrita do que contribuir para uma ação coletiva que salvasse vidas, sobretudo dos

[92] Tradução livre: Il quale non è però soltanto quello di chi diffida della scienza ma anche quello di chi nella scienza

mais vulneráveis socialmente. Enquanto movimentos antivacina e importantes figuras dos países centrais do Ocidente entoavam em suas falas o perigo do autoritarismo do Estado, do absurdo de permitir que restrições fossem colocadas nos direitos de ir e vir dos cidadãos, havia a reinvindicação da população de países da Ásia, África e América Latina para terem direito à vacina (não sem também encararem esses mesmos problemas em seus respectivos territórios). Nessa obsessão que contrapõe liberdade irrestrita *versus* regulamentação estatal, surgem, no limite, relativismos e negações da própria pandemia, sua gravidade e suas consequências objetivas (Azzarà, 2021, p. 17-18). Assim:

> Sem mais planeamento político partilhado, privados de ferramentas conceptuais racionais, derrotados e dispersos, em suma, todos nós somos agora muitos pequenos navios num mar tempestuoso, cada um dos quais está sempre à beira do naufrágio e perdendo-se para a direita (Azzarà, 2021, p. 20)[93].

Daí a relação existente entre a parcela da população da classe trabalhadora que está revoltada e descrente com o sistema democrático e o modo de produção capitalista, e sua aliança com líderes populistas e discursos conspiracionistas. O pensamento mágico é sempre mais fortalecido na medida em que cada vez mais pessoas se sentem desorientadas e buscam resoluções imediatistas para os problemas – visíveis e invisíveis – que as impedem de prosseguir no percurso neoliberal. Manifestações antivacina, antimigração, são parte de um contexto maior. Negar a pandemia e suas consequências, por exemplo, se torna mais fácil na medida em que há a crença generalizada de que a sua divulgação pela mídia é alarmista e de que medidas estatais são desproporcionais e obedecem a interesses ocultos (Azzarà, 2021, p.22). Prevalece a perspectiva do indivíduo faustiano, que deseja acumular experiências infinitas e não ter barreiras em seu trajeto, independentemente da situação. A revolta das classes subordinadas contra relações de poder e a crescente vulnerabilidade político, econômica e social, se mistura com o irracionalismo, na medida em que:

> "Não me interessa" é o slogan implícito e por vezes até explícito destas manifestações: ninguém se atreve a contradizer o indivíduo ou grupo livre e soberano. Desta forma, porém, não estão de forma alguma a ir contra um Poder fantasma ou mesmo contra o Patrão, mas na realidade estão a ir contra outros trabalhadores do seu setor e contra trabalhadores de outros setores - a grande maioria -, contribuindo enormemente para a desintegração já em curso entre as classes subordinadas (Azzarà, 2021, p. 26)[94]

[93] Tradução livre: Senza più progettualità politica condivisa, privati di strumenti concettuali razionali, sconfitti e dispersi, insomma, tutti noi siamo ormai tante navicelle in un mare in tempesta, ognuna delle quali è sempre sull'orlo di fare naufragio e di perdersi verso destra.

[94] Tradução livre: "Me ne frego", è lo slogan implicito e a volte persino esplicito di queste manifestazioni: nessuno osi contraddire l'individuo o il gruppo libero e sovrano. In tal modo, però, costoro non vanno affatto contro un fantomatico Potere e nemmeno contro il Padrone ma vanno in realtà contro altri lavoratori del loro comparto e

Segundo Byun Chul Han, “a dominação se faz no momento em que liberdade e vigilância coincidem” (2023, p. 13) e num regime de informação, numa *infocracia* digital, “afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com mais potencial de estimular. Desse modo, *fake news*, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos.” (Han, 2023, p. 37). Nessa guerra de narrativas que se forma em um período de anomia, teorias conspiratórias são retomadas como *ofertas de identidade* (Han, 2023, p. 58) e por isso se tornam tão arraigadas nas subjetividades dos indivíduos, não se trata apenas de crer em algo, se constituí uma identidade própria que busca respostas para os problemas contemporâneos que antes estavam ocasionando sentimentos de medo e insegurança. Nesse caso “O discurso é substituído, portanto, pela *crença e pelo voto de fé*. Fora da área de cada tribo, então, há apenas inimigos – os *outros*, afinal – que devem ser combatidos (Han, 2023, p. 61).

Para o autor, a racionalidade comunicativa só pode existir junto à capacidade de fundamentação e a disponibilidade de aprendizado e, portanto, a *racionalidade digital* que não conduz um discurso é sua contraposição (Han, 2023, p. 65). Num regime de informação digital, manifestações do pensamento mágico circulam livremente pelas redes e se desenvolvem na medida em que novas questões sociais se reinventam e articulam os conceitos e categorias de forma incoerente em busca de respostas assertivas. Para além da contradição que é tratar informações que circulam em redes sociais de *Big Techs* como símbolo de uma liberdade irrestrita que deve ser valorizada acima de tudo, o problema central reside numa retroalimentação do culto ao capitalismo e da negação do *outro*, formando tribos identitárias que giram em torno de seguranças místicas e fantasiosas em detrimento dos problemas gerados pelo próprio modo de produção capitalista neoliberal.

> Na crise pandêmica, números puros como os “números de casos” ou a “incidência” aumentam a insegurança fundamental, pois não *esclarecem* nada. A simples *contagem* de números desperta uma necessidade por *contos*, por narrativas. É por isso que a crise pandêmica é um caldo de cultivo para teorias da conspiração. Com sua explicação total ou mentira total, aniquilam abruptamente a insegurança e incertezas onerosas. (Han, 2023, p. 99)

Foi a relação entre a atomização e fragmentação do sujeito, as crises sobrepostas e complexas, a disputa pela hegemonia do poder (com as guerras de narrativa e o fenômeno da pós-verdade) e a *infocracia*, formando e fortalecendo o pensamento mágico, que buscamos

---

contro i lavoratori di altri comparti – la stragrande maggioranza –, contribuendo enormemente alla disgregazione già in corso tra le classi subalterne.

evidenciar no final desse capítulo. Se torna evidente, como consequência, o papel do Estado e dos movimentos sociais e políticos na conquista e formação de uma nova hegemonia, que almeje justiça social e que possibilite formação de consensos populares, tendo caminhos possíveis para buscar resoluções às crises da modernidade sem entoar um discurso e formar uma ideologia hostil com o *outro* e que consiga se distanciar do hedonismo e do hiperindividualismo.

No próximo e último capítulo, buscaremos expor como o fenômeno do pensamento mágico se mostrou presente em Araraquara, município que buscou combater o vírus da Covid-19 utilizando métodos científicos e com planejamento político estratégico através de políticas públicas. Num contexto de crise aguda no país, com desinformação sendo disseminada por representantes políticos em diversas esferas do Brasil, a cidade foi a primeira do país a decretar o *lockdown*, adentrando ainda mais o cenário de "guerra de narrativas" e ataques da extrema-direita. Tentaremos verificar como o pensamento mágico, em sua dimensão mais silenciosa (da crença naturalista no modo de produção capitalista neoliberal e do neopositivismo) agiu nas subjetividades, gerando resistências, mesmo que pontuais, às restrições impostas pelos agentes públicos da Prefeitura.

Para isso buscaremos construir uma linha do tempo que exponha quais medidas foram tomadas pela prefeitura no momento que antecede e durante a pandemia, refletindo sobre seus desdobramentos e a relevância. Além disso, veremos como cada uma dessas ações, ou pelo menos um conjunto delas, teve repercussão nos discursos oficiais de alguns agentes políticos, econômicos, religiosos, sociais, e o modo como isso impactou a visão dos sujeitos sobre a efetividade ou não de determinadas ações. Nesse sentido, pretendemos entender a difusão do pensamento mágico em um contexto de alta presença do Estado, levando em consideração a crise do sistema federativo e as particularidades da democracia brasileira, especialmente em um contexto pandêmico.

Iniciaremos o capítulo refletindo sobre como o pensamento mágico é presente também em vertentes intelectuais, como demonstrou Azzarà, e qual a relação que isso tem com a ideologia que estabelece o indivíduo absoluto e o modo de produção neoliberal como prioritários acima de qualquer outra demanda social. Depois utilizaremos o livro do Prefeito Edinho Silva (2023), onde há um relato sobre a trajetória da pandemia de Covid-19 no município e as relações que ocorreram com a ascensão da extrema-direita no Brasil. Passaremos para uma reflexão sobre como esses irracionalismos representam uma ameaça à democracia e o modo como na pandemia se tornou visível que atitudes que são tomadas constantemente de forma hostil, isolada e ressentida, mesmo quando são feitas em nome de uma sociedade melhor

e idealizada, podem gerar tragédias que beiram o genocídio. Utilizaremos algumas entrevistas com agentes sociais relevantes no contexto histórico-social da pandemia em Araraquara e buscaremos compreender quais foram as características determinantes que guiaram ou desafiaram seus modos de pensar e agir no combate ao vírus durante esse período.

4. O COMBATE AO CORONAVÍRUS EM ARARAQUARA

Em artigo sobre a origem do conceito de *lockdown*, Jeffrey A. Tucker (2020) relembra que em nenhuma outra pandemia houve a implementação desse tipo de ação como forma de conter a disseminação de um vírus. A primeira vez que houve uma sugestão envolvendo o confinamento de pessoas nesse sentido pandêmico foi em 2006, com um experimento envolvendo variáveis computacionais de redes de contágio. Para o autor, o primeiro fato que descredibiliza a ideia de *lockdown* é que ela foi concebida por uma aluna de ensino médio que era filha de um cientista, além de não ter embasamento médico ou epidemiológico, se tratando de uma simulação de computador. Continua, ainda, dizendo que o *lockdown* é uma medida autoritária, uma vez que obriga pessoas a abrirem mão de sua liberdade em prol de ações que não retornam resultados científicos eficientes, sendo mais uma manobra político-ideológica do que médica. Um dos principais pontos de sua argumentação é de que os impactos negativos na economia, sociedade, educação, cultura, seriam muito maiores do que o benefício de buscar conter a disseminação do vírus através do *lockdown*. Impedir crianças e jovens de irem à escola, fechar aeroportos e estações de trem, proibir a circulação de produtos de restaurantes e lojas, seriam todas medidas ineficazes contra a disseminação do vírus que, na realidade, deveria ter seu foco nos infectados e na criação da vacina, sem interferir no sistema produtivo. A economia e a sociedade sofreriam um impacto grande demais com medidas de distanciamento social, não valendo a pena adotar essa medida tão drástica.

O autor e diversos outros intelectuais que corroboram com essa visão, no entanto, ignoram que outras pandemias na história da humanidade não se deram no mesmo contexto que o momento atual. Na contemporaneidade, a globalização neoliberal é a principal chave interpretativa para compreensão da pandemia de Covid-19 e seus impactos, ela transforma substancialmente a interdependência de cada indivíduo que vive no planeta terra, estabelece outros horizontes e gera outras questões sociais que não podem ser equiparadas com momentos anteriores sem levar essas características em consideração. Esse tipo de resistência aos limites da ação pública e os riscos que podem surgir para a liberdade individual são frutos de uma noção naturalista, que além de tudo ignora a desigualdade social e as crises do neoliberalismo como problemas agravantes da pandemia.

Segundo Judith Butler (2022, p. 33), a etimologia da palavra pandemia remete à *pan-dêmos*, que significa o povo-em-todo-lugar. É algo que se espalha sobre e pelo povo, algo interconectado que não respeita barreiras legais, nem estatuto jurídico. Em seu livro “Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica”, a autora interpreta o momento pandêmico

como determinante para nossa construção de noção de mundo. Nesse sentido, mundo é uma noção construída a partir dos horizontes possíveis de serem vislumbrados em detrimento das situações objetivas com que os seres humanos lidam (Butler, 2022, p. 58). Nesse mundo, que está dentro do que entendemos como planeta terra, não somos todos iguais; nossa concepção de sujeito é formada por diversas categorias que implicam no modo como vivemos em sociedade e no impacto que temos em momentos de crise, como é o caso da pandemia de Covid-19:

> A pandemia põe questões que são especificamente éticas, pois as restrições sob as quais eu sou solicitada a viver são aquelas que protegem não somente a minha própria vida, mas também a vida dos outros. Nossas vidas estão atadas umas às outras, ou, possivelmente, entrelaçadas. As restrições me impedem de agir de certos modos, mas também expõem uma visão do mundo interconectado que sou solicitada a aceitar (Butler, 2022, p. 73).

Não se trata de uma escolha - ser interligado com o outro ou não - mas de uma realidade objetiva. Dependemos um dos outros de maneira essencial para continuarmos vivendo, mesmo que nossas ações sejam guiadas pelo hiperindividualismo e o hedonismo próprios da racionalidade neoliberal. Por isso:

> Aqueles que acreditam que a "saúde da economia" é mais importante que a "saúde da população" aderem à crença de que o lucro e a riqueza têm, enfim, mais importância que a vida humana. Aqueles que calculam os riscos, que sabem que algumas pessoas terão de morrer concluem, implícita ou explicitamente, que a vida humana será sacrificada pela economia (Butler, 2022, p. 84.).

Ao compreendermos essa lógica, se torna perceptível de onde vem o desejo de desqualificar medidas de distanciamento social como ineficazes e caracterizar os impactos econômicos e sociais como mais preocupantes do que uma pandemia – já que, afinal, existiram diversas outras na história da humanidade e medidas tidas como autoritárias (por contrariarem a liberdade absoluta do indivíduo) nunca foram efetivas. Há uma noção eugenista dentro dessa lógica, que pressupõe que os sujeitos saudáveis e aptos para o mercado irão sobreviver, sendo um esforço inútil conter o vírus a todo custo. Além disso, a racionalidade neoliberal (Brown, 2015; Dardot; Laval, 2016.), pressupõe que cada um de nós é um sujeito-empresa e deve sempre priorizar a face financeira da vida social, daí que é possível entender como e porquê pessoas aderiram à ideologia de que a economia sempre deve ser prioridade; se somos um sujeito-empresa, a "saúde das pessoas" não pode ser mais valiosa e urgente que a "saúde da economia" (Butler, 2022, p. 88), devemos nos sacrificar para ir trabalhar, pois não trabalhar significa a estagnação econômica, significa a própria morte do indivíduo neoliberal - o não-lucro do

sujeito-empresa se torna pior que perder a própria vida ou ver as vidas ao redor deixarem de existir.

Para Butler, "a antiga contradição que pertence ao capitalismo assume uma nova forma sob condições pandêmicas" (Butler, 2022, p. 85), já que a classe trabalhadora está no meio da contradição entre trabalhar para viver (ou não morrer) e morrer por trabalhar. É notório que a disseminação do vírus impactou muito mais pessoas com trabalhos precarizados e sem seguridade social, bem como minorias sociais que tem "vidas não vivíveis" por conta do racismo, da discriminação de gênero, e outras manifestações violentas que são impulsionadas pela sociedade racializada. Segundo Butler, "quem insiste em negar a morte, a perda, as formas atordoantes de desigualdade econômica e social perde poder à medida que um número crescente de pessoas é vacinado e aceita o uso de máscara como obrigação da vida pública" (Butler, 2022, p. 60.), ou seja, a resistência contra a ideologia que permite que vidas sejam "não vivíveis" se dá através da contestação da valorização da liberdade individual e do imperativo de produtividade acima de quaisquer outros valores (Butler, 2022, p. 65). A pandemia em si é uma disputa política-ideológica, pois surge em um mundo específico e o transforma a partir dos novos horizontes que se configuram conforme os acontecimentos históricos após o início da pandemia se desenvolvem. Toda contestação de medidas sanitárias vindas do Estado toma como ponto de partida a noção de que o mundo antes da pandemia era organizado por uma lógica econômica que, por si só, não adoecia e matava muitas pessoas.

Lockdown, no português, tem o significado literal de confinamento. No Brasil adquiriu um sentido específico, já que confinamento não necessariamente está atrelado a medidas sanitárias; por isso, *lockdown* é o confinamento interligado diretamente com a pandemia de Covid-19. A ideia de "fechar tudo", de tentar diminuir o contato humano ao máximo e, portanto, frear a economia, em detrimento de um vírus que é desconhecido, tomou grandes proporções no debate público brasileiro e ao redor do mundo (especialmente em lugares onde a extrema-direita estava mais organizada politicamente) pois é uma maneira de reconhecer a interdependência gerada pela globalização e se contrapor à lógica neoliberal para salvar vidas humanas. A medida não necessariamente irá gerar esses efeitos, pois depende de diversos outros fatores interligados a ela, mas a ideia por detrás existe a partir da concepção de justiça social onde cada vida tem o mesmo valor e direito de ser vivida e, a partir de diversas pesquisas científicas, se torna notório sua efetividade na redução das taxas de contaminação.

Araraquara foi o primeiro município do Brasil que propôs o *lockdown* como medida sanitária para conter o vírus. Em decorrência disso, entrou no debate público por desafiar a norma neoliberal e o governo de extrema-direita no país. A medida, apesar de sanitária, também

é política e cultural, pois seus termos desafiam uma lógica que preconiza a economia em detrimento da vida humana, e estabelece a saúde como direito fundamental. Além disso, medidas de distanciamento social foram (e são) tão debatidas no Brasil e no mundo por conta da resistência à tais medidas, por conta da interpretação da realidade que se opõe ao reconhecimento de todas as vidas como igualmente vivíveis, nos termos de Judith Butler. O município de Araraquara, portanto, foi o local onde ocorreu a disputa político-ideológica entre agentes públicos, científicos, comunitários, religiosos, econômico-financeiros; é um dos locais onde o intricamento entre o pensamento mágico, Estado e mercado se tornou mais explícito.

4.1 A CHEGA DO "TREM DA MORTE"[95]

Segundo relato do Prefeito Edinho Silva (PT) (p. 29-30, 2023), em seu livro "Uma cidade na luta pela vida: da pandemia ao 8 de janeiro", o vírus da Covid-19 , ou o "trem da morte", como denominado pelo Prefeito em alusão à parte da história de Araraquara marcada pela importância de suas ferrovias, chegou no município no dia 31 de março de 2020, praticamente um mês depois de ter chego no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, e menos de um semestre de ter sido detectado pela primeira vez no mundo, em 17 de novembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. Das três pessoas que foram infectadas pelo vírus, um idoso de 81 anos que contraiu a doença na cidade, morreu em decorrência dela.

Antes do dia 31 de março, data em que oficialmente se notificou a chegada da Covid-19 em Araraquara, toda a atenção mundial já estava direcionada para as consequências do vírus em países que haviam confirmado sua contaminação. Na Itália, que confirmou seu primeiro caso no dia 19 de fevereiro de 2020, já se registravam mais de 25 mil casos e quase 2 mil mortes em decorrência da Covid-19, menos de um mês depois, em 9 de março[96]. Diante dessa preocupação, em um domingo de manhã, 15 de março de 2020, houve uma reunião no gabinete da prefeitura para discussão da situação, tendo como principal resultado a criação do Comitê de Contingência do Coronavírus, formado por secretários municipais e coordenadores da Saúde Básica, Urgência e Emergência e da Vigilância em Saúde, bem como foram convidados

[95] A partir dessa secção iremos utilizar trechos das entrevistas que realizamos para a pesquisa ao longo do ano de 2024. Para isso iremos referenciá-las da seguinte maneira: Nome do entrevistado, cargo que ocupava durante o período da pandemia de Covid-19 em Araraquara, ano e página. O ano é referente ao ano de realização da entrevista e as páginas são para localização na própria dissertação, todas as entrevistas estarão integralmente transcritas no apêndice C.

[96] Coronavírus na Itália: social, saúde e economia e política. 17 de março de 2020. UFMG. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/coronavirus-na-italia-social-saude-e-economia-e-politica. Acesso em 16 de setembro de 2024.

representantes do SESA (Serviço Especial de Saúde de Araraquara), ligado à USP, Diretoria Regional de Saúde, e unidades privadas de Saúde (Silva, p. 106-107, 2023).

Foi por meio do Comitê de Contingência do Coronavírus, criado a partir da a partir da portaria Nº 26.790, de 16 de março de 2020, que todas as deliberações que diziam respeito ao Coronavírus seriam discutidas e oficializadas, o que é ponto de partida para entendermos a construção coletiva do combate ao vírus no município de Araraquara. A informação da criação do Comitê de Contingência, além de ser divulgada no site de transparência da prefeitura, estava presente em uma nota divulgada aos cidadãos no dia 15 de março, que também destacava outros informes importantes para a população civil, como contatos para buscar informações relacionadas ao vírus e canais de pronto atendimento, orientações sanitárias de prevenção contra a Covid-19 e, sobretudo, a divulgação de um boletim diário[97] para informar a situação do município e as possíveis mudanças nas normas sanitárias se houvesse aumento da contaminação. Nesse momento, Araraquara estava no estágio de "Atenção", diferente de capitais como São Paulo e Rio de Janeiro (as primeiras que tiveram contaminação e óbitos no Brasil) que já se encontravam no último estágio, de "Transmissão Comunitária", que é quando o vírus está instalado no município, sem a identificação da fonte de infecção (Silva, p. 107, 2023).

Os boletins diários, assim como as outras deliberações, seriam pautados em reuniões diárias realizadas pelo Comitê de Contingência do Coronavírus, que foi feito com o intuito de promover um fluxo de informações rápido e constante. A primeira reunião do Comitê foi no dia 16 de março, e já no dia 17 foi oficializado o decreto nº 12.230, que dispõe sobre medidas temporárias de proteção e prevenção ao contágio pelo Novo Coronavírus (Covid-19). Aqui podemos destacar duas ações que demonstram o caráter preventivo que esteve presente desde o início de 2020 no município de Araraquara: A criação da Rede de Solidariedade e do Hospital de Campanha.

A Rede de Solidariedade, segundo o Prefeito Edinho Silva "foi a materialização do grande acerto do município em antever o que viria e planejar, organizar a cidade para o pior" (Silva, p. 109, 2023), e seu principal objetivo era fortalecer a adoção do distanciamento social por entender que esse era o único caminho, sobretudo nesse momento em que não existia uma vacina[98]. Segundo a prefeitura, sua criação foi realizada pois:

---

[97] Os boletins podem ser conferidos no site: https://www.araraquara.sp.gov.br/dengue-e-covid-19/boletim-dengue-e-covid. Acesso em 18 de setembro de 2024.

[98] Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/governo/fundo-social-da-solidariedade. Acesso em 17 de setembro de 2024.

> Concentram-se aqui as ações de articulação e mobilização da Rede de Solidariedade, que foi uma das primeiras iniciativas da Prefeitura Municipal de Araraquara quando decretado o estado de calamidade pública devido à pandemia de Covid-19. A Rede de Solidariedade é alimentada por diversos órgãos da Administração Municipal representados pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) – Coordenadoria de Segurança Alimentar (CSA), Fundo Social de Solidariedade, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Participação Popular e Secretaria Municipal de Comunicação, em parceria com entidades, empresas, conselhos municipais e sociedade civil. A Rede é responsável por diversas parcerias para a realização de campanhas de combate à fome e de segurança alimentar e nutricional. Com slogan "Solidariedade contagia mais que o vírus", a Prefeitura de Araraquara lançou a campanha da Rede de Solidariedade do Município como uma das primeiras medidas de enfrentamento a pandemia de Covid-19, que passou a funcionar no dia 25 de março de 2020, após o Decreto Municipal de nº 12.236 de 23 de março de 2020, que reconhece no Município o estado de calamidade pública, decorrente da pandemia de Covid-19 e o Decreto Estadual nº 64.879 de 20 de março de 2020 que reconhece o estado de calamidade pública no Estado de São Paulo, conforme já descrito acima. (Silva, p. 116, 2023).

A criação desse programa foi motivada para antecipar a organização de estruturas médicas e sanitárias, levando em consideração o anúncio de que o Brasil e o Estado de São Paulo já registravam transmissão comunitária da doença, visando atender as necessidades do grupo de risco da população idosa, doentes crônicos e pessoas em situação de vulnerabilidade (Silva, p. 117, 2023). Esse programa integraria uma estratégia maior da Prefeitura do Município de Araraquara:

> A estratégia estava dividida em quatro eixos estratégicos: (I) garantia do direito humano à alimentação adequada e incentivo à educação alimentar e nutricional; (II) fomento da agricultura familiar e agroecologia: produção de alimento e geração de renda; (III) fomento à geração de trabalho, renda e desenvolvimento da economia criativa e solidária; (IV) articulação e mobilização da rede de solidariedade. (Silva, p. 110, 2023).

Alguns dos outros programas do eixo são: Bolsa Cidadania – Programa Municipal de Combate à Fome e Incentivo à Inclusão Produtiva, PIIS – Programa de Incentivo à Inclusão Social e Produtiva (Frentes da Cidadania), Programa Banco Municipal de Alimentos (BMA), Programa Restaurantes Populares, Programa Padaria Solidária (PS), Programa Leite de Soja, PMAIS – Programa Municipal de Agricultura de Interesse Social, Programa Municipal de Hortas Urbanas Comunitárias, Apoiadores no Combate à Dengue, *Apoiadores do Combate ao Coronavírus*, que autorizou o Município a realizar contratações emergenciais de pessoal para atuação nas ações de combate à pandemia do Covid-19, através da Lei nº 9.930 de 25 de março de 2020, Programa jovem Cidadão, Programa Filhos do Sol e *Rede Solidariedade.*

Por um desses programas, o "Araraquara sem fome", que instala hortas comunitárias agroecológicas que garantem alimentação para pessoas que trabalham com a terra, renda para

as famílias e distribuem alimentos para entidades assistenciais, o município foi premiado e reconhecido internacionalmente junto ao "Pacto de Milão" (Silva, p.117, 2023). Além de Araraquara, foram premiados na categoria projetos de Vancouver (Canadá), Mouans-Sartoux (França) e Nova Iorque (EUA)[99]. Como dito por Edinho Silva em seu livro, "nunca a expressão da miséria é equânime" (Silva, p. 64, 2023), e no período de pandemia de Covid-19 esse reconhecimento é fundamental por que, diferentemente da Europa, onde o fator determinante foi a idade, no Brasil a desigualdade social que torna uma parcela expressiva da população vulnerável à piores condições de vida e moradia, maiores dificuldades de acesso a serviços de saúde, menores condições de informação sobre os riscos da doença e menores condições de cumprir com os protocolos de higiene e isolamento social, foi central na disseminação e mortalidade do vírus (Martelli, p. 272, 2021).

Araraquara, assim como outros municípios, já enfrentavam uma situação desfavorável por conta da "lógica federativa bolsonarista". Por um lado, viram a responsabilidade da União diminuir historicamente em relação ao aporte financeiro para custear a saúde, 52,4% em 2002 em detrimento de 43,9% em 2018, obrigando que os municípios gastassem mais para manutenção e investimento na área. De outro, segundo a auditoria do Tribunal de Contas da União, o Ministério da Saúde[100] gastou apenas 29% da verba emergencial que estava prevista para combater o novo Coronavírus, de março (mês de criação da ação orçamentária) até 25 de junho de 2020, foram liberados apenas R$11,4 bilhões dos R$38,9 bilhões disponíveis nos cofres públicos. Os governos estaduais receberam apenas 39% do que foi prometido e os municipais 36%. Nesse momento o Brasil já atingia a marca de 55 mil mortos e 1,2 milhão de infectados pela Covid-19 (Martelli, p. 273, 2021).

O combate efetivo contra vírus não aconteceu somente por ações centralizadas através do poder dos agentes públicos, mas também pela gestão participativa e sua relevância no cenário municipal. Em Araraquara, através da Secretaria municipal de Planejamento e Participação Popular, instituído pelo Prefeito Edinho Silva:

---

[99] Araraquara recebe prêmio internacional com projeto de hortas urbanas comunitárias. G1 São Carlos e Araraquara. 20 de outubro de 2020. Acesso em 17 de setembro de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/10/20/araraquara-recebe-premio-internacional-com-projeto-de-hortas-urbanas-comunitarias.ghtml

[100] Ao longo de toda a pandemia o Ministério da Saúde teve 4 substituições de suas lideranças, Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich, Eduardo Pazuello e Marcelo Queiroga. As trocas foram marcadas, sempre, por escândalos envolvendo as decisões médico-sanitárias que eram tomadas pelo Ministério, com posteriores declarações de alguns de seus membros que denunciavam interferência do Presidente da República para incentivar políticas negacionistas.

> Há uma forte articulação entre as instâncias participativas: as Conferências Municipais definem as diretrizes para cada setor de política; todo o resultado das Conferências vira Plano Municipal, enviado à Câmara Municipal para serem aprovados em forma de lei; o Orçamento Participativo é responsável por escolher as obras e os investimentos, enquanto os Conselhos Gestores fiscalizam a realização dessas obras e a implementação dos planos aprovados para cada setor
> Para se ter uma ideia do número de participantes, nas plenárias do OP, em 2017 foram 7,256 participantes (2.000 por meio digital); em 2018, 5.372 (1.280 por meio digital) e em 2019 foram 7.123 (2.531 por meio digital). Houve um aumento considerável do número de participantes na atual gestão municipal (em 2006 foram 1711 participantes, por exemplo). As entrevistas realizadas com membros da prefeitura explicam esse aumento da participação em razão de um certo aprendizado com o processo participativo (Martelli, p. 275, 2021).

Fica claro, portanto, que o crescimento do engajamento da população no Orçamento Participativo (OP) tem um impacto na criação, desenvolvimento/continuidade e resultados das políticas públicas que foram expostas anteriormente, bem como em outras não citadas aqui. Seu engajamento, além disso, é relevante pois propõe uma lógica coletiva de ação que está vinculada em diversas instâncias e, por isso, necessita da cooperação entre cidadãos para que o planejamento seja bem sucedido, fomentando a participação popular. É através dessa estrutura que foi possível que a prefeitura se beneficiasse da capilaridade dos Conselhos e do OP para o atendimento de todos os territórios da cidade, sobretudo dos mais vulneráveis (Martelli, p. 276, 2021). Destaca-se, também, a parceria com a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) de Araraquara e a Universidade de Araraquara (UNIARA) em diversas ações coordenadas para arrecadação e distribuição de itens de higiene e alimentação através da Rede Solidariedade[101]. Voltaremos a falar dessas parcerias adiante, pois um dos pontos chave para o sucesso de Araraquara no combate à Covid-19 também ocorreu a partir de uma parceria com a

[101] A prefeitura destacou, em 2020, as oito ações que foram mais importantes no combate bem sucedido ao Coronavírus: 1) Expansão do horário de atendimento das redes básicas regionais, como uma medida para não sobrecarregar a rede de urgência e emergência. "Não podemos deixar ninguém morrer por falta de assistência médica", explicou; 2) Criação de um serviço de telemedicina, em que as pessoas são atendidas por um número 0800, impedindo que qualquer sintoma leve as pessoas para rede hospitalar municipal e sobrecarregue o sistema; 3) Criação de "equipes de bloqueio", em que, ao identificar um paciente diagnosticado, uma equipe vai a campo para criar um ambiente de isolamento daquele paciente e pessoas que estiveram em contato; 4) Criação de centro de referência de Coronavírus, a partir da transformação de uma das UPAs da cidade, com equipes especializadas para que as pessoas com sintomas de Covid-19 se dirijam para lá; 5) Parceria com a faculdade de farmácia da Unesp, laboratório referência para o estado todo, passando a fazer exames em todos os sintomáticos. "Enquanto estávamos com o Adolph Lutz (Órgão da Secretaria Estadual de Saúde), levávamos até 15 dias para o resultado de um exame. Com a Unesp, reduzimos o prazo para até 12 horas o acesso aos resultados. Essa agilidade e tempo que conquistamos foram fundamentais para lidar com uma doença como a Covid-19", destacou Edinho; 6) Criação de inquéritos epidemiológico em que é feito o mapeamento por onde a doença passou pela cidade, com testes em pessoas de grupo de riscos por comorbidades, bairros carentes e profissionais mais expostos à contaminação; 7) Construção de um Hospital de Campanha com 51 leitos (30 leitos de enfermaria e 21 leitos de UTI) em apenas 5 semanas. "Criamos uma estrutura em que a possibilidade do sistema de saúde de Araraquara entrar em colapso é zero. Além disso, nosso hospital ficou à disposição das cidades da região", afirmou Edinho e 8) Criação de um comitê de solidariedade para ampliar programas de segurança alimentar, fortalecendo um ambiente muito forte de solidariedade na cidade. Disponível em: https://www.seade.gov.br/oito-medidas-que-tornaram-araraquara-exemplo-de-combate-a-covid-19-no-brasil/. Acesso em 18 de setembro de 2024.

UNESP, proporcionando que a coleta e a testagem de material viral fossem feitos em território municipal, potencializando a efetividade das políticas públicas na pandemia.

O outro importante acontecimento que destacamos no início da pandemia em Araraquara foi a construção do Hospital de Campanha. O terreno de sua construção foi encampado pelo município dia 6 de fevereiro de 2019 por caracterizar estado de abandono, e sua construção teve início em dia 26 de março de 2020, antes de confirmação dos primeiros casos. Contudo, sua construção gerou controvérsias e foi questionada pela oposição, como relembra Edinho Silva, que caracteriza o movimento como uma politização das ações de enfrentamento à pandemia na cidade (Silva, p. 118-123, 2023). Inicialmente contando com 50 leitos, sendo 30 de enfermaria e 20 de semi UTI, o Hospital de Campanha, denominado de "Hospital da Solidariedade", começou a funcionar no dia 14 de maio de 2020, quando Araraquara já registrava 130 casos confirmados e 4 óbitos em decorrência do Coronavírus. Com uma taxa de isolamento social que não passava de 42%, a preocupação do município era grande em relação a isso pois, seguindo diretrizes do governo estadual de João Dória (PSDB) na época, nenhum município poderia realizar flexibilização das normas se não tivesse atingisse os 55%. Cidades menores, próximas geograficamente de Araraquara, também estavam sendo atendidas pelo hospital: Américo Brasiliense, Motuca, Santa Lúcia, Boa Esperança do Sul, Trabuji e Gavião Peixoto[102].

Mesmo assim, existiram críticas e questionamentos que visavam descredibilizar a criação, o funcionamento e a urgência do Hospital de Campanha no município, como nos exemplifica o pronunciamento realizado em uma *live* de 10 de agosto de 2020, feita pelo Prefeito de Matão, cidade vizinha de Araraquara, após ter recebido três pacientes de Araraquara para tratamento em seu hospital municipal. O então Prefeito, Edinardo Esquetini (PSB), já havia questionado à Promotoria Pública e à Procuradoria Geral do Estado sobre a flexibilização da quarentena em Araraquara, por entender que Matão estaria sendo prejudicado em detrimento de seu vizinho, que não estaria seguindo as mesmas regras[103]. E, quando chegaram os pacientes para serem tratados em Matão, se pronunciou da seguinte maneira:

> Nós aqui não temos interesse de esconder nada de ninguém, é tudo vindo do hospital, diferentemente de Araraquara, que lá dentro os números são fechados dentro da prefeitura, ele tem hospital particular, ele tem hospital de campanha, o número sai do jeito que ele quer. Então a preocupação maior é a campanha eleitoral que está por vir do que a vida das pessoas, então por isso que a gente não fica sabendo do que acontece

[102] Conferir: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/05/12/coronavirus-hospital-de-campanha-de-araraquara-comeca-a-atender-na-quinta-com-50-leitos.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024.

[103] Conferir: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/07/16/coronavirus-Prefeito-de-matao-questiona-flexibilizacoes-em-varios-setores-de-araraquara.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024.

> [...] por quê que está vindo gente de Araraquara para Matão se lá na mídia regional estão apresentando Araraquara como a Califórnia brasileira, o salvador da pátria, o cara que sabe tudo, que entende tudo, aliás defendido por uma mídia da cidade de Araraquara.[104]

Entre o período de 27 de março de 2020 e 08 de agosto de 2020, dois dias antes da declaração do Prefeito, Araraquara acumulava 2.340 casos de infecção de Covid-19, com 406 novos casos na semana epidemiológica, 18 óbitos acumulados, 1 novo óbito notificado na semana epidemiológica, resultando em uma incidência de 991,22 casos por 100 mil habitantes e uma taxa de mortalidade de 7,62 por 100 mil habitantes. Matão, que em detrimento dos 236 mil habitantes de Araraquara, possuía 83 mil, praticamente 1/3 do município vizinho, tinha 250 casos acumulados de Covid-19, com 52 casos na semana epidemiológica e acumulava 8 óbitos, praticamente a metade do município vizinho, como sua população é menor que 100 mil habitantes, não é possível informar o cálculo[105].

Podemos verificar, portanto, que mesmo a despeito da diferença de tamanho dos municípios e da relevância regional que eles tinham na assistência social e sanitária de municípios vizinhos, resultando em variações nas taxas de contaminação, a proporção de óbitos, se comparada com o número de casos de contaminação, não corrobora com as falas do Prefeito, que indicam ineficiência das políticas públicas de Araraquara, tampouco com as acusações de fraudes nos índices apresentados.

Em trechos do discurso do Prefeito de Matão há uma articulação entre dois fatores importantes que compuseram o debate público no período pandêmico: a construção de bodes expiatórios e o combate bem sucedido da pandemia. Quando articula que seu município não tem nada a esconder, diferentemente de Araraquara que modifica os números através de suas políticas públicas (exemplificando o hospital de campanha), Edinardo Esquetini (PSB) tenta fortalecer uma teoria da conspiração onde os números representados pela mídia local, regional e nacional não são condizentes com a realidade, uma vez que – utilizando um exemplo pontual, dos três pacientes araraquarenses sendo tratados em seu município - as táticas do Prefeito Edinho Silva (PT) e outros agentes públicos seriam autoritárias e oportunistas, visando interesses ocultos que seriam supostamente contrários ao bem comum e interesse da população.

Se compararmos as taxas de São Carlos, nesse mesmo período, cidade com população parecida com a de Araraquara e próxima geograficamente, com 263.264 mil habitantes, veremos que o município detinha 1.618 casos acumulados, sendo 237 notificados na semana

---

[104] Disponível em: https://portalmorada.com.br/Prefeito-de-matao-questiona-transferencia-de-pacientes-de-araraquara/. Acesso em 18 de setembro de 2024.

[105] Os dados podem ser verificados em: https://covid.saude.gov.br/ e no painel interativo https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em 18 de setembro de 2024.

epidemiológica, com 26 óbitos acumulados, sendo 4 na semana epidemiológica, resultando em uma incidência de 614,59 por 100 mil habitantes e uma taxa de mortalidade de 9,88 por 100 mil habitantes, em detrimento dos 7,52 de Araraquara.

Estamos, ainda, tratando do período que vai desde o início da pandemia até o dia da declaração do Prefeito de Matão, 10 de agosto, e mesmo assim já se torna notório que a crítica realizada publicamente por ele, em um momento de alta tensão social, é infundada. Essa fala exemplifica e reverbera diversas outras que ocorreram em momentos anteriores, durante e posteriores, caracterizando, sobretudo, o intuito primário da manifestação que almeja politizar ações públicas e comprometê-las através de alusões ao complotismo de governos municipais e estaduais que estariam se aproveitando da pandemia para realizar políticas autoritárias e oportunistas. A Secretária Eliana Honain (2024), em entrevista que realizamos, também visualiza a presença desse fenômeno na pandemia:

> A infodemia, ela aqui, ela aconteceu muito por conta do lado político. Nós tínhamos um presidente que ironizava a doença, ironizava a falta de ar das pessoas, ironizava a falta de oxigênio. Considerando um país dividido politicamente, a maior desinformação, o maior estrago nesse processo, foi feito do lado político pelo líder da nação, pelo Presidente [...] Então, o maior problema aqui, dessa infodemia, foi realmente o político.
>
> Eliana Honain, Secretária da Saúde de Araraquara durante o período de pandemia, 2024, p.3

Na prática, os discursos feitos por agentes públicos, que reverberam a desconfiança em cidadãos, geram consequências no seu modo de agir e na forma como iriam encarar a pandemia e as suas necessidades. Edinho Silva (p. 126, 2023) relembra que o hospital de campanha de Araraquara sempre teve manifestantes em sua porta que, mesmo minoritários, constantemente questionavam o número real de internados e os equipamentos comprados pela prefeitura, gerando uma "contrainformação" aos boletins divulgados pela Secretária da Saúde, Eliana Honain. Essa tática política não foi isolada; um evento marcante no Brasil, ocorrido no dia 4 de junho de 2020, foi a invasão do hospital do Anhembi, em São Paulo. Na época, Deputados estaduais visitaram o hospital sem aviso prévio e sem comunicação às autoridades municipais, gerando uma confusão entre os parlamentares e os seguranças da unidade. A fiscalização foi feita pelos parlamentares Adriana Borgo (Pros), Marcio Nakashima (PDT), Leticia Aguiar (PSL), Coronel Telhada (PP) e Sargento Neri (Avante). O grupo alegou que o objetivo era de verificar o funcionamento da unidade, que estava respondendo um inquérito no Tribunal de Contas do Município e da Controladoria-Geral da Prefeitura para apurar uma suposta irregularidade em contratos municipais de saúde. Para isso, eles filmaram as alas do hospital e

pacientes que estavam internados sem sua autorização, reforçando que haviam leitos não ocupados e que isso caracterizaria um gasto desnecessário por conta dos municípios[106].

A invasão do hospital em Anhembi, assim como as manifestações na frente do hospital de campanha em Araraquara, além de não serem eventos isolados, também não são espontâneos, e isso pode ser verificado na repercussão do acontecimento em Anhembi em uma fala do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no dia 11 de junho de 2020:

> Tem hospital de campanha perto de você, hospital público, arranja uma maneira de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso e mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não. Se os gastos são compatíveis ou não[107].

Na reportagem da BBC Brasil acerca da invasão de hospitais, uma enfermeira afirmou que "ele está incentivando a baderna, o desrespeito ao próximo e ao profissional de Saúde", manifestando ter medo de outras invasões, sobretudo após a declaração do então Presidente da República incentivando essas ações por parte dos cidadãos brasileiros. Se analisarmos esse tipo de acontecimento em Araraquara, focando na origem da indignação da população, que tinha como principal motivação a desconfiança na gestão fiscal do município em relação a políticas públicas empregadas para o combate ao Coronavírus, encontramos contradições pulsantes entre uma parcela da população que visualiza esse momento histórico através da descrença e do ressentimento e deliberações de órgãos superiores de fiscalização. No dia 14 de maio de 2020, por exemplo, o Tribunal de Contas do Estado (TCE-SP), colocou Araraquara entre os 20% dos municípios paulistas que cumpriram todos os requisitos de transparência em relação às despesas e receitas do enfrentamento à Covid-19, foram apenas 125 cidades das 644 do estado que cumpriram com as exigências[108].

O contraste que surge logo no primeiro ano da pandemia, portanto, se configura, por um lado, pela construção discursiva da extrema-direita bolsonarista (liderada pelo próprio presidente da República) que não só negava evidências científicas daquilo que estava ocorrendo e, sobretudo, do que poderia ocorrer, tomando como base outras experiências de países e órgãos internacionais, mas também incentivava o agir com desconfiança, e de outro, a importância reconhecida do Sistema Único de Saúde (SUS) como instituição capaz de mitigar a crise sanitária e potencializar a prevenção contra o contágio do vírus e a assistência aos infectados.

---

[106] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/04/fiscalizacao-de-deputados-no-hospital-do-anhembi-gera-tumulto-e-prefeitura-diz-que-invasao-expos-funcionarios-e-pacientes.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024

[107] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53030520. Acesso em 18 de setembro de 2024

[108] Disponível em: https://rciararaquara.com.br/cidade/araraquara-integra-lista-de-municipios-transparentes-com-gastos-da-covid-19/. Acesso em 18 de setembro de 2024

O Brasil é o único país com mais de 200 milhões de habitantes a ter um sistema universal de saúde, sendo que em torno de 162 milhões de pessoas dependem dele exclusivamente para quaisquer atendimentos, da atenção primária a tratamentos de alta complexidade (Almeida et al, 2020, p. 23).

Em Araraquara, esse contraste foi demonstrado pelo constante questionamento sobre o propósito do hospital de campanha, mas também pelas diversas manifestações (de agentes públicos, cidadãos, organizações, mídias alternativas etc.) que articulavam teorias negacionistas e irracionalistas para questionar o combate bem sucedido da cidade, principalmente levando em consideração que, durante quase todo o ano de 2020, ainda não estava no horizonte da sociedade a criação e utilização da vacina, o que fez com que as disputas se concentrassem em torno do distanciamento social e das políticas públicas que se guiavam pelo debate científico.

Outro acontecimento em Araraquara que reverberou no debate nacional se deu no dia 13 de abril de 2020, na Praça dos Advogados, localizada na Vila Harmonia. Uma mulher de 44 anos chamada Silvana, administradora de empresas, descumprindo o decreto que estabelecia quarentena no município e restringia a circulação de pessoas em praça pública, dentre outras providências, (Decreto Municipal nº 12.242/2020), se recusou a sair da praça ao ser abordada pela Guarda Civil Municipal (GCM), alegou estar "caminhando para aumentar sua imunidade" (já na delegacia) e disse:

> A constituição está acima de qualquer decreto que for! Esse circo de Coronavírus não funciona comigo, esse cirquinho de Coronavírus que armaram para implantar uma ditadura comunista, tá? Comigo não funciona, eu sou uma pessoa livre[109].

Após isso, reagiu à abordagem mordendo o braço de uma das policiais da Guarda Civil Municipal (GCM). Ao receber voz de prisão e ser algemada por 4 guardas municipais, enquanto a ação era filmada por um jornal local, se pronunciou da seguinte maneira:

> Esse é o fim da picada, eu sou uma pessoa livre! Bandidos são vocês, vocês que são bandidos, comunista do inferno, comunista! [...] Filma aí o circo, puxa saco do PT, dos comunistas, filma aí, puxa saco.[110]

Esse caso se tornou emblemático e foi utilizado como exemplificação de um suposto autoritarismo por parte de municípios que estariam propondo a quarentena e o distanciamento

[109] Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/presidencia-questionou-prisao-de-mulher-que-furou-quarentena-em-araraquara. Acesso em 18 de setembro de 2024

[110] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/04/13/mulher-morde-guarda-municipal-ao-ser-detida-por-caminhar-em-praca-de-araraquara.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024

social como medidas não farmacológicas de combate ao Coronavírus. O ex-Presidente Bolsonaro citou esse caso por diversas vezes, inclusive em uma reunião ministerial, cobrando posicionamento do então Ministro da Justiça, Sérgio Moro, para auxiliar na defesa de pessoas que estariam descumprindo as normas sanitárias[111]. Em um vídeo postado pelo ex-Senador e atual Deputado Federal José Antonio Medeiros (PL) em suas redes sociais, a mulher relata, após ser liberada, que o que aconteceu seria "comunismo, ditadura" e que "isso vai virar rotina [...] acorda, gente! Isso é ditadura, estão usando o vírus como desculpa"[112].

Araraquara registrava, em 13 de abril de 2020, 28 casos confirmados de Covid-19 e 2 óbitos, com outros 28 casos em investigação. Esse episódio demonstra como logo no início da pandemia o cenário político e sua polarização reverberavam no aceite/recusa das políticas sanitárias que estavam sendo propostas pelos municípios, que não só enfrentavam o vírus da Covid-19, mas também o vírus da desinformação. A cidadã, ao propor que seria livre e, portanto, não poder ter direitos restringidos, mesmo em um momento onde isso significaria disseminar o vírus e colocar a vida de outras pessoas em risco, articulou seu argumento com a ideia de que o contrário da liberdade seria a ditadura comunista e que a pandemia de Covid-19 seria uma armação, um complô de líderes autoritários, para restringir a liberdade de sujeitos que não estariam fazendo "nada de errado". Essa ação social foi incentivada e protegida pela extrema-direita brasileira, que respaldava a desconfiança e o ressentimento de indivíduos, possibilitando que cenas como essa não só fossem possíveis, mas também desejáveis, pois compunham um amplo argumento negacionista que se disseminava rapidamente pelas redes sociais e influenciavam muitas pessoas ao redor do Brasil[113]. É o que também relata, em entrevista que realizamos, o fiscal da Vigilância Sanitária Atair Machado de Oliveira:

> Olha, durante as barreiras sanitárias que nós fazíamos nas ruas muitas pessoas criticavam a barreira sanitária, falavam que era desnecessário [...] eu pessoalmente encontrei vários estabelecimentos abertos, funcionando, e as pessoas brincando como se não tivesse pandemia. Aí tivemos que chamar guarda, polícia, o pessoal foi processado, deu briga (Oliveira, 2024, p. 2).

---

[111] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/06/03/bolsonaro-coronavirus-araraquara-decreto.htm. Acesso em 18 de setembro de 2024

[112] Disponível em: https://www.facebook.com/josemedeirosMT/videos/agredida-em-parque-de-araraquara-se-pronuncia/848504312331128/. Acesso em 18 de setembro de 2024

[113] Em 2022, através de uma decisão da justiça de Araraquara (SP), a mulher recebeu R$ 10 mil de indecisão da prefeitura, por que "houve uso de força física e a mera negativa da autora em deixar o local não é suficiente para justifica-la" segundo o juiz Guilherme Stamillo Santarelli Zuliani, da 1ª Vara da Fazenda Pública. Silvana ainda responde a denúncia de lesão corporal e desacato pelo Ministério Público Estadual, que está em segredo na justiça. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/02/08/justica-determina-indenizacao-para-mulher-detida-apos-abordagem-por-descumprir-decreto-contra-covid-em-araraquara.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024

Em contraposição, o município que apenas seguiu a cartilha de boas práticas usadas por países asiáticos e europeus, valorizando os poucos fatos científicos que já eram conhecidos sobre o Coronavírus[114], foi reconhecido internacionalmente no Jornal Francês *Libération*, no dia 28 de setembro de 2020. Com uma média de 9 mil testes PCR por 100 mil habitantes, a média de Araraquara, nesse período, era quatro vezes maior do que a média brasileira, o que explica, em parte, suas altas taxas de contaminação em detrimento de outras cidades, ao mesmo tempo, que também indica uma das características que auxiliaram para o combate rápido e efetivo da disseminação e mortalidade da doença, resultando em uma média de óbitos três vezes mais baixa que a média nacional [115].

Abaixo, formamos um quadro baseado em dois estudos sobre o âmbito discursivo da liderança de Jair Messias Bolsonaro durante o período de pandemia no ano de 2020 (Couto; Correia; Carrieri, 2021; Lopes; Brito; Santos, 2022), que destacam a importância que a liderança, que se constituiu na figura de um "antílider", teve na não coordenação federativa para o combate à Covid-19 e também sua relação com a desinformação. Sustentamos que cada um desses discursos destacados contém elementos do que buscamos caracterizar como pensamento mágico, fortalecendo a contraposição que buscaremos reconstruir, através da memória histórica, de duas experiências opostas que aconteceram num mesmo território: uma, bem sucedida, a partir da coordenação política guiada por preceitos científicos (Araraquara) e outra, mal sucedida, guiada pela desorganização intencional e negacionista (Brasil)[116]. Todas as referências – para a análise do quadro - em relação às taxas de contaminação e óbitos decorrentes da Covid-19 foram retiradas do site da Organização Mundial da Saúde (OMS)[117], preferimos utilizar esse banco de dados por conta da divergência numérica encontrada ao comparar as datas e índices em diversos sites de notícias no período, mesmo que a discrepância não fosse relevante para alterar as análises.

Quadro 5: discursos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e características do pensamento mágico.

Data	Discurso	Característica do pensamento mágico

[114] Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-lockdown/. Acesso em 18 de setembro de 2024
[115] Disponível em: https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20200928-lib%C3%A9ration-destaca-sucesso-da-luta-contra-covid-19-em-araraquara-%C3%A0-revelia-de-bolsonaro. Acesso em 18 de setembro de 2024
[116] A "CPI da Covid", formada para investigar negligências no processo de condução política da pandemia por parte do Governo Federal, montou uma coletânea de falas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro que indicam o teor das decisões que foram tomadas entre janeiro de 2020 e janeiro de 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/a-pandemia-pelo-olhar-de-jair-bolsonaro. Acesso em 18 de setembro de 2024
[117] Disponível em: https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c Acesso em 18 de setembro de 2024

09 de março de 2020	"Tem a questão do Coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus"	O então Presidente da República se pronuncia de maneira **negacionista**, ao propor que o poder destruidor do vírus estaria sendo "superdimensionado". A Itália, país fora da Ásia que tinha o maior número de infectados, já registrava 7375 casos confirmados e 366 mortos pela doença até a data deste pronunciamento.
21 de março de 2020	"Eu não quero histeria! Porque isso atrapalha! Tem certos chefes de Estado por aí, até Prefeitos já está falando em ELE decretar interdição do aeroporto, fechando o shopping, fechando estradas federais, é inadmissível isso! [...] Vão morrer alguns do vírus, sim, vão morrer! Alguns por já estar com deficiência, outros que vai acontecer, vai pegar o cara...pegou o cara no contrapé, vai acontecer, lamento. A minha mãe está com 92 anos de idade, magrinha, se pegar nela qualquer coisa, coitada da minha mãe, eu acho que ela nos deixa. Agora não podemos criar esse clima todo que está aí, prejudica a economia" [...] É isso que temos que falar para a sociedade, olha, vamos passar por isso, a chuva está vindo aí, você vai se molhar, agora se você botar uma capinha aqui, tudo bem, passa. Agora, se você entrar em parafuso, tu vai morrer afogado embaixo da chuva."	Discurso com características **naturalistas**, além de reforçar o **negacionismo**. Ao afirmar que os indivíduos que estivessem debilitados, de diversas maneiras, não poderiam prejudicar a economia, mesmo que isso significasse sua morte, Jair Bolsonaro naturaliza o modo de produção capitalista neoliberal (através do termo economia) como superior à própria vida humana. Além disso, nega o impacto do vírus ao caracterizá-lo como uma "chuva", onde seria possível mitigar seus impactos vestindo uma "capinha". Sua simplificação do problema, em um momento onde não existiam remédios comprovados cientificamente que poderiam amenizar o impacto do vírus, tampouco vacina em desenvolvimento avançado, ignora que o único meio era o distanciamento social – uma vez que propõe que as atividades laborais não sofram interferência. O Brasil registrava 428 casos e 4 óbitos.
25 de março de 2020	"A ação dos governadores é um crime e ficar em casa é atitude de covarde"	Ao atribuir teor criminal para decisões de governadores que defendiam medidas de isolamento social, através de diferentes níveis de quarentena, o discurso manipula o medo e, portanto, é **passional**, ao propor que a atitude era covarde por não encarar a situação de uma maneira que era apoiada pela ideologia bolsonarista. No Brasil os casos confirmados eram de 1.891 casos confirmados e 34 óbitos.
26 de março de 2020	"Eu acho que não vai chegar a esse ponto [a situação dos Estados Unidos]. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda a não proliferar isso daí [...]"	Além do **negacionismo**, uma constante nos discursos, a visão propaga a **anticiência** ao articular a noção de anticorpos contra o Coronavírus com o contato com outros resíduos tidos como "sujos", como demonstrado pelo exemplo do brasileiro "pulando no esgoto". Há uma junção entre conceitos do darwinismo social e da eugenia para propor que o brasileiro (generalizando mais de 200 milhões de pessoas) seria sujo e por isso mais resistente do que o restante da população global (como por exemplo a dos Estados Unidos). No Brasil já se somavam 2.201 casos e 46 óbitos.
30 de março de 2020	"Esse vírus é como a chuva, vai molhar 70% de vocês, tá certo. Isso ninguém contesta. Toda a nação vai ficar livre de pandemia depois que 70% for infectado e conseguir os anticorpos, ponto final. Mas desses 70%, uma pequena parte, que são os idosos, e quem tem problemas de saúde, vai ter problema sério. Vai passar por isso também. [...] Por demagogia, até a imprensa ali, por demagogia, há uma	Propõe o **conspiracionismo** ao visualizar a teoria da "imunidade por rebanho" como solução para conter a disseminação do vírus e reforça esse conspiracionismo ao falar sobre a imprensa que está notificando as informações sobre a doença por ter interesses secundários, caracterizando-os como **bodes expiatórios**. Essa **simplificação** do pensamento científico, impulsionando um **negacionismo científico**, imputa os impactos da Covid-19 apenas em grupos de risco e idosos,

	disputa entre algumas autoridades em quem está mais preocupado com a vida de vocês"	ignorando que para atingir a "imunidade de rebanho", calculada em 60% da população infectada e não disseminando o vírus, o Brasil teria entre 1 e 2 milhões de mortos em decorrência do Sars-CoV-2, já que a mortalidade da doença varia entre 1 e 2% dos infectados[118]. No Brasil, se registrava 3.903 casos e 114 óbitos.
02 de abril de 2020	"Paz, tranquilidade. Para quem tem fé, papai do céu está conosco. Acredito em Deus. De acordo com a decisão aqui de evangélicos e católicos, eles têm pedido para mim para que a gente possa marcar um dia de um jejum de todo o povo brasileiro para a gente ficar livre deste mal [Coronavírus] o mais rápido possível"	Ao misturar a religiosidade com seu papel de líder político, Jair Messias Bolsonaro propôs um jejum de todo o povo brasileiro para fazer com que a nação vencesse a Covid-19 o mais rápido possível, atribuindo o combate bem sucedido ao vírus à um **misticismo** relacionado ao cristianismo. No Brasil, se registrava 5.717 casos e 201 óbitos.
03 de abril de 2020.	"[...] é um sentimento, é a lama do povo que está naquele cercadinho, e vem aqui por que o SEU presidente conversa com o povo e vai continuar conversando com o povo! E se eu achar que eu devo ir para Sobradinho, ou para outra cidade satélite, eu vou! A responsabilidade é minha! Eu é que estou botando minha vida em risco! [...] A primeira coisa como chefe de Estado é levar calma para eles. Calma! É igual na guerra. Calma, bicho! Você pode levar um tiro na cara, pode! Mas vamos fazer tudo para não levar. Aqui é a mesma coisa. Vamos continuar tomando as medidas protetivas quem tem maior idade, doenças, quem não tem o que fazer, fica em casa. Agora quem pode trabalhar e tem que trabalhar, em especial, o pessoal abaixo de 40 anos. TEM QUE IR TRABALHAR!	O ex-Presidente da República fala sobre seu papel de tranquilizador, reforçando o **hiperindividualismo** ao propor que, mesmo enquanto chefe de Estado, se quiser colocar sua vida em risco, é de sua responsabilidade e não deveria ser alvo de questionamento. Ele propõe uma analogia com a guerra, onde cada cidadão seria como um soldado e a doença seria como uma bala, podendo ser fatal; utiliza isso como tática para impulsionar o **naturalismo econômico** de que todos aqueles que não estão caracterizados como população em risco, devem ir trabalhar. No Brasil, se registrava 6.836 casos e 241 óbitos.
19 de junho de 2020	"O STF determinou que as ações diretas em relação ao Covid-19 são de responsabilidade de estados e municípios"	Nesse caso é de **negação**, mas em relação à sua responsabilidade, utilizando a decisão do STF de que as ações diretas em relação à Covid-19 para reforçar de que o governo federal não teria nenhuma responsabilidade sobre as consequências do vírus em cenário nacional, o que é uma caracterização de sua figura de "antílider" na descoordenação das ações ao longo do território brasileiro durante a pandemia. No Brasil, eram 955.377 casos e 46.510 óbitos.
30 de julho de 2020	"Pessoal, se fala muito da vacina da Covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e 100 milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país não, tá ok, pessoal? É da Oxford, aí"	Ao anunciar que o Brasil estaria presente no consórcio de Oxford, um acordo global que foi desenvolvido para distribuição de vacinas para diversos países, se apoia em uma retórica **xenofóbica**, indicando que as vacinas "daquele outro país" (China), não seriam seguras, mas que a população poderia se tranquilizar, pois o consórcio de Oxford, liderado por países ocidentais, seria. No Brasi, se registrava 1.344.143 casos e 57.622 óbitos.
15 de dezembro de 2020	"Eu não posso falar como cidadão uma coisa e como presidente outra. Mas como eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se	**Negacionismo científico** ao dizer que não irá tomar a vacina, além de reforçar o **hiperindividualismo** quando isola sua vida das demais ao seu redor, ignorando o impacto que cada sujeito tem em sua

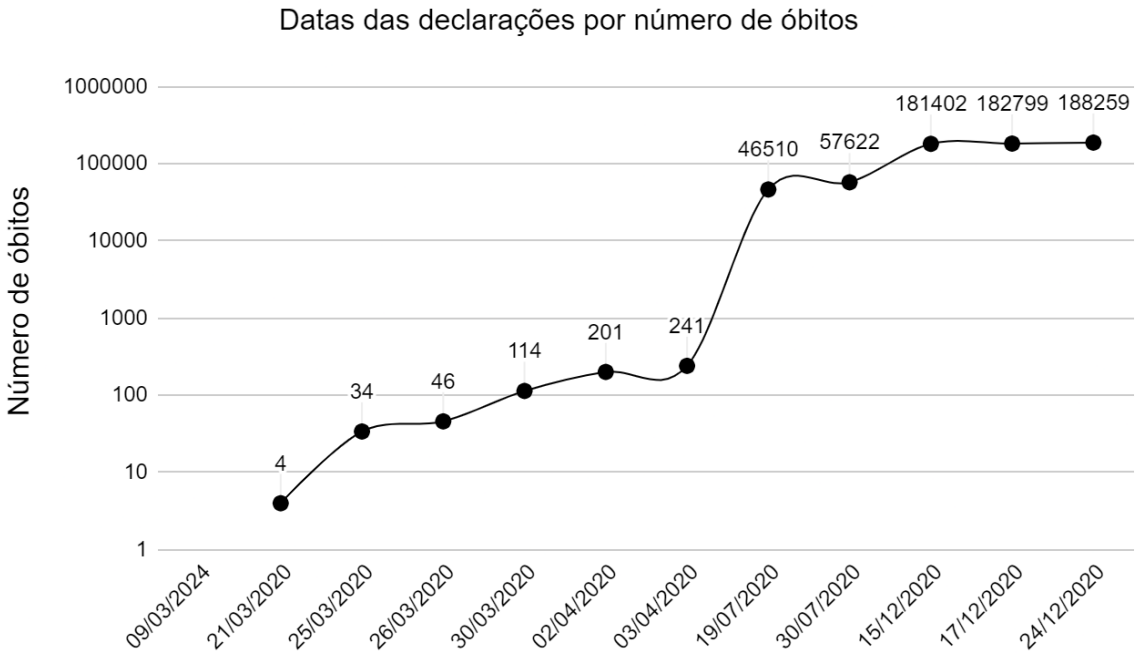
[118] Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes/ e https://www.bbc.com/portuguese/geral-58559716. Acesso em 18 de setembro de 2024

	alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final." (15 de dezembro de 2020)	sociedade, vivida coletivamente. Além disso, a expressão "ponto final" indica que não há espaço para debate, reforçando que se a vida dele estaria em risco, seria problema dele e de mais ninguém, quando os fatos justamente indicavam a necessidade da cooperação para um combate bem sucedido à disseminação do vírus. No Brasil, se registrava 6.901.952 casos e 181.402 óbitos.
17 de dezembro de 2020	"Na Pfizer, está bem claro no contrato: "nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral". Se você virar um jacaré, é o problema de você. Não vou falar outro bicho aqui para não falar besteira. Se você virar o super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso". (17 de dezembro de 2020)	Utiliza uma retórica **homofóbica** para exemplificar efeitos que supostamente poderiam acontecer ao se tomar uma vacina, impulsionando o **obscurantismo** ao articular um instrumento científico que seria eficaz no controle da doença com atitudes hostis à diversidade da humanidade, bem como articula o mundo **fantasioso** ao propor a imagem de virar um jacaré ou qualquer outro animal ao se tomar uma vacina, supostamente sem os efeitos colaterais conhecidos. No Brasil, se registrava 6.970.034 casos e 182.799 óbitos.
24 de dezembro de 2020	"Parece que a eficácia da vacina de São Paulo está lá embaixo. Não vou divulgar percentual aqui, porque se eu errar 0,001% eu vou apanhar da imprensa. Mas parece que a eficácia está lá embaixo, em relação à outra [vacina]" (24 de dezembro de 2020).	A partir da disputa travada entre o ex-governador de São Paulo, João Dória (PSDB) e o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, sobretudo na questão do distanciamento social e nos consórcios da vacina, esse discurso reforça o **comportamento de torcida**, onde não há diálogo com quem está no outro time, no outro lado do espectro político, bem como, novamente, reforça o **negacionismo científico** ao propor que a vacina CoronaVac, fabrica e distribuída em parceria com a China e o instituto Butantan, através dos esforços do Estado de São Paulo, teria menos eficácia que outras vacinas produzidas por países ocidentais. No Brasil, se registrava 7.318.821 casos e 188.259 óbitos.

Elaboração própria baseado em Couto; Correia; Carrieri, 2021; Lopes; Brito; Santos, 2022.

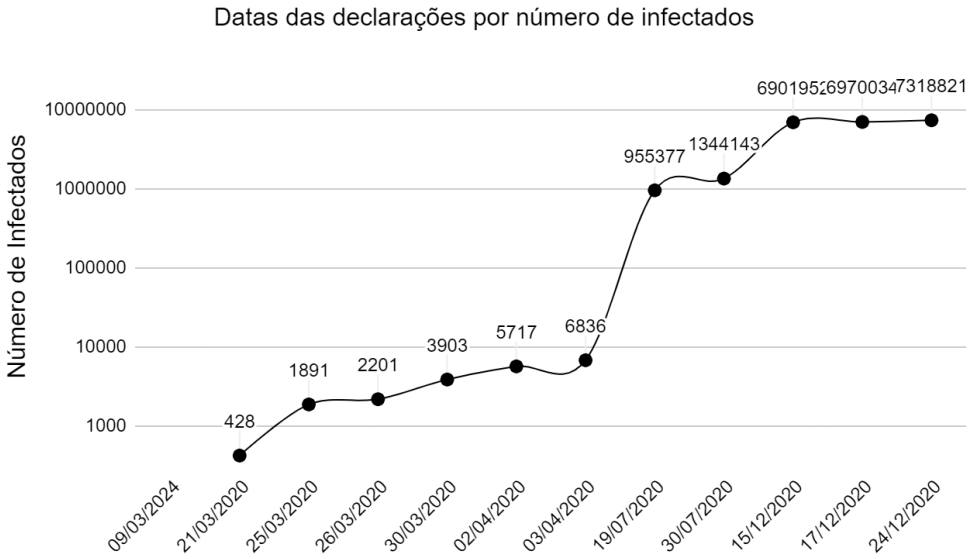
Abaixo há uma relação entre as datas dos discursos proferidos e o número de contaminados por Covid-19 e também entre os óbitos decorrentes da doença.

Gráfico 1: data das declarações do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro e o respectivo número de óbitos no



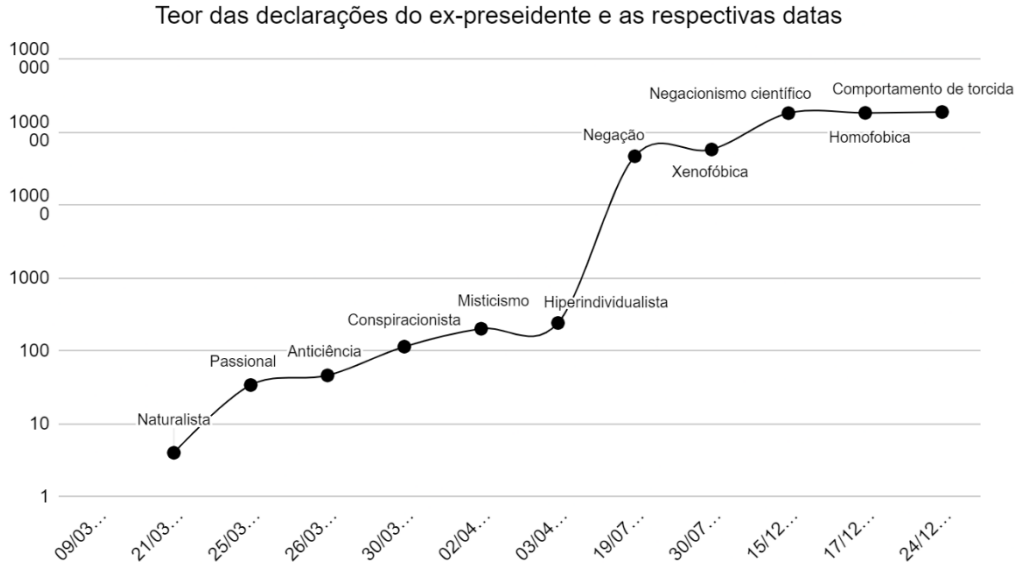
Fonte: elaboração própria

Gráfico 2: data das declarações do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro e o respectivo número de infectados no Brasil.



Fonte: elaboração própria

Gráfico 3: data das declarações do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro e o respectivo teor do discurso



Fonte: elaboração própria

4.1.1 A pandemia e o federalismo no governo Bolsonaro

Em análise realizada por pesquisadores do Fórum das Federações (Chattopadhyay; Knüpling; Chebenova, p. 4, 2022), comparando 24 países ao redor do mundo e o impacto da Covid-19 na sua prática federalista, três categorias de governança foram identificadas: 1) Governo Nacional Dominou as Respostas; 2) Forte Colaboração e Coordenação Entre Níveis do Governo; 3) Fraca Colaboração entre Níveis do Governo. O Brasil se enquadrou na terceira categoria, onde o Governo federal e outras unidades de governo (estadual e municipal) estavam, muitas vezes, em desacordo sobre a política. Em alguns casos, estados competiam entre si para garantir recursos e equipamentos para lidar com a pandemia, sendo que países que se enquadram nesse cenário tiveram desempenhos ruins quando são medidas as mortes por 100 mil habitantes (Chattopadhya; Knüpling; Chebenova, 2022, p.5).

Destacando o *Increased Apex-level Intergovernmental Relations (IGR)*, os autores indicam que a importância do índice foi particularmente evidente em federações grandes, com uma população maior que 80 milhões pessoas, onde uma melhor coordenação entre níveis de governo resultou em um melhor desempenho através da medição de casos acumulados por 100 mil habitantes e mortes acumuladas por 100 mil habitantes. Em comparação com Etiópia, Alemanha, Índia, México, Nigéria, Paquistão, Rússia, Estados Unidos da América e União

Europeia, em casos acumulados o Brasil (3.770,1) só ficou atrás dos Estados Unidos (6.574,3) e União Europeia (3.892,5) e em mortes acumuladas o Brasil (94.8) ficou apenas atrás de México (102.4) e Estados Unidos da América (110.5) (Chattopadhya; Knüpling; Chebenova, 2022, p. 7-8.).

No governo Bolsonaro, foram três principais características transformadas pela Covid-19: 1) o enfraquecimento das arenas de cooperação federativa; 2) o conflito federativo, deixando o fardo para o combate da pandemia na responsabilidade apenas de governadores e Prefeitos e 3) o "negacionismo federativo que não reconhece a competência constitucional de Estados e municípios para lidar com a política de saúde e o enfrentamento à pandemia, como definido pelo artigo 23 da CF/88" , gerando uma descoordenação federativa (Grin, *et al*, 2022, p.6).

Podemos ressaltar o Fórum Nacional dos Governadores, criado no início da pandemia para discutir a crise e, em diversos momentos, se opor ao presidente com relação à Covid-19, a Frente Nacional dos Prefeitos e o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) (Grin *et al*, 2022, p. 11.), como exemplos da configuração que se delimitou a partir do governo Bolsonaro e o modo como aconteceram articulações em diferentes níveis do governo, que não necessariamente dependiam da União para propor diretrizes de ação contra o Coronavírus.

Nesse cenário conflituoso, "dada a inexistência de coordenação nacional por parte do governo federal, coube aos Estados e municípios uma resposta governamental a partir do contexto e da correlação de forças sociais" (Silveira *et al*, 2022, p. 11). A judicialização que aconteceu em âmbito estadual, como aponta a análise de agendas e conflitos no contexto da pandemia de Covid-19 no Estado do Rio Grande do Norte, também se repetiu em nível nacional, acirrando, localmente, a competição entre entes e demonstrando a imaturidade do federalismo brasileiro para soluções baseadas na cooperação (Silveira *et al*, 2022, p. 11). Os autores ainda indicam que:

> os dados da pesquisa confirmam a coexistência de uma multiplicidade de crises que foram além da política de saúde, destacando-se os conflitos na área econômica e social no RN. A ausência de resposta ao cidadão na forma de concretização de direitos gerou uma excessiva judicialização nas mais diversas áreas. Foram encontrados problemas de (des)coordenação e (des)arranjo federativo, os quais resultaram em conflitos que foram solucionados no Judiciário ou mediados por atores do sistema judicial. O Judiciário foi acionado por cidadãos, entes públicos e privados em casos de violação de seus direitos fundamentais, para proteger seus interesses ou para promover o que consideram a melhor resposta à crise sanitária. Pode-se inferir que o desarranjo federativo e a dificuldade de cooperação intergovernamental agravaram a crise e foram elementos catalisadores da judicialização no Rio Grande do Norte (Silveira *et al*, 2022, p.20).

Esse cenário se complexifica na medida em que a saúde no Brasil é tratada como competência material comum entre todos os entes federativos, segundo o artigo 23, inciso II, da Constituição Federal, e o Sistema Único de Saúde (SUS) consiste em uma política social nacional, que é organizada de forma regionalizada com divisão de competências constitucionais, segundo o artigo 198, da Constituição Federal, e legais, segundo a Lei Federal nº 8.080/1990. A divisão dos recursos públicos também é marcada pela relação entre os três níveis da federação (Leoni, 2022, p. 4).

Mesmo que a postura do Supremo Tribunal Federal (STF) tenha se mantido centralizadora, favorecendo as competências da União em relação a outros entes quando se trata de mediação de conflitos, como demonstra Fernanda Leoni (2022, p.4), importantes acontecimentos se desdobraram desse panorama formado, primeiramente, pela MP nº 926, de 20 de março de 2020, que buscava estabelecer a competência exclusiva ou privativa da União na definição das medidas de combate à pandemia, mas que foi revertida através do julgamento da ADI 6.341/2020 pelo STF (Paiva; Torrezan; Paiva, 2022, p. 4.):

> Esse cenário de rompimento na condução das políticas públicas econômicas, sanitárias e sociais de natureza cooperativa possui forte correlação com o discurso negacionista propalado pelo governo federal desde o início da pandemia. Esse discurso centra-se na tentativa constante de responsabilizar governadores e Prefeitos pelo caos sanitário e eventual declínio econômico, decorrentes das medidas de isolamento social promovidas por estes entes. Após um ano de combate à pandemia e inúmeras tentativas infrutíferas de articulação entre as esferas federativas, o arranjo nacional passou por mudanças e sinalizou em direção à cristalização de uma federação alheia aos preceitos estabelecidos na Carta Magna (Paiva; Torrezan; Paiva, 2022, p.8)

Não é coincidência, portanto, que diversos dos discursos proferidos pelo presidente da República durante esse período faziam alusões à responsabilização de Estados e municípios na condução do combate à Covid-19, propondo um federalismo coercitivo através de um negacionismo que buscava atribuir aos outros entes a culpa pela "crise econômica e sanitária, o movimento antivacina e as manifestações contrárias às medidas de distanciamento social e de assepsia" (Paiva; Torrezan; Paiva, 2022, p. 9). De outra maneira, com a Lei Complementar nº 173/2020, publicada em maio de 2020, que previa a suspensão de pagamentos de dívidas e a distribuição de recursos para Estados e municípios para o combate à Covid-19, mas em contrapartida estabelecia um conjunto de restrições ao crescimento das despesas públicas, sobretudo as relacionadas à folha de pagamento de servidores públicos (Paiva; Torrezan; Paiva, 2022, p. 13), também se torna evidente que seu principal intuito era:

> agir contra governos subnacionais que agiam adotavam medidas baseadas na ciência e, portanto, contrárias às orientações do poder central. Esses entes, com visões amparadas na ciência, se tornaram abruptamente adversários odiosos pelas autoridades do governo federal (Paiva; Torrezan; Paiva, 2022, p. 12).

Em âmbito fiscal durante a pandemia a nova configuração federalista se manifesta, por um lado, pelo considerável consenso que existiu nas relações entre o Executivo-Legislativo e entre os partidos no âmbito dos Fundos de Participação (FP's), e de outro lado nas fortes clivagens que emergiram, tanto entre o governo e o Legislativo, particularmente a Câmara dos Deputados, quanto entre as bancadas estaduais, dividindo os partidos e polarizando Estados ricos e pobres (Junior; Lazzari; Fimiani, 2022, p. 18). Os autores apontam que, em relação à reposição dos Fundos de Participação, o governo federal se colocava contrário à reposição integral por três principais motivos: 1) cidades pequenas e os Estados pobres seriam prejudicados; 2) a União não teria previsibilidade financeira e 3) os entes subnacionais não se sentiriam compelidos a buscar a retomada da economia, sendo que:

> O argumento (i) ignora a reposição dos FP's e o fato de que os entes subnacionais mais pobres também teriam suas perdas arrecadatórias de ICMS e ISS integralmente repostas. [...] O argumento (ii), de que os parâmetros inicialmente definidos pela Câmara implicariam ausência de previsibilidade e, principalmente, aumento de gastos pela União, ensejou a ameaça de veto presidencial pelo líder do governo. [...] O argumento (iii) toca em uma das questões mais conflituosas no combate à pandemia no Brasil. De um lado, o presidente defendendo a posição de um mínimo isolamento, sob o argumento de que a economia não podia parar. De outro, a posição de diversos governadores e Prefeitos que adotaram medidas restritivas. A disputa mais conspícua foi com o governador de São Paulo, João Dória (SP), que desde o primeiro momento se colocou como candidato presidencial em 2022 (Junior; Lazzari; Fimiani, 2022, p. 16).

Aquilo que caberia à União, ou seja, definir os princípios, desenhar as políticas e programas de ação, as metas, regular, coordenar as decisões e supervisionar as ações a serem implementadas (*policy decision making)* e aquilo que caberia aos entes subnacionais, ou seja, o que se refere à capacidade decisória sobre as estratégias e ações sobre a forma de implementar a política (*policy making*), definitivamente sofreu uma alteração ao longo dos anos de pandemia de Covid-19 no Brasil, afetando Estados e municípios e obrigando-os a assumirem maior protagonismo durante a crise sanitária (Martelli, p. 274, 2021). Como analisa ex-Secretária da Saúde do município de Araraquara, Eliana Honain (2024, p. 185):

> Quem dá política de saúde em qualquer área, a responsabilidade, a competência, é do governo federal. Então, ele dá as linhas gerais, do que tem que fazer. Qual o papel dos Estados? Eles darem um apoio técnico. Quem executa as ações é o município. O que que aconteceu na Covid? Não tinha uma política nacional, tinha divergências, até descrédito da doença e de como conduzir a doença.

Esse cenário, composto de crises econômicas/fiscais, sociais, culturais, sanitárias, ambientais, morais, políticas, somado à ausência de coordenação federal, principalmente em relação às políticas públicas, e ao papel de antílider exercido por Jair Messias Bolsonaro, incentivam a constante suspeita e acusação, um estado de exceção que fortalece o direito de matar na medida em que "em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo. Ele também trabalha para produzir a mesma exceção, emergência e inimigo ficcional" (Mbembe, 2018, p. 17). Sendo assim, tanto em âmbito material, quanto em âmbito simbólico, o período de pandemia no Brasil foi marcadamente moldado por uma retórica agressiva típica da extrema-direita, com consequências que foram determinantes para a condução da pandemia por parte da estrutura política[119].

4.1.2 Araraquara como referência de gestão da pandemia de Covid-19 em 2020

Diversas políticas distintas foram empregadas em cada uma das esferas federativas ao redor do Brasil. Estados e municípios, mais ou menos articulados, buscaram propor a partir de suas composições de governo, lógicas de governança e possibilidades estruturais e materiais, políticas de combate ao Coronavírus. Ou, em alguns casos, não propor nada como atitude político-ideológica e aguardar que a contaminação da população gerasse a chamada "imunidade de rebanho". Um artigo vinculado a Fiocruz evidenciou a resiliência de municípios que financiaram ações e serviços públicos de saúde (ASPS), já que os "municípios resilientes que ampliaram os recursos próprios para as ASPS, receberam proporcionalmente menos recursos do Governo federal durante a emergência sanitária produzida pelo novo Coronavírus em comparação aos não resilientes" (Costa, 2021, p. 16). O estudo analisou 87 municípios com elevada disponibilidade orçamentária, apontando para a redução histórica da União no repasse ao SUS em esferas municipais e na sua adesão ao teto de gastos, posicionamento que dificultou a coordenação efetiva por parte do âmbito federativo na crise sanitária de 2020.

[119] A Anistia Internacional Brasil publicou um documento com 32 situações onde aconteceram perca de direitos da população ao longo dos primeiros 1000 dias de governo de Jair Messias Bolsonaro, disponível em: https://anistia.org.br/informe/anistia-internacional-brasil-aponta-perda-de-direitos-ao-longo-dos-1000-dias-do-governo-bolsonaro/. Acesso em 20 de setembro de 2024

Se compararmos Araraquara com algumas cidades de tamanho médio do Estado de São Paulo e a média brasileira, teremos o seguinte quadro do ano de 2020[120]:

Quadro 6: comparação epidemiológica entre municípios no ano de 2020

Esfera	Início da pandemia até 31/12/2020			
	Casos acumulados	Óbitos acumulados	Incidência por 100 mil habitantes	Taxa de mortalidade por 100 mil habitantes
Brasil	210.167	7.675.973	3.652,67	92,77
Estado de São Paulo	1.462.297	46.717	3.184,51	101,74
Araraquara	7.811	90	3.308,74	38,12
São Carlos	5.918	75	2.348,75	29,76
Bauru	18.289	301	4.853,54	79,88
Santos	32.311	903	7.456,77	208,40

Fonte: elaboração própria.

Utilizamos os dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde[121]. Comparamos esses municípios pois, a partir dos acontecimentos no ano de 2020, algumas notícias que circularam em mídias locais e nacionais, bem como pesquisas científicas, fizeram comparações entre eles, analisando suas políticas de combate ao vírus. Além disso, são municípios próximos geograficamente, com exceção de Santos, e também estão todos na faixa de municípios médios, sendo Santos e Bauru maiores do que São Carlos e Araraquara. Um importante fator para recomposição de contexto é a média de testagem já que, segundo dados liberados pelo Estado de São Paulo[122], Araraquara tinha realizado 8.300 testes do início da pandemia até o dia 1º de julho de 2020, o que representaria 3.516 testes para cada 100 mil habitantes. A média de testagem do Brasil era de 1.518 testes a cada 100 mil habitantes, e a do Estado de São Paulo de 1.312 testes por 100 mil habitantes. A média araraquarense era superior que a da Coreia do Sul, 2.528 por 100 mil habitantes, um país que se tornou referência mundial no combate ao Coronavírus, justamente por sua articulação de testagem em massa, facilitando as barreiras de contágio. Santos é outra exceção quando se trata de testagem, tendo um índice ainda maior que o de Araraquara, 10.215 testes para cada 100 mil habitantes.

[120] O ano de 2020 também foi marcado pelas eleições municipais, onde o Prefeito Edinho Silva (PT) foi reeleito com 46,09% dos votos válidos, no dia 15 de novembro, em detrimento de seu opositor Dr. Lapena (então Patriota e atualmente do PL) que obteve 35,97¨%.

[121] Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html Acesso em 20 de setembro de 2024

[122] Disponível em: https://www.seade.gov.br/testagem-para-covid-19-em-araraquara-e-maior-que-a-media-nacional/. Acesso em 20 de setembro de 2024

A média de testagem nos municípios é relevante pois a quantidade de casos confirmados de infecção se dá, invariavelmente, pela descoberta e notificação desses casos por parte da prefeitura, o que por sua vez necessita de confirmação laboratorial, que ocorreu através das testagens realizadas pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Portanto, as taxas de contaminação divulgadas perpassam, muitas vezes, pela subnotificação, ou seja, casos positivados que nunca foram notificados, mas que contribuíram para a disseminação do vírus e, consequentemente, para mais óbitos em decorrência da infecção. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) sobre Covid-19[123], realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde, no período de maio a dezembro de 2020, 28,6 milhões de pessoas no Brasil fizeram algum teste para saber se estavam infectados pelo Coronavírus, sendo que 6,5 milhões destas testaram positivo, praticamente ¼ das testagens. Somente no mês de maio de 2020, 20,2 milhões (84,3% do total dos sintomáticos) dos 24 milhões de brasileiros que apresentaram algum sintoma de síndrome gripal não procuraram unidade de saúde (Penna, 2020, p. 3568). Esses dados indicam, por um lado, a quantidade de positivados em proporção com o total que realizava a testagem e, de outro, a esmagadora maioria da população que não realizava testes quando apresentava sintomas gripais, gerando um vácuo de informação que pode ter influenciado nas políticas de combate à Covid-19.

No município de Araraquara quase metade desses testes, até 1 de julho de 2020, tinham sido realizados pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), que em parceria com o município fornecia testes PCR (conhecido popularmente como “teste do cotonete”) de forma gratuita, possibilitando que não dependessem exclusivamente do Instituto Adolfo Lutz, que realizava testagens do Estado de São Paulo inteiro e, por isso, demorava mais para retornar os resultados. Santos, em comparação, mesmo tendo índices maiores de testagem e assim se assemelhando à Araraquara nesse aspecto da política sanitária, tinha uma porcentagem de óbitos 5 vezes maior, utilizando a métrica de óbitos por Covid-19 a cada 100 mil habitantes. Em detrimento de Araraquara, Santos não tinha ingerência sobre os exames PCR em relação aos pacientes de plano de saúde, que tinham que pagar testagens de R$ 350,00 em média, além de muitas das testagens, por não serem centralizadas na prefeitura, gerarem resultados questionáveis que poderiam ser falsos negativos, dificultando o mapeamento do vírus[124]. Não se trata, portanto, somente da quantidade de testes por habitantes nos municípios, mas o modo

[123] Disponível em: https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/. Acesso em 20 de setembro de 2024
[124] Disponível em: https://www.boqnews.com/vida/com-mortalidade-10-vezes-menor-que-santos-araraquara-e-modelo-contra-o-covid-19/ Acesso em 20 de setembro de 2024

como esse levantamento sanitário e estatístico foi realizado e utilizado para guiar políticas públicas bem definidas no combate ao Coronavírus.

Segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), Araraquara teve uma das menores letalidades do Estado de São Paulo no ano de 2020, 0,011, indicando os resultados positivos de seus conjuntos de políticas articuladas com instituições científicas. A letalidade de Santos foi de 0,027, a de Bauru 0,016 e a de São Carlos 0,012. A medição utilizada como referência leva em conta a divisão de casos positivos por óbitos e foi realizada no dia 27/12/2020. É evidente, portanto, os motivos que levaram o município de Araraquara, já no primeiro ano da pandemia, adentrar no debate público brasileiro, uma vez que suas ações contra a disseminação da Covid-19 e na redução da letalidade da doença ampararam e guiaram políticas públicas em um momento de descoordenação federativa e, ao mesmo tempo, foram alvo da desordem informacional que se beneficiou de um momento atípico e disruptivo da sociedade.

Não obstante esse cenário complexo e caótico, o ano de 2021 reservaria diversos outros acontecimentos determinantes no rumo da pandemia brasileira, com aumentos nos índices de contaminações, internações e óbitos ao longo do todo o país. Amplos setores da sociedade passaram a cobrar ações mais firmes contra a circulação de pessoas, sobretudo em um momento onde ainda não existia uma vacina contra o vírus, ao mesmo tempo que a desinformação fortalecia visões anticientíficas, anti-intelectuais e negacionistas em relação à pandemia. Contradição exposta, em entrevista que realizamos, pela Gerente Extraordinária de Enfrentamento à Covid-19 no município de Araraquara, Rowaylly Alexandrino (2024, p. 193):

> Eu acredito que elas [pessoas que não seguiam as normas] acreditavam no que o [governo] federal estava trazendo, que era só uma gripezinha e que não precisava de tudo isso. Então ali batia forte, a questão de não aceitar a realidade do mundo. Isso aparecia constantemente na mídia, estava constante porque era uma figura que representava o Brasil, e as pessoas não tinham conhecimento [...] eu acho que elas não conseguiam enxergar que estava dando certo, mesmo com toda a informação que a gente tinha.

É nesse cenário que, mais uma vez, Araraquara se firmou como expoente no combate ao Coronavírus e passou a receber ataques essencialmente irracionalistas, pois foi o primeiro município do Brasil a propor o *lockdown*, ou seja, o fechamento de todas as atividades (com exceção das essenciais, como setores da saúde) para contenção da circulação do vírus. A politização das políticas sanitárias, por conta do falso dilema "salvar vidas ou a economia?"[125]

[125] Pesquisadores concluíram, a partir do PNAD sobre Covid-19 de 2020, que: "Em nosso estudo verificamos menor risco de diagnóstico positivo de COVID-19 entre os trabalhadores que relataram ter trabalhado por pelo

(Schramm et al, 2020), foi marcadamente um dos desafios enfrentados e pode nos orientar para compreender um importante aspecto desse período histórico, já que conforme a pandemia e seus graves números aumentavam, também se fortaleceu uma visão negacionista ainda mais enraizada na subjetividade de uma parcela significativa da população brasileira.

4.2 O PRIMIERO LOCKDOWN

Ainda no início da pandemia um estudo caracterizou Araraquara, juntamente com outras 13 cidades de porte médio, como polo de disseminação do Coronavírus no interior e no litoral paulista[126]. Se, no final do século XIX, a cidade enfrentou a chegada da febre amarela por suas ferrovias, devido a economia cafeeira e a localização no centro-oeste do Estado, e assistiu uma drástica diminuição demográfica por conta das mortes e migrações da população. No século XXI a Covid-19 chegaria pelas grandes rodovias que cruzam todo o Estado de São Paulo e o interligam com o restante do Brasil (Rodrigues; Fiorin; Santos, 2021). Se utilizarmos os dados disponíveis pelo Estado de São Paulo, de 03 de janeiro de 2021 até 20 de fevereiro de 2021, teremos o seguinte quadro de desenvolvimento do vírus nos municípios que estamos utilizando para comparação.

Quadro 7: comparação epidemiológica entre municípios até do início de 2021 até a data próxima do lockdown

Município	03/01/2021 até 20/02/2021			
	Casos acumulados	Óbitos acumulados	Incidência por 100 mil habitantes	Taxa de mortalidade por 100 mil habitantes
Araraquara	2.881	63	1.035,28	26,69
São Carlos	3.330	42	1.402,48	16,67
Bauru	6.621	102	1.756,02	26,80
Santos	7.298	178	1.540,46	40,62

menos três meses de forma remota. Tal resultado evidencia o alcance de um dos principais objetivos previstos nas medidas sanitárias preconizadas desde o início da pandemia: o distanciamento físico. Adicionalmente, o trabalho remoto pode ter contribuído para a redução do risco de contaminação em função da redução da mobilidade entre o local de trabalho e o domicílio dos trabalhadores, com consequente redução na interação social presencial, especialmente para aqueles que utilizam transportes públicos" sendo que aqueles que tinham menor chance de trabalhar remoto eram aqueles de baixa renda, homens, residentes na zona rural, pretos e pardos, baixa escolaridade e autônomos (Santos et al, 2023 p. 10). Enquanto se debatia – e incentivava, por parte do governo federal – que o modo de produção não sofresse interferências para contenção do vírus, políticas públicas voltadas para garantir o direito de cumprir a quarentena por parte das parcelas da população que já lidavam com as mazelas da desigualdade social deixaram de ser criadas, aprimoradas e implementadas, permitindo que o período pandêmico fosse um agravante as crises já vivenciadas no Brasil e no mundo.

[126] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/04/09/estudo-coloca-araraquara-entre-13-principais-polos-de-disseminacao-do-coronavirus-no-interior-e-litoral.ghtml Acesso em 20 de setembro de 2024

Fonte: elaboração própria.

Em apenas dois meses do ano de 2021, Araraquara teve praticamente 2/3 do total de óbitos do ano anterior, demonstrando uma letalidade que avançou mais rapidamente do que em 2020. São Carlos também teve, nesses dois meses, metade dos casos confirmados e metade dos óbitos do ano anterior, e Bauru teve 1/3 dos casos confirmados e 1/3 dos óbitos. Nessa comparação, Santos não atingiu marcas tão significativas em casos confirmados e óbitos se relacionado com seu ano interior, e isso porque se caracterizou como o município com maior letalidade no Estado de São Paulo em 2020, com uma explosão de casos positivos de Covid-19. Mesmo assim, em nossa comparação, Santos foi o local com mais casos e mais óbitos, em números absolutos e proporcionais, no início de 2021.

Esse cenário aterrorizante também se manifestava ao longo do Brasil e teve sua expressão mais grave no Estado do Amazonas e em sua capital, Manaus, com uma crise que foi resultado de medidas de prevenção inadequadas e um contexto extremamente desfavorável, de pobreza e desigualdade social acentuada. Apenas nos primeiros dias de janeiro de 2021 morreram 1.654 pessoas no Amazonas, mais do que entre abril e dezembro do ano anterior, com dados apontando mais de 7 mil óbitos até o final do mês, no dia 27 de janeiro. Em Manaus, além da alta letalidade, imagens e relatos circularam em jornais do Brasil e do mundo pela morte por asfixia dos pacientes, devido à falta de oxigênio nos hospitais e a ausência de vagas em UTI's. Familiares precisavam comprar cilindros de oxigênio por conta própria e médicos precisavam decidir quem receberia o oxigênio suplementar, levando em consideração as maiores chances de sobrevivência[127].

Além de todos os problemas estruturais que se manifestaram no ano anterior, uma nova variante do Coronavírus, que tinha sido descoberta ainda em dezembro de 2020, estava circulando no Amazonas. A variante P.1 ficou popularmente conhecida como "cepa de Manaus" e era mais infeciosa e agressiva do que o vírus "tradicional"[128], reinfectando pessoas que já haviam sido contaminadas[129] e agravando a situação que culminou no colapso do sistema de saúde em Manaus e no Amazonas. Pesquisas que analisaram esse período no Estado do Amazonas (Silva et al, 2022) indicam que a junção de falta de planejamento político e sanitário, pouco repasse financeiro da União para o Sistema Único de Saúde (SUS) e as baixíssimas taxas

[127] Disponível em: https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926 Acesso em 25 de setembro de 2024
[128] Disponível em: https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/cepa-de-manaus-predominante-nos-casos-de-araraquara-cidade-de-sp-com-surto-de-covid-24907665 Acesso em 25 de setembro de 2024
[129] Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/03/01/health/covid-19-coronavirus-brazil-variant.html Acesso em 25 de setembro de 2024

de adesão ao isolamento social, somado ao contexto socioeconômico precário de grande parcela da população amazonense, gerou o cenário de abertura de covas coletivas que chocaram o Brasil e o mundo[130].

Nas duas pontas opostas do país, Manaus e Araraquara se conectaram através de uma turista, que saiu para um viajar pelo Brasil no dia 26 de dezembro de 2020. Ela e mais dez pessoas em uma van estiveram em Rondônia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde passaram o ano novo. No caminho de volta para Manaus a mulher passou mal, apresentava fadiga e respiração ofegante, e parou para receber atendimento na cidade mais próxima da rodovia que estavam, em Araraquara. Isso ocorreu em 11 de janeiro de 2021, a paciente foi tratada na Santa Casa do município e recebeu alta apenas semanas depois, já que apresentava quadro grave. Outras seis pessoas que estavam na viagem testaram positivo para Covid-19, recebendo tratamento em Araraquara, sendo que todas elas se recuperaram[131].

Primeiro município do Estado de São Paulo a apontar disseminação comunitária da P.1, já que os outros casos positivos eram de pessoas que vinham da região Norte e já estavam infectadas, se tornou, novamente, ponto focal do problema sanitário em curso no Brasil. A mutação foi identificada pelo Serviço Especial de Saúde de Araraquara (SESA), instituição da Universidade de São Paulo (USP) no município, em parceria com a prefeitura e o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, que realizaram o sequenciamento genético de amostras coletadas em pacientes com Covid-19. Entre o fim de janeiro e fevereiro, 93% das infecções correspondiam a essa cepa, explicando em parte o aumento súbito de casos em Araraquara. A variante já circulava na cidade antes mesmo dos turistas desembarcarem, como demonstraram os testes clínicos, mas o incidente da "van de Manaus" se tornou caso especulativo no município e, não surpreendentemente, foi utilizado para articulação de teorias da conspiração (como a disseminação proposital do vírus por parte da prefeitura, por exemplo) e estratégias de desqualificação do governo municipal[132].

---

[130] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dCOmntRNPWs Acesso em 25 de setembro de 2024

[131] Esse é um caso emblemático para compreensão dos dados apresentados anteriormente, que apontam para o aumento dos casos e óbitos em decorrência do Coronavírus ao redor do Brasil. Quando tratamos sobre a desarticulação em âmbito federal e ao descaso e minimização dos possíveis danos da Covid-19, podemos perceber esse contraste na atitude de pessoas "isoladas", que viajando ao redor do Brasil, ou participando de aglomerações clandestinas, por quaisquer intuitos, não levavam em consideração as consequências de seus atos para a coletividade e, assim, contribuíam para a piora do cenário pandêmico.

[132] O relato do caso de Manaus, assim como diversos outros, foi retirado da reportagem "O Lockdown" publicado na revista Piauí, disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-lockdown/ Acesso em 25 de setembro de 2024

Em 13 de fevereiro de 2021, um dia depois da detecção da variante, Araraquara registrava 100% de ocupação dos leitos de enfermaria e 84% em UTI[133], e a partir de 15 de fevereiro passou a vigorar o decreto nº 12.485, que restringia todas as atividades econômicas consideradas não essenciais, bem como restringia a circulação de pessoas e endurecia as medidas de isolamento social, o que gerou atos, carreatas e buzinaços em frente à prefeitura como formas de protesto. O decreto, que tinha duração de 15 dias, não chegou até sua data final, já que no dia 21 de fevereiro de 2021 o município, mediante reunião do Comitê de Contingência do Coronavírus e autoridades de saúde pública, indicou a necessidade de aumentar o isolamento social para evitar o colapso do sistema de saúde, ampliando a restrição das atividades econômicas não essenciais para um *lockdown* total, se tornando a primeira cidade a propor essa medida no Brasil. Sua duração seria das 12h do domingo, dia 21 de fevereiro, até as 23h59min de terça-feira, dia 23 de fevereiro (Silva, 2023, p. 159-160.).

Com um índice de adesão ao isolamento social que aumentou de 37% para 51%, do dia 12 de fevereiro ao dia 21 de fevereiro, e que se manteve na média dos 45 a 50% durante o período de *lockdown*[134], o município estendeu a política até o dia 2 de março, com uma proposta de retomada gradual das atividades econômicas. Se, por um lado, houveram diversas manifestações em solidariedade ao município por parte de especialistas da saúde[135], por outro, as resistências ao *lockdown* também ocorreram e atenuaram a tensão que já estava presente no espaço social. Na quinta-feira, 25 de fevereiro de 2021, dia em que o município registrou o recorde de mortes em um único dia desde o início da pandemia, aproximadamente 100 pessoas participaram de uma carreata de empresários que tinha como lema "eu não quero trabalhar, eu preciso", e seguiu pelas ruas em direção à Praça dos Advogados (a mesma em que ocorreu a prisão de Silvana, por descumprir as medidas sanitárias, logo no início de 2020). Descumprindo o decreto municipal, o grupo entregou na prefeitura um documento com algumas reivindicações, dentre elas a abertura dos comércios essenciais[136].

Foi um momento onde diversos setores da sociedade disputaram, a partir de seus posicionamentos e interesses, quais seriam os rumos que o município tomaria – ou deveria ter tomado. São várias visões de mundo e argumentos distintos mobilizados na compreensão do

---

[133] Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/araraquara-tem-12-casos-da-cepa-brasileira-do-novo-coronavirus Acesso em 25 de setembro de 2024

[134] Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/simi/ Acesso em 25 de setembro de 2024

[135] O médico Dráuzio Valena, a professora da USP Marília Louvison, a Sociedade Paulista de Infectologia (SPI), a UNESP, o Fundador da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) Gonzalo Vecina Neto, a Fiocruz, dentre diversos outros sujeitos, instituições e organizações demonstraram a importância da adoção do *lockdown* em Araraquara para conter a disseminação do vírus (Silva, 2023. P. 162-165).

[136] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/02/25/policia-barra-carreata-de-empresarios-em-pleno-lockdown-em-araraquara.htm Acesso em 25 de setembro de 2024

período, o Sindicato dos Servidores Municipais de Araraquara e Região (SISMAR), por exemplo, lançou uma nota no dia 26 de maio de 2021, refletindo sobre o *lockdown* e seus resultados, onde questionava: "quantas e quais pessoas podem morrer para as atividades econômicas poderem abrir?", relembrando que, a partir do dia 23 de fevereiro, com a prorrogação do *lockdown*, também foram liberadas atividades de delivery (com no máximo até 30% dos funcionários da empresa), mercados, mercearias, padarias, açougues e hortifrutis, dentre outros, no mesmo decreto. Na nota, indicam que a redução de casos e óbitos durante o *lockdown* foi importante, mas não o suficiente, já que as médias de contágio continuavam mais altas do que o ano anterior e, em contrapartida, a retomada das atividades parecia ignorar esse fato[137].

É notório, portanto, que havia uma disputa instituída em torno dos resultados que medidas mais severas contra o contágio do Coronavírus poderiam gerar. O assunto, que já pairava sobre o debate público brasileiro, foi extrapolado pela decisão do *lockdown* - por um lado serviu como referência científica da efetividade de medidas não farmacológicas e por outro endossou argumentos que ligavam o governo do município, o Partido dos trabalhadores (PT), e os defensores de medidas cientificamente comprovadas no combate à Covid-19, com o autoritarismo.

Os acontecimentos em Araraquara não eram isolados do contexto de crise sanitária generalizada no Estado de São Paulo e no Brasil, mas responderam de uma maneira particularmente interligada com os preceitos científicos postos nesse momento histórico e, por isso, se tornaram epicentro do debate. Devido à crise do oxigênio no Amazonas, o Estado de São Paulo decretou, no dia 15 de março de 2021, uma fase emergencial onde todos os serviços não essenciais ficavam fechados, com uma espécie de toque de recolher a partir das 20h, e durou até o dia 11 de abril. Com um índice de ocupação das UTI's de 91,6% e recordes de mortes (1.193 em apenas um único dia, 26 de março), a situação era alarmante[138].

As disputas em torno do *lockdown* e da quarentena não aconteceram somente em âmbito discursivo, mas também em âmbito legislativo-institucional. No dia 26 de março de 2021 foi acatado pela 1ª Vara da Fazenda Pública de Araraquara um pedido limiar realizado pela Associação Comercial e Industrial de Araraquara (ACIA)[139], considerando que o decreto

[137] Disponível em: https://www.sismar.org/post/precisamos-falar-sobre-o-lockdown-de-araraquara-sem-paix%C3%B5es Acesso em 25 de setembro de 2024
[138] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/26/sao-paulo-prorroga-fase-emergencial-meio-de-abril.htm Acesso em 25 de setembro de 2024
[139] Disponível em: https://araraquara.com.br/acia-consegue-vitoria-liminar-na-justica-e-reabre-empresas-de-araraquara/ Acesso em 25 de setembro de 2024

municipal (nº 12.507/2021.) de calamidade pública era inconstitucional e autorizando o atendimento presencial do comércio na cidade. Em sua decisão, o juiz responsável, Ítalo Fernando Pontes de Camargo Ferro, afirmou que esse ato administrativo provocava "o desemprego e a falta de condições de sobrevivência com mínimo de dignidade", "retira o poder das famílias em prover o seu próprio sustento", "induz a população carente a níveis ainda mais baixos, a ponto de atingirmos a miserabilidade humana", "promove a pobreza em seu termo mais amplo" e "causa sofrimento do povo em razão da fome que irá enfrentar em razão do desemprego em massa e a falência das empresas"[140].

Como a decisão era apenas referente ao decreto municipal, a cidade manteve as determinações da fase emergencial aplicada pelo Estado de São Paulo, dado o cenário de calamidade pública em níveis de contaminação, óbitos e ocupação de leitos e UTI's que se demonstrava a partir dos dados disponíveis. E, após ter recorrido ao Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), conseguiu derrubar a liminar logo no dia seguinte, 27 de março, onde o presidente do TJ-SP, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco, considerou que:

> a decisão questionada traz risco à ordem pública, na medida em que dificulta o adequado exercício das funções típicas da administração pelas autoridades legalmente constituídas e compromete a condução coordenada das ações necessárias à mitigação dos danos provocados pela Covid-19 [141].

Neste dia, antes do TJ-SP derrubar a liminar, alguns comerciantes haviam aberto seus estabelecimentos no centro da cidade e houve um tumultuo quando o diretor do Procon, Rodrigo Martins, compareceu ao local, com gritos que pediam a sua prisão por não estar respeitando a decisão judicial e necessidade de intervenção da Guarda Civil Municipal (GCM) para retirada do diretor do local. Houve ainda um buzinaço por parte dos comerciantes, comemorando a abertura do comércio, tido como uma vitória nacional por parte do setor econômico que era contrário ao fechamento das empresas[142].

O TJ-SP também já havia revertido outra decisão da 1ª Vara da Fazenda Pública de Araraquara, que não impediu que a carreata do dia 25 de fevereiro em protesto ao *lockdown* acontecesse, uma vez que a aglomeração em mais de 5 pessoas estava proibida no município. Seguindo um pedido da Procuradoria Geral do Município, apesar da manifestação já ter

---

[140] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/26/justica-autoriza-abertura-do-comercio-em-araraquara-prefeitura-recorreu-da-decisao.ghtml Acesso em 25 de setembro de 2024

[141] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/27/tj-derruba-liminar-que-permitia-funcionamento-do-comercio-em-araraquara.ghtml Acesso em 25 de setembro de 2024

[142] Disponível em: https://www.aciaararaquara.com.br/noticia/acia-89-anos-de-trabalho-e-representatividade-ao-empresariado-de-araraquara Acesso em 25 de setembro de 2024

ocorrido, decretou-se, no dia 04 de março de 2021, a proibição para outros casos semelhantes, que segundo o relator, Vicente Abreu Amadei, se dava "em atenção ao princípio federativo e à orientação jurisprudencial fixada a respeito das normas restritivas para contenção da pandemia de Covid-19"[143].

A taxa máxima de adesão ao isolamento social no município durante o *Lockdown* foi de 54%, o que demonstra que, apesar de uma parcela significativa - atingindo uma maioria em determinados dias - ter seguido as determinações municipais, muitas pessoas não as acataram e continuaram realizando atividades ao ar livre e/ou em conjunto com outras pessoas. Uma reportagem do G1 entrevistou 13 moradores, onde apenas 1 se colocou contrário as medidas de restrição, em suas falas são dois temas que se apresentam como uma constante: a oposição entre a economia e o *lockdown* e a oposição entre aqueles que cumprem as medidas sanitárias e aqueles que as descumprem, gerando um clima de desconfiança e ressentimento na população[144].

Para além da questão da retomada comercial, um dos desafios que marcadamente afetaram esse período foi a conscientização dos sujeitos sobre a importância de seguir os protocolos sanitários, já que o dilema posto poderia ser resumido da seguinte maneira: para a abertura do comércio e a normalidade das atividades sociais acontecer, era necessário que indicadores médicos e sanitários estivessem em patamares aceitáveis. Contudo, para que eles se mantivessem em taxas aceitáveis, o cumprimento das normas sanitárias por parte da população, além das paralizações das atividades não essenciais, deveria ser respeitado. Sendo que, sem esse duplo movimento, de um lado, seria necessário fechar o comércio e restringir de forma absoluta a circulação de bens e pessoas (*lockdown*), e de outro, não seria possível retomar as atividades depois que fossem paralisadas, por conta da baixa adesão das medidas sanitárias por parte da população, mantendo os níveis de contaminação altos.

Segundo dados fornecidos pela gerente de combate à Covid-19, Rowaylly Alexandrino, foram aproximadamente 450 autos de infração por descumprimento de isolamento realizados pela Vigilância Sanitária de Araraquara durante o período de pandemia, com um relato do Fiscal Atair Machado de Oliveira (2024, p. 200) que, em entrevista que realizamos, exemplifica o cenário de tensão social durante esses dois anos:

---

[143] Disponível em: https://jornalimparcial.com.br/manifestacoes-contra-medidas-restritivas-de-combate-a-pandemia-estao-proibidas-em-araraquara/ Acesso em 25 de setembro de 2024

[144] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/02/26/moradores-falam-o-que-pensam-sobre-o-confinamento-em-araraquara-medo-melhor-solucao-mal-necessario.ghtml Acesso em 25 de setembro de 2024

> Teve um bar lá no bairro do Iguatemi, o bar do Paraná. Estava eu e um colega nosso lá, andando com a viatura para ver se estava tudo fechado, e nós passamos em frente desse bar com a viatura. Eles até viram que a viatura era da vigilância sanitária. Eu estacionei a viatura uns 20 metros para frente, de frente para o local. Estava todo mundo lá, brincando, como se fosse carnaval, sem máscara, bebendo, jogando sinuca, filho no colo, entendeu? A mulherada tudo lá, de boa, todo mundo se beijando, se abraçando, como se nada tivesse acontecendo. Aí eu achei o reforço, aí começou, chegou a guarda municipal, chegou a polícia, aí nós entramos, a vigilância sanitária, "fecha esse portão aqui, vai todo mundo para a delegacia". Aí foi aquela correria, foi um bate-boca, que isso, que aquilo. "Quem é o dono?" Aí o dono apareceu, ele não queria aparecer, aí ele apareceu, ele e a esposa. E aí a polícia, todo mundo lá na porta segurando, falei: "Ah, vocês fizeram isso?" "Não, pelo amor de Deus, nós não fizemos", falei: "Tá tudo gravado". Nós tivemos que falar que estava tudo gravado para ele comentar, aí o cara, a pessoa, começa a chorar: "pelo amor de Deus, não faz isso, eu estou tentando manter minhas contas, quero pagar minhas contas, minhas dívidas". "Não, mas você não poderia ter feito isso", aí tivemos que fazer os boletins, saiu multa, provavelmente ele foi para o Fórum, também processado por crime contra a saúde pública.

Esse cenário complexo também ficou marcado pelas manifestações de violência política, com ameaças dirigidas ao Prefeito Edinho Silva (PT) e a Secretária Eliana Honain através de comentários em redes sociais que faziam alusão à agressão e homicídio, divulgando até o endereço de sua residência[145], onde aconteceram protestos em frente em diversos momentos da pandemia. Tais manifestações se relacionam diretamente com o pensamento mágico que foi amplamente difundido, intencional e não intencionalmente, nos diversos meios de comunicação[146], decisões jurídicas, posicionamentos econômicos e manifestações políticas[147], já que essa cristalização de uma visão simplista sobre os problemas altamente complexos impede que os fatos científicos e os acontecimentos históricos sejam encarados como eles são e não como eles deveriam ser, possibilitando que a lógica maniqueísta entre bem e mal se aplique em cenários com diversas outras variáveis. Essas manifestações também afetaram os funcionários da prefeitura, como demonstram alguns relatos:

> Enquanto vigilância, a gente teve várias vezes a nossa equipe sendo maltratada, a nossa equipe sendo julgada aqui na porta, muitas vezes com agressividade, com palavreado, de que a gente estava fazendo essa movimentação para criar pânico e ganhar dinheiro.
>
> Rowaylly Alexandrino, gerente de combate à Covid-19 em Araraquara, 2024, p. 195.

---

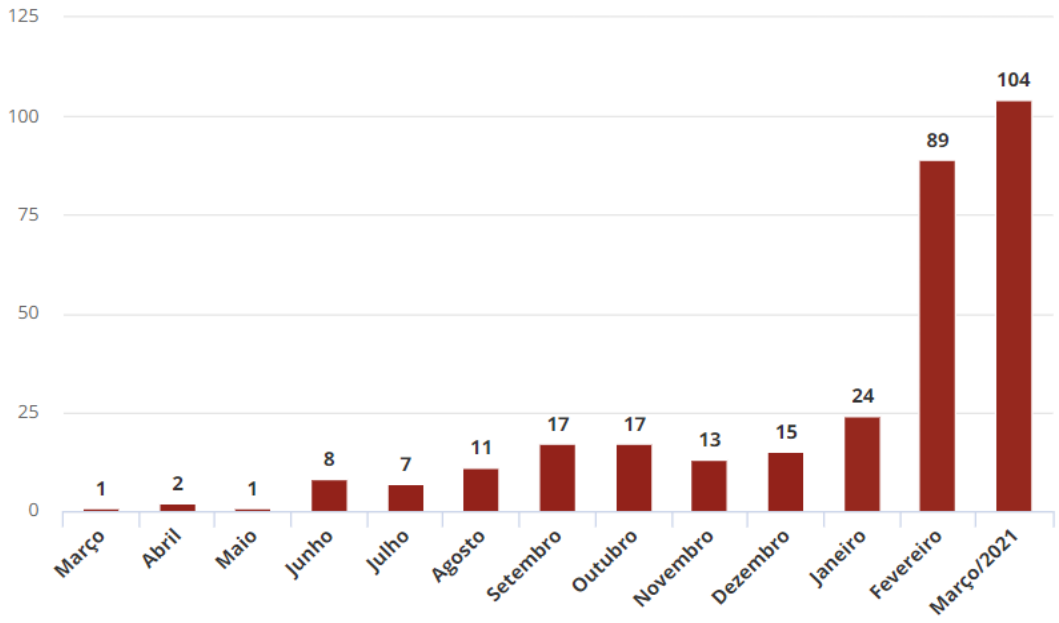
145 Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/Prefeito-de-araraquara-sp-ameacado-por-causa-de-lockdown-na-pandemia-da-covid-19-24945556 Acesso em 25 de setembro de 2024

146 Disponível em: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/texto-com-informacoes-incompletas-sobre-lockdown-de-araraquara-e-usado-para-atacar/ e https://revistaoeste.com/brasil/covid-19-depois-de-um-mes-de-lockdown-aumenta-o-numero-de-pacientes-internados-em-leitos-de-uti-em-araraquara/ Acesso em 25 de setembro de 2024

147 Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/economia/acia-espalha-outdoors-por-araraquara-precisamos-trabalhar/ e https://www.araraquaranews.com.br/noticia/presidente-da-associacao-comercial-e-industrial-de-araraquara-participa-do-ato-contra-o-passaporte-da-vacina. Acesso em 25 de setembro de 2024

> Eles faziam festa [...] no meio do canavial, eles se reuniam via internet, Facebook, essas mídias sociais [...] E isso deu muito trabalho para nós, deu polícia, nós fomos recebidos a pedrada, tiro, mesmo a polícia falou assim". Não, deixa quieto, não vamos entrar em confronto com essas pessoas que vai ser pior ainda
>
> Atair Machado de Oliveira, Fiscal da Vigilância Sanitária de Araraquara, 2024, p. 198

Gráfico 4: mortes por Covid-19 em Araraquara até março de 2021.

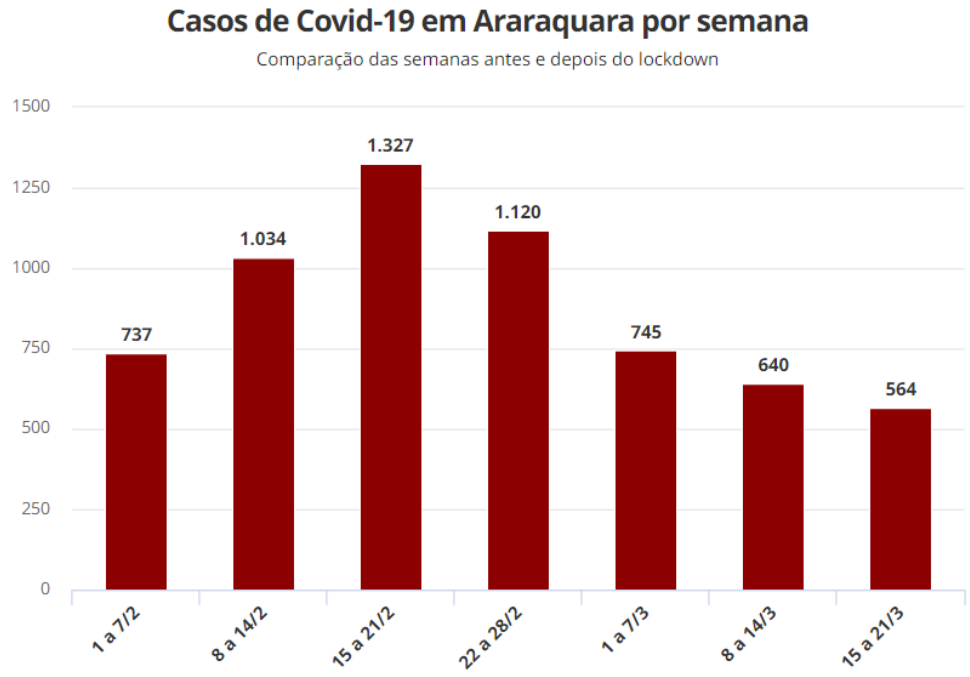


Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/21/um-mes-apos-confinamento-total-araraquara-registra-reducao-de-39percent-no-numero-de-mortes-e-de-575percent-dos-casos.ghtml

Um mês após o início do confinamento, em 21 de março de 2021, Araraquara registrava redução de 39% de mortes e 57,5% dos casos de Covid-19, demonstrando a efetividade dos meios de combate não farmacológicos na redução da contaminação e dos óbitos em decorrência do Coronavírus, sobretudo em um momento onde a vacinação, que tinha se iniciado, em Araraquara, no dia 21 de janeiro, ainda estava restringida a grupos de risco e não tinha capacidade de ampla distribuição para a população no geral[148].

[148] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/21/um-mes-apos-confinamento-total-araraquara-registra-reducao-de-39percent-no-numero-de-mortes-e-de-575percent-dos-casos.ghtml Acesso em 25 de setembro de 2024

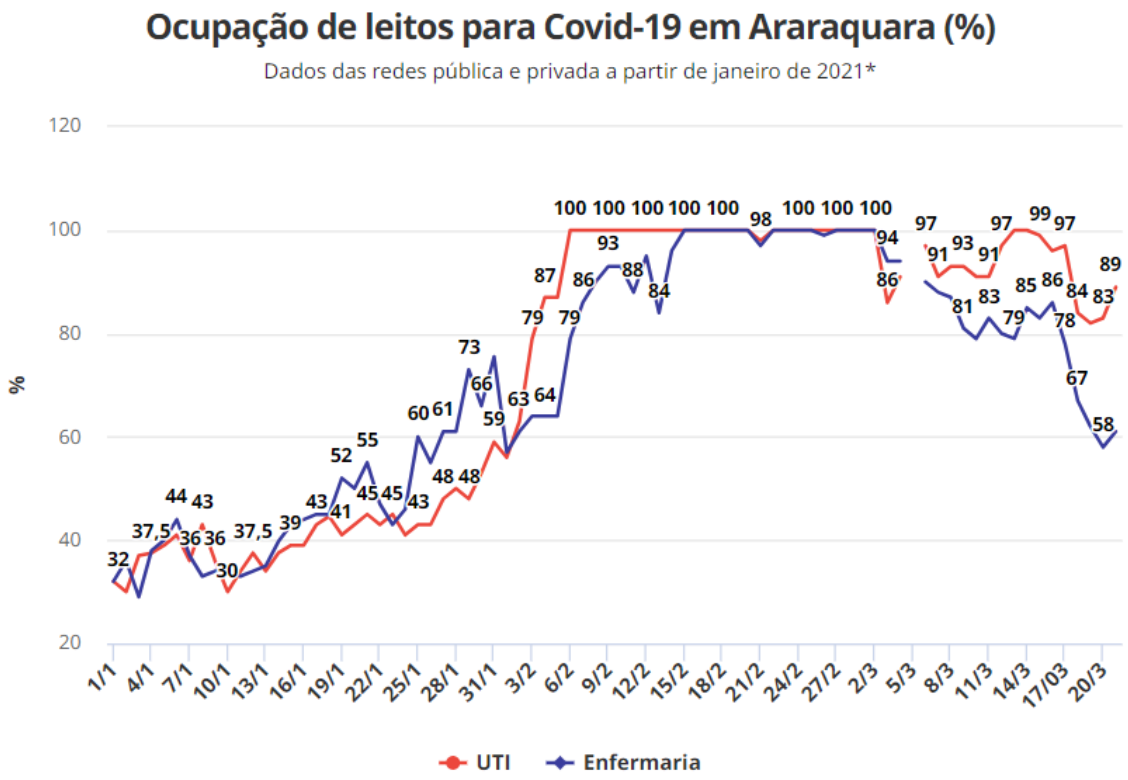
Gráfico 5: casos de Covid-19 em Araraquara por semana do início até março de 2021.



Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/21/um-mes-apos-confinamento-total-araraquara-registra-reducao-de-39percent-no-numero-de-mortes-e-de-575percent-dos-casos.ghtml

Também houve redução nos índices de ocupação das UTI's, um dos principais fatores que motivaram a tomada de decisão da prefeitura em propor o *lockdown*, mas que ainda se mantiveram em níveis elevados: do dia 14 de março ao dia 21 de março a ocupação de UTI variou entre 82% e 99% e a de enfermaria ficou entre 58% e 86%, sendo que no dia 21 de março a UTI tinha 89% de ocupação e a enfermaria 61%, demonstrando que, mesmo com a redução importante dos índices através do *lockdown*, a situação ainda era grave.

Gráfico 6: ocupação de leitos para Covid-19 em Araraquara, do início até março de 2021.



Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/21/um-mes-apos-confinamento-total-araraquara-registra-reducao-de-39percent-no-numero-de-mortes-e-de-575percent-dos-casos.ghtml

Servindo de exemplo para outros municípios[149], Araraquara incentivou que a medida fosse adotada em Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, cidades de grande relevância regional, assim como de suas cidades vizinhas que são menores, Américo Brasiliense, Boa Esperança do Sul, Rincão e Santa Lúcia[150].

No dia 26 de março de 2021, Araraquara não registrou nenhum óbito por Covid-19 em 24 horas, algo que não acontecia há 44 dias[151]. A medida não foi somente importante para o município, mas também para toda sua região, uma vez que a redução de ocupação de leitos de

[149] Santos, que aplicou o Lockdown entre 28 de março e 4 de abril, teve uma redução de 18% na média diária de internações, e era uma das cidades mais afetadas pelo Coronavírus no Estado de São Paulo. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/04/07/Prefeito-de-santos-sp-afirma-que-media-de-internacoes-reduziu-em-18percent-com-medidas-mais-restritivas.ghtml Acesso em 20 de outubro de 2024.

[150] Disponível em:: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/03/28/interna_nacional,1251408/com-1-mes-de-lockdown-araraquara-ve-casos-de-covid-diminuirem-em-58.shtml#google_vignette Acesso em 20 de outubro de 2024.

[151] Um dia antes, 25 de março de 2021, Onyx Lorenzoni, ministro do governo Bolsonaro, declarou que o *Lockdown* não funcionaria, pois mesmo com as pessoas em casa, o vírus continuaria circulando entre passarinhos, cães, pulgas e formigas. Confira: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56536892#:~:text=Algu%C3%A9m%20consegue%20fazer%20o%20lockdown,mas%20podem%20transportar%20o%20v%C3%ADrus. Acesso em 20 de outubro de 2024.

UTI e enfermagem possibilitaram que o pacientes de municípios vizinhos fossem tratados ali – o que explica o aumento de ocupação de leitos de UTI e enfermagem em determinados momentos, mesmo com as reduções apresentadas pelo *lockdown*, reforçando a necessidade de coordenação coletiva para um combate efetivo ao Coronavírus. Dois meses depois do *lockdown*, em 21 de abril, a cidade registrava queda de 80% nos óbitos[152], abrindo caminho para o avanço da vacinação dos cidadãos (Silva, 2023, p. 166-167).

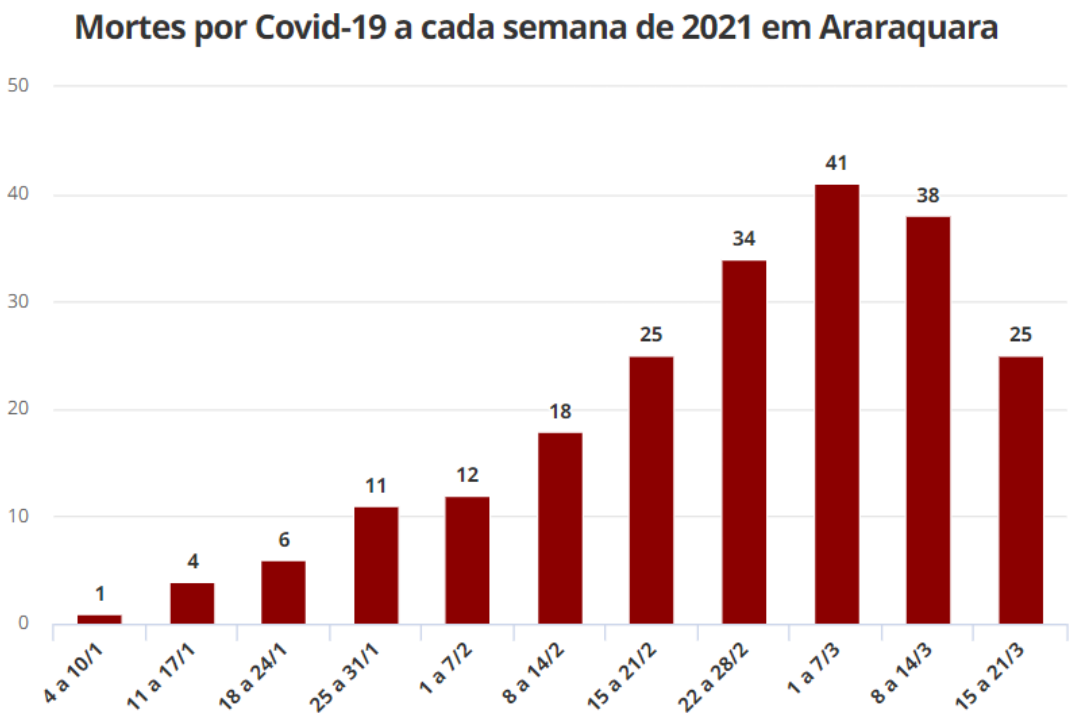
O Brasil registrava, no dia 29 de março de 2021, 400 mil mortos em decorrência da Covid-19 (Silva, 2023, p. 170.), e esse contraste de tomadas de decisão foi registrado pelo Jornal Francês *Les Echos*, que destacou a resistência do Prefeito de Araraquara contra a "loucura de Bolsonaro"[153]. Todos esses números se traduzem, na realidade social, como consequências das decisões políticas e seus alinhamentos, com escolhas de aceite ou recusa aos fatos científicos que foram divulgados desde o início da pandemia por parte de pesquisadores do mundo todo. Segundo o pesquisador da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Bernadinho Alves Auto, o município de Araraquara poupou 259 vidas com o *lockdown* que durou de 21 de fevereiro a 2 de março.[154]

[152] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/26/apos-44-dias-araraquara-nao-registra-obito-por-covid-em-24h.ghtml. Acesso em 20 de outubro de 2024.

[153] Disponível em: https://www.lesechos.fr/monde/ameriques/covid-au-bresil-ce-maire-qui-resiste-a-la-folie-bolsonaro-1312066 Acesso em 20 de outubro de 2024.

[154] Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/estudo-mostra-que-lockdown-rigido-em-araraquara-sp-salvou-259-vidas/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

Gráfico 7: mortes por Covid-19 a cada semana, do início até março de 2021, em Araraquara.

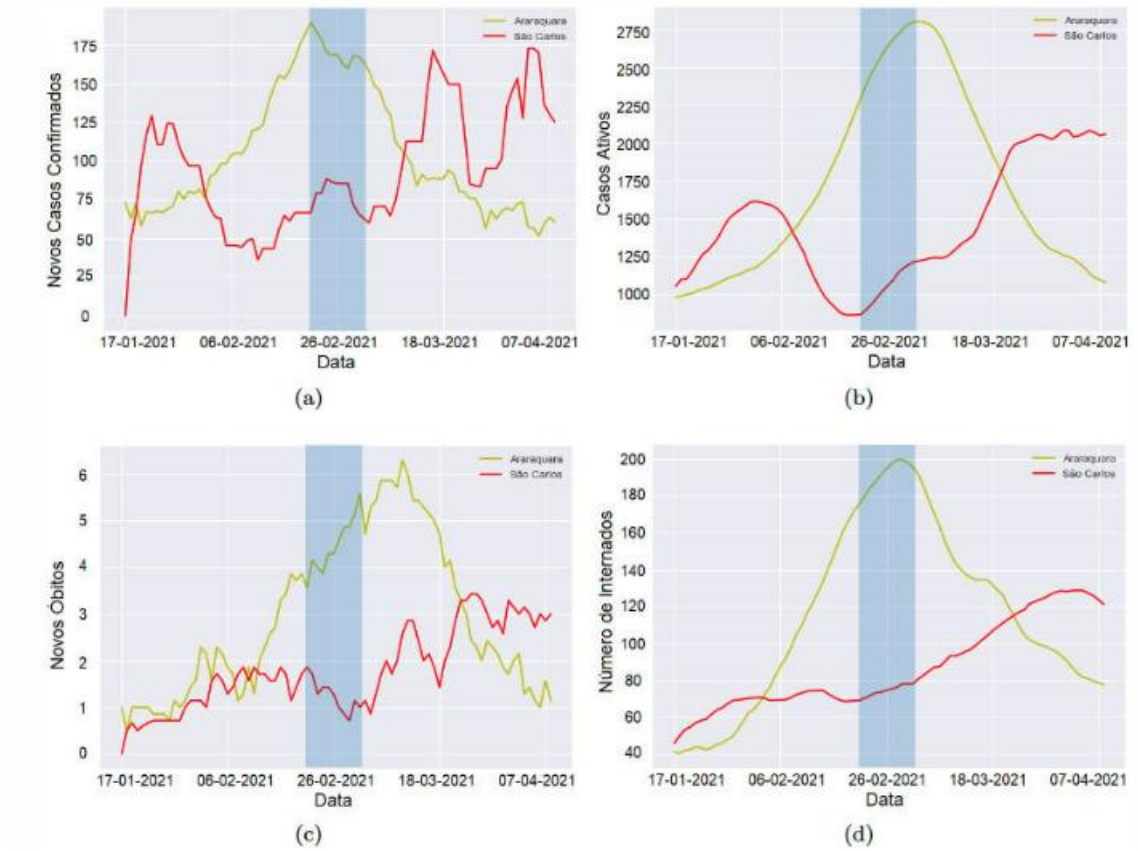


Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/21/um-mes-apos-confinamento-total-araraquara-registra-reducao-de-39percent-no-numero-de-mortes-e-de-575percent-dos-casos.ghtml

Se comparados os cenários de Araraquara e São Carlos, cidades semelhantes em diversos aspectos, o *lockdown* surtiu um efeito muito mais rápido em Araraquara do que as restrições da fase emergencial imposta pelo Estado de São Paulo em São Carlos, que não propôs o *lockdown* como medida de combate ao vírus. Apesar dos casos diminuírem, depois de terem um aumento significativo, a sua redução foi mais lenta do que em Araraquara, que viu o sistema colapsar e que teria um cenário muito pior se não tivesse aderido à medida[155].

[155] Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/licoes-das-medidas-de-reducao-de-contagio-em-araraquara-e-sao-carlos/ e https://jornal.usp.br/artigos/a-importancia-do-isolamento-e-por-que-precisamos-estudar-araraquara-e-sao-carlos/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

Gráfico 8: comparação epidemiológica entre Araraquara e São Carlos, do início até abril de 2021.

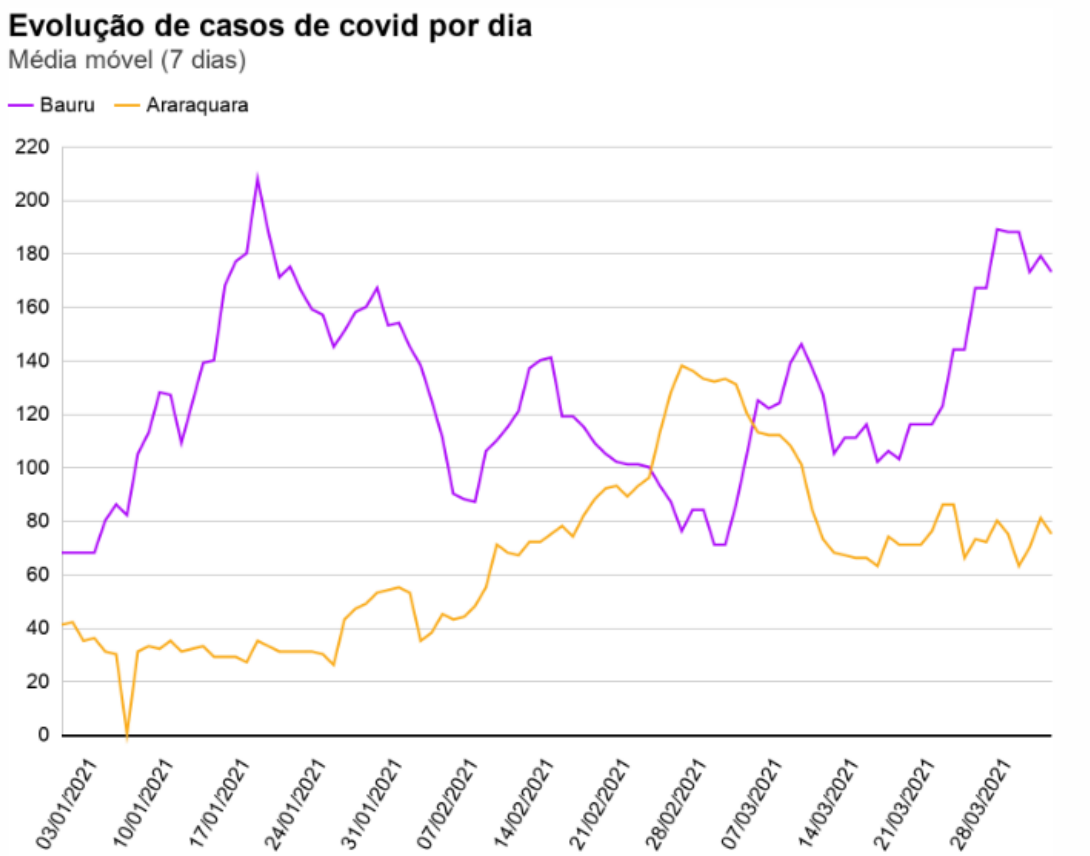


Fonte: Colagno et al, 2021, p. 5

Em uma experiência complexa que contou com a colaboração de diversos setores da sociedade[156], o município de Araraquara viu a possibilidade de respirar, mas essa experiência além de ter encontrado resistência interna também não foi bem vista por diversos outros Prefeitos. Separados por um pouco mais que 100km, o município de Bauru teve uma postura bastante diferente, com declarações da prefeita Suéllen Rosim (Patriota) que minimizavam a necessidade de medidas mais restritivas contra o Coronavírus e incitavam a dúvida sobre os benefícios que um *lockdown* poderia trazer[157]. Em matéria comparativa entre os dois municípios, a BBC Brasil revelou que a média de Araraquara era de 11,9 mortes por 100 mil habitantes, enquanto a de Bauru, no mesmo período, era de 26,4 mortes por 100 mil habitantes segundo dados do Estado de São Paulo do dia 07 de abril de 2021.

[156] Disponível em: https://apsredes.org/conselho-municipal-de-saude-faz-lockdown-em-araraquara-sp-e-diminui-os-casos-de-covid-19-no-municipio-1/ Acesso em 20 de outubro de 2024.
[157] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56640000#:~:text=%22Araraquara%20fez%20muito%20bem%20em,diferen%C3%A7a%20entre%20Bauru%20e%20Araraquara. Acesso em 20 de outubro de 2024.

Gráfico 9: comparação da evolução de casos de Covid-19 por dia entre Araraquara e Bauru, do início até março de 2021.



Fonte:https://www.bbc.com/portuguese/brasil56640000#:~:text=%22Araraquara%20fez%20muito%20bem%20em,diferen%C3%A7a%20entre%20Bauru%20e%20Araraquara.

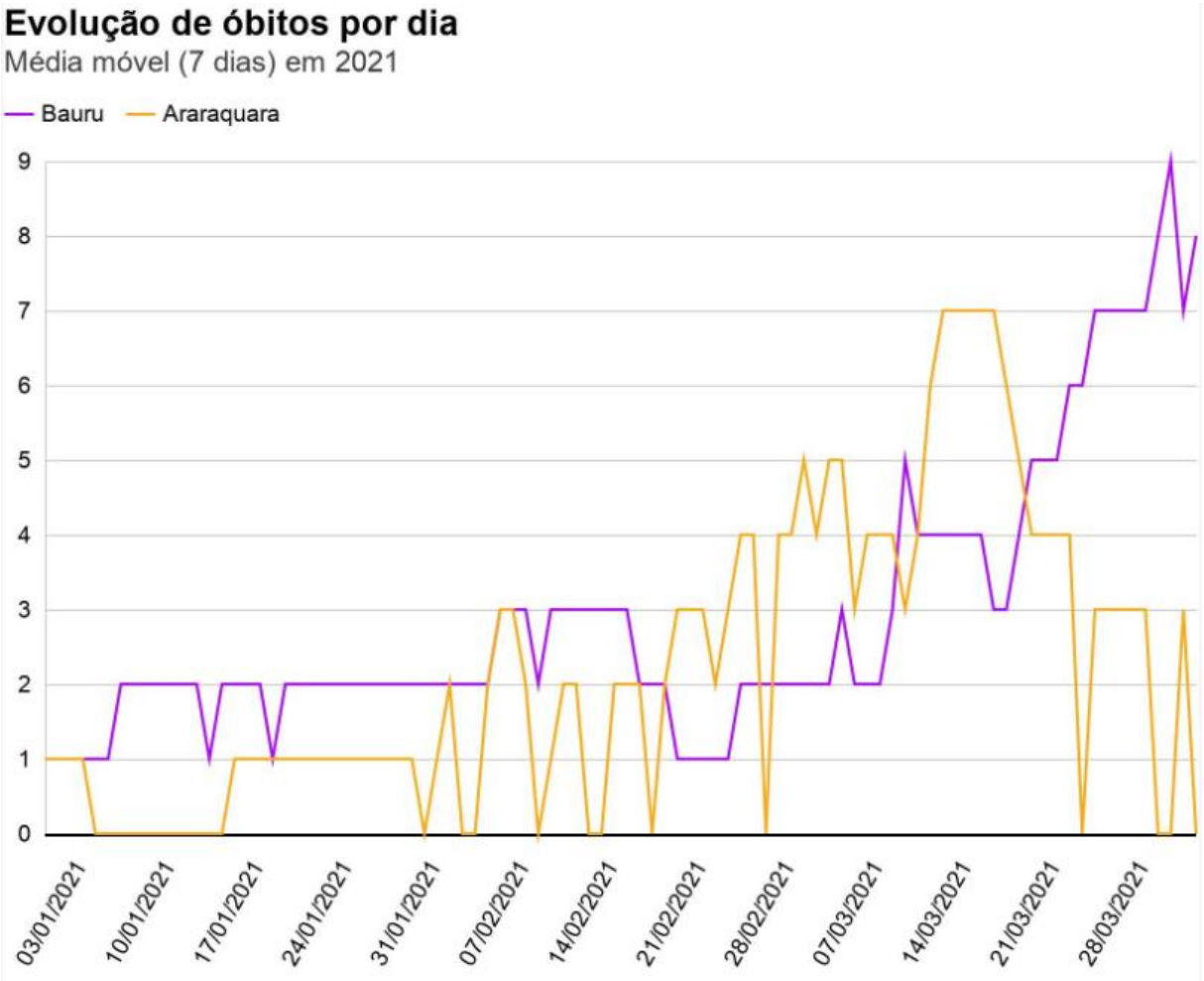
Enquanto Araraquara identificou a variante P.1 entre o final de janeiro e início de fevereiro (29/01 e 09/02), descobrindo que 64 de 139 amostras coletadas informavam a presença da mutação do vírus, a prefeitura de Bauru só confirmou a presença da P.1 no início de março, pela identificação de três casos, os únicos que foram analisados. A partir do relato do Diretor e da Vice-Diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da Unesp de Araraquara durante a pandemia, em entrevista que realizamos, podemos compreender como as análises laboratoriais se relacionam com as medidas de isolamento e a efetividade das políticas públicas nos municípios:

> O fato de podermos identificar essas cepas na população faz com que você tenha controle epidemiológico real, não só o controle epidemiológico da Covid como epidemia, mas você sabia qual vírus estava circulando e quando você começa a rastrear, isso se traduz no espalhamento controlado. A gente sabe como está espalhando e qual é a cepa que prevalece. Isso traz um domínio muito melhor do controle epidemiológico. Você tem a cepa, o marcador dessa cepa, você consegue rastrear, mapear melhor e mapeamento faz com que você consiga controlar melhor.

> As atitudes de combate ficam facilitadas porque você conhece esse espalhamento no mapa epidemiológico da cidade. Então, é controle técnico por conta da expertise em saúde que nós temos.
>
> Ana Marisa Fusco de Almeida, Vice-Diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp de Araraquara durante a pandemia de Covid-19. 2024, p. 206.

> E esse controle deu muita condição pro poder público de saúde de Araraquara, à época, entrar no lockdown. As consequências seriam muito maiores se não tivessem tido esta decisão basada em condições técnicas científicas, que foram fornecidos pela mesma [UNESP].
>
> Luís Vitor Silva do Sacramento, Diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp de Araraquara durante a pandemia de Covid-19. 2024, p. 206

Gráfico 10: comparação da evolução de óbitos decorrentes da Covid-19 por dia entre Araraquara e Bauru, do início até março de 2021.



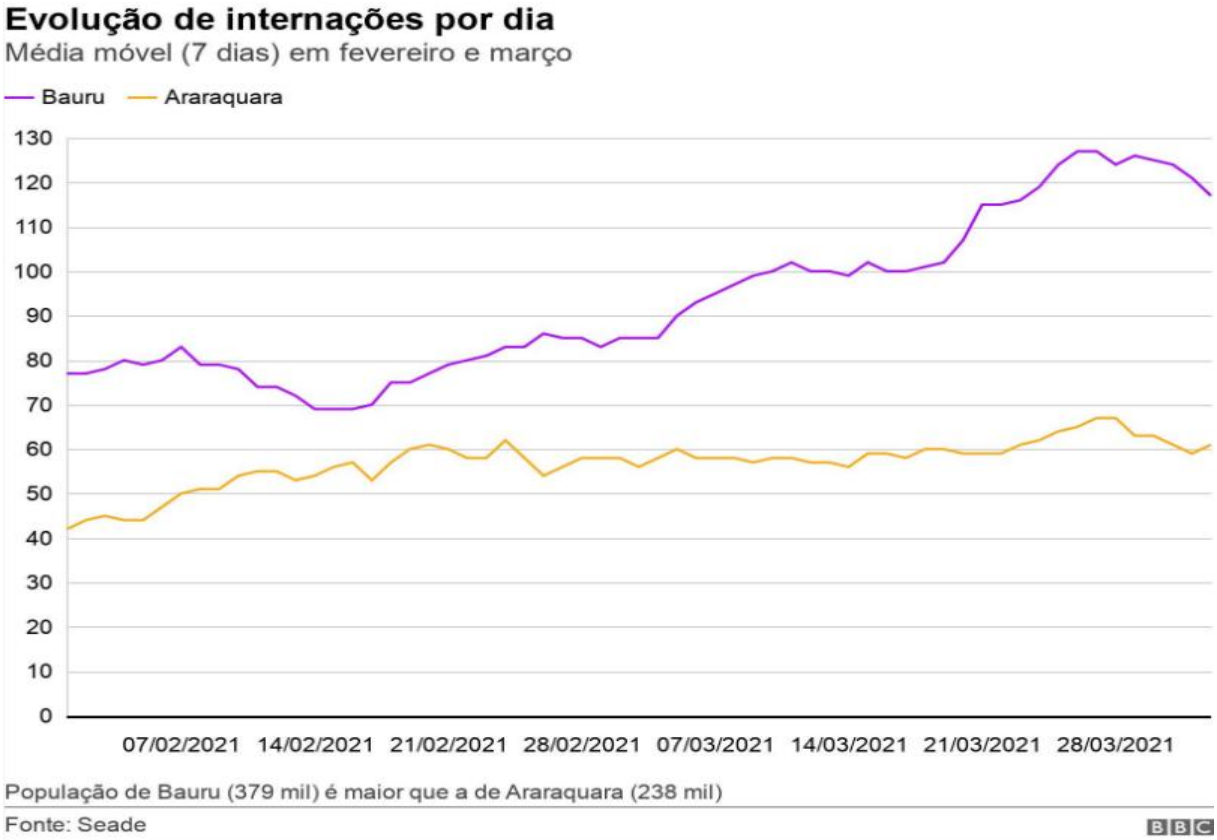
Fonte:

https://www.bbc.com/portuguese/brasil56640000#:~:text=%22Araraquara%20fez%20muito%20bem%20em,diferen%C3%A7a%20entre%20Bauru%20e%20Araraquara.

Observando ambas as faixas do gráfico 10, se torna nítido como, a partir da semana epidemiológica do dia 21, levando em consideração os 14 dias necessários para observar impactos de medidas epidemiológicas por conta das características da infeção por Covid-19, a evolução dos óbitos em Bauru cresceu de forma brusca, enquanto em Araraquara decresceram rapidamente.

Reforçando a importância de cooperação regional, a melhora dos índices no quadro epidemiológico de municípios com capacidade de atendimento e estrutura médica possibilitavam que cidadãos de municípios vizinhos também fossem atendidos, expandindo o combate para além do território local. Em contrapartida, municípios de relevância regional que negaram os impactos positivos que medidas mais restritivas não só contribuíram para mais infecções, internações e óbitos em âmbito local, mas impossibilitaram que outros municípios menores fossem mais auxiliados.

Gráfico 11: comparação da evolução de internações decorrentes de Covid-19 por dia entre Araraquara e Bauru, do início até março de 2021.



Fonte:https://www.bbc.com/portuguese/brasil56640000#:~:text=%22Araraquara%20fez%20muito%20bem%20em,diferen%C3%A7a%20entre%20Bauru%20e%20Araraquara.

Esse panorama anômico de normas que abrigou, dentro de um mesmo território, diversas experiências (bem sucedidas e mal sucedidas) no combate ao Coronavírus, se interliga com a falta de planejamento nacional[158]. A União, que só começou a pagar o auxílio emergencial no mês de abril em 2021, tornou os trabalhadores informais, autônomos e ligados ao comércio mais vulneráveis justamente nos três meses mais difíceis, em termos de contágio e óbitos, desde o início da pandemia no Brasil. No dia 29 de abril de 2021, através de seu conta no Twitter (agora X) o então Presidente Jair Messias Bolsonaro, exemplificando essa contradição pulsante entre aquilo que era feito e aquilo que era dito, anunciou uma ação do exército brasileiro em Araraquara[159], onde realizariam a entrega de alimentos através da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), comandada pelo Coronel Mello Araújo, para os "vitimados pela política do fique em casa que a economia a gente vê depois", como dito pelo ex-presidente. Esse foi o início de uma série de ataques vindo do governo federal e aliados contra as medidas tomadas pela prefeitura de Araraquara, que mesmo apresentando diversas dificuldades, contiveram o vírus com medidas sanitárias alinhadas à ciência e que superavam a falsa dicotomia entre manter a economia e salvar vidas humanas, uma vez que a situação pandêmica exigia uma governança coletiva e equitativa (Balladelli; Farante, 2022, p. 14).

Enquanto o presidente realizava esse ataque à Araraquara, o Brasil atingia a marca de 400 mil mortos, sendo que 100 mil destes óbitos ocorreram em apenas 37 dias, num cenário onde Bolsonaro aparelhava diversas esferas governamentais para difundir remédios sem eficácia comprovada, como a ivermectina e a cloroquina[160], posicionamento que teve papel fundamental na crise de Manaus, ocasionando na investigação do então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, um general da ativa, por omissão[161] – enquanto faltava oxigênio, o ministério disponibilizou 120 mil comprimidos de hidroxicloroquina para o Estado do Amazonas [162].

---

[158] Em 24 de fevereiro de 2021, Araraquara precisou acionar o Ministério Público Federal (MPF) para garantir que o Governo Federal fizesse o repasse necessário para manutenção de 30 leitos de UTI, em um momento de aguda crise sanitária no município. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/24/saude-demora-e-mpf-entra-na-justica-para-agilizar-leitos-em-araraquara.htm Acesso em 30 de outubro de 2024.

[159] Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/com-ajuda-do-exercito-ceagesp-distribui-alimentos-em-araraquara?amp Acesso em 30 de outubro de 2024.

[160] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/bolsonaro-usa-distribuicao-de-alimentos-da-ceagesp-para-criticar-lockdown-em-araraquara.shtml Acesso em 30 de outubro de 2024.

[161] O Ministério da Saúde chegou a lançar um aplicativo que visava impulsionar o tratamento precoce e escolheu Manaus como cidade teste, com o intuito de depois da experiência ampliar o programa para outras regiões do Brasil. Disponível em: https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2021/janeiro/tratecov-aplicativo-auxilia-medicos-no-diagnostico-da-covid-19 Acesso em 30 de outubro de 2024.

[162] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/para-difundir-cloroquina-bolsonaro-mobilizou-cinco-ministerios-estatal-conselhos-exercito-e-aeronautica.shtml Acesso em 30 de outubro de 2024.

4.3 O SEGUNDO LOCKDOWN

Ainda vivenciando as consequências do colapso do seu sistema de saúde, Araraquara registrou novamente um aumento significante no número de casos confirmados (20% do total das amostras por três dias seguidos), no dia 17 de junho de 2021. Seguindo as orientações do Comitê de Contingência, medidas mais restritivas, mais uma vez, foram adotadas para evitar o crescimento além do controle, número de leitos, contaminações e internações, através do decreto municipal nº 12.600, que estipulava o *lockdown* das 12h do domingo de 20 de junho até às 23h59min do domingo seguinte, 27 de junho (Silva, 2023, p. 171).

No próprio dia 17, uma quinta-feira, Bolsonaro voltou a citar o município em suas tradicionais "lives de quinta", encontros digitais semanais onde o então presidente, junto com outros membros do governo e aliados políticos, opinavam sobre temáticas com relevância no cenário político e social. Segundo o ex-presidente, Araraquara tinha uma média de mortos maior do que o restante do Brasil (o que era mentira, já que o índice de mortes era de 2,1% contra 2,8%, respectivamente) e por isso o *lockdown* não seria uma medida cabível e efetiva[163]. Ainda no mesmo dia, no período da tarde, ocorreu uma manifestação em frente à Prefeitura de Araraquara com cerca de 50 pessoas de diversas categorias, mas sem uma entidade sindical organizadora. Um dos pedidos realizados pelos manifestantes era a possibilidade de usar medicamentos para o "tratamento precoce"[164], ou seja, remédios sem eficácia científica comprovada, uma vez que não existem remédios capazes de mitigar os danos da Covid-19 com exceção da vacina.

A discussão acerca dos métodos científicos de combate ao vírus ainda se mantinha presente no município, mesmo com os resultados do primeiro *lockdown* já divulgados, o que demonstra o enfraquecimento das políticas anti-isolamento no cenário político brasileiro e expõe a rixa mais política do que científica na pandemia[165]. As manifestações de resistência combinavam posições negacionistas com reivindicações sociais legítimas, o que tornava o cenário ainda mais turvo, como exemplifica a fala de um empresário que participou dos protestos do dia 17:

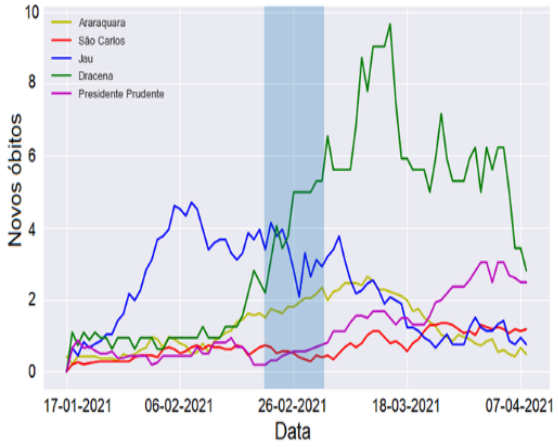
---

[163] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/bolsonaro-volta-a-atacar-lockdown-de-araraquara-e-Prefeito-diz-que-presidente-fala-inverdades.shtml Acesso em 30 de outubro de 2024.
[164] Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/manifestantes-vao-as-ruas-contra-lockdown-em-araraquara/ Acesso em 30 de outubro de 2024.
[165] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/27/lockdown-araraquara-sp-polarizacao-politica-bolsonaro.htm Acesso em 30 de outubro de 2024.

> O problema não está no comércio, nem a atitude dos empresários, está na postura do Prefeito e da Secretária da saúde que insistem em não olharem para as ações que de fato devem existir. Tratamento adequado logo no início dos sintomas, ônibus e terminal lotados, festas nos bairros periféricos sem a devida fiscalização efetiva, tudo contribui para o aumento de casos na pandemia. A pandemia só terminará quando houver vontade política. Do contrário, a população continuará sofrendo com desemprego, fome e mortes por Covid[166].

Araraquara, se analisada junta de outros municípios de mesmo tamanho populacional, foi a única que conseguiu não apresentar aumento no número de óbitos depois que as taxas começaram a cair, e isso se deu justamente pelo seu primeiro *lockdown*, como demonstra o estudo feito por pesquisadores da UNESP e USP (Colnagno et al, 2021):

Gráfico 12: comparação epidemiológica entre Araraquara e outros municípios em 2021.



Cidade		P_1 17/01-13/02	P_2 14/02-13/03	P_3 14/03-10/04
Araraquara	Óbitos	18,88	56,66	27,28
	Variação	–	200%	-52%
Dracena	Óbitos	26,18	154,86	133,06
	Variação	–	492%	-14%
Jaú	Óbitos	79,02	84,28	28,32
	Variação	–	7%	-66%
Presidente Prudente	Óbitos	15,20	24,74	65,12
	Variação	–	63%	163%
São Carlos	Óbitos	13,36	18,88	30,26
	Variação	–	41%	60%

Fonte: Colagno et al, 2021, p. 6

Aplicar um novo *lockdown* era, portanto, uma estratégia que visava dar continuidade aos benefícios trazidos pela medida em relação à diminuição dos índices de ocupação de leitos, internações e mortalidade. Mesmo assim, segundo o Vereador de Araraquara, Lineu Carlos de Assis (Podemos), em discurso na manifestação do dia 17 de junho de 2021, o segundo *lockdown* que seria implementado era "culpa única e exclusivamente dele [Prefeito Edinho Silva], de mais ninguém, incompetente", citando São Carlos como referência, já que "com 30 mil habitantes a mais não fizeram essa barbaridade, essa coisa sem nexo e sem base técnica para declarar." Segundo o Vereador, por terem 100 óbitos a menos do que Araraquara, eram um exemplo a ser seguido de combate ao vírus sem confinamento, articulando uma teoria da conspiração por trás das ações: "É politicagem. Ele está plantando na mídia nacional porque foi Secretário de

[166] Disponível em: https://araraquaraagora.com/noticia/4780/empresarios-e-comerciantes-preparam-manifestacao-contra-lockdown-em-araraquara Acesso em 30 de outubro de 2024.

Comunicação [durante o governo Dilma (PT)] notícias *fake* (SIC) dizendo que Araraquara é um exemplo"[167].

No dia 21 de junho, um dia após o início do segundo *lockdown*, o coronel Mello Araújo, presidente da Ceagesp, que já havia coordenado o envio de alimentos à Araraquara logo ao fim do primeiro *lockdown*, concedeu uma entrevista ao programa "Os Pingos nos Is" da Jovem Pan. Nessa entrevista, o antigo comandante da Rota (batalhão de choque da polícia militar do Estado de São Paulo) colocou no ar um áudio recebido de uma moradora de Araraquara, que relata a história de uma pessoa que havia comido o gato de sua vizinha por estar passando fome na pandemia, ela diz ainda que "não conseguem fazer nada por conta da ditadura desse homem" e que "trabalharam firme por essa ação da Ceagesp [...] mas o nosso mal aqui continua, o temor do povo continua [...] a gente precisa de alguma ajuda mais forte para tirar esse Prefeito daqui, ele prevaricou quando ele não deu assistência.". Coronel Mello Araújo argumenta que Araraquara foi a única cidade em que a Ceagesp foi não recebeu apoio da prefeitura, sendo que se mobilizaram para ir até o município pelos relatos recebidos pelas pessoas e de que, ao chegar na cidade se deparou com um "pós-guerra, nenhuma das outras cidades que eu vi a situação era crítica como essa, as pessoas fuçando o lixo. O Prefeito realmente deixou eles em uma situação triste de ver." E ainda afirmou que, diferentemente do primeiro *lockdown*, esse não permitia o funcionamento da Ceagesp para distribuição de alimentos à população[168].

A história da mulher que estava se alimentando de animais domésticos nunca foi comprovada, a Ceagesp não foi impedida de funcionar durante o segundo *lockdown*, pois isso não é citado no decreto municipal, e a fome no município, história sustentada pelo próprio Jair Messias Bolsonaro no dia 29 de abril de 2021, não surgiu após as medidas de distanciamento social na pandemia, com postos de distribuição de alimentos que estavam presentes no município desde 2017[169]. Esse acontecimento evidencia a mobilização de um discurso passional que, ao mesmo tempo que demonstra uma preocupação extrema com a situação populacional, pede uma "ajuda mais forte para tirar esse Prefeito daqui", ou seja, se mostra antidemocrática. Além disso, se apoia na justificativa de um cenário que não é condizente com a realidade, mas se sustenta apenas no plano ideológico do discurso e da pós-verdade, sendo uma representação

[167] Disponível em: https://www.acidadeon.com/saocarlos/politica/sao-carlos-vira-referencia-para-negacionista-de-araraquara/ Acesso em 30 de outubro de 2024.

[168] Confira a partir do minuto 49. Disponível em: https://www.facebook.com/jovempannews/videos/os-pingos-nos-is-210621/322711669587971/

[169] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/06/22/entrevista-ceagesp-araraquara-acusa-jovem-pan-fake-news.htm e https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/04/29/confere-live-bolsonaro-29-de-abril-de-2021.htm Acesso em 30 de outubro de 2024.

do vínculo entre o pensamento mágico e a pandemia. Esse vínculo se torna mais complexo na medida em que a pandemia de Covid-19 afetou diferentes grupos sociais a partir do modo como eles estavam situados no mercado de trabalho ou se alinhavam à discursos negacionistas, bem como outros fatores como gênero, faixa etária, ocupação etc.:

> Olha, o comércio, a indústria, foi muito prejudicado. O setor da alimentação sofreu muito, restaurantes, lanchonetes, bares, pessoal que trabalha com evento, festas, eles foram muito prejudicados [...] Vários amigos nossos aqui, fiscais, pegaram o Covid. Eu levei o Covid para dentro de casa, minha mãe, ou melhor, minha esposa pegou, a minha sogra pegou, foi a óbito. Foi uma época muito difícil.
>
> Atair Machado de Oliveira, Fiscal da Vigilância Sanitária de Araraquara. 2024, p. 197

> Eu não digo prejudicados, porque eu acho que prejudicou toda a população, desde criança até idosos [...] Eu acho que prejudicou geral, a questão é: os mais afetados, talvez por ser essencial, é a área da Saúde. Eu acho que o grupo da área da saúde teve que enfrentar, não tinha como se resguardar. A questão dos alimentos, a parte de alimentícios, eles também não tinham como parar, eu acho que os grupos mais afetados foram esses.
>
> Rowaylly Alexandrino, Gerente de Combate à Covid-19 em Araraquara. 2024, p. 191.

> Todo mundo estava sujeito e passou por todas as categorias, sociais econômicas, de raça, cor, sexo. É lógico que os idosos com comorbidades foram os que mais agravaram e foram a óbitos, mas também nós tivemos jovens que foram a óbitos. Então assim, ela não teve a maior categoria, ela teve não econômica, social, mas ela teve a divisão daqueles que não aceitaram. Aqueles, os negacionistas, esses foram os mais prejudicados, porque eles não fizeram nenhum tipo de adesão às medidas de contenção e, mesmo depois, as medidas de proteção
>
> Eliana Honain, Secretária da Saúde de Araraquara durante a pandemia de Covid-19. 2024, p. 186.

Novamente à beira de um colapso, Araraquara tinha 184 pacientes internados na cidade, sendo que 91 deles estavam em unidades de terapia intensiva (UTI), com uma taxa de ocupação dos leitos em 96%, sendo que mais da metade dos pacientes internados eram de outros municípios[170]. Araraquara, portanto, era utilizado como bode expiatório de uma política que não era desejável pela extrema-direita brasileira; enquanto as políticas públicas beneficiavam não só os moradores de Araraquara, mas também diversos outros municípios.

A desinformação desempenhou um papel importante nos diversos casos de resistência individuais e coletivas que aconteceram durante todo o período pandêmico no município, o coronel Mello Araújo, por exemplo, afirmou na mesma entrevista, que o Prefeito Edinho Silva

[170] Disponível em : https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-05/decreto-estabelece-criterios-para-novo-lockdown-em-araraquara Acesso em 30 de outubro de 2024.

(PT) tinha manipulado os testes e selecionado intencionalmente mais sintomáticos do que assintomáticos para realizar testagens públicas e atingir as taxas necessárias para poder fechar a cidade.

Para Edinho, "não podemos debater o absurdo", já que a *infodemia* é "consequência da polarização", onde o serviço de criação da "contrainformação" é feito pela base orgânica da extrema-direita, baseado na mídia que divulgava as teorias da conspiração que eram criadas por essas pessoas. A estratégia buscada pela prefeitura, portanto, foi sair do debate moral (fictício) e adentrar o espaço da realidade, através dos dados científicos disponíveis[171]. Essa estratégia política foi o modo de defesa posto para resistir aos contínuos ataques que foram direcionados ao município por conta das medidas sanitárias adotadas.

O município de Araraquara se contrapunha diretamente ao governo federal que, com a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, instaurada no dia 27 de abril, mediante decisão do Supremo Tribunal Federal (STF)[172], assistia os escândalos de corrupção, prevaricação e negacionismos serem expostos para todo o Brasil. A decisão foi motivada pela atuação desastrosa do governo federal e estadual no caso de Amazonas[173], a formação de um "gabinete paralelo" composto por políticos e médicos que guiavam as ações governamentais de forma não oficial, incentivando que medidas negacionistas tivessem papel determinante nos rumos da pandemia brasileira[174], e as evidências de que o governo federal estaria realizando testes da teoria de imunidade de rebanho, com Manaus sendo o destaque dessa perspectiva[175].

As investigações também apontaram suspeitas na compra e repasse das vacinas, com diversos escândalos de corrupção que indicavam a prevaricação ao não aderir às ofertas recebidas logo no final de 2020[176], quando as primeiras vacinas estavam sendo produzidas e aplicadas no mundo, bem como casos de superfaturamento e licitações criminosas[177], com

---

[171] Discurso e respostas de Edinho Silva (PT) durante a mesa-redonda "A Covid-19, o impacto da desinformação na cidade e na política", no dia 27 de setembro de 2023. II Congresso de Ciências Sociais da Unesp/FCL de Araraquara.

[172] Disponível em: : https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/alessandro-vieira-e-jorge-kajuru-acionam-supremo-para-obrigar-pacheco-a-instaurar-cpi-da-covid-no-senado/ e https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/senado-instalacao-cpi-covid.ghtml Acesso em 30 de outubro de 2024.

[173] Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/15/Manaus-sufocada-os-rumos-do-caso-mais-agudo-da-pandemia. Acesso em 30 de outubro de 2024.

[174] Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/exclusivo-videos-mostram-ministerio-paralelo-orientando-bolsonaro-contra-vacinas. Acesso em 30 de outubro de 2024.

[175] Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/22/Como-Osmar-Terra-est%C3%A1-ligado-%C3%A0-tese-da-imunidade-de-rebanho. Acesso em 30 de outubro de 2024.

[176] Disponível em: https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-optou-por-cobertura-minima-ao-aderir-a-alianca-global-por-vacina/ Acesso em 30 de outubro de 2024.

[177] Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/07/06/De-PM-a-reverendo-a-intermedia%C3%A7%C3%A3o-suspeita-das-vacinas e https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-

encontros mediados por sujeitos que não participavam do governo, e ainda parcerias com laboratórios que estavam falsificando exames e testando remédios não comprovados cientificamente[178].

O espaço da CPI da Covid, como ficou popularmente conhecida, foi de disputa entre diferentes vertentes ideológicas que buscavam a hegemonia do poder e, portanto, do discurso, acerca das temáticas envolvendo a Sars-Cov-2. As convocações avançavam em uma cronologia de ações que envolviam não só o governo federal, mas empresas privadas do ramo farmacêutico, pesquisadores relevantes no debate público daquele momento histórico, Prefeitos, governadores, dentre muitos outros que, de alguma forma, influenciavam o cenário pandêmico nacional. Araraquara foi citada por diversas vezes, tanto como forma de qualificar as medidas de combate ao vírus que seguiam preceitos científicos, quanto para desqualifica-las como ineficazes e alinhá-las ao totalitarismo de governos "comunistas"[179].

Em 11 de junho de 2021, por exemplo, a pesquisadora Natália Pasternak e o ex-presidente da Anvisa, Cláudio Mairovitch, citaram Araraquara como o exemplo de que as medidas restritivas possuem eficácia no combate ao Coronavírus[180], mas apontaram que apenas medidas isoladas como essa não bastavam, cobrando uma coordenação do governo federal que estivesse alinhada aos preceitos científicos[181]. Em contrapartida, Araraquara também foi citada como exemplo do que não ser feito no combate da pandemia, por Osmar Terra (MDB), liderança do "gabinete paralelo" do Ministério da Saúde, no dia 22 de junho de 2021. Na ocasião, o Deputado Federal fez uma comparação entre a cidade de Chapecó (SC) e Araraquara (SP), declarando que, enquanto a primeira não tinha realizado nenhuma medida restritiva, a segunda estaria propondo o terceiro *lockdown* durante a pandemia tendo o mesmo número de infectados que Chapecó, que não fechou nada. Caracterizando a definição de discurso negacionista e obscurantista, a fala do Deputado ecoa uma série de mentiras que almejavam

---

macedo/policia-federal-instaura-inquerito-para-investigar-denuncias-de-corrupcao-na-compra-da-vacina-covaxin-pelo-ministerio-da-saude/ Acesso em 30 de outubro de 2024.

[178] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/investigada-na-cpi-da-covid-prevent-senior-ocultou-mortes-em-estudo-sobre-cloroquina-apoiado-por-bolsonaro.ghtml Acesso em 30 de outubro de 2024.

[179] Disponível em: https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/chegou-o-comunavirus-artigo-do-ministro-ernesto-araujo-publicado-no-livro-politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade Acesso em 30 de outubro de 2024.

[180] O epidemiologista Pedro Hallal também citou a cidade no dia 24 de junho, quando compareceu à CPI, apontando que 400 mil vidas poderiam ter sido salvas se o Governo Federal tivesse adotado diferentes mecanismos de ação que se mostraram efetivos no combate ao vírus. Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/politica/pesquisador-cita-exemplo-de-araraquara-durante-cpi-da-covid/ Acesso em 30 de outubro de 2024.

[181] Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/politica/cientistas-citam-lockdown-em-araraquara-durante-cpi-da-covid/ Acesso em 30 de outubro de 2024.

destorcer o debate: Araraquara havia decretado o segundo e não o seu terceiro *lockdown*, Chapecó - que tinha 224.013 habitantes em detrimento dos 238.339 de Araraquara – registrava 38.394 infecções e 645 óbitos e a cidade paulista 24.569 casos e 494 mortes, além disso, Chapecó havia proposto medidas restritivas (embora menos rígidas que as de Araraquara), entre 23 de fevereiro e 7 de março, resultando em uma queda de 61% no número de seus casos ativos no período[182].

A CPI da Covid teve um papel relevante na influência que os fatos expostos exerceram sobre a opinião pública, bem como reverberaram nas políticas públicas em âmbito municipal e estadual. Quando a médica Nise Yamaguchi, que também havia participado de reuniões do "gabinete paralelo", discursou na CPI da Covid, os Vereadores do Patriota – Marcos Garrido, Carlão do Joia e Marchese da Rádio, juntamente com o Vereador Lineu Carlos de Assis (Podemos), protocolaram o requerimento nº 511/2021, aprovado por nove votos favoráveis contra seis contrários, no dia 8 de junho de 2021. O requerimento era uma moção de repúdio ao tratamento recebido pela médica na CPI, por ser uma pessoa indefesa sendo confrontada de forma agressiva, mesmo estando lá por vontade própria. O requerimento alega, logo em seu início, que não é enviesado politicamente, que respeita a CPI e suas investigações sobre ações e omissões do governo federal, assim como a investigação sobre repasse de verbas federais para estados e municípios, e que apoiavam a vacinação em massa[183].

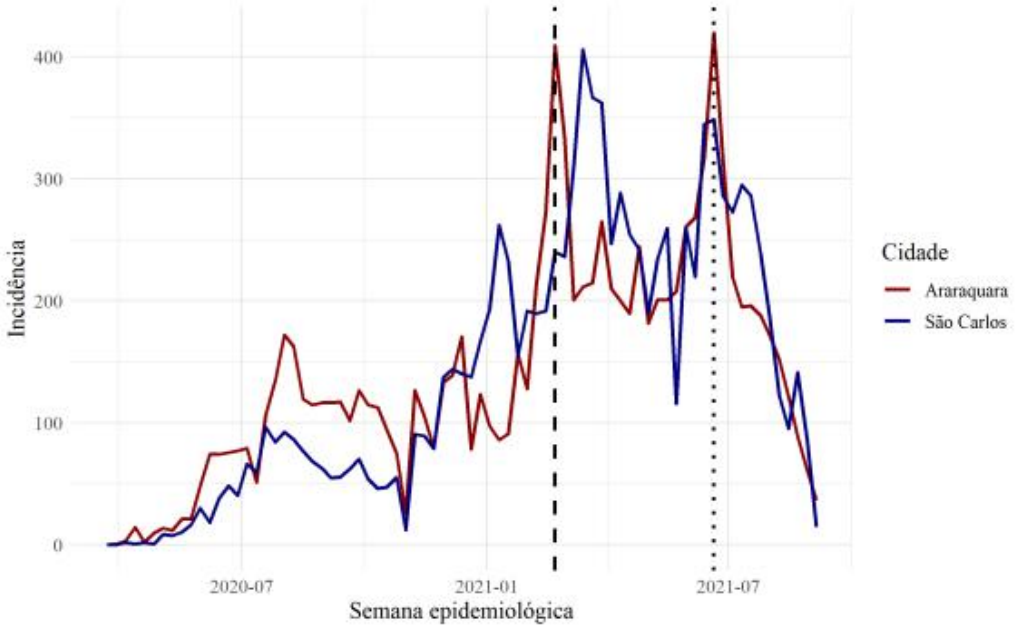
Aproximadamente um mês depois do segundo *lockdown,* Araraquara não registrou óbitos nos dias 25, 26, 29 e 30 de julho, e no dia 2 agosto mais um evento marcante para a cronologia pandêmica aconteceu no município. Carla Zambelli, antes Deputada Federal do PSL e agora do PL, e o filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro, Deputado Federal também pelo PSL e agora pelo PL, distribuíram alimentos em praça pública e caminharam até a Câmara Municipal de Araraquara, junto de lideranças locais, para protocolar um pedido de *impeachment* contra o Prefeito Edinho Silva (PT)[184]. No dia seguinte a denúncia[185] foi votada, a pedido do próprio Prefeito para o líder da Câmara, Aluísio Boi, sendo rejeitada por 13 votos a 4. Os únicos

[182] Disponível em: https://www.aosfatos.org/noticias/osmar-terra-mente-cpi-ao-falar-de-imunidade-de-rebanho-e-decisoes-do-stf/ Acesso em 30 de outubro de 2024.
[183] Disponível em: https://cmararaquara.sp.gov.br/noticias/comportamento-de-senadores-na-cpi-da-covid-motiva-mocao-de-repudio,14-06-2021?ver=224 Acesso em 30 de outubro de 2024.
[184] Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/eduardo-bolsonaro-protocola-pedido-de-impeachment-de-Prefeito-do-pt Acesso em 30 de outubro de 2024.
[185] A denúncia foi feita com base na compra de 25 respiradores, em abril de 2020, da empresa chinesa RY Top, que nunca foram entregues para a prefeitura. Mais de quatro anos depois a prefeitura conseguiu reaver o valor da compra, acrescido de juros e correções, através da justiça. Disponível em:: https://www.acidadeon.com/araraquara/politica/justica-homologa-acordo-para-prefeitura-de-araraquara-reaver-total-pago-por-respiradores/ Acesso em 30 de outubro de 2024.

favoráveis foram Marchese da Rádio, Carlão do Joia e Marcos Garrido, todos do Patriota, e Lineu Carlos de Assis do Podemos[186] (Silva, 2023, p. 172-173).

Apesar da grande resistência enfrentada pelo município, seu segundo *lockdown*, em junho, não só manteve a efetividade científica já comprovada pelo primeiro, em fevereiro, como demonstrou impacto no número de casos em cidades vizinhas que não haviam aplicado as medidas restritivas, como é o caso de São Carlos. Isso se somou ao benefício do avanço da vacinação em grupos etários mais afetados pela doença, na época ainda para pessoas com mais de 60 anos.

Gráfico 13: comparação entre Araraquara e São Carlos durante o período dos dois lockdowns.



Fonte: Paiuta, 2022, p. 32

A linha vertical tracejada demonstra o primeiro *lockdown*, reforçando a diminuição brusca que aconteceu no número de casos no município de Araraquara e que não foi visível, no mesmo período, em São Carlos. A linha pontilhada demonstra o segundo *lockdown*, onde o número de casos em ambos os municípios apresenta uma diminuição brusca, mas apenas Araraquara não tem um novo aumento no número de casos logo depois, sendo que o estudo aponta que a redução de São Carlos também pode ter sido beneficiada pelo *lockdown* de Araraquara.

[186] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/08/03/por-13-votos-a-4-vereadores-de-araraquara-rejeitam-pedido-de-cassacao-do-Prefeito-edinho-silva.ghtml Acesso em 30 de outubro de 2024.

No dia 20 de junho de 2021, primeiro dia do segundo *lockdown*, Araraquara havia aplicado 117.917 doses, sendo 79.665 da primeira dose e 38.252 da segunda dose da vacina contra Covid-19. Eram, naquele momento, 194 pacientes internados, 99 na enfermaria e 95 em UTI, com uma ocupação de 61% e 84% respectivamente. 104 pacientes eram de Araraquara e 90 eram de outros municípios, acumulando um total de 24.451 casos confirmados e 491 óbitos decorrentes de Covid-19. [187]

Dois meses depois, em 20 de agosto de 2021, eram mais de 250.875 doses aplicadas, sendo 173.042 da primeira dose, 71.889 da segunda dose e 5.944 da dose única. Com 29.225 casos acumulados e 570 óbitos em decorrência de Covid-19, Araraquara tinha 38 pacientes internados, 16 em enfermaria e 22 em UTI, sendo que 22 eram moradores e 16 vinham de outros municípios. A taxa de ocupação de leitos era de 21% para enfermaria e 27% para UTI, uma redução de 40% e 57% respectivamente[188].

Com o avanço da vacinação ao longo do ano de 2021, o Brasil viu os últimos meses do ano marcarem registros cada vez mais baixos de óbitos mensais, mesmo com casos que voltavam a aumentar repentinamente por conta das mutações do Coronavírus, Delta e Ômicrom, que ocupavam os espaços ainda não preenchidos pela vacinação populacional[189]. Araraquara fecharia o ano de 2021 com 31.773 casos confirmados e 604 óbitos decorrentes da Covid-19. Havia 5 pessoas internadas, 4 confirmados na enfermaria e 1 suspeito em UTI, sem registro de óbitos nas últimas 24 horas. No período, já tinham sido aplicadas 445.900 doses de vacina contra a Covid-19, sendo 200.891 da primeira dose, 195.332 da segunda dose e dose única, e 49.677 da terceira dose[190], com 127.002 testes RT-PCR, 156.363 testes Antígeno e 44.442 testes sorológicos realizados até a data de 26 de março de 2022[191].

O Hospital de Solidariedade, encampado pela Administração Pública Municipal em 2019, com base na Lei do Instituto do Abandono[192] e fundamental no combate ao Coronavírus, deixou de funcionar como centro de internações no dia 23 de novembro de 2021. Passou a ser Centro de Referência de Testagem para Covid-19 no dia 10 de janeiro de 2022, e virou Centro

---

[187] Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/dengue-e-covid-19/boletim-dengue-e-covid/boletim-diario-do-comite-de-contingencia-do-coronavirus-n-462-de-20-de-junho-de-2021. Acesso em 30 de outubro de 2024.
[188] Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/dengue-e-covid-19/boletim-dengue-e-covid/boletim-diario-do-comite-de-contingencia-do-coronavirus-n-523-de-20-de-agosto-de-2021 Acesso em 30 de outubro de 2024.
[189] Disponível em: https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/ Acesso em 30 de outubro de 2024.
[190] Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/dengue-e-covid-19/boletim-dengue-e-covid/boletim-diario-do-comite-de-contingencia-do-coronavirus-n-654-de-29-de-dezembro-de-2021 Acesso em 30 de outubro de 2024.
[191] "Araraquara alcançou a marca, até março de 2023, de 553.538 testes realizados. A taxa de testagem da nossa cidade, neste mesmo período, era de 221.146/100 mil habitantes." (Silva, p. 126, 2023).
[192] Disponível em: https://www.camara-arq.sp.gov.br/noticias/prefeitura-pode-perder-terreno-do-hospital-de-campanha-e-bombeiros,20-05-2022 Acesso em 30 de outubro de 2024.

de Reidratação no dia 16 de março de 2022, quando os casos de Covid-19 eram transferidos para a UPA da Vila Xavier[193]. O terreno, onde seria construída a nova sede do Corpo de Bombeiros de Araraquara, voltou a pertencer ao proprietário em julho de 2022, depois que a empresa pagou R$ 2.048.042,46 em multas e atrasos e mais R$ 3.326.340,28 relacionados as benfeitorias feitas no local pela administração municipal[194].

Essa experiência singular no cenário brasileiro, depois dos dois anos de combate intenso à pandemia de Covid-19, conserva em sua história uma outra, de menor visibilidade, que foi fundamental para seu sucesso: a parceria com a Universidade Estadual Paulista (UNESP) assim como com outras universidades, representando o elo entre política e ciência que se contrapôs ao obscurantismo no Brasil.

4.4 A PARCERIA COM A UNESP DE ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA

A implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) após a constituição de 1988 foi acompanhada pela proposta de descentralização de sua logística e operação, para além da responsabilidade tripartite no sistema federalista. Para atender essa demanda, o Estado de São Paulo criou as Diretorias Regionais de Saúde (DRS), onde a redistribuição de recursos e atendimento à região seria sempre direcionada através de municípios estratégicos. Atualmente são 17 DRS que buscam consolidar essa regionalização, e já existem estudos que medem seus desempenhos (Paschoalotto et al, 2018). Araraquara sedia o DRS III, que é composto por 24 municípios: Américo Brasiliense, Boa Esperança do Sul, Borborema, Cândido Rodrigues, Descalvado, Dobrada, Dourado, Gavião Peixoto, Ibaté, Ibitinga, Itápolis, Matão, Motuca, Nova Europa, Porto Ferreira, Ribeirão Bonito, Rincão, Santa Ernestina, Santa Lúcia, São Carlos, Tabatinga, Taquaritinga e Trabuji, além da própria cidade de Araraquara[195].

Isso significa, na prática, que o município de Araraquara funciona como polo de produção científica envolvendo diversas áreas do conhecimento, uma vez que recebe incentivo para desenvolvimento e pesquisa em suas atividades, que impactam não só a população local, mas também regional. Essa configuração está intimamente relacionada com o Núcleo de Atendimento à Comunidade (NAC), uma unidade auxiliar da Faculdade de Ciências

[193] Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/spl/2022/04/Acessorio/1000440556_1000539874_Acessorio.pdf Acesso em 30 de outubro de 2024.
[194] Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/prefeitura-de-araraquara-devolve-area-do-hospital-de-campanha/ Acesso em 15 de novembro de 2024.
[195] Disponível em: https://saude.sp.gov.br/ses/institucional/departamentos-regionais-de-saude/drs-iii-araraquara Acesso em 15 de novembro de 2024.

Farmacêuticas (FC) da UNESP, que foi criada em 1990 com o intuito de manter amplo diálogo com as demandas sociais em diferentes campos de atuações das ciências farmacêuticas. O NAC é constituído por três coordenadorias: Coordenadoria de Análises Clínicas e Hemoterapia (CACH), Coordenadoria de Alimentos e Saúde Coletiva (CASC) e Coordenadoria de Fármacos e Medicamentos (CFM), cada uma dessas compostas por outros centros e unidades específicos[196].

Por conta dessa *expertise* científica, somada a outros fatores (econômicos, geográficos, sociais etc.), a DR III do Estado se localiza em Araraquara e se beneficia diretamente da existência não só da UNESP, mas também de outras universidades e polos de produção científica que estão presentes no município. A Universidade Estadual Paulista é composta por 4 câmpus que estão espalhados pela cidade: Faculdade de Ciências e Letras (FCL), que junto com a Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) se situam próximas à rodovia, afastadas do centro da cidade, a Faculdade de Odontologia de Araraquara (FOAr) que se encontra na região central, e o Instituto de Química (IQ) que também é próximo da rodovia – todos fundamentais na condução das políticas públicas de combate à pandemia de Covid-19 no município e região.

Eliana Honain (2024, p. 190), Secretária da Saúde durante a pandemia, refletindo sobre o bom desempenho de Araraquara, diz que um dos principais motivos foi:

> Porque ela [Araraquara] teve parcerias, principalmente as parcerias com as universidades [...] Então, através dessas parcerias com as universidades e seguindo aquilo que a ciência preconizou, foi por aí que a gente seguiu esse caminho [...] o aprendizado é isso, que ninguém é dono do poder. A política, ela que tem que ser baseada na ciência.

Como ela e o ex-Prefeito Edinho Silva (Silva, 2023, p. 125-126.) destacam, a UNESP se tornou um polo de atendimento de toda a região desde o dia 3 de abril de 2020, sendo fundamental do início ao final da pandemia de Covid-19. Se o Instituto Adolf Lutz, que recebia todas as testagens do Estado de São Paulo no início da pandemia, demorava em torno de 48h para retornar com os resultados, a parceria local fez com que os testes ficassem prontos no mesmo dia, fator essencial para que a área da saúde pudesse dar continuidade em suas políticas de forma rápida e efetiva.

No início de maio de 2020, quando o mundo todo ainda buscava os melhores caminhos de combate ao vírus e assistia a escassez de insumos e produtos de segurança relacionados à Covid-19 (luvas, máscaras, álcool em gel, testes etc.), bem como seu superfaturamento no mercado, Araraquara se beneficiou diretamente de uma parceria entre a UNESP e a Embraer,

[196] Disponível em: https://www2.fcfar.unesp.br/#!/nac Acesso em 15 de novembro de 2024.

uma das maiores fabricantes de aeronaves do mundo, para aumentar seu índice de testagem na população, determinante para o mapeamento do vírus e direcionamento efetivo das ações médico-sanitárias.

A Embraer doou mais de 40 mil testes de diagnóstico da Covid-19 para as regiões de São José dos Campos, Gavião Peixoto/Araraquara e Botucatu, locais onde a empresa tem operações e existem câmpus da UNESP. Além disso, doou R$ 4 milhões de reais para o convênio estabelecido com a Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (FUNDUNESP); todos os pacientes dessas regiões que apresentassem sintomas da Sars-coV-2 teriam o material coletado e enviado às unidades da UNESP, dedicadas ao processamento da metodologia RT-PCR, o teste mais confiável para ter certeza da contaminação. Execução dos exames, coleta de amostras, transporte e diagnóstico, ficaram centralizados nessas unidades e beneficiaram a logística de toda a região. Em troca, a empresa pediu uma reserva técnica de 20% das análises para os colaboradores que apresentassem sintomas, certificando assim que pudessem manter suas operações em funcionamento[197].

Logo no início da pandemia, os resultados das testagens em Araraquara ficavam prontos após 16h[198], tempo que, conforme avançaram as investigações científicas, posteriormente diminuiu ainda mais e possibilitou que os boletins diários da Covid-19, sistematizados e divulgados pela prefeitura, fossem possíveis. Dos 40 mil testes, 15 mil foram disponibilizados para o município de Araraquara; anteriormente os testes eram realizados somente em parceria com a Secretaria da Saúde e, a partir desse momento, seria ampliado com a parceria da Embraer. Com o laboratório comandado pelo professor e pesquisador Paulo Inácio da Costa, o município passou a ter 280 amostras realizadas por dia, uma vez que as adequações internas no laboratório, quantitativo de pessoal, compra de equipamentos e validação de outras metodologias, se tornaram possíveis com esse novo investimento. Araraquara começou a receber amostras de São José dos Campos, cidade com o três vezes mais habitantes, além de estender as testagens, coletas e análises para todos os outros municípios de sua DRS[199]. As memórias dos entrevistados retomam como foi a participação da UNESP nesse período e a relevância da gestão cooperativa das unidades da universidade:

> Aqui em Araraquara o protagonismo foi tomado pelas quatro unidades da UNESP. Cada uma com a sua expertise. Por exemplo, no nosso caso [Farmácia], foi a agilidade

[197] Disponível em: https://journalofwonder.embraer.com/br/pt/229-um-mundo-de-solidariedade Acesso em 15 de novembro de 2024.
[198] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/05/04/parceria-entre-embraer-e-unesp-viabiliza-15-mil-testes-de-covid-19-em-araraquara.ghtml Acesso em 15 de novembro de 2024.
[199] Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8530475/ Acesso em 15 de novembro de 2024.

> em produzir kits para testagem, para dar apoio científico a decisões políticas tomadas pelo município e articulados pela Faculdade de Ciências e Letras, pelo professor Cláudio [Diretor da FCL]. E, no nosso caso, nós fomos os facilitadores para a implantação de um convênio importantíssimo à época, que foi o convênio com a Embraer e com a reitoria da UNESP. E nós estávamos participando desse convênio, iniciando a testagem aqui no município. Para que a gente fizesse isso e tomasse o rumo que tomou, foram *expertises* científicas produzidas dentro do núcleo de atendimento à comunidade, que é o NAC, com a iniciativa do professor Paulo Inácio, que à época, já estava aposentado, mas com um contrato de voluntarismo aqui na faculdade. Então, como voluntário, ele ainda poderia ter ações desenvolvidas dentro da faculdade, e essa foi a principal ação que ele trouxe para nós como diretores: a capacidade instalada dentro do NAC para fazer a testagem, que naquele momento era feito somente pelo Instituto Adolfo Lutz. Então, ele produziu um protocolo de validação, esse protocolo de validação foi enviado ao Instituto Adolfo Lutz para que fosse validado e a partir dessa validação, dessa aprovação desse protocolo, começou-se então a participação do núcleo de atendimento à comunidade, do NAC, nessa testagem de material dentro do convênio em Embraer, que também envolveu os câmpus [...] Protocolos de segurança elaborados pela Faculdade de Odontologia, testagem, Faculdade de Farmácia, articulação política, Faculdade de Ciências e Letras e a expertise de domissanitários foram tomadas pelo Instituto de Química. Então, Araraquara teve um privilégio de ter quatro unidades trabalhando conjunto dentro das *expertises* científicas de cada uma para poder auxiliar o poder público em Araraquara. E a gente sabe que isso foi muito bom.
>
> Luís Vitor Silva do Sacramento, Diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP de Araraquara durante o período de pandemia. 2024, p. 204

> Porque o que aconteceu [...] com base nas informações científicas, técnicas, todo o conhecimento da área de saúde, que é a faculdade de farmácia, odontologia, a questão política e gerencial pública da faculdade de ciências e letras e mais a química, com entendimento de fatores de prevenção, desinfetantes, todas essas coisas. Eu acho que se não fosse essa conjugação de todas as informações técnicas que a faculdade de ciências farmacêuticas dominou, não teria expandido nenhuma condição desse nível de controle no município.
>
> Ana Marisa Fusco de Almeida, Vice-Diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP de Araraquara durante o período de pandemia. 2024, p. 205

A primeira etapa do teste dentro do laboratório, após a testagem inicial, se constituía em extrair e purificar o RNA viral, um processo demorado que era essencial para verificação de contaminação[200]. Talvez uma das melhores exemplificações, extraídas através dos relatos dos entrevistados, sobre a importância fundamental da cooperação científica para que o município de Araraquara superasse o colapso de seu sistema de saúde, no momento de maior incerteza da pandemia, foi a rapidez em adquirir o RNA viral através de iniciativas e trocas entre pesquisadores de diferentes instituições. Foi o então Diretor da FCF, Luís Vitor Silva do Sacramento, que viajou até a Universidade Estadual da Campinas (UNICAMP) e trouxe uma amostra de RNA do Sars-coV-2 que tinha sido coletada por pesquisadores da UNICAMP,

[200] Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/parceria-entre-unesp-e-embraer-viabiliza-40-mil-testes-no-interior-do-estado/ Acesso em 15 de novembro de 2024.

tornando o processo de sequenciamento nos laboratórios de Araraquara mais ágil, visto que nesse momento não havia disponibilidade de insumos (por conta das barreiras alfandegárias) e os testes para buscar novas formas de realizar essa extração com insumos não convencionais ainda estavam em andamento[201].

Tais exemplos da iniciativa científica que, analisando políticas bem sucedidas em outros países que já tinham identificado circulação do vírus, direcionam e otimizam suas ações, demonstra a capacidade analítica que só as instituições de pesquisa conseguem ter, sobretudo num cenário de incerteza onde a agilidade do processo significa salvar inúmeras vidas. A produção de *kits* "*in house*" (feitos em casa, produzidos localmente), a rapidez da testagem, a possibilidade de atendimento regional a partir de descobertas e inovações técnico-científicas, são fruto de um esforço que é tanto individual quanto coletivo, direcionado a partir de uma visão de mundo que é oposta ao negacionismo e ao irracionalismo[202].

Outras epidemias, como de zika ou dengue, forneceram acúmulo de experiência para o cenário brasileiro, que já dispunha de dispositivos, estruturas e recursos para lidar, pelo menos em parte, com problemas decorrentes de infecções virais. O Brasil, por exemplo, foi o primeiro país a sequenciar o genoma do Coronavírus, no dia 28 de fevereiro de 2020, através de um grupo de pesquisadoras coordenado pela médica Ester Sabino, diretora do Instituto de Médica Tropical da USP, apenas 48 horas depois da detecção do primeiro caso da doença no Brasil[203].

Apesar disso, em estudo publicado pelo *Pew Research Center* [204], o Brasil foi o país onde a descrença da população em relação à relevância da ciência se mostrou mais presente na visão de mundo dos cidadãos, 36% dos entrevistados disseram que confiavam pouco ou nada nos cientistas, enquanto somente 23% acreditavam muito nas atitudes dos cientistas. A pesquisa realizada em 20 países e publicada no dia 29 de junho de 2020, mas conduzida entre outubro de 2019 e março de 2020, antes da pandemia de Covid-19 chegar no Brasil, já apontava para o cenário de contradição aguda existente no espaço social brasileiro: capacidade – e qualidade,

---

[201] Disponível em: https://www.alumni.usp.br/laboratorios-da-usp-unicamp-e-unesp-integram-plataforma-de-testes-para-diagnostico-da-covid-19/ Acesso em 15 de novembro de 2024.

[202] Outro relato (dado por Luís Vitor e Ana Marisa) que merece ser destacado é da contribuição de uma pesquisadora para o aumento de testes no município: "a Gabriela, que pegou o carro, botou uma máquina de PCR no porta-malas, saiu de São Vicente e trouxe aqui para a gente [...] Ela saiu de lá 2 horas da tarde [...] Nós fazíamos aproximadamente 3.000 exames com uma máquina. Quer dizer, olha a atitude dessa pessoa, de pegar o carro e sair no meio da pandemia, trazer uma máquina PCR que é grande, pesadinha, sozinha, pegou estrada sozinha, varou a noite viajando, chegou aqui de manhã: "toma a máquina, aumentem a testagem". Então assim, olha a atitude, aí que vem a solidariedade, a consciência das pessoas, então isso precisa ser destacado."

[203] Disponível em:https://veja.abril.com.br/ciencia/por-que-o-brasil-foi-o-primeiro-a-sequenciar-o-genoma-do-coronavirus Acesso em 15 de novembro de 2024.

[204] Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/estudo-aponta-confianca-global-na-ciencia-com-brasil-na-direcao-oposta Acesso em 15 de novembro de 2024.

como demonstram os diversos exemplos citados - científica de produção para gerar soluções em momentos de incerteza e, em contrapartida, descrença generalizada por parte da população em relação ao papel da própria ciência na condução dos rumos da sociedade, configuraram dicotomias que tiveram relevância nos conflitos políticos e culturais que aconteceram durante a pandemia. Pesquisadores, refletindo sobre esses dados e relacionando o papel da ciência na formulação de políticas públicas, dizem que, "de forma geral, o cidadão brasileiro ainda não interpreta o papel da ciência em seu cotidiano como algo imprescindível e tampouco é capaz de assimilar a importância da função dos cientistas na sociedade" (Kalout; Seligman, 2021, p. 273.). Essa incongruência é sintetizada pela vice-diretora da FOAr durante a pandemia, Patricia Petromilli Nordi Sasso Garcia (2024, p. 220), refletindo sobre as lições da Covid-19:

> A principal delas é que a gente não faz nada sozinho, e que você só tem um sucesso num enfrentamento como esse quando você tem um conjunto de pessoas que pensam da mesma forma, que tenham o mesmo ideal [...] Acho que o que mais aprendi é que a união faz a força, essa foi a maior mensagem que eu aprendi [...] A segunda, que eu já sabia, na verdade, mas que talvez outras pessoas, a população de uma forma geral não conhecesse, é que a ciência é extremamente importante e isso tudo aconteceu no momento onde a ciência estava sendo menosprezada, ignorada, desvalorizada. E já vinha sendo assim por questões políticas, e de repente a gente conseguiu mostrar para a sociedade quão importante é se investir na produção de conhecimento, porque quando você tem um problema que surge inesperadamente, você tem estrutura para dar uma resposta rápida [...] É uma coisa que a população esquece depois de um tempo, mas naquela época, se a gente não tivesse a estrutura que a gente tem, se essa faculdade de ciências farmacêuticas não tivesse a estrutura que ela tinha, se isso não tivesse sido alcançado ao longo dos anos, a gente com certeza não teria tido os resultados que nós tivemos.

Assim como na maior parte do Brasil, Araraquara teve o debate público guiado, em grande medida, pela oposição entre "salvar vidas ou salvar a economia", que é contestada, ao menos em parte, a partir dessa experiência histórica que demonstra como os avanços científicos feitos na área da saúde, visando salvar vidas, foram capazes justamente de realizar a manutenção de suas atividades. A Faculdade de Odontologia de Araraquara, onde a pesquisadora e professora Patrícia Petromilli é a atual diretora, tem atuação voltada ao âmbito público e gratuito, suas atividades foram amplamente afetadas pela pandemia de Covid-19, afinal, lidavam com a parte do corpo (boca) e a substância (saliva) que gerava a contaminação de Coronavírus e demonstraram, na prática, como os procedimentos científicos forneceram caminhos possíveis para que as atividades essenciais não ficassem paralisadas, mesmo quando seu risco de contágio estava presente em maior grau.

Essa relação aponta para uma outra forma de encarar a incerteza, que é primordialmente científica, pois consegue lidar com a falta de conhecimento em determinada esfera e em

determinado espaço-tempo, mas se mobiliza para, através dos conhecimentos prévios adquiridos histórica e coletivamente, buscar respostas que possibilitem a valorização pela vida humana em detrimento dos diversos riscos naturais, mas também sociais, que estão presentes integralmente na sociedade contemporânea.

Contudo, essa relação também é a evidência empírica, na análise realizada ao longo desta pesquisa, de como, por um lado, as universidades, institutos, comitês de pesquisa, dentre outros polos de produção científica, contribuíram diretamente para a existência de políticas públicas bem sucedidas durante a pandemia, bem como, mesmo que lentamente, foram capazes de providenciar respostas para questões que, até então, eram desconhecidas, e de outro, não tiveram o devido reconhecimento nem pela população em geral e nem pela esfera político-institucional e econômica, lidando inclusive com ataques sistemáticos à produção do conhecimento científico durante esse período.

4.5 OS DESAFIOS DO CENÁRIO PÓS-PANDEMIA

Ao longo dos dois anos de pandemia de Covid-19 em Araraquara, no Brasil e no restante do mundo, diversos conflitos e suas respectivas terminologias expuseram as múltiplas e entrelaçadas crises do capitalismo neoliberal e da economia globalizada, expondo novas questões sociais importantes de serem enfrentadas para avançarmos na busca da harmonia social, econômica, ambiental, cultural e política. Em primeiro lugar, ficou evidente que a politização de questões complexas e profundas da existência humana tiveram um impacto negativo não só no debate público, em termos de consciência individual e coletiva acerca dos temas que perpassavam a pandemia de Covid-19, mas, sobretudo, nas inúmeras vidas que deixaram de existir por conta de decisões equivocadas e negacionistas que foram tomadas e assimiladas em diversos âmbitos da sociedade. Essa politização gera, num contexto pós-pandemia, dificuldades que, em outros momentos, a sociedade brasileira como um todo já tinha superado, como é o caso da vacinação[205]:

> As pessoas precisam entender que a pandemia não acabou [...] esqueceram um pouquinho do que a gente viveu lá, infelizmente. Ainda existe o vírus, ainda circula, o vírus ainda está matando, ele tem os seus picos. [...] Então, essa é a dificuldade que

[205] Segundo os relatos dos diretores e diretoras das unidades da UNESP, dentro do próprio espaço universitário houve resistência, por parte do campo docente, discente e técnico-administrativo, na adesão da vacinação como pré-requisito para volta às atividades presenciais. Isso demonstra que, mesmo no ambiente onde o debate estava mais avançado, pelo menos em termos de desinformação e disseminação do negacionismo, ainda há indivíduos – muitas vezes com posições sociais de privilégio no acesso ao conhecimento científico – que se recusavam a seguir a recomendação científica posta como essencial para combater a disseminação do Coronavírus.

> a gente encontra hoje no pós-pandemia: que as pessoas entendam que o vírus ainda existe e que ele precisa ser controlado. E, claro, a vacinação, depois da pandemia, o nosso governo, que liderou durante a pandemia, o negacionismo quanto à vacina. Então, hoje o Brasil, ele era um dos melhores países em relação à vacinação, e a gente caiu muito. Isso também acontece com a Covid.
>
> Rowaylly Alexandrino, Gerente de Combate à Covid-19 em Araraquara. 2024, p. 195

> Olha, essa pandemia deixou uma herança muito ruim, que o pessoal deixou de tomar vacina [...] Os pais, as mães, não estão levando as crianças para tomar mesmo. Adulto, teve caso de adulto que morreu de tétano, entendeu? Por falta de vacina. Essa aí é uma herança que a pandemia deixou [...] mesmo já passando por muitas pandemias que o mundo passou, todas elas no século passado, essa mostrou que nós não estamos preparados para nada disso, e eu acredito que não vai ser a última, outras virão.
>
> Atair Machado de Oliveira, Fiscal da Vigilância Sanitária de Araraquara. 2024, p. 201

Com o retorno das atividades no chamado "novo normal", termo que foi amplamente utilizado para retratar as mudanças do mundo pós-pandemia de Coronavírus, inclinamo-nos para o esquecimento de nosso passado breve, do nosso dia de ontem, como demonstram os relatos acima. A construção e manutenção da memória histórica, portanto, é um segundo desafio fundamental para a superação das crises que persistem em nossa sociedade, não só demonstrando o que foi funcional e ético durante a pandemia, mas também apontando para práticas que eram importantes e não estão tendo sua devida relevância, como é o caso da queda da vacinação da população. A pandemia de Covid-19 não acabou, as pessoas ainda se infectam e morrem em decorrência do vírus, a vacinação ainda se faz necessária e os cuidados sanitários aprendidos durante esse momento não devem ser esquecidos. Isso também vale para o papel da ciência e da construção de um conhecimento real e racional; a valorização da memória histórica é determinante para reconhecer e aprender a partir das suas experiências ocorridas na história.

Em relação as possibilidades de reflexão acerca do papel da ciência na sociedade contemporânea, o pós-pandemia demonstra que, de um lado, estamos longe de consolidar um consenso na percepção da população sobre a importância do pensamento científico e, de outro, há uma insuficiência na estrutura científica ao dialogar com as incertezas e desconfianças que existem nas visões de mundo dos indivíduos atomizados e infantilizados na modernidade tardia, caracterizando um terceiro desafio. Max Horkheimer e Theodor Adorno, importantes pensadores da teoria crítica, já apontavam para o papel da ciência na reprodução do modo de produção capitalista, indicando que suas capacidades eram limitadas pois sua finalidade principal tendia a uma "necessidade compulsiva da razão", o que denunciava uma "identidade

subterrânea entre o pensamento moderno – no qual se inclui a ciência – e seu suposto antípoda, isto é, o pensamento mágico" (Maria; Pissardo, 2018, p. 116).

Transpondo essa crítica para o debate proposto na dissertação, a crise da razão indica que diversos pensamentos irracionais que buscam ordenar o mundo de acordo com conceitos previamente estabelecidos, respaldando uma determinada identidade coletiva e uma cosmovisão que gera segurança, também se relacionam com as limitações de uma ciência que serve, em primeiro lugar, ao "capitalismo autorreferenciado", como diz o filósofo italiano Giuseppe Stefano Azzarà, ou ao "capitalismo como religião", como diz Walter Benjamin. Em outras palavras, funciona buscando soluções que sempre se enquadrem no modo de produção vigente – também poderíamos aqui vislumbrar, pelo menos em parte, a confusão existente entre "salvar vidas ou salvar a economia", já que, para a ciência em uma sociedade capitalista, salvar vidas e mantê-las disponíveis para o trabalho assalariado significaria, também, salvar a economia.

Refletir sobre os caminhos científicos e suas limitações não é o objetivo dessa pesquisa e nem há espaço para tal tarefa, mesmo assim a breve menção ao problema é relevante na medida em que essa questão teve influência nos diversos antagonismos que foram construídos em torno das formas de pensar e agir durante a pandemia de Covid-19 em Araraquara. Nas entrevistas que fizemos com docentes da UNESP que estiveram trabalhando nos laboratórios para detectar a presença do vírus na população de Araraquara, o problema da descrença na ciência e na razão foi posto em destaque durante e após a pandemia:

> [...] Você descobrir que grande parcela da população não acredita na ciência. Isso foi um impacto negativo muito duro de aceitar, ainda mais após 2020. Porque eu, a Ana Marisa, o Cláudio, todo mundo que está lá, nós somos uma geração em que o ano 2000 era um marco importante. Nós vivemos na metade do século XX. E ao ano 2000, a virada do milênio em 2001, seria um fato importante para a humanidade, então a gente vivia com essa marca na cabeça e aceitar que em 2020 você tem uma imensa parcela populacional mundial que ainda está presa nos conhecimentos da Idade Média, isso é um impacto negativo muito grande para quem trabalha com a ciência. Por que a gente fez, fez, fez, ninguém entendeu, todo mundo usufrui, mas ninguém entende. Então eu acho que a ciência tem que ter esse papel, fazer as pessoas entenderem que o que a ciência desenvolve é importante. O que não pode ser comprovado, esquece.
>
> Luís Vitor Silva do Sacramento, Diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP de Araraquara durante o período de pandemia. 2024, p. 210.

> O que me impactou mais foi o quanto a ciência precisa ser divulgada, sair das nossas caixinhas como cientistas, participar mais, levar mais o que é a ciência, o poder da ciência para a sociedade. Isso é o que mais me impactou. Então, aprender a divulgar ciência, não popularizar de uma forma ruim, popularizar tecnicamente, usar ferramentas educacionais eficientes para melhorar a sociedade. Esse é um ponto. Agora, vindo de encontro com o que o Luis falou, nós vivemos duas epidemias: AIDS

> e a Covid. E as duas impactaram socialmente a humanidade de uma forma extremamente drástica, gerando questões que revelam, que sem o conhecimento, sem a educação, sem a ciência, ignorando a ciência, você tem assim desastres sociais. Então, a AIDS, quando ela apareceu, o desastre social foi o preconceito com os homossexuais, o preconceito inicial, principalmente o homossexualismo masculino, lembra disso? Desastre social. Foi um desastre. E o maior desastre social que a gente sofreu agora com essa pandemia foi esse negacionismo, a não credibilidade, o negacionismo científico, que é o principal, e depois o negacionismo das atitudes de solidariedade também. Então, eu acho que são desastres sociais que a ciência consegue resolver, mas nós temos a obrigação de saber transferir o conhecimento dessa ciência, mostrar pra humanidade o que é a ciência e o que ela pode trazer. E a gente não sabe fazer isso direito
>
> Ana Marisa Fusco de Almeida, Vice-Diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP de Araraquara durante o período de pandemia. 2024, p. 210

Por fim, um último desafio que se concretiza no pós-pandemia é o orçamento fiscal e as adequações econômicas. O período de pandemia de Covid-19 exigiu diversas adaptações, não só nos espaços de produção científica, mas a compra de equipamentos, contratações e implementações estruturais, mas sobretudo na manutenção de auxílios para a população mais vulnerável, na compra emergencial de insumos de diferentes esferas produtivas e nas isenções necessárias para dar conta de uma sociedade que teve, de diversas formas, suas relações produtivas paralisadas ou, no mínimo, drasticamente reduzidas, com os setores comerciais, industriais, alimentícios e médicos-sanitários sendo os mais afetados, tanto por conta de questões de informalidade trabalhista, por exemplo, quanto por conta de serem setores essenciais para a manutenção da vida social em seu nível mais elementar, o da vida humana e suas necessidades básicas, como comer e se curar/tratar/cuidar.

> Primeiro, os municípios gastaram muito, Araraquara gastou muito com a pandemia. Gastou recursos que não tinha, inclusive, então, muitas outras ações ficaram para trás, principalmente ações da zeladoria, do cuidado com a cidade, as políticas públicas, nossas escolinhas de esporte, nossas oficinas culturais, ficaram paradas e hoje você tem que resgatar.
>
> Eliana Honain, Secretária da Saúde de Araraquara durante a pandemia de Covid-19. 2024, p. 190

O mundo que existia antes da pandemia de Covid-19 e continua a existir após seu surto mais intenso, mas já não é mais o mesmo. O modo como as pessoas enxergam si e o outro, como se relacionam com a sociedade e suas instituições, como percebem o pensar científico e racional, suas capacidades e limitações, foram algumas das percepções totalmente transformadas pela experiência de vivenciar uma pandemia que escancarou diversas crises, umas já conhecidas e outras, até então, não tão mencionadas, bem como expõe facetas da vida humana que, no cotidiano, não são debatidas ou percebidas. As estruturas sociais, da mesma

forma, também não são as mesmas, pois precisam lidar com problemas sociais inauditos que são consequência do Sars-coV-2 e com questões que foram agravadas pelo seu caráter atípico, de estado de exceção.

A experiência de Araraquara demonstra, por um lado, que é possível lidar com problemas novos e desconhecidos de uma forma coletiva, tendo a cooperação como principal ponto a ser seguido no horizonte de ação e obtendo resultados efetivos através dessa lógica. Por outro, demonstra que a história não é linear e que carrega em si diversos conflitos, gerando novas percepções de mundo que são frutos da complexa realidade dialética, compreendida como fator fundamental para os desdobramentos do mundo que está por vir, do futuro, que nos é desconhecido pois ainda não o vivenciamos. Sendo assim, a valorização das experiências positivas e o aprendizado com as experiências negativas servem como um caminho possível para resolução dos diversos impasses que surgem em uma sociedade extremamente complexa, mas ainda muito despreparado para lidar com problemas que são, em diversas formas, gerados pela sua própria existência.

4.5.1 As consequências da disseminação do pensamento mágico entre os indivíduos

Reservamos o espaço final da discussão proposta nessa dissertação para a breve análise de alguns relatos obtidos em artigos científicos, matérias jornalísticas, entrevistas, artigos de opinião, dentre outras manifestações. Acreditamos que esses relatos auxiliam para consolidar a hipótese de que o pensamento mágico se difundiu em cada vez mais espaços conforme a desinformação foi propagada por mídias tradicionais e alternativas, por figuras públicas e políticas, por cidadãos e organizações sociais, em conjunto com a queda de confiança nos sistemas abstratos típicos da modernidade e nas autoridades, hierarquias e regras sociais que mantinham o funcionamento político-institucional da democracia e o próprio pensamento democrático.

O clima de desconfiança e confusão no espaço social de Araraquara, como buscamos demonstrar, já era perceptível desde o início da pandemia. Em 15 de maio de 2020, por exemplo, a polícia militar foi chamada por moradores que estavam sendo abordados por pesquisadores que desejavam coletar amostras de sangue e dados da população. Coordenada pelo Centro de Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e executada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), através de encomenda do Ministério da Saúde, o grupo de 17 pessoas não contava com nenhum profissional da área da

saúde e não possuíam autorização da Secretaria da Saúde para fazer a pesquisa com os habitantes[206].

Essa situação configura a complexidade dos fatores (jurídicos, políticos, sanitários, econômicos, morais e culturais) que se entrelaçavam, ocasionando novas dúvidas por parte das pessoas que ainda estavam buscando compreender a nova configuração social que se formava com a pandemia de Covid-19. Somava-se a isso, a evidência de que o vírus contaminava, na maioria das vezes, pessoas dentro do ambiente familiar e que frequentavam reuniões familiares, bem como festas e outras aglomerações. Em pesquisa feita pela Vigilância em Saúde de Araraquara em 2021, 69,86% das contaminações pertenciam ao espaço familiar, 14,87% no trabalho ou comércio, 6,80% no mercado, farmácia e varejão, 4,33% em hospitais, 3,3% no transporte coletivo, 0,48% na escola e 0,36 em academias ou shoppings[207].

Não havia um consenso social sobre as ações individuais dentro do contexto da pandemia, os diversos casos de aglomeração e desrespeito às normas sanitárias[208] faziam com que a desconfiança entre os próprios cidadãos crescesse. Além disso, diversos moradores de bairros periféricos relataram não ter acesso aos EPI's e não terem acesso ao auxílio emergencial e estarem lidando com reduções salariais por conta da pandemia[209].

A tensão social se agravou na medida em que a contaminação e os óbitos aumentaram, culminando na decisão do Prefeito de decretar o *lockdown*, momento no qual as contradições dentro do município ficaram mais evidentes. Do início da quarentena até maio de 2020, segundo a Associação Comercial e Industrial de Araraquara (ACIA), cerca de 200 estabelecimentos comerciais fecharam, ocasionando numa estimativa de 3 mil demissões[210], sendo que em maio de 2021 já totalizavam praticamente 1000 estabelecimentos fechados[211]. Se mostravam determinantes, de um lado, a questão sanitária e de outro a questão econômica, com índices de desigualdade social aumentando e proporcionando um cenário com ainda mais insegurança, sobretudo para a população pobre.

---

[206] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/05/15/pesquisa-sobre-o-coronavirus-e-interrompida-em-araraquara-apos-moradores-chamarem-a-pm.ghtml Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[207] Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/geral/encontros-familiares-sao-responsaveis-por-70-dos-casos-de-covid-19-indica-pesquisa4273 Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[208] Disponível em: https://portalmorada.com.br/acao-integrada-flagra-aglomeracoes-em-meio-a-pandemia/ e https://portalmorada.com.br/flagrante-de-aglomeracao-em-meio-a-pandemia/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[209] Disponível em: https://causaoperaria.org.br/2020/moradores-da-periferia-de-araraquara-relatam-o-sofrimento-com-a-crise/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[210] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/05/22/cerca-de-200-comercios-fecham-e-demitem-em-araraquara-apos-inicio-da-quarentena-diz-acia.ghtml Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[211] Disponível em: https://araraquaraagora.com/noticia/4646/cerca-de-mil-empresas-fecharam-durante-a-pandemia-em-araraquara Acesso em 25 de janeiro de 2024.

Destacamos, também, a mudança no setor econômico que acelerou a digitalização de diversos estabelecimentos comerciais – muitos dos que fecharam se viram obrigados a reinventar o negócio no espaço digital[212] ou através das entregas (PEREIRA; PEREIRA; VECHIO, 2020), foram 3.200 empresas abertas no primeiro semestre de 2021, sendo que 86,1% eram microempreendimentos, caracterizando a busca por renda de pessoas que não mais tinham um trabalho estável ou um salário fixo[213].

Dessa forma, é possível visualizarmos como se construiu, desde o primeiro instante da pandemia, a falsa dicotomia entre "salvar vidas ou salvar a economia", assim como os posicionamentos e ações que essa premissa propôs dentro do debate público. Muito mais ideológica do que relacionada com as necessidades da população naquele instante[214], a projeção desse pensamento simplista impulsionava o sentimento antipolítico e impedia que outros problemas complexos fossem debatidos.

Os descumprimentos de acordos trabalhistas e sanitários por parte de empresas e estabelecimentos em Araraquara apresenta uma outra dimensão da crise gerada pela pandemia de Covid-19, muito mais relacionada aos compromissos éticos do próprio mercado do que às ações governamentais que estavam sendo tomadas nesse momento. O Clube 22 de Agosto, uma agremiação da cidade de Araraquara, foi condenado pela Justiça do Trabalho, através de uma ação do Ministério Público do Trabalho (MPT), a quitar R$346.517,42 atrasados no depósito de FGTS dos seus empregados, além de cumprir uma série de obrigações relativas ao pagamento de verbas salariais e à prevenção do assédio moral, pagando mais R$30.000,00 por danos morais causados à coletividade[215]. A Cutrale, empresa que domina o mercado global no ramo das plantações de laranja e produção de suco de laranja, através de uma reportagem da Reporter Brasil, foi acusada de suspender o vale alimentação dos seus trabalhadores rurais, demitir mulheres grávidas durante a pandemia, realizar revistas ilegais nos pertences dos trabalhadores, além da falta de EPI's, banheiros no campo e pagamentos por horas extras[216]. Enquanto a multinacional alemã ZF do Brasil LTDA teve que ser notificada pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) pois manteve suas operações normais durante o primeiro *lockdown*

[212] Disponível em: https://rciararaquara.com.br/destaques/1-119-empresas-ja-fecharam-as-portas-em-araraquara-durante-a-pandemia/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[213] Disponível em: https://www.investe.sp.gov.br/noticia/araraquara-registra-3-200-aberturas-de-empresas-no-primeiro-semestre-do-ano/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[214] Disponível em: https://passapalavra.info/2021/03/136800/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[215] Disponível em: https://www.prt15.mpt.mp.br/2-uncategorised/1632-clube-22-de-agosto-de-araraquara-sp-e-condenado-por-nao-pagar-verbas-salariais-e-cometer-assedio-moral Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[216] Disponível em: https://reporterbrasil.org.br/2021/11/em-plena-pandemia-cutrale-demite-trabalhadoras-gravidas-e-suspende-vale-alimentacao/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.

do município, expondo seus trabalhadores ao risco de contaminação e desrespeitando os decretos da prefeitura. Justificou a atitude citando nominalmente grandes montadoras (Volkswagen, GM, Fiat, Mercedes-Benz, Volvo e Scania) que seriam afetadas pela sua parada e que, por isso, não haviam obedecido o decreto sanitário[217].

Se os pequenos e médios empreendedores sofreram com as restrições sanitárias necessárias para conter a disseminação do vírus[218], grandes empresas e estabelecimentos expuseram trabalhadores ao risco de contaminação dentro de seus ambientes de trabalho e contribuíram para o aumento da desigualdade social, como evidenciado pela falta de pagamento, redução salarial e condições precárias de trabalho. Uma das maiores facetas do pensamento mágico é a naturalização do sistema econômico capitalista (Azarrà, 2021), e a crise que envolve aspectos econômicos e sanitários se complexifica justamente nessa relação, dificultando que as pessoas visualizassem, no meio de tantas questões, quais eram de fato os problemas agravantes da pandemia no município.

Em matéria do jornal metrópoles[219], podemos analisar a dificuldade de conciliar as restrições do *lockdown* com as necessidades econômicas por parte de comerciantes. Um homem de 53 anos, dono de um sebo e um bar, transferiu seus negócios para um prédio mais bem localizado, reduzindo seus custos, e declarou ao jornal que "o Prefeito fez a coisa certa ao fechar a cidade, senão a P1 se espalharia ainda mais rápido. Agora estamos retomando mais vez [os negócios], mas com saúde, que é o mais importante de tudo", e complementa dizendo que "nós temos que fazer a nossa parte, cara. Não adianta pensar só em você, sendo que você pode se contaminar, contaminar pessoas que trabalham contigo. É preciso ter a consciência de fazer a sua parte, não adianta só cobrar do poder público".

Na contrapartida da visão positiva acerca da política do *lockdown,* outro comerciante, um tatuador de 38 anos, confessou que trabalhou escondido enquanto o município estava fechado, disse que a motivação para abrir o estúdio de tatuagem escondido foi ver amigos quebrando durante a crise sanitária, disse ainda que: "eu não vi comprovação de que o lockdown teve tanta queda [em mortes] do que em cidades que não tiveram. Fechar o comércio não é solução. A solução está [na fiscalização] de festas clandestinas". A contradição entre o agravamento da crise econômica gerado pelo *lockdown* em comerciantes e trabalhadores e a

---

[217] Disponível em: https://www.prt15.mpt.mp.br/2-uncategorised/1230-empresa-alema-e-processada-por-descumprir-lockdown-em-araraquara Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[218] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/06/05/reflexos-da-pandemia-mais-de-mil-acordos-trabalhistas-sao-feitos-no-comercio-de-araraquara.ghtml Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[219] Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/comerciantes-de-araraquara-sentem-retomada-economica-apos-reabertura Acesso em 25 de janeiro de 2024.

necessidade de redução dos índices de contaminação e óbitos é bem descrito por um jornaleiro de 30 anos em uma das praças mais frequentadas da cidade, o Parque Infantil: “o negócio está melhorando aos poucos, o dinheiro volta a rodar agora, mas ainda é tempo de incerteza. Se você quebrar, você se reergue. Mas se morrer, já era”

Em reportagem da Record[220], alguns entrevistados revelam seus motivos para saírem de casa e angústias no primeiro dia de *lockdown*. O gerente de um posto no centro revela que suas vendas já caíram em 60%, uma funcionária do comércio diz que “a tendência é só piorar daqui para frente, eu acho que muita gente depende disso, a gente já está vendo onde está passando fome, muita gente está dependendo disso, e a tendência como eu disse vai ser piorar daqui para frente”, uma senhora no ponto de ônibus conta que saiu de casa para buscar remédio na farmácia, e ainda um senhor dentro de seu carro fala sobre a dificuldade por conta das pessoas que não colaboram com as medidas sanitárias.

Em matéria da Jovem Pan[221], circulam mais relatos de comerciantes e moradores de Araraquara sobre o período do primeiro *lockdown*: “Se ele [Prefeito] tivesse conversado com essas instituições antes, essas instituições tinham se programado, se organizado, falado: ‘poderemos fazer x entregas por dia, seus pedidos vão entrar numa sequência de produção’, disse um empresário ao jornal, refletindo sobre a falta de produtos nos estabelecimentos, enquanto que um araraquarense que ficou desempregado no início da pandemia declara: “se você andar no centro de Araraquara, você não reconhece mais a cidade. As pessoas estão no semáforo desesperadas pedindo comida. Isso virou um problema humanitário”. Além da percepção negativa de uma parcela significativa da população sobre as políticas sanitárias, é necessário levar em consideração o modo como as informações sobre esse espaço social estavam sendo produzidas e disseminadas. Nessa própria reportagem, por exemplo, consta o seguinte tópico: “novo decreto poderá gerar mais aglomeração”, que é seguido por relatos preocupantes da população sobre as aglomerações existentes no início do *lockdown*, uma morada disse que:

> Quando foi dito que sairia o decreto fechando os mercados e que só funcionaria pelo serviço de delivery, conhecendo a cidade e a estrutura dos mercados, quem tinha dinheiro disponível foi para o mercado e causou um caos, um tumulto, uma aglomeração sem limites. Se existia um espaço de aglomeração da Covid foi ali.

Em concordância, também relata um empresário:

---

[220] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nPtaqUdTMvg Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[221] Disponível em: https://jovempan.com.br/noticias/brasil/moradores-de-araraquara-sp-relatam-falta-de-comida-precos-altos-e-miseria-apos-inicio-do-lockdown.html Acesso em 25 de janeiro de 2024.

> O nosso principal ponto é o mal planejamento. Estamos dizendo que o que ele [Prefeito] está fazendo vai dar errado. Amanhã vamos sair e ver o resultado deste decreto. Vai juntar todo mundo nos supermercados, porque é a única opção de alimento que as pessoas têm. Têm pessoas saindo da cidade, quem tem condições, e lotando os supermercados das cidades vizinhas.

Relacionando os relatos de empresários, comerciantes e trabalhadores com as características da *infodemia*, percebemos alguns aspectos de informações falsas ou imprecisas que se misturam com notícias ou fatos verdadeiros, dificultando a construção de uma visão coerente acerca do cenário que se está analisando. Nesse caso, as reivindicações sobre condições de trabalho, redução de salários, acesso à moradia e alimentação, redução da desigualdade social e planejamento urbano se misturam com falsas percepções dos resultados das medidas sanitárias e das causas da crise. A maneira como a temática é tratada, muitas vezes[222], direciona o sentimento de frustração, medo, angústia, insegurança e revolta diretamente para as políticas públicas, mas não caracteriza a ação individual e coletiva, propriamente da esfera civil e pública, como determinante para que uma política pública seja bem ou malsucedida.

Em outras palavras, a crença de que o *lockdown* não funciona, de que a fiscalização deveria ser apenas em festas clandestinas e não nos comércios e em outros espaços, de que havia um problema humanitário no município e que isso teria sido gerado única e exclusivamente pelas medidas sanitárias, ignoram os próprios depoimentos que apontam a desconfiança e o ressentimento de pessoas e empresas descumprindo os decretos municipais. Ignoram também as melhorias nas taxas de contaminação e óbitos decorrentes da Covid-19 a partir das políticas de distanciamento social, caracterizando a difusão do irracionalismo que apenas vê fragmentos da realidade, mas não consegue articulá-los ao todo do problema que busca compreender, gerando falsas conclusões e também culpabilizando atores ou esferas que não tem capacidade de resolver todos os problemas reivindicados.

No dia 21 de abril de 2021 foi publicado um artigo intitulado “Pandemia em Araraquara: o que as notícias não te contaram”[223], por anônimos que se intitulam como um “coletivo de Araraquara”. O texto tem um viés crítico à gestão de Edinho Silva (PT), expõe precarizações que funcionários municipais sofreram após o ano eleitoral de 2020 e realiza críticas ao setor comercial que diminuiu salários de seus trabalhadores durante a pandemia. Além disso, traz outra perspectiva sobre o período de *lockdown*:

---

[222] Como aconteceram em diversas matérias e reportagens, o tópico exemplificado induz o leitor a pensar e refletir sobre a causalidade direta entre propor medidas sanitárias e gerar aglomeração, como se fosse resultado da própria medida e não da mentalidade e atitude dos cidadãos e empresas diante do cenário contextualizado.
[223] Disponível em: https://passapalavra.info/2021/04/137742/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.

> De fato, mesmo tendo sido realizado por tão pouco tempo, menos do que o necessário, a medida se provou eficaz, o que não é surpresa para ninguém que acompanhou as falas dos especialistas desde o início da pandemia. Entretanto, no que diz respeito à nossa figura política, esta nada tem de referência, a não ser para referenciar as mazelas da política institucional. Não precisa ser um gênio para entender que um *lockdown* de seis dias não é suficiente para enfrentar o caos no sistema de saúde.

Esse relato complementa os demais que buscamos expor para caracterizar como esse período foi de intenso conflito pela hegemonia. Araraquara foi um espaço social onde diferentes grupos políticos, econômicos e culturais debateram as ações da prefeitura, dos empresários, dos trabalhadores, para deliberar rumos futuros – conflitos esses que muitas vezes eram consequências de insatisfações devido à crise econômica e condições trabalhistas. Outra parte do texto reforça o viés do "coletivo de Araraquara", que não busca a substituição da figura do Prefeito, mas entende que seu governo está alinhado com os interesses das elites:

> Deve ficar claro, também, se ainda não ficou, que não estamos aqui combatendo a figura do Edinho para defender que precisamos de outra figura em seu lugar. Nosso intuito é mostrar que mesmo o "mal menor", mesmo a "esquerda" institucional, que aparenta ser muito diferente da direita que tem ascendido nos últimos anos, está trabalhando tão só e igualmente para defender os interesses daqueles que realmente possuem o poder político e econômico em suas mãos: os ricos.

Portanto, muito além dos *lockdowns*, houve um amplo debate (em diversos meios e formatos) sobre visões de mundo, estabelecendo horizontes desejáveis a partir de interpretações desse período histórico. Se nas vésperas dos decretos aconteceram aglomerações em mercados e postos de gasolina[224] por parte dos indivíduos, a tensão social aumentou também através de associações que reivindicavam mais liberdade para suas atividades durante esse momento, como é o caso da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANJURE) que publicou um parecer intitulado "liberdade religiosa e de culto" no dia 22 de fevereiro de 2021, um trecho deixa explícito o teor da reinvindicação:

> Assim, entendemos que a determinação de fechamento dos estabelecimentos religiosos não guarda compatibilidade com o direito à liberdade religiosa, uma vez que obsta, desproporcionalmente, a realização de atividades já citadas que poderiam ser mantidas sob a observância das medidas de prevenção exigidas pela pandemia.[225]

[224] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K6WSS6jRrzY. Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[225] Disponível em: https://anajure.org.br/observatorio-l-caso-44-araraquara-sp-liberdade-religiosa-e-de-culto/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.

Enquanto a ANJURE propunha a modificação do decreto em três pontos: 1) revogação do dispositivo que determinava o fechamento dos estabelecimentos religiosos; 2) supressão da restrição à circulação de pessoas e veículos, ante a ausência de previsão legal e 3) em caso de restrição de circulação garantia de deslocamento para ministros religiosos para realização de atividades religiosas que não geram aglomeração, outras notícias e acontecimentos circulavam na mídia e moldavam a visão de diversas pessoas acerca da pandemia, sobretudo relacionado à religião.

A agência de informação e checagem de notícias Bereia desmentiu, no dia 18 de março de 2021, um vídeo falso que acusava o ex-presidente Lula de culpar as igrejas pelas mortes na pandemia através de um trecho retirado de contexto. Esse acontecimento se somava à outros, documentados pelo próprio Bareia, como a venda de sementes de feijão que curavam a Covid-19 pelo apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), além das informações enganosas sobre remédios sem eficácia científica que supostamente curariam a Covid-19, divulgados por pessoas como Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo) e sites influentes como Gospel Prime, bem como mentiras que divulgavam a ineficácia de *lockdowns* para conter o vírus[226].

Esses acontecimentos são relevantes para a análise na medida em que cerca de 30% da população do município de Araraquara é evangélica, crescendo 0,8% ao ano desde 2010[227]. Mesmo que não sejam todas as pessoas que pensem dessa maneira, é significativo que irracionalismos se propaguem através de figuras influentes em uma comunidade que vem crescendo ano após ano[228].

As narrativas típicas da pós-verdade também aconteceram através de políticos e empresários. Em edição de 28 e 29 de março de 2020 do "Jornal de Araraquara"[229], circula uma declaração de Luciano Hang, dono das Lojas Havan, que afirma ser "capaz de morrer mais gente de coração, de problemas psicológicos do que do Coronavírus", após criticar o *lockdown* no município. Enquanto que, relembrando o período de pandemia, o então presidente Jair Bolsonaro disse mais uma vez, em 13 de abril de 2022, que "a população comeu cão e gato para não morrer de fome" em Araraquara e que teve que usar o exército para entrar na cidade e

[226] Disponível em: https://coletivobereia.com.br/video-engana-ao-atribuir-a-lula-acusacao-de-que-igrejas-matam-na-pandemia/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[227] Disponível em: https://rciararaquara.com.br/cidade/igrejas-podem-realizar-cultos-em-araraquara-se-quiserem-nao-ha-proibicao/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[228] Cabe lembrar que a maioria da população ainda é católica, o que implica que diversas crenças e visões de mundo são compartilhadas por esses dois grupos religiosos, agravando ainda mais a situação analisada.
[229] Disponível em: https://issuu.com/jornaldeararaquara/docs/edi__o_digital1392 Acesso em 25 de janeiro de 2024.

distribuir comida. Além disso, falou sobre o fechamento de igrejas e templos religiosos, o que em sua visão seria uma "pequena amostragem" do que é uma ditadura, citando por fim uma passagem bíblica para reforçar que "o povo armado jamais vai ser escravizado" e que a esquerda só retornaria ao poder através da fraude eleitoral[230].

Há, portanto, visões irracionais que provêm das situações específicas que a população araraquarense enfrentou durante o período de pandemia (desemprego, fome, redução salarial, dentre outras) mas também visões irracionais que foram sistematicamente formuladas e articuladas para mobilizar o medo e raiva que já estava presente no cotidiano das pessoas e grupos, visando conquistar poder político, econômico e cultural.

Diante da necessidade de cumprimento das normas municipais, sobretudo a partir das disputas judiciais acerca de abertura dos comércios durante a quarentena, a Prefeitura protocolou o projeto de Lei nº 50/2020[231], que estabelecia gratificação para os fiscais de acordo com seu desempenho. Aprovado sem debate e com a presença de 18 Vereadores na câmara, como consta em ATA pública[232], depois foi questionado pelo grupo de oposição "G7"[233] e gerou revolta em moradores, levantando suspeitas de que os fiscais poderiam multar pessoas e forjar situações em benefício próprio, resultando em uma "indústria da multa"[234] durante a pandemia[235] impulsionada pelo Prefeito Edinho Silva (PT).

Como fica evidente, todas as proposições da prefeitura enfrentaram resistência de setores da sociedade que, muitas vezes, não estavam alinhados em seus posicionamentos, mas encontravam na figura do líder do executivo um bode expiatório para suas reivindicações[236].

---

[230] Disponível em: https://revistaforum.com.br/politica/2022/4/13/pastores-bolsonaro-faz-piada-sobre-espada-na-biblia-para-defender-armas-no-tinha-fuzil-112954.html Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[231] Disponível em : https://cmararaquara.sp.gov.br/noticias/camara-vota-gratificacao-para-fiscais-e-alteracoes-em-pccvs,08-03-2021 Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[232] Disponível em: https://consulta.camara-arq.sp.gov.br/Sessoes/Documento/212714. Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[233] Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/politica/vereadores-questionam-legalidade-de-gratificacao-para-fiscais/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[234] Vale destacar que o valor das multas era de 120 reais para pessoas físicas e até 6 mil reais para empresas. Disponível em: https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/araraquara-decreta-lockdown-e-impoe-multa-de-ate-r-6-mil-a-infrator,1ab867220e5e9d71129ea3087ef111f9ivtvi934.html Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[235] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fRROlpI-g3k Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[236] O então Prefeito Edinho Silva (PT) já visualizava o efeito negativo de algumas políticas, como é possível verificar em entrevista ao Nexo Jornal: "O custo é terrível. Nenhum Prefeito gosta de anunciar medidas restritivas, imagino que nenhum governador nem o presidente da República. Eu estou anunciando medidas que colocam a economia em retração. Essas medidas vão fazer com que a atividade econômica desacelere, o município perca arrecadação no momento em que eu mais preciso de recursos, porque os municípios hoje estão custeando praticamente todo o enfrentamento à pandemia. No mês passado, o governo de São Paulo liberou recursos para nos ajudar no custeio de leitos de UTI e enfermaria. Não cobre toda a despesa mas ajuda muito. Mas tem a omissão do governo federal. As outras despesas do enfrentamento da pandemia como equipes de bloqueio, testagem, montagem das estruturas do hospital de campanha, da outra unidade de retaguarda que nós criamos de internação, estamos criando mais uma unidade de leitos de enfermaria. Tudo isso é feito com recurso próprio. Os insumos, o pagamento dos médicos. No momento que eu mais preciso de recursos, eu desacelero a economia, derrubo a minha

Um exemplo emblemático é a reinvindicação pela liberdade religiosa com a justificativa de que havia flexibilização para o comércio, sendo que setores comerciais e outras esferas da sociedade reivindicavam que a fiscalização deveria se concentrar em festas clandestinas e outras aglomerações. Cada grupo cultural, político, econômico e religioso reivindicava para si o direito à liberdade em suas ações particulares, colocando a culpa ou a preocupação em outros setores e atividades, o que consolida a noção de que a questão sempre foi muito mais complexa do que "salvar vidas ou a economia".

Um dos momentos onde a tensão social se manifestou de forma mais violenta foi durante a aprovação do Passaporte da Vacina em Araraquara. Já na audiência pública, proposta pelo Vereador Guilherme Bianco (PCdoB) para debater o Projeto de Lei nº 11/2022[237], era nítida a falta de consenso por parte da população, que representada por 14 munícipes tinha metade de votos favoráveis e metade contrários à medida. Foram ouvidos diversos outros posicionamentos, desde a saúde, comércio, indústria e educação para buscar um consenso sobre o projeto que buscava estimular a ampla vacinação da população. A ACIA se manifestou de forma contrária em nota, alertando que a medida poderia gerar fechamento de empresas e demissão em massa, além de ser inconstitucional[238].

No dia 08 de fevereiro de 2022, com a aprovação do Passaporte de Vacina, um grupo de pessoas depredou a Câmara dos Vereadores de Araraquara e agrediu seguranças, segundo relatos. Em filmagens do momento é possível verificar algumas das manifestações mais contundentes do irracionalismo diante de todo o cenário de pânico moral e tensão social impulsionado por diversos sujeitos e coletivos durante o período de pandemia. "Vocês vivem na Globo, acho que na Globo que vocês vivem, porque vocês não conhecem nenhuma vítima da vacina" diz uma das manifestantes através das janelas quebradas, ao passo que outra manifestante ao lado grita "viva nossa democracia! Cadê nossa liberdade de escolher? Isso é controle social, abram os olhos, olhem para os países ao redor, Venezuela, Cuba, Argentina, o povo está sem liberdade, o mundo todo está lutando por liberdade." Logo após, a primeira manifestante diz novamente: "eles vão perder, vão ter que pagar indenização para vítimas da

arrecadação própria. É claro que isso não é bom, mas eu não tinha outro caminho." Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2021/03/14/nao-saimos-da-crise-mas-ainda-viveremos-o-beneficio-do-lockdown Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[237] Disponível em: https://www.cmararaquara.sp.gov.br/noticias/audiencia-publica-debate-projeto-do-passaporte-da-vacina,03-02-2022?ver=230 Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[238] Disponível em: https://www.facebook.com/AciaAraraquara/photos/nota-de-posicionamento-contr%C3%A1rio-a-imposi%C3%A7%C3%A3o-do-passaporte-da-vacinaa-acia-assoc/2503006209838172/?__rdr Acesso em 25 de janeiro de 2024.

vacina, seus demônios, satanás"[239]. Diversos outros cidadãos se juntam na porta e fazem coro às manifestações violentas que misturam conceitos religiosos com ataques políticos, numa nítida demonstração do lado ocultista e místico do pensamento mágico difundidos nas visões de mundo de sujeitos radicalizados.

As manifestações de violência, como buscamos demonstrar ao longo desse capítulo, aconteceram em diversos momentos da pandemia no município de Araraquara e sempre tiveram relação com os discursos e atos de figuras políticas, empresariais, religiosas, sociais, dentro e fora de Araraquara. As incansáveis contestações políticas misturadas com desinformações incentivaram, muitas vezes, ações violentas de sujeitos que estavam revoltados e cansados de vivenciar as múltiplas crises do neoliberalismo, sempre direcionando sua angústia para alvos pré-estabelecidos por grupos vinculados à extrema-direita bolsonarista que se consolidou no Brasil.

Em mais uma demonstração de violência e intolerância, o Vereador Guilherme Bianco (PCdoB) sofreu um atentado na frente da câmara dos Vereadores no dia 30 de maio de 2022, quando um carro arremessou uma bomba caseira em sua direção[240], reforçando o impacto negativo que o pensamento mágico teve no município de Araraquara e a impossibilidade de diálogo que foi criada com determinadas esferas da sociedade a partir das sucessivas tentativas de fortalecimento da pós-verdade como maneira de construir a memória história da pandemia de Covid-19[241].

O estudo "Epicovid 2.0[242], o maior estudo de base populacional sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, comandado pelo Ministério da Saúde, expõe algumas das consequências desse momento histórico para os cidadãos brasileiros. Aproximadamente 15% das pessoas tiveram algum familiar morto por conta da Covid-19, praticamente metade teve redução na renda familiar, enquanto que 34,9% perderam o emprego e quase metade da população ficou

---

[239] Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/camara-em-sp-e-depredada-apos-aprovacao-de-passaporte-da-vacina-video Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[240] Disponível em: https://revistaforum.com.br/politica/2022/5/31/vereador-do-pcdob-sofre-tentativa-de-atentado-bomba-na-saida-da-cmara-de-araraquara-118143.html Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[241] Para citar um exemplo nítido dessa manifestação, está em andamento um Projeto de Lei que concede a honraria de cidadão araraquarense para o Coronel Ricardo Augusto Nascimento de Mello Araújo, responsável por disseminar a mentira de que pessoas estavam comendo animais domésticos no município durante a pandemia. Primeiro proposta pelo vereador Lineu Carlos de Assis, prejudicada por falta de quórum e depois proposta novamente pelo vereador Enfermeiro Delmiran com coautoria do Coronel Prado. Disponível em https://consulta.camara-arq.sp.gov.br/Documentos/Documento/255601 e https://consulta.camara-arq.sp.gov.br/Documentos/Documento/300606 Acesso em 25 de janeiro de 2024.

[242] Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/dezembro/estudo-aponta-que-18-9-das-pessoas-com-covid-19-relatam-sintomas-persistentes Acesso em 25 de janeiro de 2024.

em situação de insegurança alimentar. Sendo que todos os impactos, exceto os de familiares mortos, afetaram mais a população pobre do país.

Apenas 57,6% das pessoas afirmaram que confiavam na vacina contra Covid-19, enquanto 15,1% era indiferente e 27,3% desconfiava da vacina, apesar de 90,2% das pessoas terem tomado pelo menos a primeira dose, sendo que a desconfiança foi maior na população mais pobre. Dentro dos que não tomaram a vacina, um terço não acreditava na vacina, um terço achava que poderia fazer mal, 0,5% não acreditava na existência do vírus e 2,5% alegava que já tinha sido infectado por Covid-19. O estudo conclui que os impactos da pandemia para a população brasileira são grandes e duradouros e que a pandemia acirrou as desigualdades em saúde históricas no Brasil.

A pesquisa também demonstra empiricamente como os fatos expostos no município de Araraquara faziam parte de um problema nacional e global. Desde o início da pandemia houve uma mobilização política, econômica e cultural por grupos que transmitiam informações alternativas e buscavam consolidar narrativas que se ancoravam na pós-verdade como forma de conquistar a hegemonia nesse espaço social e nesse tempo histórico. A consequência desses atos contínuos foi a desorganização do tecido social que se agravava na medida em que as desigualdades sociais se faziam cada vez mais presentes para as classes mais baixas do país, canalizando a revolta de uma parcela significativa da população e direcionando-a contra a política institucional, quando na realidade percebemos que foi o conjunto da sociedade que contribuiu para que a situação saísse do controle, com destaque para os políticos extremistas e negacionistas, os empresários que desrespeitaram as diversas normas impostas pelas prefeituras e governos estaduais, os líderes religiosos que disseminaram mentiras acerca do vírus, da vacina e exploraram a fé das pessoas em prol da ideologia da extrema-direita e os comunicadores que deram vazão para a pós-verdade que desorientou a população durante todo esse período. As diversas manifestações de violência são o resultado de um impasse criado por um irracionalismo enraizado em uma parcela significativa da população que tem impacto no mercado de trabalho, na estruturas familiares, nas organizações religiosas, nos partidos políticos, nas associações comerciais e industriais, dentre outros espaços importantes para a consolidação de consensos populacionais, indicando as graves consequências que ainda perduram, incentivando ataques à democracia e ao pensamento científico.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objetivo investigar como se desenvolveu a complexa batalha cultural, infodêmica e política na cidade de Araraquara durante o período de pandemia de Covid-19. A escolha desse estudo se deu pela relevância que a cidade teve no debate público brasileiro durante esse período, sendo pioneira na implementação de políticas públicas que visavam achatar a curva de contágio de Covid-19 em constante diálogo com instituições científicas, e por isso recebendo diversos ataques de organizações da extrema-direita, sendo um espaço social onde os conflitos podem nos servir como referência na análise do fenômeno que buscamos compreender.

Buscamos recompor o cenário histórico e suas especificidades culturais, econômicas e políticas através da análise de reportagens, entrevistas, declarações, artigos de opinião, Projetos de Lei, artigos científicos, apresentações de trabalhos, dentre diversos outros materiais que circularam durante o período de pandemia de Covid-19 ou refletem sobre ele tendo como foco a cidade de Araraquara. Além disso, propomos entrevistas diretas em formato semiestruturado com agentes políticos e públicos relevantes nas tomadas de decisão ou nas atuações na "linha de frente" do combate ao vírus, com o intuito de criarmos uma linha cronológica ampla e que pudesse ser capaz de abarcar percepções diversas (e algumas vezes opostas) acerca dos acontecimentos que foram narrados.

Com o intuito de se distanciar da atual "guerra de narrativas" que toma conta do debate público, buscamos nos apoiar em trabalhos científicos que fossem além da área das ciências sociais, dialogando na medida do possível (pela limitação técnica e teórica do pesquisador) com pesquisas que exploravam questões médicas e sanitárias a respeito da Covid-19 e das medidas de combate ao contágio mais efetivas em cada um dos períodos citados. Para isso, analisamos bancos de dados de diferentes instituições e organizações, acompanhando como as políticas públicas responderam à ou impactaram em aumento ou diminuição nas taxas de contaminação e óbitos decorrentes da Covid-19.

Além disso, nos preocupamos em contribuir para a construção da memória histórica desse período determinante para a modernidade tardia, uma vez que é a partir da pandemia de Covid-19 que diversas questões sociais, algumas inauditas e outras incipientes, se consolidam de fato dentro das disputas ideológicas contemporâneas. Desejamos com esse trabalho o contrário do que enunciado por Albert Camus em "A peste", quando fala sobre um vírus que surge e desaparece inesperadamente, sem rastros e consequências. Foram justamente os rastros e, sobretudo, as consequências desse período que tentamos evidenciar, fornecendo um

documento histórico que possa ampliar a visão do que foi a pandemia de Covid-19 no Brasil através de um exemplo marcante, pois Araraquara esteve muitas vezes ligada às disputas pelo poder através das narrativas políticas, servindo como bode expiatório e abarcando em seu território diversas manifestações irracionais por parte de indivíduos e grupos sociais que se colocavam contrários às medidas científicas de contenção do vírus.

Iniciamos o trabalho através da busca por respostas para as seguintes questões: como o pensamento mágico se disseminou na cidade de Araraquara? E como ele se relaciona com o período de Covid-19? Estruturamos a dissertação em três capítulos, partindo da contextualização histórico-social até um estudo empírico de reconstituição de cenário e consolidação de memória histórica. Para isso, no capítulo 1 tratamos sobre a nova ordem mundial e sua estrutura, entendemos que as mudanças que aconteceram na geopolítica e na economia há 40 anos influenciaram profundamente os rumos das sociedades no mundo todo – e, nesse trabalho em específico, a partir de uma análise de sociedades ocidentais. Tais mudanças estabeleceram novas dinâmicas sociais que modificaram conceitos complexos e determinantes nos rumos de qualquer sociedade, como política, Estado, economia, cultura, informação, democracia, família, trabalho, saúde, dentre outros. A partir da análise dessas mudanças, é determinante o contexto histórico-social do surgimento do neoliberalismo como racionalidade do capitalismo financeiro e o modo como ele se relaciona com as novas formas de agir e pensar dos sujeitos, coletivos, corporações, associações, partidos e famílias.

Focamos em dois pontos que julgamos fundamentais dessa transformação. O primeiro é a maneira como a macroestrutura dessa sociedade capitalista neoliberal, que é interligada globalmente através de cadeias de produção, consumo, distribuição e troca, se desenvolve através de uma série de crises (culturais, econômicas, políticas, morais, ambientais) que são múltiplas e exacerbam diversos problema sociais (tais como a desigualdade social, o racismo, os desastres ambientais, a violência). O segundo é o modo como essa macroestrutura se relaciona com as transformações ocorridas na figura do sujeito e nas identidades capazes de situá-lo nesse novo mundo. Esse sujeito é obrigado a estar em constante movimento e aprimoramento para se adaptar ao mercado de trabalho rápido e imprevisível, bem como às mudanças econômicas, políticas e culturais que cada vez mais se modificam em um espaço temporal menor se comparado com outros períodos históricos, e muitas vezes encontra sentido em organizações reacionárias que possuem projetos de ruptura com essa sociedade que buscamos descrever. Assim como o sujeito neoliberal enfrenta diversas crises advindas da própria globalização capitalista e neoliberal, a crise sanitária que se manifestou a partir de 2020, com a Covid-19 também se relaciona integralmente com as estruturas da sociedade

contemporânea, e por isso diversas facetas desse problema se tornaram mais acentuadas durante o momento de pandemia.

No capítulo 2, partindo da constatação de que existem disputas pela hegemonia do poder (em âmbito cultural, político e informacional) e que elas ocuparam papel central durante a pandemia de Covid-19, nos preocupamos em tratar sobre a crise sanitária decorrente do vírus e os motivos que a fizeram uma crise própria desse momento histórico. Para isso expomos alguns elementos determinantes nessa concepção, como o declínio das autoridades que antes ocupavam espaço social de relevância na orientação e confiança da população, sendo que o declínio da confiança nos sistemas típicos da modernidade também impactou profundamente os novos posicionamentos populares que emergiram durante esse momento. Nesse sentido, a destruição intencional das autoridades nesse curso histórico se somou à *infodemia*, conceito que escolhemos mobilizar para propor que o modo como as informações são produzidas, distribuídas e consumidas atualmente indica um grave problema social, preocupação essa que foi compartilhada pela Organização Mundial da Saúde desde o início da pandemia de Covid-19. Diante desse cenário, procuramos expor as consequências ideológicas das variáveis que julgamos determinantes para compreensão da crise decorrente do novo Coronavírus, sobretudo na transformação da visão de mundo. Em detrimento da *infodemia*, utilizamos o conceito de *infodemência* para expor duas das principais consequências da relação entre sociedade anômica e uma desordem informacional generalizada. A "opulência informativa" que caracteriza a quantidade abundante de informações que são assimiladas pelos indivíduos modernos cotidianamente e a "indigência cognitiva" que é a própria incapacidade desses sujeitos de entenderem, refletirem e relacionarem essas informações dinâmicas e mutáveis ao seu mundo exterior. Através desses fenômenos sustentamos a caracterização de uma corrente de pensamento com fortes tendências ideológicas que pode explicar os motivos da consolidação de teorias conspiratórias, negacionismos, anti-intelectualismo, anticientificismo, revisionismo histórico, comportamento de torcida (agressivo), complotismo, hiperindividualismo, crença em bodes expiatórios, ocultismo e misticismo. Denominamos esse pensamento, a partir de autores que analisam desinformação, negacionismos, o populismo contemporâneo, o reacionarismo, o neoliberalismo e a pandemia de Covid-19, como um pensamento mágico, também utilizando o termo irracionalismo como sinônimo durante a dissertação. O pensamento mágico, composto por essa estrutura ideológica, manifesta em si o racismo, a xenofobia, a homofobia, a transfobia, o machismo, o sexismo, e outras discriminações contra minorias sociais e, além disso, é composto por uma forte visão antidemocrática e conspiracionista de mundo, negando conflitos históricos e reordenando o mundo para que ele faça sentido diante das complexas crises globais.

No capítulo 3 tentamos expor como esses fenômenos de âmbito global se manifestaram na cidade de Araraquara. Primeiro município do Brasil a propor o *lockdown* como política de contenção do vírus, a cidade figurou por diversos momentos em jornais e revistas, discursos políticos, trabalhos acadêmicos, colunas de opinião, reportagens e entrevistas, como um local de relevância para o combate a Covid-19 ou como um local autoritário e miserável, a depender dos interlocutores. Partindo da constatação da quantidade de menções ao município e de seu impacto no debate público nacional durante a pandemia, buscamos expor qual o panorama político, econômico e cultural da cidade desde o início da pandemia e o modo como se desenvolveu a governança do Prefeito Edinho Silva (PT) e da Secretária da Saúde Eliana Honain (PT).

Contrapondo as propostas de políticas públicas, orientações sanitárias, decretos de lei com as manifestações de diversos setores da sociedade, seja em manifestações na rua ou em declarações através da mídia tradicional e alternativa, tentamos analisar a manifestação do pensamento mágico durante esses períodos e quais as possíveis explicações para eles dado a especificidade no município. Entendemos que o pensamento mágico se difundiu cada vez mais na medida em que a desinformação ganhou relevância na opinião pública, indicando a responsabilidade de diversas falas e posicionamentos de pessoas e organizações, visando interesses ideológicos, políticos e econômicos, para a contribuição dessa disseminação. Em outras palavras, compreendemos que no período de pandemia de Covid-19 em Araraquara as diversas manifestações que descredibilizavam medidas científicas, atacavam politicamente o governo e os agentes públicos a partir de notificas falsas, descontextualizadas ou mal intencionadas, propunham a violência, o ressentimento e a revolta como formas legítimas de manifestação, ou agiam com uma ou mais características do pensamento mágico, estabeleceram ainda mais dificuldades no planejamento político para o combate ao Coronavírus.

Destacamos também o papel da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara e o modo como sua produção científica serviu tanto como barreira à desordem informacional quanto para guiar as políticas públicas implementadas na cidade, com diversos estudos apontando os resultados positivos dessas estratégias e indicando que elas poderiam ter salvo inúmeras vidas se fossem impulsionadas nacionalmente naquele momento. O saber científico e a produção do conhecimento foram alvos constantes de organizações extremistas no mundo, no Brasil e também em Araraquara, e as entrevistas realizadas com diretores de diferentes unidades da universidade nos indicaram, por um lado, o papel determinante da UNESP no combate bem-sucedido à Covid-19 na cidade e, por outro, das diversas resistências que foram encontradas dentro e fora desse espaço, corroborando com a hipótese de que o pensamento mágico se

interliga diretamente com a desordem informacional e de que ele se acentua (e agrava) ainda mais em períodos de insegurança, pois se torna o oposto do pensamento científico ao simplificar o mundo priorizando conceitos completamente mutáveis e estabelecendo apenas uma determinada parcela da população como apita e merecedora de bem-estar.

Também verificamos o enorme esforço de grupos ideológicos, políticos e econômicos para construção de uma memória histórica revisionista e negacionista do período de pandemia, com ataques sistemáticos que visavam atingir a população e fazê-la crer de que o governo local era autoritário pois se contrapunha a liberdade irrestrita dos sujeitos, vinculando também as políticas que salvaram centenas de vidas na cidade à fome e miséria, propondo uma visão de mundo naturalista em relação ao capitalismo neoliberal e incentivando o agir com desconfiança e ressentimento por parte dos cidadãos.

Edinho Silva (PT) já havia sido Prefeito de Araraquara por dois mandatos entre 2001 e 2008 e voltou a governar o município entre 2017 e 2024, com uma reeleição durante a pandemia. A partir da reconstrução histórica realizada, evidenciamos o impacto que o pensamento mágico teve nas eleições de 2024, onde a candidata à sucessão Eliana Honain (PT) sofreu uma derrota para a oposição de Doutor Lapena (PL). Mesmo com indícios de vitória em pesquisas eleitorais e com uma população majoritariamente de esquerda, como indica pesquisa eleitoral encomendada pela Associação Comercial e Industrial de Araraquara (ACIA), o Partido dos Trabalhadores (PT) sofreu uma derrota em um reduto eleitoral extremamente relevante para seu planejamento nacional, e apesar de uma análise profunda sobre a questão política no município ser necessária, podemos afirmar que a pandemia de Covid-19 e a rejeição à determinadas políticas públicas foram essenciais para que a população optasse pela oposição e não pela Secretária da Saúde do município durante a pandemia. Saúde era o tema que mais preocupava a população, seguido de transporte coletivo, segurança pública e emprego.[243]

O próprio Prefeito Luis Claudio Lapena (PL) afirma, em entrevista no dia 07 de outubro de 2024, que "a eleição nacional veio para cá", reconhecendo como a polarização política vivenciada no Brasil e exacerbada durante a pandemia de Covid-19 teve um papel determinante nas eleições de Araraquara. Além disso, ao falar sobre sua visão para a área comercial diz que "centenas e centenas de pequenas empresas, médias empresas e até grandes empresas fecharam em Araraquara, nós tivemos um *lockdown* terrível que não teve em nenhuma cidade da região, os empresários quebraram, perderam o que tinham, perderam seus sonhos, demitiram

[243] Disponível em: https://www.aciaararaquara.com.br/uploads/arquivos/2023/12/diagnostico-politico-eleitoral-araraquara-2023.pdf Acesso em 25 de janeiro de 2024.

pessoas[244]" atrelando a crise econômica às medidas de distanciamento social que foram implementadas durante a pandemia. Reforça essa visão em uma sabatina à ACIA, novamente expondo sua visão de que o *lockdown* total foi inadequado e seu impacto no fechamento de empresas e comércios.

A ACIA, em matéria intitulada "Venceu quem respeitou os empresários! ACIA parabeniza o Dr. Lapena, e declara:

> O município de Araraquara depois de 8 anos não será mais governado pelo PT. Distante da ACIA e da classe empresarial de Araraquara, a prefeitura e a secretaria municipal de Desenvolvimento Econômico nos últimos anos, não contribuiu para um ambiente que favorecesse o empreendedorismo, nem a geração de empregos e riqueza por parte da iniciativa privada. Sem contar com os erros gravíssimos que a atual administração cometeu na condução das medidas contra a pandemia de COVID-19, impedindo a maioria das empresas de trabalharem, multando-as e inviabilizando a continuidade de muitas empresas.
> Nossa classe não se esqueceu![245]

Com as diversas manifestações do pensamento mágico no município e outras reinvindicações legítimas por grupos sociais e políticos, é notório como a Covid-19 marcou a gestão no município e foi a principal questão debatida pela população, muitas vezes guiadas pelo negacionismo e pela anticiência. O ex-Prefeito Edinho Silva (PT), em entrevista, relembra o impacto que as mentiras disseminadas pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL) acerca da fome na cidade tiveram em sua gestão, caracterizando a disputa cultural, política e infodêmica no município desde o início da pandemia[246]. Em debate da Revista Oeste sobre as eleições de Araraquara a pandemia também é vista como determinante, um dos comentaristas diz que "Araraquara é o caso clássico de que o Prefeito foi reprovado pela pandemia, o que ele fez na pandemia [...] a candidata é a Secretária da Saúde, tem um agravante aqui" enquanto outro complementa posteriormente:

> foi a arrogância do Edinho Silva, ele escolheu deliberadamente a mulher acusada de envolvimento na compra dos respiradores, Secretária da Saúde, para mostrar que eu ganho aqui em quaisquer circunstâncias [...] o povo está aprendendo a enxergar[247].

Dessa forma, há a interpretação por parte dos candidatos, jornalistas, comentaristas políticos, de que a eleição de Araraquara foi determinada pelos rumos da pandemia. Contudo,

---

[244] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pwrvTiD07I4 Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[245] Disponível em: https://www.aciaararaquara.com.br/noticia/venceu-quem-respeitou-os-empresarios-acia-parabeniza-o-dr-lapena Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[246] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eLNXsoNR6a8 Acesso em 25 de janeiro de 2024.
[247] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N5B6ooLhTbQ Acesso em 25 de janeiro de 2024.

muitas vezes isso aconteceu através de uma interpretação alternativa da realidade, ignorando fatos científicos sobre a efetividade das medidas de distanciamento social, a condição socioeconômica do país e sua respectiva relação com o âmbito global, as disputas políticas que aconteceram no Brasil e o modo como ocorreu uma ampla disseminação de irracionalismo no modo como a população lidou com o Coronavírus.

O cenário de Araraquara serve enquanto espaço social de análise importante para compreensão de problemas sociais presentes em todo o território brasileiro e, de outras maneiras, no restante do mundo. As consequências acerca do período de pandemia de Covid-19 não se restringem aos impactos sanitários, mas também se relacionam com o aspecto cognitivo e cultural das pessoas e o modo como elas interpretação o passado recente e projetarão a sociedade no futuro. A queda da vacinação, o desrespeito às normas judiciais e políticas, as manifestações violentas aos políticos e trabalhadores municipais, a hiperindividualidade e a crença na liberdade irrestrita do indivíduos foram algumas das características que se manifestaram por diversas vezes como contraposto da narrativa conservadora e reacionária enunciada para fazer oposição às medidas políticas e científicas que visavam combater a Covid-19 a partir de preceitos democráticos e que respeitassem o republicanismo brasileiro. Apesar de serem essencialmente diferentes, as atitudes de pessoas que se colocavam acima de qualquer norma social participaram da dinâmica do pensamento mágico na medida em que sempre buscavam reduzir a complexidade de problemas e ignorar as consequências negativas que seus atos teriam em outra pessoa, diferente de si própria.

Também verificamos a importância do pensamento religioso e dos espaços religiosos na formação de concepções de mundo das pessoas, não somente no sentido político e ideológico, mas também no modo como se desenvolvem as relações e percepções acerca dos locais de produção científica. Além disso, ficou amplamente documentado a importância do Estado e da política por um lado e, de outro, a desconfiança da população em sistemas tradicionais da modernidade para resolução dos problemas reflexivos que só tendem a aumentar na globalização neoliberal, reforçando o risco existente na associação de grupos políticos, sindicais, familiares, educacionais, econômicos, culturais, comunicacionais, com ideologias extremistas e formas de pensar irracionais, acendendo um alerta para a nossa sociedade e as escolhas que estão sendo feitas ou replicadas.

Esperamos, ao fim desse trabalho, contribuir para a construção da memória histórica da pandemia de Covid-19 em Araraquara, documentando quais as decisões que foram tomadas por parte dos agentes políticos e públicos e o modo como diversos setores da sociedade se posicionaram diante das determinações, bem como expondo a visão de uma parcela da

população acerca da pandemia de Covid-19 e os respectivos números de infecções e óbitos que servem como panorama para toda a análise sobre quais de fato foram as decisões políticas acertadas ou equivocadas.

Com diversos elementos presentes nos mais de dois anos analisados nessa pesquisa, Araraquara serve como termômetro dos rumos políticos, culturais e econômicos futuros do Brasil e pode ensinar lições históricas importantes no avanço do pensamento científico, no combate ao obscurantismo, na defesa da democracia e na resistência contra formas de pensar e agir violentas, reacionárias e discriminatórias. O irracionalismo que evidenciamos se retroalimenta de suas próprias narrativas e frequentemente causa danos mais acentuados às próprias pessoas que auxiliam em sua propagação (como é o caso de pessoas que morreram por não acreditar em medidas de distanciamento social, por exemplo), além de negar a história e todas as causalidades existentes entre ações e reações, meios e fins, pois se consolida em espaços sociais que permitem a constante mutação de teorias e conceitos. Seu perigo reside justamente na sua adaptação constante e oportunista, que ao negar fatos científicos e históricos quando necessários para avançar na conquista de poder político, econômico, cultural e informacional, permite deixar grupos de pessoas para trás, negando em última instância sua própria existência.

REFERÊNCIAS:

"Chegou o Comunavírus", artigo do Ministro Ernesto Araújo publicado no livro Política externa: soberania, democracia e liberdade. Ministério das Relações Exteriores. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/chegou-o-comunavirus-artigo-do-ministro-ernesto-araujo-publicado-no-livro-politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade Acesso em 01 de novembro de 2021.

ACIA Araraquara. Acia, 89 anos de trabalho e representatividade ao empresariado de Araraquara. ACIA. 2023. Disponível em: https://www.aciaararaquara.com.br/noticia/acia-89-anos-de-trabalho-e-representatividade-ao-empresariado-de-araraquara Acesso em 20 de outubro de 2024.

ACIA CONSEGUE VITÓRIA (LIMINAR) NA JUSTIÇA E REABRE EMPRESAS DE ARARAQUARA. 2021. Araraquara.com.br. Disponível em: https://araraquara.com.br/acia-consegue-vitoria-liminar-na-justica-e-reabre-empresas-de-araraquara/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

AGÊNCIA, Brasil. **Controle social e gestão municipal: o enfrentamento à pandemia no município de Araraquara/SP com enfoque da complexidade.** Agência Brasil. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/com-ajuda-do-exercito-ceagesp-distribui-alimentos-em-araraquara?amp Acesso em 20 de outubro de 2024.

ALMEIDA, C. Et Al. A pandemia e seus impactos no Brasil. Middle Atlantic Review of Latin American Studies. Vol. 4, No. 1, 20-25. 2020.

ALVES, Roni. **Homens invadem ato no Rio e um deles derruba cruzes que lembram mortos pela Covid**. G1. 11 de junho de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/11/grupo-ataca-manifestacao-que-lembra-mortos-pela-Covid-19 -no-rio.ghtml. Acesso em 16 de setembro de 2023.

ANISTIA INTERNACIONAL BRASIL. **Anistia Internacional Brasil aponta perda de direitos ao longo dos 1000 dias do governo Bolsonaro**. 2021. Disponível em: https://anistia.org.br/informe/anistia-internacional-brasil-aponta-perda-de-direitos-ao-longo-dos-1000-dias-do-governo-bolsonaro/ Acesso em 19 de setembro de 2024.

Araraquara recebe prêmio internacional com projeto de hortas urbanas comunitárias. G1 São Carlos e Araraquara. 20 de outubro de 2020. Acesso em 17 de setembro de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/10/20/araraquara-recebe-premio-internacional-com-projeto-de-hortas-urbanas-comunitarias.ghtml

Araraquara. Boletim Dengue e Covid. Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/dengue-e-Covid-19/boletim-dengue-e-covid Acesso em 16 de setembro de 2024.

Araraquara. Fundo Social da Solidariedade. Disponível em: https://araraquara.sp.gov.br/fundo-social-da-solidariedade-pagina-para-periodo-eleitoral Acesso em: 16 de setembro de 2024.

Áudio desumano de Roberto Justus sobre o Coronavírus choca a internet. Pragmatismo Político. 22 de março de 2022. Disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/03/audio-roberto-justus-coronavirus.html Acesso em 16 de setembro de 2023.

AUGÉ, M. Dos lugares aos não lugares. In: AUGÉ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2012. p. 71-105.

AZZARÀ, G. Stefano. Crises históricas e naturalismo capitalista. In: **Para além da quarentena: reflexões sobre a pandemia**. Org: Ana Lole, Inez Stampa, Rodrigo Lima R. Gomes. 2020. Mórula Editorial.

AZZARÀ, G. Stefano: **Il revival del pensiero magico nel dibattito pubblico. Tra neopositivismo scientista e irrazionalismo romântico**. 2021. Dialettica e filosofia.

BAHIA, Vitor Tavares. **Como negar a desigualdade? Negacionismo e os mecanismos ideológicos da desigualdade social**. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.maio. 2023. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismos-n32-artigo-como-negar-a-desigualdade-e-mecanismos-ideolog>. ISSN 2179-12870.

BALLADELLI, P e FARANTE, S. **El dilema de la relación entre economía y salud**. Cadernos Cris/Fiocruz. Informe sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde. Nº 16/2022. 16 a 29 de agosto.

BALZA, G. **Prevent Senior ocultou mortes em estudo sobre cloroquina, indicam documentos e áudios.** G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/investigada-na-cpi-eda-covid-prevent-senior-ocultou-mortes-em-estudo-sobre-cloroquina-apoiado-por-bolsonaro.ghtml Acesso em 01 de outubro de 2024.

BARBOSA, Cibele. Revisionismos e crimes contra a história In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022

BAUMAN, Z. Por qué toleramos la desiguladad?; Algunas grandes mentiras sobre las que se asienta uma mentira todavia mayor In: **La riqueza de unos pocos nos beneficia a todos?** Barcelona: Paidós. 2014.

BBC News. Covid-19: a luta por oxigênio em Manaus. BBC Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dCOmntRNPWs Acesso em 05 de novembro de 2024.

BECK, U. Sentido del mundo y sentido de ausência de fronteras: para uma diferenciación entre cosmopolitismo filosófico y sociológico. In: **La mirada cosmopolita o la guerra es la paz**. Barcelona: Paidós. 2005.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte. EdUFMG, p. 19-70. 1998

BIMBATI, P. A. e TEIXEIRA, B. L. **Lockdown em Araraquara expõe rixa mais política que científica na pandemia**. UOL. 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/27/lockdown-araraquara-sp-polarizacao-politica-bolsonaro.htm Acesso em 21 de outubro de 2024.

BOLDRIN, F. **De PM a reverendo: a intermediação suspeita das vacinas**. Nexo. 2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/07/06/De-PM-a-reverendo-a-intermedia%C3%A7%C3%A3o-suspeita-das-vacinas Acesso em 01 de novembro de 2024.

BOLDRIN, F. **Manaus sufocada: os rumos do caso mais agudo da pandemia**. Nexo. 2-21. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/15/Manaus-sufocada-os-rumos-do-caso-mais-agudo-da-pandemia Acesso em 21 de outubro de 2024.

Boletim Diário do Comitê de Contingência do Coronavírus - n 462 - de 20 de junho de 2021. Prefeitura Municipal de Araraquara. 2021. Disponível em: https://www.araraquara.sp.gov.br/dengue-e-Covid-19/boletim-dengue-e-covid/boletim-diario-do-comite-de-contingencia-do-coronavirus-n-462-de-20-de-junho-de-2021 Acesso em 05 de novembro de 2024.

BOMBANA, L. **Brasil deve mostrar consenso econômico para novo aumento na nota de crédito.** Folha de São Paulo. 26 de julho de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/brasil-deve-mostrar-consenso-economico-para-novo-aumento-na-nota-de-credito-diz-fitch.shtml. Acesso em 02 de agosto de 2023.

Brasil optou por cobertura mínima ao aderir a aliança global por vacina. Poder 360. 2020. Disponível em: https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-optou-por-cobertura-minima-ao-aderir-a-alianca-global-por-vacina/ Acesso em 01 de novembro de 2024.

BROWN, W. Undoing Democracy: Neoliberalism's Remaking of State and Subject. In: **Undoing the Demos. Neoliberalism's Stealth Revolution**. 2015.

BUTLER, J. **Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica**. Autêntica Editora, 2022. 176 p. ISBN 9786559282241.

CANZIAN, F. **Apoio à privatizações chega dá salto e chega a 38% da população, diz Datafolha**. Folha de São Paulo. 08 de abril de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/04/apoio-a-privatizacao-da-salto-e-chega-a-38-da-populacao-diz-datafolha.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

Carvalho, L. **Curto-circuito: O vírus e a volta do Estado**. São Paulo. Todavia, 1ªed. 2020, 144p.

CASADO, J. **A pandemia pelo olhar de Jair Bolsonaro**. VEJA. 2021. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/a-pandemia-pelo-olhar-de-jair-bolsonaro Acesso em 19 de setembro de 2024.

Cepa de Manaus é predominante nos casos de Araraquara, cidade de SP com surto de Covid. O Globo. 2021. Disponível em: https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/cepa-de-

manaus-predominante-nos-casos-de-araraquara-cidade-de-sp-com-surto-de-covid-24907665 Acesso em 19 de outubro de 2024.

CHAGAS, G. **Estudo coloca Araraquara entre 13 principais polos de disseminação do Coronavírus no interior e litoral**. G1. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/04/09/estudo-coloca-araraquara-entre-13-principais-polos-de-disseminacao-do-coronavirus-no-interior-e-litoral.ghtml. Acesso em 13 de outubro de 2024.

CHAGAS, G. **VÍDEO: mulher morde guarda e é detida após abordagem por descumprir decreto em Araraquara**. G1. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/04/13/mulher-morde-guarda-municipal-ao-ser-detida-por-caminhar-em-praca-de-araraquara.ghtml. Acesso em 19 de setembro de 2024.

CHATTOPADHYAY , R. .; KNÜPLING , F.; CHEBENOVA , D. **Impact of COVID-19 on the comparative practice of federalism: Some preliminary observations**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 27, n. 87, p. 1–16, 2022. DOI: 10.12660/cgpc.v27n87.85110. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/85110. Acesso em: 13 out. 2024.

CHAZAN, G; ARNOLD, M. **Alemanha promete 'lei de imigração mais moderna da Europa' para suprir falta de trabalhadores**. Folha de São Paulo 4 de maio de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/05/alemanha-promete-lei-de-imigracao-mais-moderna-da-europa-para-suprir-falta-de-trabalhadores.shtml. Acesso em 02 de agosto de 2023.

Chefe da Organização Mundial da Saúde declara o fim da COVID-19 como uma emergência de saúde global. Nações Unidas Brasil. 05 de maio de 2023. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-Covid-19 -como-uma-emerg%C3%AAncia-de-sa%C3%BAde Acesso em 09 de setembro de 2023.

Chegada de onda de calor a Nova York é questão de vida ou morte, diz Prefeito. Folha de São Paulo. 27 de julho de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/07/chegada-de-onda-de-calor-a-nova-york-e-questao-de-vida-ou-morte-diz-Prefeito.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

Colnago, M. et al. **Lockdown contra a Covid-19 funciona ou não? Um estudo de caso com o município de Araraquara**. Proceeding Series of the Brazilian Society of Computational and Applied Mathematics, v. 8, n. 1, 2021.

Com 1 mês de lockdown, Araraquara vê casos de COVID diminuírem em 58%. Estado de Minas. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/03/28/interna_nacional,1251408/com-1-mes-de-lockdown-araraquara-ve-casos-de-covid-diminuirem-em-58.shtml#google_vignette Acesso em 20 de outubro de 2024.

Comportamento de senadores na CPI da Covid motiva moção de repúdio. Câmara Municipal de Araraquara. 2021. Disponível em:

https://cmararaquara.sp.gov.br/noticias/comportamento-de-senadores-na-cpi-da-covid-motiva-mocao-de-repudio,14-06-2021?ver=224 Acesso em 01 de novembro de 2024.

Consórcio de imprensa que permitiu transparência sobre covid chega ao fim. UOL. 28 de janeiro de 2023. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2023/01/28/consorcio-de-imprensa-que-permitiu-transparencia-sobre-covid-chega-ao-fim.htm Acesso em 09 de setembro de 2023.

Controle social e gestão municipal: o enfrentamento à pandemia no município de Araraquara/SP com enfoque da complexidade. APSREDES. Disponível em: https://apsredes.org/conselho-municipal-de-saude-faz-lockdown-em-araraquara-sp-e-diminui-os-casos-de-Covid-19-no-municipio-1/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

CORONAVÍRUS BRASIL. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/Covid-19_html/Covid-19_html.html https://covid.saude.gov.br/

Coronavírus na Itália: social, saúde e economia e política. 17 de março de 2020. UFMG. Acesso em 16 de setembro de 2024. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/coronavirus-na-italia-social-saude-e-economia-e-politica.

COSTA, G. Pânicos Morais. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022

COSTA, N. R. **A resiliência das grandes cidades brasileiras e a pandemia da Covid-19**. RIO DE JANEIRO, V. 45, N. EspEcIAl 2, p. 10-20, DEZ 2021

COSTA, S. **DESPROVINCIALIZANDO A SOCIOLOGIA – A contribuição pós-colonial**. *RBCS.* ANPOCS, v.21, n. 60. 2006, p. 117-183.

CRUZ, P. E. **Decreto estabelece critérios para novo lockdown em Araraquara**. Agência Brasil. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-05/decreto-estabelece-criterios-para-novo-lockdown-em-araraquara Acesso em 21 de outubro de 2024.

CUNHA, T. **São Carlos vira "referência" para negacionista de Araraquara**. AcidadeON 2021. Disponível em: https://www.acidadeon.com/saocarlos/politica/sao-carlos-vira-referencia-para-negacionista-de-araraquara/ Acesso em 21 de outubro de 2024.

DA COSTA SILVEIRA, R. M. et al. **Agendas e conflitos no contexto da pandemia da Covid-19: Um olhar a partir da realidade do Rio Grande do Norte**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 27, n. 87, p. 1–22, 2022. DOI: 10.12660/cgpc.v27n87.84306. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/84306. Acesso em: 13 out. 2024.

DAL LAGO, A. Nemici della società; Non-persone. In: **Non-persone. L'esclusione dei migranti in una società globale**. Milano: Feltrinelli. 2004

DARDOT, P; LAVAL, P. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016.

DE PAIVA, C. C.; TORREZAN, R. G. A.; DE PAIVA, S. C. F. **O federalismo cooperativo em obstrução: Fissuras intergovernamentais da pandemia**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 27, n. 87, p. 1–18, 2022. DOI: 10.12660/cgpc.v27n87.83857. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/83857. Acesso em: 13 out. 2024.

DRS III – Araraquara. Secretaria de Estado da Saúde. Disponível em: https://saude.sp.gov.br/ses/institucional/departamentos-regionais-de-saude/drs-iii-araraquara Acesso em 05 de novembro de 2024.

EHRENBERG, A. **La société du malaise**. Paris: Odile Jacob, 2010.

ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. 1994

Embraer. Um Mundo de Solidariedade. Embraer. 2024. Disponível em: https://journalofwonder.embraer.com/br/pt/229-um-mundo-de-solidariedade Acesso em 05 de novembro de 2024.

Empresários e comerciantes preparam manifestação contra lockdown em Araraquara. Araraquara Agora. 2021. Disponível em: https://araraquaraagora.com/noticia/4780/empresarios-e-comerciantes-preparam-manifestacao-contra-lockdown-em-araraquara Acesso em 21 de outubro de 2024.

Ensaio obtido em Walter Benjamin – Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf.disponível em: https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-cerebrais,-da-medula-espinal-e-dos-nervos/delirium-e-dem%C3%AAncia/dem%C3%AAncia. Acesso em 01 de outubro de 2023.

ERCOLANI, P. **Figli di um io minore**. Venezia: Marsilio Editori, 2019

ERNAUX, A. **Os anos**. São Paulo: Fósforo, 2021.

EPTV. Coronavírus: Hospital de Campanha de Araraquara começa a atender na quinta com 50 leitos. G1. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/05/12/coronavirus-hospital-de-campanha-de-araraquara-comeca-a-atender-na-quinta-com-50-leitos.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024.

EPTV. Coronavírus: Prefeito de Matão questiona flexibilizações em vários setores de Araraquara. G1. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/07/16/coronavirus-Prefeito-de-matao-questiona-flexibilizacoes-em-varios-setores-de-araraquara.ghtml. Acesso em 18 de setembro de 2024.

ERCOLANI, P. **Il pensiero magico si è impossessato della nostra epoca: non si spiegano altrimenti i deliri no vax**. In *Il Fatto Quotidianno,* Società, 19/11/2021. Disponível em: https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/11/19/il-pensiero-magico-si-e-impossessato-della-nostra-epoca-non-si-spiegano-altrimenti-i-deliri-no-vax/6397175/. Acesso em: 02 de julho de 2022.

ERIKSEN, Th. H. **Sobreaquecimento: pequenos lugares e grandes questões naantropologia do século XXI**. Etnográfica vol.20 no.1 Lisboa fev. 2016.

ERIKSEN, Th. H. Lemonde est trop plen. In: **Fuori controllo. Un'antropologia del cambiamento accelerato**. Torino: Einaudi. 2017.

Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca INFORME ENSP. 2021. Disponível: https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926 Acesso em 13 de outubro de 2024.

FRASER, N. **Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistibution, Recognition and Participation**, p. 7-100. 1998

Frischlich, L; Humprecht, E. **Trust, Democratic Resilience, and the Infodemic**. Israel Public Policy Institute: Policy Paper Series. 2021

G1 Santos. Prefeito de Santos, SP, afirma que média de internações reduziu em 18% com medidas mais restritivas. G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/04/07/Prefeito-de-santos-sp-afirma-que-media-de-internacoes-reduziu-em-18percent-com-medidas-mais-restritivas.ghtml Acesso em 20 de outubro de 2024.

G1. Após 44 dias, Araraquara não tem morte por Covid em 24h; cidade teve confinamento de 10 dias. G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/26/apos-44-dias-araraquara-nao-registra-obito-por-covid-em-24h.ghtml Acesso em 20 de outubro de 2024.

G1. Fiscalização de Deputados no hospital do Anhembi gera tumulto e prefeitura diz que 'invasão' expôs funcionários e pacientes. 2020. Disponível: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/04/fiscalizacao-de-Deputados-no-hospital-do-anhembi-gera-tumulto-e-prefeitura-diz-que-invasao-expos-funcionarios-e-pacientes.ghtml Acesso em 18 de setembro de 2024.

G1. Itália restringe circulação por todo o país devido ao novo Coronavírus. G1. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/09/italia-anuncia-novas-medidas-para-conter-novo-coronavirus.ghtml Acesso em 18 de setembro de 2024.

G1. Justiça autoriza abertura do comércio em Araraquara; prefeitura recorreu da decisão. G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/26/justica-autoriza-abertura-do-comercio-em-araraquara-prefeitura-recorreu-da-decisao.ghtml Acesso em 19 de outubro de 2024.

G1. Justiça determina indenização para mulher detida após abordagem por descumprir decreto contra Covid em Araraquara. G1. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/02/08/justica-determina-indenizacao-para-mulher-detida-apos-abordagem-por-descumprir-decreto-contra-covid-em-araraquara.ghtml Acesso em 19 de setembro de 2024.

G1. Parceria entre Embraer e Unesp viabiliza 15 mil testes de Covid-19 em Araraquara. G1. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/05/04/parceria-entre-embraer-e-unesp-viabiliza-15-mil-testes-de-Covid-19-em-araraquara.ghtml Acesso em 05 de novembro de 2024.

G1. Por 13 votos a 4, Vereadores de Araraquara rejeitam pedido de cassação do Prefeito Edinho Silva. https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/08/03/por-13-votos-a-4-Vereadores-de-araraquara-rejeitam-pedido-de-cassacao-do-Prefeito-edinho-silva.ghtml Acesso em 05 de novembro de 2024.

G1. Um mês após confinamento, Araraquara registra redução de 39% no número de mortes e de 57,5% dos casos de Covid-19. G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/03/21/um-mes-apos-confinamento-total-araraquara-registra-reducao-de-39percent-no-numero-de-mortes-e-de-575percent-dos-casos.ghtml Acesso em 20 de outubro de 2024.

GALLI, C. Globalization. In: **Political Spaces and Global War**. London: University of Minnesota Press. 2010.

GALLINO, L. Checos'è Il finanzcapitalismo; Una civiltà asservita alla finanza dalla politica. In: **Finanzcapitalismo. La civiltà del denero in crisi**. Torino: Einaudi, ("2011

GALLINO, L. Dalla flessibilità del lavoro alla precarietà della vita. In: **Vite rinviate. Lo scandalo del lavoro precario**. Roma: Laterza. 2014

GALZO, W. **Polícia Federal abre investigação após suspeitas de corrupção em contrato da Covaxin**. Estadão. 2021. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/policia-federal-instaura-inquerito-para-investigar-denuncias-de-corrupcao-na-compra-da-vacina-covaxin-pelo-ministerio-da-saude/ Acesso em 01 de novembro de 2024.

GARCIA, G. et al. **CPI da Covid: Omar Aziz é eleito presidente e indica Renan Calheiros para relatoria**. G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/senado-instalacao-cpi-covid.ghtml 01 de novembro de 2024.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo; Editora Unesp, 199.

GOMES, P. H. G. **'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por Coronavírus**. G1. 20 de abril de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml. Acesso em 16 de setembro de 2023.

GRIN, E. J. et al. **A pandemia e o futuro do federalismo brasileiro**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 27, n. 87, 2022. DOI: 10.12660/cgpc.v27n87.85351. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/85351. Acesso em: 13 out. 2024.

HAMMES, B. **Manifestantes fazem buzinaço em frente a hospital no Paraná, e profissionais de saúde reagem pedindo respeito a pacientes**. G1. 04 de abril de 2020.

Disponível em: https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/04/04/manifestantes-fazem-buzinaco-em-frente-a-hospital-no-parana-e-profissionais-de-saude-reagem-respeite-os-pacientes.ghtml Acesso em 16 de setembro de 2023.

HAN, B. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HENRIQUE, A. **Três familiares de porteiro morto com Coronavírus são internados**. Folha de São Paulo, 18 de março de 2020. Disponível em: https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/03/quatro-familiares-de-porteiro-morto-com-coronavirus-sao-internados.shtml Acesso em 16 de setembro de 2023.

HOCHSCHILD, A. R. Love and Gold. In: **Global Woman. Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy**. New York: Metropolitan Books. 2004.

HOCHSCHILD, A. R. The Great Paradox; The deep Story and the People in it. In: **Strangers in their Land**. **Anger and Mouring on the American Right**. New York: The New Press. 2016.

Homem no Texas mata 5 vizinhos a tiros, incluindo criança de 8 anos. Folha de São Paulo. 29 de abril de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/motorista-de-aplicativo-mata-jovem-atropelado-e-debocha-menos-um-fazendo-o-l.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

HOMEM, M. **Lupa da alma: Quarentena-revelação**. São Paulo. Todavia, 1ªed. 2020.

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento – A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo. Ed. 34. 2003, p. 7-26 e 253-268.

HORKHEIMER. M. **Para la critica de la razón instrumental**. Buenos Aires: Sur, 1973.

HUMPRECHT, E. HELLMUELLER, L. HOSTEL, J. A. **Emotions in News Comments: A cross-National Analysis of Facebook Discussions**. Social Media + Society. 2020.

HUXLEY, A. **O despertar do mundo novo**. Editora Italaia. 2000.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 254p.

IANNI, O. **A Sociedade Global**. 3. Ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. 16ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2010.

IBGE. PNAD COVID-19. Disponível em: https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/

ILLOUZ, E., CABANAS, E. **Happycratie. Comment l'industrie du bonheur a pris lacontrole de nos vies**. Paris: Pluriel. 2018

ILLOUZ, Eva. «**Croire à la science ou pas est devenu une question éminemment politique, sans doute celle qui va décider de l'avenir du monde**. Le Monde. 10/12/2020. Disponível em:https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/12/10/eva-illouz-croire-a-la-science-ou-pas-est-devenu-une-question-eminemment-politique-sans-doute-celle-qui-va-decider-de-l-avenir-du-monde_6062819_3232.html. Acesso em 02 de julho de 2022.

JESUS, A. **Racismo reverso: afirmação da branquitude, negação da história**. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.maio. 2023. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismos-n32-artigo-racismo-reverso-a-negacao-da-historia-andreia>. ISSN 2179-1287.

JOHNSON, D. **Organização Mundial da Saúde declara novo Coronavírus uma pandemia**. ONU News. 11 de março de 2020. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881. Acesso em 07 de setembro de 2023.

Jornal da EPTV. Parceria entre Embraer e Unesp viabiliza 15 mil testes de Covid-19 em Araraquara. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8530475/ Acesso em 05 de novembro de 2024.

Joven Pan News. 2021. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/jovempannews/videos/os-pingos-nos-is-210621/322711669587971/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

LACERDA, C. e CHAIMOVICH, H. **O que é imunidade de rebanho e quais as implicações?** Jornal da USP. 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes/ Acesso em 18 de setembro de 2024.

LAERTE. https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2023/09/30/laerte.shtml. Acesso em 01 de outubro de 2023.

LÁZARO, N. **Presidência questionou prisão de mulher que furou quarentena em Araraquara**. Metrópoles. 2020. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/presidencia-questionou-prisao-de-mulher-que-furou-quarentena-em-araraquara Acesso em 19 de setembro de 2024.

LEMOS, V. **Ele está incentivando a baderna': o desabafo de enfermeira após Bolsonaro pedir que seguidores invadam hospitais**. BBC Brasil. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53030520 Acesso em 18 de setembro de 2024.

LEONI, F. **O papel do Supremo Tribunal Federal na intermediação dos conflitos federativos no contexto da Covid-19**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 27, n. 87, p. 1–17, 2022. DOI: 10.12660/cgpc.v27n87.83851. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/83851. Acesso em: 13 out. 2024.

LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1ª edição, 2018.

LICHOTTI, Camille. **O Lockdown**. Revista Piauí, 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-lockdown/ Acesso em 18 de setembro de 2024.

LIMA, Samuel. **Texto com informações incompletas sobre lockdown de Araraquara é usado para atacar restrição de circulação.** Estadão. 2021. Disponível em: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/texto-com-informacoes-incompletas-sobre-lockdown-de-araraquara-e-usado-para-atacar/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

'Lockdown dos insetos?' Por que fala de Onyx Lorenzoni sobre covid e animais não faz sentido. BBC Brasil. 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56536892#:~:text=Algu%C3%A9m%20consegue%20fazer%20o%20lockdown,mas%20podem%20transportar%20o%20v%C3%ADrus. Acesso em 21 de outubro de 2024.

Löwy, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo. Boitempo. 2005.

LYNCH, C; CASIMIRO, P. **Negacionismo e conspiracionismo como instrumentos do populismo reacionário**. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.maio. 2023. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismo-n32-artigo-negacionismo-conspiracionismo-populismo-reacion>. ISSN 2179-1287.

Prefeito de Matão questiona transferência de pacientes de Araraquara. Portal Morada. 2020. Disponível em: https://portalmorada.com.br/Prefeito-de-matao-questiona-transferencia-de-pacientes-de-araraquara/. Acesso em 18 de setembro de 2024.

Manifestantes vão às ruas contra lockdown em Araraquara. AcidadeON. 2021. Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/manifestantes-vao-as-ruas-contra-lockdown-em-araraquara/ Acesso em 19 de outubro de 2024

MARIA, F. **Com mortalidade 10 vezes menor que Santos, Araraquara é modelo contra o Covid-19**. Disponível em: https://www.boqnews.com/vida/com-mortalidade-10-vezes-menor-que-santos-araraquara-e-modelo-contra-o-Covid-19/ Acesso em 19 de setembro de 2024.

MARIN, A. **Moradores falam o que pensam sobre o confinamento em Araraquara: 'medo, melhor solução, mal necessário'**. G1. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/02/26/moradores-falam-o-que-pensam-sobre-o-confinamento-em-araraquara-medo-melhor-solucao-mal-necessario.ghtml Acesso em 19 de outubro de 2024.

MARTELLI, G. C. Ações Solidárias para Enfrentamento da Covid-19: gestão participativa importa. Revista Nau Social – v. 11, n.21, p. 271 – 279 Nov 2019 / Abr 2021. 2021.

MARTINS, G. **Prefeitura de Araraquara devolve área do hospital de Campanha**. AcidadeON. 2022. Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/prefeitura-de-araraquara-devolve-area-do-hospital-de-campanha/ Acesso em 05 de novembro de 2024.

MARX, K. Introdução à contribuição à crítica da economia política. In: **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo, Martins Fontes. 2008

Massuda, A. et al**. After a far-right government: challenges for Brazil's Unified Health System. The Lancet**. 22 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)00352-5/fulltext. Acesso em 25 de setembro de 2023.

Massuda, A. et al. **Bolsonaro's Ministry of Health's response to COVID-19 and other health challenges – Authors' reply**. The Lancet. 23 de setembro 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01363-6/fulltext. Acesso em 25 de setembro de 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MEDEIROS, J. **Mulher agredida em praça de Araraquara-SP se pronuncia e crítica decreto de governador e Prefeito: "isso é DITADURA".** Facebook. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/josemedeirosMT/videos/agredida-em-parque-de-araraquara-se-pronuncia/848504312331128/ Acesso em 19 de setembro de 2024.

MICHAEL, H. et al. **Degrees of deception: the effects of different types of COVID-19 misinformation and the effectiveness of corrective information in crisis times.** Information, Communication & Society. 2021. DOI: 10.1080/1369118X.2021.2021270.

MISHRA, P. **Age of Anger: History Of Anger**. Farrar, Straus and Giroux. 2017

MORAES, A. **Poluição do ar está associada a alto risco de demência, diz estudo de Harvard**. Folha de São Paulo. 28 de abril de 2023 Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/04/poluicao-do-ar-esta-associada-a-alto-risco-de-demencia-diz-estudo-de-harvard.shtml. Acesso em 29 de julho de 2023.

MOROZOV, E. **Solucionismo, nova aposta das elites globais**. Tradução de Simone Paz. Outras palavras. 23 de abril de 2020. Disponível em: https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/. Acesso em 08 de agosto de 2023.

Mortes e casos conhecidos de Coronavírus no Brasil e nos estados. G1. 28 de janeiro de 2023. Disponível em: https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/ Acesso em 16 de setembro de 2023.

NETTO, R. P. **Alessandro Vieira e Jorge Kajuru acionam Supremo para obrigar Pacheco a instaurar CPI da Covid no Senado**. Estadão. 2021. Disponível: https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/alessandro-vieira-e-jorge-kajuru-acionam-supremo-para-obrigar-pacheco-a-instaurar-cpi-da-covid-no-senado/ Acesso em 21 de outubro de 2024.

NOBRE, M**. Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo. Todavia, 1ªed. 2020.

Núcleo de Atendimento à Comunidade. UNESP. Disponível em: https://www2.fcfar.unesp.br/#!/nac Acesso em 05 de novembro de 2025.

O guia pervertido da ideologia. Direção de Sophie Fiennes e Produção de Slavoj Zizek. Irlanda: Blinder Filmes, 2012. 134 minutos, DVD.

O que é o novo Coronavírus? Fiocruz. 03 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-o-novo-coronavirus. Acesso em 12 de Janeiro de 2025.

OFÍCIO/SJMRI Nº 0093/2022. Município de Araraquara. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/spl/2022/04/Acessorio/1000440556_1000539874_Acessorio.pdf Acesso em 05 de novembro de 2024.

OLADIPO, G. **Texas trooper says they were told to push children into Rio Grande and deny migrants water**. The Guardian. 19 de julho de 2023. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2023/jul/18/texas-troopers-inhumane-migrants-greg-abbott-border-initiative. Acesso em 02 de agosto de 2023.

ORGIER, T. **Covid : au Brésil, ce maire qui résiste à la folie Bolsonaro**. Les Echos. 2021. Disponível em: https://www.lesechos.fr/monde/ameriques/covid-au-bresil-ce-maire-qui-resiste-a-la-folie-bolsonaro-1312066 Acesso em 20 de outubro de 2024.

PAIUTA, R. A. **Um estudo sobre os impactos de algumas medidas sanitárias na incidência e mortalidade por Covid-19**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Carlos. 2022.

PANCHER, S. FLORES, L. **Exclusivo: vídeos mostram "ministério paralelo" orientando Bolsonaro contra vacinas.** Metrópoles. 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/exclusivo-videos-mostram-ministerio-paralelo-orientando-bolsonaro-contra-vacinas Acesso em 21 de outubro de 2024.

Parceria entre Unesp e Embraer viabiliza 40 mil testes no interior do Estado. Governo do Estado de São Paulo. 2020. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/parceria-entre-unesp-e-embraer-viabiliza-40-mil-testes-no-interior-do-estado/ Acesso em 05 de novembro de 2024.

PARENTE, R e QUEIROGA, M. **Bolsonaro's Ministry of Health's response to COVID-19 and other health challenges**. 23 de setembro de 2023. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01364-8/fulltext#%20. Acesso em 25 de setembro de 2023.

PARREIRAS, C. Internet. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022

PASCHOALOTTO et al. **A regionalização do SUS: proposta de avaliação de desempenho dos Departamentos Regionais de Saúde do estado de São Paulo**. 2018. DOI 10.1590/S0104-12902018170095

PEIRÓ, S. **Covid: por que imunidade de rebanho de 70% não é suficiente para conter a pandemia. BBC Brasil**. 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-58559716 Acesso em 19 de setembro de 2024.

PENNA, G.O et al. **PNAD COVID-19: um novo e poderoso instrumento para Vigilância em Saúde no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, 25(9):3567-3571, 2020.

Pesquisas apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil. Agência Senado. 24 de junho de 2021. Disponível em: .https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil Acesso em 16 de setembro de 2023.

PEREIRA, O. H. A. de. PEREIRA, B. V. G. A. VECHIO, H. G. Del. **O NOVO CORONAVÍRUS E AS TRANSFORMAÇÕES NOS NEGÓCIOS: análise de**

mudanças em empresas do setor alimentício de Araraquara/SP. Interface Tecnológica – v. 17 n. 2. 2020.

PIRES, C. **A maior tragédia do Coronavírus pode ser nas favelas brasileiras**. New York Times. 31 de março de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/pt/2020/03/31/espanol/opinion/a-maior-tragedia-do-coronavirus-pode-ser-nas-favelas-brasileiras.html acesso em 16 de setembro de 2023.

PIVA, A**. Covid-19: após um mês de lockdown, aumenta o número de pacientes internados em leitos de UTI em Araraquara**. Revista OESTE. 2021. Disponível em: PIVA, https://revistaoeste.com/brasil/Covid-19-depois-de-um-mes-de-lockdown-aumenta-o-numero-de-pacientes-internados-em-leitos-de-uti-em-araraquara/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

Prefeito de Araraquara (SP) é ameaçado por causa de lockdown na pandemia da Covid-19. O Globo. 2021. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/Prefeito-de-araraquara-sp-ameacado-por-causa-de-lockdown-na-pandemia-da-Covid-19-24945556 Acesso em 19 de outubro de 2024.

Prefeitura pode perder terreno do Hospital de Campanha e Bombeiros. Câmara Municipal de Araraquara. 2022. Disponível em: https://www.camara-arq.sp.gov.br/noticias/prefeitura-pode-perder-terreno-do-hospital-de-campanha-e-bombeiros,20-05-2022 Acesso em 05 de novembro de 2024.

RAHAL, M. **Estudo mostra que lockdown rígido em Araraquara (SP) salvou 259 vidas. CNN Brasil**. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/estudo-mostra-que-lockdown-rigido-em-araraquara-sp-salvou-259-vidas/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

RCIA. **Araraquara integra lista de municípios transparentes com gastos da Covid-19**. Portal RCIA. 2020. Disponível em: https://rciararaquara.com.br/cidade/araraquara-integra-lista-de-municipios-transparentes-com-gastos-da-Covid-19/ Acesso em 18 de setembro de 2024.

REAGAN, R. **Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando, FL. Roanld Reagan Presidential library and museum**. 8 de março de 1983 https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-annual-convention-national-association-evangelicals-orlando-fl. Acesso em 16 de julho de 2023.

REDAÇÃO. **Justiça homologa acordo para Prefeitura de Araraquara reaver total pago por respiradores**. AcidadeON. 2024. Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/politica/justica-homologa-acordo-para-prefeitura-de-araraquara-reaver-total-pago-por-respiradores/ Acesso em 05 de novembro de 2024.

REDAÇÃO. **Manifestações contra medidas restritivas de combate à pandemia estão proibidas em Araraquara.** Imparcial. 2021. Disponível em: https://jornalimparcial.com.br/manifestacoes-contra-medidas-restritivas-de-combate-a-pandemia-estao-proibidas-em-araraquara/ Acesso em 19 de outubro de 2024.

RFI. **Libération destaca sucesso da luta contra Covid-19 em Araraquara, "à revelia de Bolsonaro"**. RFI. 2020. https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20200928-lib%C3%A9ration-destaca-sucesso-da-luta-contra-Covid-19-em-araraquara-%C3%A0-revelia-de-bolsonaro Acesso em 18 de setembro de 2024.

RIBEIRO, A. et al. **Osmar Terra mente à CPI ao falar de imunidade de rebanho e decisões do STF.** Aos Fatos. 2021. Disponível em: https://www.aosfatos.org/noticias/osmar-terra-mente-cpi-ao-falar-de-imunidade-de-rebanho-e-decisoes-do-stf/ Acesso em 01 de novembro de 2021.

Roberto Justus debate com Mion e diz que isolamento é necessário, mas 'vai custar caro'. Folha de São Paulo. 22 de março de 2022. Disponível em : https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/03/roberto-justus-debate-com-mion-e-diz-que-isolamento-e-necessario-mas-vai-custar-caro.shtml Acesso em 16 de setembro de 2023.

RODRIGUES, L. S. FIORIN, E. SANTOS, M. M. **A CIDADE ESVAZIADA: o lockdown em Araraquara-SP**. 7º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. 06 a 08 de outubro de 2021.

Romenzi, A. **ONU pede a países para combater notícias falsas e desinformação sobre Covid-19**. ONU News. 23 de setembro de 2020. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/09/1727222 Acesso em 17 de setembro de 2023.

ROSA, H. **Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP; 2019.

RUBIN, A. J. **A CLIMATE WARNING FROM THE CRADLE OF CIVILIZATION**. The New York Times. 29 de julho de 2023. Disponível em: https://www.nytimes.com/2023/07/29/world/middleeast/iraq-water-crisis-desertification.html. Acesso em 05 de agosto de 2023.

SAFATLES, V. JUNIOR, N. S. da. DUNKER, C. (Orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1ed; 3 reimp. Belo Horizonte : autêntica, 2022.

SAFATLE, V. **Bem-vindo ao Estado suicidário**. Disponível em: https://utopiasposcapitalistas.com/2020/03/27/bem-vindo-ao-estado-suicidario-vladimir-safatle/ acesso em 16 de setembro de 2023.

SAITO, A. **Araraquara tem 12 casos da cepa brasileira do novo Coronavírus**. Metrópoles, 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/araraquara-tem-12-casos-da-cepa-brasileira-do-novo-coronavirus Acesso em 19 de outubro de 2024.

SALOMÃO, A. **Brasil tem menos servidores que EUA, Europa e países vizinhos**. 30 de julho de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/brasil-tem-menos-servidores-que-eua-europa-e-paises-vizinhos.shtml. Acesso em 02 de agosto de 2023.

SAMPAIO, C. R. Fake news. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022

SANAR. **Linha do tempo do Coronavírus no Brasil.** Redação Sanar. 2020. Disponível em: https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/ Acesso em 18 de setembro de 2024.

SANTOS, M.N et al. **Duração do trabalho remoto e diagnóstico positivo de COVID-19: análise dos dados PNAD COVID19**. Ciência & Saúde Coletiva, 28(9):2601-2612, 2023.

SASSEN, S. Introdutcion; Shrinking Economies, Growing Expulsions; Dead Land, Dead Water. In: **Expulsions: Brutality and Complexity in the Global Economy.** Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. 2016.

SASSINE, V. **Para difundir cloroquina, Bolsonaro mobilizou cinco ministérios, estatal, conselhos, Exército e Aeronáutica**. Folha de São Paulo. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/para-difundir-cloroquina-bolsonaro-mobilizou-cinco-ministerios-estatal-conselhos-exercito-e-aeronautica.shtml Acesso em 20 de outubro de 2024.

SCHWARCZ, L. STARLING, H. M**. A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.

SCHWARCZ, L. **Entrevista com Lilia Schwarcz**. [23. mar. 2023] Recife: Revista Coletiva. Entrevista concedida à Cibele Barbosa. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismos-n32-entrevista-com-a-historiadora-lilia-schwarz>. ISSN 2179-1287.

SCHWARCZ, L. **O mundo Pós-Pandemia com Lilia Schwarcz: Lições da história**. CNN Brasil. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kvWDAMzBhT4 Acesso em 12 de setembro de 2023.

SEADE. **Oito medidas que tornaram Araraquara exemplo de combate à Covid-19 no Brasil**. Disponível em: https://www.seade.gov.br/oito-medidas-que-tornaram-araraquara-exemplo-de-combate-a-Covid-19-no-brasil/ Acesso em 16 de setembro de 2024.

SEADE**. Testagem para Covid-19 em Araraquara é maior que a média nacional**. 2020. Disponível em: https://www.seade.gov.br/testagem-para-Covid-19-em-araraquara-e-maior-que-a-media-nacional/ Acesso em 19 de setembro de 2024.

SILVA, E. Uma cidade na luta pela vida: da pandemia ao 8 de janeiro. São Pauli: Alere, 2023.

SILVA, L. E. P. et al. **Amazonas no epicentro da pandemia de COVID-19 uma revisão sistemática**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 5, n. 3,p. 9270-9280, may./jun., 2022

SIMÕES, M. **Primeira morte do Rio por Coronavírus, doméstica não foi informada de risco de contágio pela "patroa"**. Agência Pública. 19 de março de 2020. Disponível em: https://apublica.org/2020/03/primeira-morte-do-rio-por-coronavirus-domestica-nao-foi-informada-de-risco-de-contagio-pela-patroa/ Acesso em 16 de setembro de 2023.

SIMONI JUNIOR, S.; LAZZARI, E.; FIMIANI, H. **Federalismo fiscal na pandemia da Covid-19: Do federalismo cooperativo ao bolsonarista**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 27, n. 87, p. 1–20, 2022. DOI: 10.12660/cgpc.v27n87.83872. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/83872. Acesso em: 13 out. 2024.

SISMAR. **Precisamos falar sobre o lockdown de Araraquara sem paixões**. SISMAR Sindicato. 2021. Disponível em: https://www.sismar.org/post/precisamos-falar-sobre-o-lockdown-de-araraquara-sem-paix%C3%B5es Acesso em 19 de outubro de 2024.

Sistema de monitoramento Inteligente. Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/simi/

STREECK, W. **The Crisis in context democratic capitalism and its contradictions**. In Econstor: MPIfG, n.11. 2011

STROZZI, W. **ACIA espalha outdoors por Araraquara: 'precisamos trabalhar'**. AcidadeON. 2021. Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/economia/acia-espalha-outdoors-por-araraquara-precisamos-trabalhar/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

STROZZI, W. **Pesquisador cita exemplo de Araraquara durante CPI da Covid**. AcidadeON. 2021. Disponível em: https://www.acidadeon.com/araraquara/politica/pesquisador-cita-exemplo-de-araraquara-durante-cpi-da-covid/ Acesso em 05 de novembro de 2024.

SZWALO, J. Anti-intelectualismo. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022

SZWAKO, J. **Negacionistas: uma definição em camadas**. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.maio. 2023. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismos-n32-artigo-negacionistas-uma-definicao-em-camadas-por-szw>. ISSN 2179-1287.

TUCCKER, A. J. **The 2006 Origins of the Lockdown Idea**. 15 de maio de 2020. Disponível em: https://www.aier.org/article/the-2006-origins-of-the-lockdown-idea/. Acesso em 08 de junho de 2024.

TEIXEIRA, B. L. e LOPES, N. **Governo de São Paulo vai estender fase emergencial até 11 de abril**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-

noticias/redacao/2021/03/26/sao-paulo-prorroga-fase-emergencial-meio-de-abril.htm. Acesso em 20 de outubro de 2024.

TOLEDO, M. **Bolsonaro usa distribuição de alimentos da Ceagesp para criticar lockdown em Araraquara**. Folha de São Paulo. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/bolsonaro-usa-distribuicao-de-alimentos-da-ceagesp-para-criticar-lockdown-em-araraquara.shtml Acesso em 20 de outubro de 2024.

TOLEDO, M. **Bolsonaro volta a atacar lockdown de Araraquara e Prefeito diz que presidente fala inverdades**. Folha de São Paulo. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/bolsonaro-volta-a-atacar-lockdown-de-araraquara-e-Prefeito-diz-que-presidente-fala-inverdades.shtml Acesso em 19 de outubro de 2024

TOMAZELA, J. M. **Polícia barra carreata de empresários em pleno lockdown em Araraquara**. UOL. 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/02/25/policia-barra-carreata-de-empresarios-em-pleno-lockdown-em-araraquara.htm Acesso em 19 de outubro de 2024.

TrateCOV: aplicativo auxilia médicos no diagnóstico da Covid-19. Casa Civil. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2021/janeiro/tratecov-aplicativo-auxilia-medicos-no-diagnostico-da-Covid-19 Acesso em 05 de novembro de 2024.

UOL**. Homem arranca cruzes usadas em protesto contra mortes por COVID-19**. 11 de junho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fjeLmKS6d0sAcesso em 16 de setembro de 2023.

UOL. **Saúde demora, e MPF entra na Justiça para agilizar leitos em Araraquara**. UOL. 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/24/saude-demora-e-mpf-entra-na-justica-para-agilizar-leitos-em-araraquara.htm Acesso em 20 de outubro de 2024.

VARELA, H. **A importância do isolamento e por que precisamos estudar Araraquara e São Carlos**. Jornal da USP. 2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/a-importancia-do-isolamento-e-por-que-precisamos-estudar-araraquara-e-sao-carlos/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

VARELA, H. **Lições das medidas de redução de contágio em Araraquara e São Carlos**. Jornal da USP. 2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/licoes-das-medidas-de-reducao-de-contagio-em-araraquara-e-sao-carlos/ Acesso em 20 de outubro de 2024.

VENTURA, G. **Eduardo Bolsonaro protocola pedido de impeachment contra Prefeito do PT**. Metrópoles. 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/eduardo-bolsonaro-protocola-pedido-de-impeachment-de-Prefeito-do-pt Acesso em 05 de novembro de 2024.

WACQUANT. L. **Los condenados de la ciudad: gueto, periferias y Estado**. Traducción de Marcos Mayer. - 2ªd. - Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

WALTER, B. **O capitalismo como religião**. [organização Michael Löwy ; tradução Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu]. 1ed. São Paulo. Boitempo. 2013.

WARDLE, C & DERAKHSHAN, H**. Information Desorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe report DGI. 2017A.

WARDLE, C & DERAKHSHAN, H. MODULE 2: **Thinking about 'information disorder': formats of misinformation, disinformation, and mal-information.** In: Journalism, "Fake News" & Desinformation, Unesco. 2018.

WHO. WHO COVID-19 DASHBOARD. Disponível em: https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c Acesso em 19 de setembro de 2024.

ZIMMER, C. **Virus Variant in Brazil Infected Many Who Had Already Recovered From Covid-19**. New York Times. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/03/01/health/Covid-19-coronavirus-brazil-variant.html Acesso 13 de outubro de 2024.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS AGENTES PÚBLICOS

1. O que a pandemia de COVID-19 significou para a sociedade brasileira?

2. As medidas de combate à COVID-19 em Araraquara foram suficientes? O que mais poderia ter sido feito na sua opinião? E o que não deveria ter sido feito?

3. Na sua perspectiva, quais os grupos sociais, instituições e pessoas foram mais prejudicadas pela pandemia de COVID-19 em Araraquara?

4. Como a polarização política que o Brasil vivencia afetou o combate à pandemia de COVID-19 em Araraquara?

5. A desinformação foi um dos principais problemas enfrentados pela sociedade durante a pandemia, quais foram os motivos para que isso acontecesse e quais as possíveis soluções?

6. Diversos casos individuais e coletivos de desrespeito às medidas sanitárias ocorreram durante o estado da pandemia em Araraquara, qual foi o impacto para o Município?

7. Na sua opinião, quais os motivos que levaram as pessoas a desrespeitarem as normas decretadas, seja para ir em festas clandestinas, cultos religiosos, encontro familiares, etc?

8. Como os lockdowns realizados em Araraquara impactaram na convivência das pessoas?

9. Na sua opinião, houve um irracionalismo no modo como as pessoas, os grupos e as organizações não governamentais lidaram com as evidências científicas que foram fundamentais para as decisões de política pública no combate à COVID-19?

10. Quais os principais desafios para a administração pública que se apresentam no período pós-pandemia?

11. Quais são os ensinamentos que a Covid-19 proporcionou para a política e para a administração pública? O que devemos aprender com a Covid-19 para a qualificação da democracia?

APÊNDICE B – DIRETORES e VICE-DIRETORES DA UNESP DE ARARAQUARA

1. Como o decreto de pandemia da Sars Covid-19 foi compreendido por você em 2020? Quais foram as suas primeiras preocupações e reações para o que poderia ocorrer na UNESP e na cidade de Araraquara?

2. Quais foram as medidas tomadas para enfrentar o contágio de Covid-19 na UNESP?

3. Como os Diretores das unidades da Unesp agiram coletivamente no enfrentamento dos riscos da Covid-19? Qual foi a importância das faculdades, dos institutos, dos comitês, do conselho de diretores da Unesp na emergência sanitária?

4. Se a participação da Unesp não tivesse ocorrido, o que poderia ter acontecido na cidade e na região?

5. Quais foram as principais forças econômicas e sociais que criaram obstáculos para as medidas de distanciamento social, controle contágio, testes de contágio, para enfrentar a pandemia em Araraquara? Como você avalia a batalha cultural e política que foi desenvolvida em Araraquara durante a pandemia?

6. Qual foi o impacto da descoberta da variante P1 em Araraquara?

7. Como você compreende a força das desinformações, das fake news, do pensamento irracional e mágico difundido pelos meios de comunicação e informação tradicionais (rádio, jornal, televisão) e os da era das redes digitais?

8. Como o conhecimento científico produzido e aplicado pela Unesp foi capaz de enfrentar o problema do negacionismo, da infodemia e das batalhas culturais e políticas em Araraquara?

9. É possível dizer que aprendemos lições importantes com a Covid-19? Quais seriam as lições mais importantes que deveríamos guardar na memória histórica da Covid-19?

10. Quais foram as experiências que mais o impactaram como Diretor da FCL?

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADA: ELIANA HONAIN – SECRETÁRIA DA SAÚDE EM ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Pesquisador: Acho que eu queria começar te perguntando, a partir do geral, o que você acha que significou a pandemia de Covid-19 pra sociedade brasileira?

Eliana Honain: Acho que não só pra sociedade brasileira, Thiago, mas pro mundo, né? Porque foi um momento muito difícil, ninguém, no início...ninguém acreditava que ela pudesse tomar essa proporção que ela tomou, mas ela teve uma mudança. Ela proporcionou na sociedade uma mudança muito grande no perfil do povo como um todo, né? Foi um momento muito sério aí de confinamento e muitas pessoas que não acreditavam na doença, ela foi...um momento de reflexão. Agora, a gente levando pra especificidade do Brasil, ela também se manifestou num momento político, de uma divisão novamente no país, que já tinha acontecido logo em....2000 e...nós estávamos em 2020, mas tinha acontecido em 2018 com a eleição do Bolsonaro, que se mostrou uma força muito grande da direita, da extrema direita, e ela continuou, independente da doença, dos riscos, ela continuou sendo uma disputa entre a direita e a esquerda. Isso foi algo que dificultou muito, em relação a você ter adesão da população às medidas necessárias do controle da doença. Então essa foi uma característica muito forte aqui no Brasil, por que ela não ficou só na discussão da doença, mas ela ficou na discussão política.

Pesquisador: E aí transpondo pro âmbito local de Araraquara, pensando um pouco em gestão pública, nesse combate ao vírus que a gente estava conversando antes, você teve à frente esse momento todo, que foi muito difícil, fazendo um balanço. Você hoje, olhando para esse momento, entende que as medidas tomadas contra o vírus foram suficientes? Você pensa que tinham coisas que poderiam ter sido feitas além disso ou coisas que não deveriam ter sido feitas nesse momento? Como você vê isso?

Eliana Honain: Não, eu acho que a gente tomou medidas muito assertivas. Nós não tivemos, por exemplo, isso aí não deveria ter sido feito, né? Para você ter uma ideia, qual é a realidade e das políticas e de saúde do país? Quem dá política de saúde em qualquer área, a responsabilidade, a competência, é do governo federal. Então, ele dá as linhas gerais do que tem que fazer. Qual o papel dos estados? Eles darem um apoio técnico. Quem executa essas ações é o município. O que que aconteceu na Covid? Não tinha uma política nacional, tinha divergências, até descrédito da doença e de como conduzir a doença. O estado, aí falando o estado de São Paulo, ainda deu uma orientada, mas muito difícil de tomar posicionamento. Por exemplo, uma das grandes dificuldades que se tinha era na realização da testagem da população. Então, as medidas que Araraquara tomou foram extremamente assertivas e rápidas, porque a

primeira coisa em 2020, quando você esperava lá em primeiro caso foi 26 de fevereiro no Brasil, aqui em Araraquara foi 31 de março, você tinha que coletar um teste dentro de regras muito específicas, dois ou três sintomas, o paciente está grave, esperar esse resultado por 10, 15 dias, isso dificultava uma ação e uma adesão. Então, a primeira medida que a gente tomou muito assertiva foi a parceria com a UNESP, que a gente passou a ter os resultados de exame dentro de 24 horas. Então, todas essas medidas, primeira, outra coisa, ah, fazer um hospital de campanha, a gente sabia que não ia ter leito, mas o que que aconteceu durante o ano de 2020? A pandemia, ela ficou muito assim, todo mundo ficava assim esperando, tá? Chegou em fevereiro, março, na capital, ficamos todo mundo pronto, esperando e ela vinha, mas ela não veio com a intensidade que ela chegou no final de 2020. Mas não tem uma medida que a gente disse, olha, não deveria ter feito isso. Acho que foram todas muito assertivas

Pesquisador: A partir disso também, do desenvolvimento que teve a doença, no cenário do município, na sua perspectiva, quais foram os grupos sociais, as instituições e/ou pessoas que foram mais afetadas nesse momento?

Eliana Honain: Acho que não teve discriminação disso não. Todo mundo estava sujeito e passou por todas as categorias, sociais, econômicas, de raça, cor, sexo, né? É lógico que os idosos com comorbidades foram os que mais agravaram e foram a óbitos, mas também nós tivemos jovens que foram a óbitos. Então assim, ela não teve a maior categoria, ela teve não econômica, social, mas ela teve a divisão daqueles que não aceitaram. Aqueles, os negacionistas, esses foram os mais prejudicados porque eles não fizeram nenhum tipo de adesão às medidas de contenção e, mesmo depois, as medidas de proteção. Quando tivemos disponível só em 2021, em janeiro de 2021, a vacina, mas anteriormente de se manter dentro, recluso, de usar máscara e usar álcool gel, a gente teve aí então essas pessoas que tiveram maiores complicações, tá?

Pesquisador: E partindo disso, do prejuízo que as pessoas que negaram essa situação tiveram pessoal e coletivamente...a própria OMS declarou que a gente teve uma infodemia em determinado momento, o Diretor Geral falou sobre esse termo. Então, a desinformação foi um dos principais problemas enfrentados pela nossa sociedade. Qual você acha ou quais foram os motivos para que isso acontecesse, para que chegasse nessa dimensão e quais que são as possíveis soluções pra a gente combater essa infodemia, se a gente quiser chamar assim.

Eliana Honain: Então, a infodemia, ela aqui, ela aconteceu muito por conta do lado político. Nós tínhamos um presidente que ironizava a doença, ironizava a falta de ar das pessoas, ironizava a falta de oxigênio. Considerando um país dividido politicamente, a maior desinformação, o maior estrago nesse processo, foi feito do lado político pelo líder da nação,

pelo presidente. E aí ficou muito difícil você combater ao mesmo tempo, divulgação de medicamentos que não tinha nada cientificamente comprovado, então isso foi a grande dificuldade. A dificuldade da condução da pandemia, no país deu-se exclusivamente pelo lado político. Isso se mantém até hoje porque o país ainda está dividido. Então, no momento que não poderia ter uma divisão política em relação a uma doença que afetou o mundo todo, não poderia ser politizado. Outros países não politizaram isso, e as regras foram muito duras, né? Quando você conversa com pessoas que estavam em outros países, eu tive oportunidade de conversar na Europa. Foi tratado de uma maneira totalmente diferenciada e aqui no Brasil foi ironizado, ignorado. E falava-se até em termos muito pejorativos. Que aquilo era uma gripezinha, que a gente ia fazer imunização de rebanho, que quanto mais pessoas tivessem a doença, melhor era, porque eles tinham imunidade. E não é assim, porque a doença ela tem uma imunidade, mas é muito relativa, porque você teve a doença que você não vai ter mais? Tanto que várias pessoas tiveram várias vezes. Então, o maior problema aqui, dessa infodemia, foi realmente o político.

Pesquisador: Aqui, assim como ao redor do Brasil e do mundo todo, ou pelo menos em países que se encaixam nessa problemática, tiveram casos individuais e coletivos de desrespeito às medidas sanitárias que foram propostas aqui pelo governo local ou em outros âmbitos. Qual foi o impacto disso para o município, desses vários casos que tiveram ao longo do tempo?

Eliana Honain: Então, esse processo de desrespeito causou embates muito complicados. Teve uma pessoa que estava caminhando na praça que não podia, teve um embate lá com o guarda, foi divulgado no país inteiro, porque ela lhe desrespeitou. Então, isso teve um impacto muito ruim, e sempre levando para o lado político, porque a cidade é governada pela esquerda, e as pessoas fazendo esse enfrentamento, do descrédito na doença. E cada vez que acontecia uma ação dessa mais dificultava as nossas ações aqui dentro, porque isso continuava fazendo o quê? Discussão. “Tá vendo? Olha, não precisava ter feito isso.” Então, esses desrespeitos e as medidas que tivemos que tomar em relação ao desrespeito, não respeitar o lockdown, não respeitar as medidas de restrição, isso só causou mais dificuldade de a gente ter adesão das pessoas que precisavam realmente aderir às ações de combate.

Pesquisador: E, pensando nos motivos, na sua perspectiva, quais são os motivos...podem ser variados, né, que levaram as pessoas a desrespeitar essas normas decretadas, pensando também até no período de lockdown, no primeiro que teve, que foi o primeiro do Brasil aqui no município, né? E aí em atos diversos, festas clandestinas, cultos religiosos, encontros familiares. Por que que as pessoas desrespeitam as normas?

Eliana Honain: Porque elas não acreditavam na doença. O descrédito, como tinha uma linha de divulgação de que a doença não era tudo isso, e essa maneira de fazer essa desinformação...e

pelos todos os órgãos, porque eles mostravam tanto as mortes, que fez um apavoramento nas pessoas, porque a mídia fez muito isso, mas também mostravam outros, que não tinham nada a ver com isso, dizendo que não precisava fazer isso. Então, muitos não acreditaram na gravidade da doença, achavam que era alguma coisa apenas para segurar as pessoas dentro de casa, para desacelerar a economia. Então essa foi a grande dificuldade, né? As pessoas não acreditarem na doença.

Pesquisador: E aí pensando especificamente no lockdown, que eu acho que foi um momento que impactou muito, não só o município, mas o debate nacional, né? Quando chegou esse momento, esse tipo de ação de gestão pública, como que ele impactou na convivência das pessoas? Teve algum tipo de reflexão sobre isso? Chegaram alguns relatos para vocês?

Eliana Honain: Bom, o que aconteceu, no lockdown em si, não, porque quando eu fui e anunciei que a gente ia fazer lockdown, a população de Araraquara sabia que não tinha outra alternativa porque os casos estavam crescendo, não tinha vaga de internação nem nos hospitais públicos, nem no hospital de campanha, porque nós já tínhamos aberto mais leitos, fora hospital de campanha, nós precisamos abrir a unidade no Melhado, nem no público, nem no privado. Então, a população naquele momento, por quê? Porque um dos eixos fundamentais aqui, na condução da pandemia, foi a comunicação. Por mais que aqueles que não acreditavam, mas todo mundo esperava eu fazer lá direitinho e dizer o número de casos etc. Então, a realização do lockdown começou num domingo ao meio-dia, né? Então, foi assim, a população aderiu. O que aconteceu logo depois do lockdown? Foi aí que a gente começou a receber represálias, tá? Por quê? Porque a gente provou que teve decréscimo no número de casos e também de óbitos. E aí isso incomodou o outro lado, negacionista. E aí nós tivemos o quê? Nós tivemos ameaça de morte, tanto eu quanto o Prefeito, por conta dessa situação, porque qual que era o medo desse pessoal? Que nós vamos fechar de novo a cidade. E que isso estava refletindo, mostrando que as medidas que a gente tinha tomado, eram medidas corretas. Então, todos os olhares negacionistas do país se voltaram para Araraquara...por conta disso, pelo resultado obtido. Então, foi muito impactante em relação a isso. O ato de fechar todo mundo fez, ao que poucos não quiseram, mas não tinham alternativa porque estava fechado tudo, desde os supermercados. Então não tinha outra alternativa, mas o que mais incomodou foi depois o resultado obtido.

Pesquisador: A partir disso, você entende que, então, houve um irracionalismo por parte de pessoas, grupos e organizações não governamentais, no modo como eles lidaram com as evidências científicas que foram surgindo e sendo apresentadas, como parâmetro para guiar essas decisões de política pública?

Eliana Honain: Sim, foi isso. Eram grupos contrários, uma mobilização do setor econômico também, querendo jogar...porque a gente vive num capitalista que visa o lucro independente de qualquer coisa. É lógico que a pandemia causou grandes dificuldades econômicas no país como um todo e no mundo como um todo. Tanto que, se a vacina foi descoberta tão rapidamente, foi por conta disso. Porque todo mundo, os grandes países, o mundo, investiram recursos financeiros para desenvolver uma vacina, porque sabiam que a economia, viria água abaixo por conta dessa situação. Então, esses grupos...aqui em Araraquara foram grupos fortes, reacionários, alegando que o que foi necessário para conter a pandemia teve um preço muito alto para a população em relação ao desemprego, em relação à dificuldade financeira, que muitos faliram. E até hoje eles alegam que o comércio, foi muito prejudicado e continua prejudicado, e não é uma realidade só do comércio local, hoje a gente tem um e-commerce que faz a grande diferença, mas é muito fácil jogar nas costas da pandemia. Então, esses grupos organizados, muitos deles unicamente por interesses econômicos, né?

Pesquisador: Na sua visão, a partir de todo esse cenário, de tudo isso que aconteceu, quais que são os principais desafios para a administração pública que se apresentam nesse período pós-pandemia?

Eliana Honain: Então, em relação ao pós-pandemia, os desafios é você resgatar. Primeiro, os municípios gastaram muito, Araraquara gastou muito com a pandemia, né? Gastou recursos que não tinha, inclusive. Então, muitas outras ações ficaram para trás, principalmente ações da zeladoria, do cuidado com a cidade, as políticas públicas, nossas escolinhas de esporte, as nossas oficinas culturais ficaram paradas e hoje você tem o quê? Que resgatar. Mas principalmente o lado econômico e o lado do comércio, que você tem que criar mecanismo para dar uma revitalizada, principalmente nos corredores comerciais, que hoje é o grande desafio que a gente tem. Sobrou pro governo municipal recuperar principalmente a zeladoria, que a gente tem grandes dificuldades por conta do tempo que ficou, recuperar aí os corredores comerciais e começar recomeçar todas as obras que ficaram paradas no município.

Pesquisador: E, sobre ensinamentos, o que a gente pode pensar, a partir do período da Covid, o que você entende que esse período proporcionou de ensinamento tanto para a política em geral quanto para a administração pública?

Eliana Honain: Primeiro que a administração pública e a política, por exemplo, a Araraquara, ela só se saiu bem por quê? Porque ela teve parcerias, principalmente as parcerias com as universidades. Então foram fundamentais, e porque a gente seguiu a ciência, a gente não deixou a política nacional influenciar nas decisões do município. Então, através dessas parcerias com as universidades e seguindo aquilo que a ciência preconizou, foi por aí que a gente seguiu esse

caminho. Então, o aprendizado é isso, que ninguém é dono do poder. A política, ela tem que ser baseada na ciência.

Pesquisador: E por último, o que você acha que a gente deve aprender com a Covid-19 para a qualificação da democracia?

Eliana Honain: Então, acho que importante a gente para qualificar a democracia é respeitar a opinião das pessoas, né? Saber respeitar, mas saber ouvir também. Então, a arte, a democracia é uma arte de construção e de convencimento. Então, para a democracia, nem sempre a posição política de uma pessoa, a posição, a decisão de uma pessoa, ela é aquilo que tem que ser vista única e exclusivamente como uma verdade. A gente tem a capacidade de ouvir os dois lados e sempre...há, principalmente na pandemia, é ouvir o lado da ciência independentemente da posição política. Esse é um aprendizado, para todos, porque, uma coisa que mexe com vida e morte, que é uma linha tão tênue, ela não pode ficar exclusivamente ligada a apenas posicionamentos políticos, políticos partidários.

ENTREVISTADA: ROWAYLLY ALEXANDRINO - GERENTE DE COMBATE À COVID-19 EM ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA

Pesquisador: O que que a pandemia de COVID-19 na sua perspectiva significou para a sociedade brasileira?

Rowaylly Alexandrino: Vocês estão profundos já começando assim né? (risos) Eu vejo que a pandemia, ela trouxe, em aspecto social, a dificuldade que as pessoas não viam em se relacionar, porque eu acredito que era muito fácil a gente chegar, encontrar amigos, sair, ver pessoas, estar no meio do público, assim, em meio de...aglomeração, família. Então, eu acho que a dificuldade em você se isolar no social, eu acho que trouxe essa questão de: "vamos ser mais empáticos, vamos estar mais juntos", né? Porque o isolamento, ele é muito triste. Você se distanciar, não poder abraçar, não poder beijar. Isso eu falo na parte, emocional das pessoas. Na parte da saúde, ela trouxe... eu acho que ela trouxe uma experiência muito grande para os profissionais e para a ciência de que a gente vive isso a cada décadas, né? É, então, eu acho que trouxe experiência na parte das ciências e dos profissionais de saúde. Hoje, talvez, se a gente tivesse que enfrentar novamente uma pandemia ou uma epidemia, eu acho que a gente saberia lidar melhor. Não que não seria difícil, porque é desconhecido, né? Às vezes, o que vem é desconhecido, mas eu acho que a gente conseguiria, de uma outra maneira, lidar melhor com a situação, né? Então, eu acho que isso foi o que trouxe.

Pesquisador: Foi uma coisa nova, então, isso configura um desafio, né? Olhando aí no retrospecto do que aconteceu em Araraquara, você entende que as medidas gerais, elas foram suficientes nesse combate? Se você pensa que teria mais alguma coisa do que não foi feito que poderia ter sido feito agora, né, com toda essa experiência acumulada, e algo que foi feito que talvez não deveria ter sido feito?

Rowaylly Alexandrino: Eu acho que tudo que tinha que fazer Araraquara fez. A gente fez, é... seguiu a ciência, né? O que foi... o que estava vindo, passando lá da OMS, dos outros países, o que estava acontecendo, que estava dando certo, eu acho que Araraquara adquiriu, assim como o *lockdown*, a testagem, o isolamento, a obrigatoriedade do uso de máscara. Eu acho que nós usamos todas as possibilidades que nós tínhamos de conhecimento e do que era nos passado perante a ciência, perante o conhecimento deles também e de órgãos maiores que também estavam tendo contato com outros lugares. Eu acho que Araraquara fez. Eu não vejo nada que não deveria ter feito. É, pelo contrário, eu acho que desde o *lockdown* até o uso obrigatório de máscara em lugares públicos, mesmo depois da vacina, que ainda permaneceu por um período, eu acho que a gente fez o possível. E às vezes eu acho que a gente fez algumas coisas impossíveis, que não imaginaria que conseguiríamos fazer em relação a isso. Eu acho que todas as medidas que nós tomamos foram certas.

Pesquisador: E até, partindo do que você disse no início também, sobre essa dificuldade das pessoas na questão do afeto, mas olhando também para um geral na cidade, quais que foram os grupos ou instituições que foram mais prejudicados, e pessoas também, pela pandemia? Se você enxerga algum tipo de recorte nesse sentido.

Rowaylly Alexandrino: Eu não digo prejudicados, porque eu acho que prejudicou toda a população, desde criança até idosos. Então eu não vejo isso como prejudicial para um grupo. Eu acho que prejudicou em geral. Eu acho que a questão é: os mais afetados, talvez por ser essencial, é a área da saúde, né? Eu acho que o grupo da área da saúde teve que enfrentar...não tinha como se resguardar. É, a questão dos alimentos, a parte de alimentícios, eles também não tinham como parar. Eu acho que os grupos mais afetados foram esses, tá?

Pesquisador: E você entende que, de alguma forma, a polarização que aconteceu no cenário brasileiro afetou o combate à pandemia em Araraquara, e de que forma?

Rowaylly Alexandrino: Eu acho que afetou na questão de apoio, tanto você ter o apoio federal né, do governo aqui de Araraquara ter um apoio federal, um embasamento, e sem contar, essa polarização que teve em relação ao que as pessoas pensavam, né? Então, eu acredito que sim, foi prejudicado... Araraquara teve, na questão de verba para combater, você não tinha um apoio federal, então a gente teve que usar recursos próprios, porque era visível que o federal não

apoiava certas atitudes, principalmente no *lockdown*. Quando a gente resolveu fazer o *lockdown*, a gente teve uma recusa do federal a aceitar isso, né? Ele bateu de frente, não sei se você lembra da época do...que você estava aqui, né? Você falou que estava aqui da época de "ter que matar cachorro para comer". Então, a gente teve isso do próprio governo. E isso gera também na população que acredita nisso, né, um afastamento do que a ciência faz, do que a gente acredita. Então, eu acho que foi prejudicado nessa parte federal e em questão das pessoas aderirem ao que era mais correto fazer no momento.

Pesquisador: E até esse fato do cachorro, né, e outros similares assim, acho que contextualizam bastante que a desinformação foi um dos principais problemas enfrentados pela sociedade como um todo durante a pandemia. Como que você vê quais que foram os principais motivos para que isso acontecesse, se fortalecesse, e, eh, algumas possíveis soluções?

Rowaylly Alexandrino: Eu acho que Araraquara, ela não estava desinformada. Eu acho que nós tínhamos a nossa comunicação aqui, ela foi essencial, foi um dos papéis essenciais para que a gente deixasse a população de Araraquara informada. Eram feitos boletins, eram divulgados na mídia, a Vigilância estava trabalhando praticamente 24 horas por dia, as UPAs, os hospitais. Então, eu acho que a desinformação em Araraquara não era o principal problema. Eu acho que o principal problema é que uma parte, uma população pequena, tinha informação em mídia, tinha um apoio negacionista de que nada do que a gente estava fazendo funcionava. Então, eu acho que foi esse o problema. isso é uma opinião agora minha. Eu acho que o...falando em geral, o brasileiro, ele estava esperando uma coisa de um governo federal novo, que infelizmente atrasou, teve um retrocesso, principalmente, acabou caindo na época da pandemia. Então, eu acho que eles foram muito pela cabeça do negacionismo de quem estava liderando o país, né? Então, na minha opinião, agora, eu acho que desinformação em Araraquara não existiu. Foi uma coisa que a gente trabalhou muito em cima. Então, na minha opinião, é isso, tá?

Pesquisador: Tá. E mesmo que, eu não sei agora exatamente a proporção disso em comparação com outros municípios, mas mesmo que aqui possa ter sido menos, existiram casos individuais e coletivos de desrespeito às normas, de furar, né, o isolamento, a quarentena, ou depois o *lockdown*. Qual que foi o impacto disso para o município, no combate ao vírus nesse momento?

Rowaylly Alexandrino: A gente atuou tanto na... dentro da residência das pessoas, né, quanto na cidade mesmo. Então, tanto na época do *lockdown* quanto na época de obrigatoriedade de isolamento social, nós tínhamos equipes para isso. É, era difícil, porque as pessoas precisavam entender que necessitava de um isolamento. Então, fazê-los entender o motivo de você se isolar, de você estar longe da sua família ou de outras pessoas, era um pouco difícil. O que trouxe de

problema? Na verdade, eu queria muito amizade, né? (Risos) Porque para mim não tinha diferença se era um pedreiro ou se era um político, vamos dizer assim, ou se era um médico. Se a minha equipe constatasse, então eu não deixava de autuar, né? Então, particularmente falando, eu arrumei um pouco de inimizade, mas em relação à cidade...eu acho que não dá para ver, assim, socialmente o que afetou, porque a gente batia muito em cima. Então, a gente, mesmo tendo aquelas pessoas que furavam o bloqueio, que desrespeitavam as normas, a gente conseguiu controlar. Então, eu acho que, eh, não vejo uma negatividade no que a gente fez, tá? E nem vejo que se prejudicou alguma coisa. Eu acho que não foi prejudicial, porque a gente conseguiu... era uma população pequena que negava isso. Então, a gente conseguiu fazer o *lockdown*, a gente conseguiu colocar uso obrigatório, a gente conseguiu colocar testagem na rodoviária, nas entradas da cidade. Então, e as pessoas viam, sabiam que tinha... entrar, era lei, estava acontecendo no mundo inteiro. Então, eu acho que prejudicial não foi, não teve nada que prejudicou, além das minhas amizades (Risos).

Pesquisador: É difícil, né? (Risos). Pensando nesse pequeno grupo que estava mesmo diante de todas as ações, desrespeitando as normas, teve aquele caso, paradigmático, digamos assim, daquela senhora na praça, foi logo no início, né? E as manifestações pela cidade. Qual que é a motivação, na sua visão, se você já teve algum tipo de levantamento em relação a isso também, para que essas pessoas fizessem isso, seja para manifestação, seja para festa, seja para culto, qual que é a motivação que essas pessoas tiveram para passar por cima dessa normativa toda que foi proposta pela prefeitura para continuar a vida, digamos assim?

Rowaylly Alexandrino: Eu acredito que elas acreditavam no que o federal estava trazendo, que era só uma gripezinha e que não precisava de tudo isso. Então, ali batia forte a questão de não aceitar a realidade do mundo. Isso aparecia constantemente na mídia. Estava constante porque era uma figura que representava o Brasil. E as pessoas que não tinham conhecimento, as pessoas que não...eram ignorantes nesta parte, não conseguiam... eu acho que elas não conseguiam enxergar que estava dando certo, mesmo com toda a informação que a gente tinha. E aí, acabava seguindo realmente o que... o que o líder passava, né? Eu vejo dessa maneira. Eu acho que isso que motivava eles: "Tem alguém lá em cima, alguém que manda, que está falando que não é isso. Por que que eu vou seguir Araraquara? Por que que eu vou seguir um governo menor?". Então, eu acho que isso motivou bastante.

Pesquisador: Pensando especificamente nos *lockdowns*, que também foi bem paradigmático, foi a primeira cidade a propor o *lockdown* no Brasil, né? E aqui foram dois. Como que você vê que esses, ou se isso aconteceu, né? Qual que foi o impacto nisso da convivência das pessoas?

Então, daquele lado, do início que você trouxe, né? Então, como que o *lockdown* impactou na convivência das pessoas?

Rowaylly Alexandrino: Eu acho que foi o que eu te falei mesmo, a dificuldade de você não poder ir até...é, vamos pensar assim, ó: numa família, eu tenho o pai, a mãe e o filho, só que eu tenho a mãe do pai, a mãe da mãe, que mora em outra residência. Eu acho que tem famílias que estão acostumadas a estar todos os domingos juntos, almoçando juntos. Então, eu acho que isso foi bem difícil para as pessoas. Eu, particularmente, eu não parei. Então, para mim, a minha vida continuou. Eu não ia na minha mãe, não ia no meu pai, não tinha convivência com os meus amigos, nem com a minha família. Estou falando por mim, o que eu vivi, que eu acho que foi uma experiência, também, ao mesmo tempo que eu... a minha válvula de escape foi o trabalho. Então, eu imagino quem não tinha trabalho, quem não podia sair para trabalhar. Foi muito difícil. Eu me enfiei no trabalho e nem mesmo por ligação, às vezes, eu fazia, porque foi uma válvula de escape. Então, eu acho que quem ficava isolado dentro de casa, longe do pai, da mãe, dos netos, eu acho que a dificuldade deles foi grande. Eu acredito que, é o que eu te falei no começo: impactou na empatia, no você querer estar perto, no você saber o valor da família, o valor de ter mesmo uma relação. É, o valor familiar, né? Muitas vezes se comunicavam, hoje a gente tem os vídeos, né, por videochamada, mas a questão do afeto, a questão de estar todo mundo reunido em volta de uma mesa de almoço num domingo, eu acho que isso foi bastante prejudicial mentalmente. Psicologicamente para as famílias

Pesquisador: E na sua opinião, houve algum tipo de irracionalismo no modo como as pessoas, mas também grupos e organizações não governamentais, né, que não estavam por dentro aí das ações públicas, lidaram com essas evidências científicas que foram aparecendo e que foram fundamentais, né, como você mesmo disse, para nortear as decisões que vocês tomaram no combate à Covid aqui no município?

Rowaylly Alexandrino: Você fala... a população... se tinha grupo.... deixa eu entender a sua pergunta, que essa ficou um pouco confusa. É, se tinham pessoas fora do governo, no caso, da população, que racionalizavam em questão da ciência, sabiam, e mesmo assim não fizeram? É isso?

Pesquisador: Isso. Ou até interpretavam, como você citou naquele outro exemplo, o mundo de uma outra maneira, digamos assim. Então, esses eram os fatos que vocês estavam divulgando e o modo como, não só pessoas individuais ou grupos ou organizações... se você percebeu esse tipo de movimentação, ou se não, não aconteceu.

Rowaylly Alexandrino: Sim, a gente teve bastante casos de falar que a gente manipulava dados, que a gente colocava óbitos que não eram por Covid para falar que o que nós estávamos

fazendo dava certo. E a gente vê sim que teve... (entrevista interrompida). Então, teve sim grupos que se organizaram, principalmente falando politicamente. A gente sabe que existe a direita, a esquerda, né? Existem grupos que vão a isso. Eles, muitas vezes, se juntaram e falaram que os dados que a gente passava eram dados que não existiam, que não estavam acontecendo. Os óbitos que a gente provocava, falando que era COVID e morreu por outra coisa. Fazendo manifestações em frente da casa da secretária, do Prefeito, por conta do *lockdown*. Então, sim, eu acho que existiu, sim, grupos. Foi perceptível isso na nossa visão aqui para nós. Enquanto vigilância, a gente teve várias vezes a nossa equipe sendo maltratada, a nossa equipe sendo julgada, aqui na porta, muitas vezes, com agressividade, com...(tosse) palavreado de que a gente estava fazendo essa movimentação para criar pânico e ganhar dinheiro. Então, sim, teve organizações, e teve populações inocentes, que eu falo que são as pessoas de... que não têm estudo, não têm conhecimento para isso e que acabaram levando em consideração o que esse grupo trazia, e também acabaram se envolvendo. E a gente passou bastante por isso, tá?

Pesquisador: E na sua visão, quais que foram, e são, né, principalmente, os principais desafios para a administração pública que se apresentam agora nesse pós-pandemia?

Rowaylly Alexandrino: É, hoje eu vou falar enquanto gestão, e aí envolve, acho que, a coordenação da saúde, o Prefeito, no caso. Eu acho que a parte pública e política não tem como não envolver isso. E as pessoas precisam entender que a pandemia não acabou. A nossa emergência sanitária acabou devido à vacinação, graças a Deus. A gente teve... é nítido, se você for procurar nos índices, o quanto a gente teve de queda de casos e óbitos após a vacinação, e outras medidas que vieram sendo tomadas juntas, mas a vacinação foi o nosso principal. Então, as pessoas esqueceram um pouquinho do que a gente viveu lá, infelizmente. Ainda existe o vírus, ainda circula, o vírus ainda está matando. Ele tem os seus picos. Então eu acho que a nossa dificuldade é essa ainda: mesmo com a comunicação trabalhando junto, mesmo quando a gente tem um aumento de casos, um aumento de óbitos, a gente vai a público informar isso, trazer para as pessoas se cuidarem, porque, hoje, a classe que mais é grave são crianças, idosos. Assim como toda doença, né? Por eles terem comorbidade, as crianças por ainda não estarem com a vacinação completa. Então, essa é a dificuldade que a gente encontra hoje na pós-pandemia: que as pessoas entendam que o vírus ainda existe e que ele precisa ser controlado. E, claro, a vacinação. Depois da pandemia, o nosso governo, que liderou durante a pandemia, o negacionismo quanto à vacina. Então, hoje o Brasil, ele tem um... ele tinha um... ele era um dos melhores países em relação à vacinação, e a gente caiu muito. Isso também acontece com a Covid.

Pesquisador: E, por último, se a gente tivesse que destacar, né, se você destacasse ensinamentos que a Covid-19 trouxe, tanto para a política e para a administração pública, e também o que que a gente pode aprender com esse momento da pandemia para a qualificação da democracia?

Rowaylly Alexandrino: Olha, eu acho que, falando em administração pública, que a gente precisa se unir, ter um apoio desde o federal, do estadual, e do municipal em relação à política pública administrativa. Isso aí faltou muito para a gente. Foi muito difícil, como eu te falei nas outras questões, a gente não ter esse apoio. Então, eu acho que isso seria um aprendizado: se unir, ter que trabalhar junto para um bem maior, que é a população e a saúde da população. É... Qual que é o outro? Administração pública?

Pesquisador: Isso. E aí, né, para a gente pensar na democracia, então o que que esse momento da Covid nos ensinou para qualificar essa democracia que temos?

Rowaylly Alexandrino: É, acho que a questão de você acreditar e aceitar se as medidas públicas, as medidas impostas, é o correto ou não... existe essa democracia. Você pode aceitar, acreditar ou não, né? É... porém, a dificuldade que nós tivemos é das pessoas aderirem. Mesmo que você não acredite, você não é obrigado a acreditar, obrigado a fazer. Mas a ver que a coisa está dando certo é uma maneira de você... como que eu posso falar? É... não é apoiar, é você... ajudar com aquilo. Então, se está dando certo, é ajudar a construir. Mas o problema que a gente teve é que a democracia, ela traz a liberdade de expressão, e eu acho que as pessoas não sabem quando usar. Nesse momento, lógico, que era muito novo para todo mundo. Ninguém sabia o que estava acontecendo, ninguém sabia o que era certo, o que era errado, se ia dar certo, se não ia dar certo. A gente também, enquanto gestão, estava tentando acertar e fazer o melhor. Mas a democracia, eu acho que ela traz um pouco para as pessoas a liberdade de você, mesmo vendo que está dando certo, ir contra. Então, é bom ter a democracia, porque a gente tem opiniões e visões diferentes. E vamos enxergar de uma maneira diferente do que... uma cabeça pensa melhor do que duas. Mas eu acho que a gente aprendeu que as pessoas são diferentes e que, às vezes, nem sempre vai ocorrer da maneira que a gente prevê.

ENTREVISTADO: ATAIR MACHADO DE OLIVEIRA – FISCAL DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA DE ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Pesquisador: A primeira pergunta, acho que começando mais o geral. O que você...como você vê que a pandemia de Covid-19...o que que ela significou pra sociedade brasileira?

Atair Machado de Oliveira: O significado...olha, cara, eu não sei exatamente explicar o que significou. Foi um foi a primeira vez que essa geração aqui passou por uma pandemia. A humanidade passou por algumas pandemias, mas foi bem para trás, né? Existe algumas regionalizadas na África, tem algumas, mas nunca chegou aqui, essa foi a primeira que chegou aqui e eu acho que foi importante para a cidade...teve que se reorganizar para evitar essa doença. Todo mundo teve que se ajudar, mas eu...do ponto de vista humanitário foi importante.

Pesquisador: E aí pensando em Araraquara, olhando o que a gente até estava conversando agora a pouco disso, desses dois anos que agora passaram, que a gente consegue ver um pouco com calma. As medidas de combate a Covid aqui, na sua perspectiva, elas foram suficientes? Você vê que teria algo que poderia ter sido feito, alguma coisa ou coisas que não deveriam ter sido feitas? Como é que você enxerga?

Atair Machado de Oliveira: Ó, de acordo com o conhecimento científico que nós tínhamos na época, eu acho que tudo foi feito. Foi o isolamento social, uso de máscara, álcool, gel. E eu mesmo, eu tive, eu "peguei três Covid" durante a pandemia. A primeira que eu peguei foi daquela cepa mais violenta, eu peguei a Covid trabalhando. Vários amigos nossos aqui, fiscais, pegaram o Covid. Eu levei o Covid para dentro de casa, minha mãe, ou melhor, minha esposa pegou, a minha sogra pegou, foi a óbito. Foi uma época muito difícil.

Pesquisador: Na visão dessa época, até partindo desse seu relato, quais os grupos sociais, instituições e pessoas você vê que foram mais prejudicadas pela pandemia em Araraquara?

Atair Machado de Oliveira: Olha, o comércio, a indústria, foi muito prejudicado. O setor da alimentação sofreu muito, restaurantes, lanchonetes, bares, pessoal que trabalha com evento, festas, eles foram muito prejudicados.

Pesquisador: E como você vê que a polarização política que o Brasil todo, pensando no cenário brasileiro, vivenciou, afetou o combate à pandemia aqui em Araraquara? Você vê que teve isso ou não teve?

Atair Machado de Oliveira: A questão política?

Pesquisador: É, como essa polarização política da nossa sociedade afetou o combate ao vírus aqui?

Atair Machado de Oliveira: Olha, durante as barreiras sanitárias que nós fazíamos nas ruas, tinha muita pessoa, muitas pessoas criticavam a barreira sanitária, falaram que era desnecessário. Teve uma rejeição boa, inclusive algumas pessoas [interrupção] Um cidadão que parou, eu abordei ele na barreira sanitária, ele falou, ele criticou o Prefeito, criticou todo mundo. O método que o Prefeito estava utilizando, ele criticou, ele não quis se identificar na barreira,

mas nós descobrimos depois quem, quem era o cidadão. Ele foi até processado, por crime contra a saúde pública.

Pesquisador: Pensando ainda nesse cenário, eu acho que a desinformação foi um dos principais problemas, desafios, que foi enfrentado pela sociedade durante a pandemia. Até a OMS, em um determinado momento, falou sobre uma infodemia, usou esse termo. E qual que você acha que foram os principais motivos para que isso acontecesse, essa problemática com a desinformação e quais são as possíveis soluções pra gente contornar esse problema?

Atair Machado de Oliveira: É, a desinformação foi muito grande mesmo. A Organização Mundial de Saúde não sabia exatamente como combater a doença, eles falavam que era para usar o álcool gel, mas depois era para usar máscara, isolamento. Você pode ver nos hospitais, muitas pessoas morreram, porque eles foram descobrindo aos poucos como combater a doença. No começo eles não entubavam as pessoas, depois começaram a entubar as pessoas. Aí foi salvando vidas, viram que esse procedimento ajudou muito, o isolamento social ajudou bastante. E hoje em dia se fala que o uso de máscara já não é tão eficiente...Não se faria necessário mesmo, porque das características do vírus.

Pesquisador: Aqui tiveram vários casos individuais e coletivos de desrespeito às medidas sanitárias que foram propostas. Qual que foi esse impacto pro município?

Atair Machado de Oliveira: O impacto para o município, olha, como que eu vou te explicar isso? Nós tínhamos uma rotina de, de visitas nos estabelecimentos, né, que foi colocado para nós. Nós tínhamos que andar pela cidade visitando os estabelecimentos para ver se eles estavam realmente fechados. Que acontecia, eu pessoalmente encontrei vários estabelecimentos abertos, funcionando e as pessoas brincando como se não tivesse pandemia. Aí tivemos que chamar guarda, polícia, o pessoal foi processado, deu briga. Muitas pessoas, jovens, eles não aderiram esse lockdown. Eles faziam festa, funk no meio do mato, no meio do canavial, eles se reuniam via internet, Facebook, essas mídias sociais, eles se reuniam: “então vamos em tal lugar e vão fazer a festa lá no meio do mato canavial lá”. E esse deu muito trabalho para nós, deu polícia, nós fomos recebidos a pedrada, tiro, mesmo a polícia falou assim: "Não, deixa quieto, não vamos entrar em confronto com essa pessoa que vai ser pior ainda."

Pesquisador: E, na sua opinião, quais que foram os motivos para, além desse impacto que teve, para que essas pessoas desrespeitassem as normas decretadas? Independentemente do motivo, seja para ir em festa clandestina ou culto religioso ou encontro familiar ou manter o estabelecimento aberto.

Atair Machado de Oliveira: Olha, eu, por causa dos jovens especificamente, eu acho que eles não acreditavam muito na doença. Mesmo porque os jovens eles contrariam a doença e não

tinham um agravamento, igual um idoso tinha ou uma criança tinha. eles falavam: "Ah, nós vamos pegar isso daí, vai ser uma gripe e não vai passar disso." Por isso que eu acho que eles adotaram esse comportamento.

Pesquisador: E em relação às outras pessoas que desrespeitaram, qual que você acha que foi essa motivação?

Atair Machado de Oliveira: Que não respeitaram?

Pesquisador: Isso

Atair Machado de Oliveira: Olha, eu acho que foi falta de informação, né? As pessoas, eu acho que uma boa parte não acreditou que essa doença fosse tão, vamos dizer assim, letal. Você pode ver que algumas pessoas pegam, eu peguei três vezes, não, eu não...eu sofri um pouco. Tive muita dor de cabeça, muita dor de garganta, dor no corpo terrível, que foi aquela cepa mais agressiva. Até depois vieram algumas outras cepas menores e, e também entrou com a vacina. Mas até que eu, as pessoas acho que elas não estavam acreditando mesmo na letalidade da doença.

Pesquisador: E, para além só das medidas que já vinham sendo aplicadas, como que você acha que os dois lockdowns, pensando nos dois realizados em Araraquara, impactaram na convivência das pessoas?

Atair Machado de Oliveira: A convivência das pessoas? Bom, o lockdown ele separou muita gente, você não podia visitar teus parentes, só se fosse assim clandestinamente, escondido, né? Mas ele separou muita gente.

Pesquisador: E, na sua opinião, houve um racionalismo no modo como as pessoas, os grupos, as organizações não governamentais lidaram com as evidências científicas que foram fundamentais para as políticas públicas no combate a Covid-19?

Atair Machado de Oliveira: Deixa eu ver, acho que eu não entendi a pergunta. Vamos voltar lá.

Pesquisador: Tentar falar de uma outra forma...toda essa experiência que você teve durante esses dois anos de pandemia, você vê que teve um irracionalismo, ou seja, uma falta de percepção racional das pessoas diante dos fatos que estavam postos em relação as evidências que vocês, aqui como agentes públicos, estavam mostrando para fundamentar essas decisões...que você estava fiscalizando, por exemplo. Teve um irracionalismo no modo como as pessoas expuseram para você os motivos que elas não acreditavam, você falou anteriormente na barreira sanitária, como é que você vê esse esse discurso?

Atair Machado de Oliveira: Olha, eu vejo assim, a própria Organização Mundial de Saúde, ela não sabia quase nada sobre a doença. E aos poucos eles foram passando pra sociedade, tá?

Eles mesmos estavam perdidos, é uma doença nova, não se sabe como o vírus se comporta. Aí começaram a estudar esse vírus aí. Foi coisa de urgência, “é vida ou morte, vamos estudar esse vírus”. Todos os laboratórios e institutos começaram a estudar esse vírus para saber o comportamento dele, para começar a passar para as pessoas. E você sabe que o ser humano, uns acreditam, outros não. Uns vão falar: "Não, vamos nos proteger, vamos nos cuidar". Tá, mas tem aquele que, que eu já te falei: "Ah, não, deixa vir, vamos ver o que vai acontecer, tá?"

Pesquisador: Você lembra de algum caso emblemático, assim que ficou na sua memória, nessas experiências que você teve enquanto você estava fiscalizando?

Atair Machado de Oliveira: Caso emblemático. Teve, teve um bar lá na, no Iguatemi, bairro do Iguatemi, o bar do Paraná. Estava eu e um colega nosso lá passe andando com a viatura para ver se estava tudo fechado, e nós passamos em frente desse bar com a viatura, né? Eles até viram que a viatura era da vigilância sanitária. Eu estacionei a viatura uns 20m pra frente, de frente pro local. Estava todo mundo lá brincando como se fosse carnaval, sem máscara, bebendo, jogando sinuca, filho no colo, entendeu? A mulherada tudo lá, de boa, todo mundo se beijando, se abraçando, como se nada tivesse acontecido? Aí, eu chamei o reforço, aí começou, chegou a guarda municipal, chegou a polícia, aí nós entramos, vigilância sanitária, “fecha esse portão aqui, vai todo mundo pra delegacia”. Aí foi aquela correria, foi um bate-boca, que isso, que aquilo, “quem que é o dono” Aí o dono apareceu, ele não queria aparecer, aí ele apareceu, ele e a esposa. E aí a polícia, todo mundo lá na porta segurando, falei: "Ah, vocês fizeram isso, isso?” “Não, pelo amor de Deus, nós não fizemos." Falei, "Tá tudo gravado." Nós tivemos que falar que estava tudo gravado para ele comentar. Aí o cara, a pessoa começa a chorar: “pelo amor de Deus, não faz isso, eu tô tentando manter minhas contas” quero pagar minhas contas, minhas dívidas”. “Não, mas você não poderia ter feito isso” Aí tivemos que fazer os boletins. Saiu multa. Provavelmente ele foi para o fórum, também processado por crime contra saúde pública. Tá. Teve um caso aqui também em frente da antiga churrascaria Estrela do Sul. Que um cidadão, ele falou que eu parei, falei assim: "Qual o seu destino?" Perguntei qual seu destino. Ele: "Eu não tenho que dar satisfação para ninguém essa abordagem de vocês aí é inconstitucional. Começou questionar o todos os decretos que o Prefeito tinha feito, que o Prefeito arbitrário, que isso que aquilo, tá, aí. Eu consegui manter a calma. Brasil. Eu falei assim: "Olha, o senhor não está colaborando para o fim da pandemia, tá? Ele falou: "O que que eu faço?" Não, senhor, pode ir embora, já anotei tua placa, a gente, nós vamos descobrir quem que você é. Ele estava gravando direto pro Facebook, sem cinto de segurança. O filho dele estava atrás lá, o filho pequeno de 3, 4 anos, sem banquinho, sem cinto, sem nada, monte de irregularidade. Você vê que um cara que é muito, né? E ele não estava aceitando a situação de

jeito nenhum, porque... por questões políticas, ou ignorância dele. Mas ele foi embora. Aí depois de um tempo, eu fui chamado no fórum para depor contra ele. Aí fui lá, relatei tudo de novo pro juiz, tá? E mesmo assim ele não quis aceitar que ele estava errado.

Pesquisador: Entendi (risos).

Atair Machado de Oliveira: Aí o juiz me dispensou e falou assim: "Agora você senta aqui, senhor, o senhor tá dispensado, pode ir embora." Eu falei: "Vou embora se não dá rolo de novo". (risos). Mas teve outras. Teve também as brigas no canavial. Pessoal da vigilância da PM foi recebido a bala. Eles tacavam pedra.

Pesquisador: Quais que são os principais desafios, na sua perspectiva, para a administração pública nesse período pós-pandemia?

Atair Machado de Oliveira: Expectativas?

Pesquisador: Desafios.

Atair Machado de Oliveira: Olha, essa pandemia ela deixou uma herança muito ruim, que o pessoal deixou de tomar vacina. Você pode conversar com o pessoal da central de vacina aqui, tá? Que a vacina mesmo da dengue, que é destinada a um público específico, 20% foi tomar vacina. Algumas vacinas que são normalmente aplicadas no povo estão sendo... deixando de ser tomado, de ser aplicado. Os pais, as mães, não estão levando as crianças para, para tomar mesmo. Adulto, teve caso de adulto que morreu de tétano, entendeu? Por falta de vacina. Essa aí é uma herança que a pandemia deixou.

Pesquisador: E aí, por último, quais que são os ensinamentos que a Covid-19 proporcionou pra política e pra administração pública? O que que você acha que a gente deve aprender com a Covid para qualificar a democracia?

Atair Machado de Oliveira: Qualificar? Existe uma questão que nós não falamos ainda que existe a questão do uso de luva, de máscara, de equipamento de proteção, os remédios que na época alguns falaram que era positivo, mas ninguém acreditou. Hoje em dia se prova que é positivo. Uso de máscara também, hoje em dia se mostrou que a máscara não é assim tão eficiente, certo? Então, existe...houve também uma questão econômica envolvida. O álcool gel, tudo quanto é fábrica começou a produzir álcool gel para vender álcool gel. Tem gente que ficou milionária vendendo álcool gel, máscara, luva, né, Silvia?

Pesquisador: E tem algo mais que você acha que foi importante nesse período que a gente acabou não abordando aqui? Alguma coisa importante?

Atair Machado de Oliveira: É uma coisa que a gente tem quem falar é o despreparo do ser humano para enfrentar essa situação, né? Mesmo já passando por muitas pandemias que o

mundo passou, todas elas no século passado. Essa, ela mostrou que nós não estamos preparados para nada disso, e eu acredito que não vai, não vai ser a última, outras virão.

ENTREVISTADOS: LUÍS VITOR SILVA DO SACRAMENTO E ANA MARISA FUSCO ALMEIDA – DIRETOR E VICE-DIRETORA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS (FCF) DA UNESP DE ARARAQUARA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Pesquisador: Como que o decreto de pandemia de COVID-19 foi compreendido por vocês em 2020? Então, logo no início, quais que foram as suas primeiras preocupações e reações com o que poderia acontecer na UNESP?

Luis Vitor Silva do Sacramento: Proteção da saúde das pessoas. Nós não gostaríamos nunca de termos, na nossa responsabilidade, uma contaminação negligente por falta de atitudes que os dirigentes da época poderiam ter tomado.

Ana Marisa Fusco de Almeida: O domínio técnico da Faculdade de Ciências Farmacêuticas em relação ao controle epidemiológico trouxe competência diferenciada nos decretos do risco que a pandemia se expunha.

Luis Vitor Silva do Sacramento: O nosso atendimento profissional já havia acontecido antes mesmo dos decretos terem sido impetrados, tá? Então, a gente já estava dentro do entendimento do que seria uma epidemia gigante, o que seria uma pandemia. Então, nós vamos já estávamos entendendo esse sistema bem antes da atitude política dos decretos, oficial dos decretos. Então, para a gente se adequar aos decretos não foi difícil, por causa desse entendimento.

Ana Marisa Fusco de Almeida: A atitude foi de isolamento antes do próprio isolamento ser oficializado como uma forma de proteção, oficial.

Pesquisador: Quais que foram as medidas que vocês tomaram para enfrentar o contágio da COVID-19 aqui na Unesp?

Ana Marisa Fusco de Almeida: O isolamento primeiro. Primeiro foi isolamento.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E antes do isolamento foi o esclarecimento. Por que isolar?

Ana Marisa Fusco de Almeida: Exatamente

Luis Vitor Silva do Sacramento: E a gente é uma comunidade muito heterogênea, com relação à tomada de atitudes. Então, você pensa na comunidade discente, na comunidade docente e na comunidade de técnicos administrativos dentro da UNESP. Então, três esferas com entendimentos diferenciados, e para cada esfera, nós enfrentamos dificuldades relativas à

resistência de aceitação das regras por diversos motivos. No caso da... dos discentes foi a incredulidade, por falta de entendimento de uma questão de saúde pública, mas foi a mais fácil. E aí quando partiu para esferas de técnico administrativos e docentes, o viés político pesou bastante. O viés político dessa época foi muito assustador, paralelo a tudo que a gente falou, porque a questão política, vamos dizer assim, bipartite, não estava sendo um fator de contribuição para conter a questão da Covid aqui, para que ela não se alastrasse como um contribuinte pra situação mundial, mas a gente lutou também contra isso, contra esse viés político do bipartidarismo e do que a gente chamava de vida e não vida. Então, as pessoas que não optavam pela vida, você deve lembrar bem a campanha nas redes sociais...Principalmente depois que a vacina foi introduzida como um protocolo de segurança. Então, a gente teve que enfrentar isso também internamente.

Ana Marisa Fusco de Almeida: inicialmente também uma questão científica, né? Então, assim, à medida que ia sendo esclarecido cientificamente o que era o agente etiológico, né? Um vírus aéreo, nós fomos tomando atitudes com muitos desafios. Nós tivemos muitas dificuldades, como desafios científicos, para chegar a um atendimento ao tempo certo para evitar o espalhamento, que era o diagnóstico, e a informação técnica necessária para convencer as pessoas de que precisava de isolamento. Maior entrave foi isolamento, muita gente era contra o isolamento.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E ainda que eu falo da influência política e também da questão da vacinação

Ana Marisa Fusco de Almeida: Que demorou, né?

Luis Vitor Silva do Sacramento: foi... foi uma... foi uma porcentagem, depois que a vacina veio, foi uma porcentagem baixa, vamos dizer assim, de pessoas negativistas. Foi uma porcentagem baixa, mas chegou a ser um problema para Unesp sim.

Pesquisador: Vocês também tinham falado um pouco, né, de como que vocês agiram como diretores da unidade coletivamente no enfrentamento do risco da Covid. Então, se vocês pudessem contar um pouquinho sobre isso e como que vocês entendem a importância desses institutos, comitês, conselhos de diretores, como é que isso impactou nesse cenário todo.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Aqui em Araraquara, o protagonismo foi tomado pelas quatro unidades da UNESP. Cada uma com a sua expertise. Por exemplo, no nosso caso [Farmácia], foi a agilidade em produzir kits para testagem, para dar apoio científico a decisões políticas tomadas pelo município e articulados pela Faculdade de Ciências e Letras, pelo professor Cláudio. E, no nosso caso, nós fomos os facilitadores para a implantação de um convênio importantíssimo à época, que foi o convênio com a Embraer e com a reitoria da

UNESP. E nós estávamos participando desse convênio, iniciando a testagem aqui no município. Para que a gente fizesse isso e tomasse o rumo que tomou, foram *expertises* científicas produzidas dentro do núcleo de atendimento à comunidade, que é o NAC, com a iniciativa do professor Paulo Inácio, que à época, já estava aposentado, mas com um contrato de voluntarismo aqui na faculdade. Então, como voluntário, ele ainda poderia ter ações desenvolvidas dentro da faculdade, e essa foi a principal ação que ele trouxe para nós como diretores: a capacidade instalada dentro do NAC para fazer a testagem, que naquele momento era feito somente pelo Instituto Adolfo Lutz. Então, ele produziu um protocolo de validação, esse protocolo de validação foi enviado ao Instituto Adolfo Lutz para que fosse validado e a partir dessa validação, dessa aprovação desse protocolo, começou-se então a participação do núcleo de atendimento à comunidade, do NAC, nessa testagem de material dentro do convênio em Embraer, que também envolveu os câmpus, envolveram os câmpus de [São José do] Rio Preto com a professora Paula Rahal e Botucatu com o João, eu esqueci o sobrenome dele

Ana Marisa Fusco de Almeida: Eu também

Luis Vitor Silva do Sacramento: O Paulo vai lembrar isso aí, e a gente tem também no nosso documento.

Ana Marisa Fusco de Almeida: E embora o Paulo tivesse aposentado, ele ainda era o responsável legal, pela sua habilitação biomédico, no NAC. Então, o fato....

Luís Vitor Silva do Sacramento: Carga viral, exames de carga viral, todos ficam sob a responsabilidade...

Ana Marisa Fusco de Almeida: E a descentralização do exame que ocorria aqui no campus foi por conta de um laboratório de segurança nível três que dois professores tinham montado, professora Ana Marisa e professor Fernando Pavan, com recursos da FAPESP. Então, já existia uma infraestrutura pré-instalada antes da pandemia para atender esse tipo de proteção, de análise.

Pesquisador: E como que vocês veem a participação da Unesp? Se ela não tivesse ocorrido, o que que vocês pensam que poderia ter sido na cidade, na região?

Luis Vitor Silva do Sacramento: Um desastre.

Ana Marisa Fusco de Almeida: Um desastre total. Mortes. Mortes. Com certeza não haveria o isolamento que foi baseado em atitudes...

Luis Vitor Silva do Sacramento: Aumento no número de mortes

Ana Marisa Fusco de Almeida: Sim, eu acho que sim, porque o que aconteceu com base nas informações científicas, técnicas, todo o conhecimento da área de saúde, que é a faculdade de farmácia, odontologia, a questão política e gerencial pública da faculdade de ciências e letras e

mais a química, com entendimento de fatores de prevenção, desinfetantes, todas essas coisas. Eu acho que se não fosse essa conjugação de todas as informações técnicas que a faculdade de ciências farmacêuticas dominou, não teria expandido nenhuma condição desse nível de controle no município.

Pesquisador: E quais que foram as principais forças econômicas e sociais que criaram obstáculos para essas medidas de distanciamento social, controle de contágio, testes de contágio para enfrentar pandemia em Araraquara? Como que vocês avaliam essa batalha cultural e política que foi desenvolvida aqui no município durante esse período?

Luis Vitor Silva do Sacramento: Eu acho que o mais gritante foi após a campanha de não vacinação. Isso foi o pior.

Ana Marisa Fusco de Almeida: O negacionismo.

Luis Vitor Silva do Sacramento: O negacionismo.

Ana Marisa Fusco de Almeida: O negacionismo. É, com as... as fake news de que a vacina tinha efeitos colaterais danosos. Os efeitos colaterais da vacina, as primeiras vacinas, são comuns a qualquer vacina de outras doenças que esteja em desenvolvimento...que esteja em desenvolvimento principalmente, mas geralmente até hoje nós temos vacinações com efeitos colaterais muito mais expressivos do que da Covid, e conforme as vacinas foram sendo desenvolvidas, as vacinas de RNA, as vacinas mais tecnologicamente falando, as mais de fronteira, as mais modernas, isso foi acabando. Mas naquela época as pessoas se recusavam a se vacinar. Nós tivemos processos inclusive administrativos dentro da nossa das quatro unidades dentro da UNESP, pessoas que se negavam a se vacinar para fazer o retorno às atividades presenciais.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E isso gerou atitude interna da UNESP com relação a essa... a esse negativo...esse negacionismo.

Pesquisador: E como que vocês avaliam o impacto da descoberta da variante P1 aqui em Araraquara?

Ana Marisa Fusco de Almeida: É porque... e pensando no âmbito científico, é competência da faculdade de ciências farmacêuticas pela pessoa do professor Paulo Inácio, com sua experiência, sua expertise junto à secretaria... ministério, Ministério da Saúde. É, por exemplo, NAC é referência em carga viral de hepatite A, hepatite B, hepatite C e AIDS. Então, essa expertise na... na... no sequenciamento dos genomas desses vírus fez com que a gente tivesse condições técnicas, infraestruturais e conhecimento científico para também fazer descoberta de cepas novas, né, da Covid.

Pesquisador: E como que foi o impacto disso no município? Vocês sentiram assim na questão da transmissão depois que vocês descobriram isso?

Ana Marisa Fusco de Almeida: Sim. O fato de podermos identificar essas cepas na população faz com que você tenha controle epidemiológico real, não só o controle epidemiológico da Covid como epidemia, mas você sabia qual vírus estava circulando e quando você começa a rastrear, isso se traduz no espalhamento controlado. A gente sabe como tá espalhando e qual é a cepa que prevalece. Isso traz um domínio muito melhor do controle epidemiológico. Você tem a cepa, o marcador dessa cepa, você consegue rastrear, mapear melhor e mapeamento faz com que você consiga controlar melhor, as atitudes de combate ficam facilitadas porque você conhece esse espalhamento no mapa epidemiológico da cidade. Então é controle técnico por conta da expertise em saúde que nós temos.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E esse controle deu muita condição pro poder público de saúde de Araraquara, à época, entrar no lockdown. As consequências seriam muito maiores se não tivessem tido esta decisão basada em condições técnicas científicas, que foram fornecidos pela mesma.

Ana Marisa Fusco de Almeida: Demandas justificadas por fatos reais comprovados cientificamente. Esse é o segredo, tá?

Pesquisador: E como vocês compreendem essa força das desinformações, das fake news, desse pensamento irracional e mágico que foi difundido pelos meios de comunicação tradicionais, rádio, jornal, televisão, e o das redes sociais, como é que isso impactou no combate assim ao vírus?

Luis Vitor Silva do Sacramento: Eu acho que foi uma... foi um, vamos dizer assim, contrafluxo de tudo que a gente estava fazendo. Para você mostrar pra sociedade que o técnico científico é importante, é muito... numa situação de pandemia, seria muito fácil, mas o negacionismo, essa questão que foi difundida pelas mídias, as redes sociais. Isso foi muito forte porque já vinha de uma condição social alimentada pela última eleição, eleição do Bolsonaro. É...então, essa questão foi um contrafluxo assim que ninguém gostaria de ter naquele momento.

Ana Marisa Fusco de Almeida: Eu diria até vou ser bem mais explícita, assim, um pouco mais agressiva...Tá, sou um pouco assim. Bolsonarismo é um retrocesso científico. Acho que a gente vem... venceu esse retrocesso científico com fatos, com fatos. A ciência venceu, ou seja, os fatos se mostraram cientificamente, comprovando que a ciência é fundamental para a sobrevivência dos seres humanos, da vida numa pandemia dessa, da sociedade, num... uma pandemia dessa. Então, é fato. Então, acho que o que... o que a faculdade de ciências farmacêuticas junto com as... com todas as outras unidades conseguiu mostrar, foram fatos.

Cada um com a sua expertise, mas comprovaram com fatos que com essas atitudes a gente conseguiu vencer. A prova disso que nós tivemos um controle diferenciado tanto na cidade quanto na UNESP como um todo. E em relação as outras universidades.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Faculdades de ciências farmacêuticas com a testagem, com a rapidez do resultado. Em menos de 6 horas o resultado já estava na mão do Sistema Único de Saúde. E aí sendo usufruído pelo poder público da cidade de Araraquara. Condições protetivas através de protocolos que foram elaborados na faculdade de odontologia, porque era uma condição de exposição à contaminação do vírus da Covid direto, porque é um tratamento de boca. E você lembra muito bem, como a professora Ana Maísa falou, era um vírus aéreo, pegava-se pela respiração. Por isso que o uso da máscara também foi muito difundido. E você lembra o nível de contrariedade dessa regra?

Pesquisador: Sim.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Não foi só o fique em casa, foi use máscara, você se protege, protege o seu próximo. E isso foi para entendimento dessa população negacionista, isso foi o como. Por que que eu não posso sair... sair de máscara? Você lembra? Use corretamente a máscara. Ficava com o nariz pro lado de fora, ficava com a boca pro lado de fora. Então, esse foi um contrassenso, contrafluxo que a gente teve que lutar. E aí, como eu te falei, protocolos de segurança elaborados pela faculdade de odontologia, testagem, faculdade de farmácia, articulação política, faculdade de ciências e cetras e a expertise de domissanitários né? foram tomadas pelo instituto de química. Então, Araraquara teve um... um privilégio de ter quatro unidades trabalhando conjunto dentro das expertises científicas de cada uma para poder auxiliar o poder público em Araraquara. E a gente sabe que isso foi muito bom.

Pesquisador: É, essa até seria um pouco da próxima pergunta (risos). Mas como que foi o conhecimento científico produzido e aplicado pela UNESP, como que ele foi capaz de enfrentar o problema do negacionismo, da infodemia e das batalhas culturais e políticas aqui na cidade?2

Ana Marisa Fusco de Almeida: Atitudes e transferência do conhecimento científico baseado na inovação. Nós desenvolvemos muitas coisas que geraram inovação até hoje. O... núcleo de atendimento à comunidade teve algumas mudanças depois do... do período da Covid, nos serviu de experiência para adaptar muita coisa, evoluímos com a epidemia. Ou seja, por exemplo, vou te dar um exemplo, até então nós não produzíamos plasma convalescente. Hoje, estamos produzindo plasma. Kits diagnóstico surgiram com inovações para testes rápidos. Então, hoje, a gente é capaz de fazer kits in house e validá-los, como validamos em tempo recorde na pandemia, para adaptar para novas solicitações. Por exemplo: tem novos programas de saúde que a DRS III nos solicita para fazer exames que não fazíamos. Hoje, a gente consegue

desenvolver a técnica dentro do laboratório, mandar para... pras... pros órgãos reguladores, regulariza e volta como código do SUS, novos exames, por exemplo, o Sistema Programa Cegonha, que tem novas testagens em grávidas para a prevenção de novas doenças. Então, a experiência científica que nós tivemos nas atitudes rápidas, transferência, tecnologia e inovação com tempo recorde foi uma lição e que prevaleceu agora aqui. A gente não vai mais perder essa competência que adquirimos pós na pandemia. O pós-pandemia tem uma coisa muito boa que é o desenvolvimento científico. Nós avançamos muito com a pandemia, aprendemos a fazer coisas mais rápidas, a transferir conhecimento científico para gerar inovação. E, por outro lado, também aprendemos com o gerenciamento de recursos públicos em tempo recorde. A agilidade que tivemos que ter aí tem o protagonismo da faculdade de ciências e letras, porque através do gerenciamento público, da competência em... em técnica em... em gerar gerenciamento público rápido, surgiu na pandemia. Tivemos até mudanças na lei de licitação, uma série de adaptações baseadas no que passamos na pandemia.

Pesquisador: E então, é possível dizer que a gente aprendeu lições importantes, né? Quais que vocês acham que seriam essas lições mais importantes que a gente deve guardar na memória histórica da Covid?

Ana Marisa Fusco de Almeida: Nossa, tem duas... dois aspectos pra gente, é, fazer essa leitura. O aspecto científico, né, que eu diria que a ciência venceu, a ciência salva a vida, a ciência evolui, a ciência perpetua a espécie humana. Diria que a ciência é fundamental. Sem ciência, nós já teremos nos distinguido, né? Do aspecto administrativo, aprendemos muito, né, Lu? Acho que trabalhar principalmente em comunidade, né? A gestão participativa. Esse é o segredo da gestão: gestão participativa. Ah, e como ser humano, agora, como ser humano, eu... eu... a solidariedade, né? Eu acho que nós aprendemos a ser mais solidários. Nós somos outros... somos outros seres humanos dentro... espírito pandêmico.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Eu acho que quem quis aprendeu.

Ana Marisa Fusco de Almeida: Sim, quem quis aprendeu. Mas acho que mesmo quem não quer... sabe que a ciência

Luis Vitor Silva do Sacramento: ah, que você é boazinha... Eu não (risos)

Ana Marisa Fusco de Almeida: Sabe que a ciência... ela é fundamental. Eu acho que o bolsonarismo diminuiu. Eu acho que o... o radicalismo foi vencido. Eu... eu tenho visto assim uma redução drástica, sim, uma redução drástica. Não é mais tão extremista como era, Lu.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Tá tudo guardado.

Ana Marisa Fusco de Almeida: As pessoas se vacinam e fingem que não se vacinaram, foi lá tomar vacina e fala que não tomou...

Luis Vitor Silva do Sacramento: Mas foi tudo guardado. Tá tudo enrustido

Ana Marisa Fusco de Almeida: Eu... eu sou otimista. Eu... eu quero acreditar que no período pós-pandemia, a sobrevivência da humanidade transformou parte dessa humanidade em algo muito melhor. Infelizmente, isso teve que acontecer.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Agora, eu vou falar como o meu viés, como meu viés ambiental. A pandemia surgiu, apareceu... e com uma condição culposa, né, da situação lá em Wuhan, na China, apareceu nessa condição culposa, né? Mas todo mundo esquece que a pressão ambiental, ela é muito forte, então, não foi somente a culpa da tal da sopa de morcego. A questão ambiental hoje tá muito... tá muito em voga, mas as pessoas ainda não estão gerando a importância devida a isso, né? Então, a educação ambiental no mundo, ela está perdendo para questões... ainda está perdendo para questões industriais, ainda fica numa... industriais e políticas, né, vamos dizer assim, ainda fica em segundo plano pra gente entender que não existe lá fora. Então, o impacto na pandemia poderia ter agilizado nesse... nessa questão, mas não foi. Então, eu acho que não surtiu esse efeito ainda. Por isso que estamos ainda com situações ainda, vamos dizer assim, persistentes de ataque ao meio ambiente, e que daqui a pouco uma outra pandemia pode surgir de um desequilíbrio ambiental.

Ana Marisa Fusco de Almeida: Sim, concordo com o Luiz e o Luiz tá falando isso com propriedade porque nós temos um artigo científico, 2021, no finalzinho da pandemia. Esse artigo científico é um alerta da OMS, Organização Mundial da Saúde. O Tedros Adhanom, que hoje coordena a Organização Mundial da Saúde, alerta para uma nova pandemia se nós não mudarmos as nossas atitudes com o meio ambiente, com o planeta. E essa nova pandemia, além de vírus... poderíamos ter *Cryptococcus neoformans*, que é um... um organismo da natureza. E essa revirada que a gente tá fazendo com o nosso meio ambiente...

Luis Vitor Silva do Sacramento: Que não é vírus...

Ana Marisa Fusco de Almeida: Que não é vírus, não é vírus. A gente tá descartando o vírus, mas assim nesse assunto porque podem existir outros vírus, outros agentes, mas ele já fez um alerta na OMS para o vírus *Cryptococcus*, isso tá publicado, você pode obter essa fonte facilmente, tá? Então, é a OMS, ele categoriza o risco de pandemias desses agentes etiológicos. Ele coloca como primeiro lugar o *Cryptococcus neoformans*.

Luis Vitor Silva do Sacramento: nós temos doença pulmonar aérea...

Ana Marisa Fusco de Almeida: Aérea, não com contágio no nível que nós temos hoje do vírus, né? Vírus é um contágio muito mais expressivo, mas é uma doença fatal.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E você pode ter que chama de infecção secundária. É uma doença pulmonar. A Covid, o vírus da Covid, ele ataca via aéreas. Então...

Ana Marisa Fusco de Almeida: mas ele vai para a meninge. *Cryptococcus* vai para a meninge. É uma doença sistêmica....pulmonar... sistêmica. Então, assim, é... ele é... ele é fatal. 80% de mortalidade para hoje, uma... uma epidemiologia sem ser epidemia. Então, hoje, os dados epidemiológicos apontam que há um... um índice de morte enorme em relação a essa infecção. Isso porque nós não estamos falando de epidemia. Sim. Tá. Então, assim, eu acho que o que o Luiz tá falando é... é... é provado hoje por... por ser atestado pela OMS que já estamos tendo doenças e já estamos prevendo novas epidemias com base no que tá sendo feito com o planeta. Isso é muito perigoso.

Pesquisador: E quais que foram as experiências que mais impactaram vocês durante esse período aqui atuando na diretoria, né, da faculdade?31

Luis Vitor Silva do Sacramento: Impactamos positivamente ou negativamente?

Ana Marisa Fusco de Almeida: Nos dois, acho que nos dois

Pesquisador: É, vocês podem escolher experiências para contar.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Negativamente foi a questão de você descobrir que grande parcela da população não acredita na ciência. Isso foi um impacto negativo muito duro de aceitar, ainda mais no... após 2020, tá? Poque eu, a Ana Marisa também, Cláudio, todo mundo que tá lá, nós somos uma geração em que o ano 2000 era um marco importante. Nós vivemos nos 1900, na metade dos 1900, na metade do século XX. E o ano... o ano... o ano de 2000, a virada do milênio em 2001, seria um fato importante social que fosse acontecer para a humanidade. Então, a gente vivia com essa marca na cabeça e aceitar que em 2020 você tem uma imensa parcela populacional mundial que ainda está presa nos conhecimentos da Idade Média. Isso é um impacto negativo muito grande para quem trabalha com ciência. Parece que a gente fez, fez, fez, ninguém entendeu, todo mundo usufrui, mas ninguém entende. Então, eu acho que a ciência tem que fazer esse papel, fazer as pessoas entenderem que o que a ciência desenvolve é importante. O que não pode ser comprovado, esquece.

Ana Marisa Fusco de Almeida: E eu, o que me impactou mais foi o quanto a ciência precisa ser divulgada, sair dos... nossas caixinhas como cientistas, participar mais, levar mais o que é a ciência, o poder da ciência pra sociedade. Isso é o que mais me impactou. Então, aprender a divulgar ciência, não popularizar de uma forma ruim, popularizar tecnicamente, usar ferramentas educacionais eficientes para melhorar a sociedade. Esse é um ponto. Agora, vindo de encontro com o que o Luis falou, nós vivemos duas epidemias: AIDS e... e Covid, né? E as duas impactaram socialmente a humanidade de uma forma extremamente drástica, gerando questões que revelam, que sem o conhecimento, sem a educação, sem a ciência, ignorando a ciência, você tem assim, desastres sociais, né? Então, a AIDS, quando ela apareceu, o desastre

social foi o preconceito com os homossexuais, o preconceito inicial, principalmente o homossexualismo masculino, lembra disso? Desastre social. Foi um desastre. E o maior desastre social que a gente sofreu agora com essa pandemia foi esse negacionismo, a não credibilidade, a... o negacionismo científico, que é o principal, e depois o negacionismo das atitudes de solidariedade também. Então, eu acho que são desastres sociais que a ciência consegue resolver, mas nós temos a obrigação de saber transferir o conhecimento dessa ciência, mostrar pra humanidade o que é a ciência e o que ela pode trazer, é isso. E a gente não sabe fazer isso direito.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E positivamente, por estarmos na gestão, foi a cooperação. A cooperação que aconteceu aqui no campus da UNESP de Araraquara...

Ana Marisa Fusco de Almeida: Uma gestão participativa....

Luis Vitor Silva do Sacramento: Foi uma gestão participativa, solidária. Eu nunca tinha ouvido falar porque não houve uma pressão social tão forte assim nas gestões anteriores. Mas nesta gestão, mesmo sem a pressão da pandemia, antes desse período...já havia essa cooperação.....já havia essa... essa cooperação, ela já estava instalada com os quatro gestores da... das unidades de Araraquara e ela se fortaleceu com a pandemia, fortaleceu muito, certo? Então, a gente teve uma... uma aproximação muito grande nesse período, todos conjugados no mesmo propósito que era salvar vidas através da ciência. Então, todos estavam remando o barco na mesma direção. Isso foi positivo para nós.

Pesquisador: E por último, acabei não gravando aquele início que a gente estava conversando, né? Mas se vocês quiserem falar um pouquinho de outras pessoas que foram importantes nesse momento, que tiveram atuações aqui dentro da UNESP ou no município, que participaram dessa cooperação que foi fundamental para todo esse cenário pra gente deixar registrado.

Ana Marisa Fusco de Almeida: Além do... do conselho diretor, né? Campus... diretores da... dessa gestão, nós temos protagonistas como a Fernanda Sotrate, professora, professor Paulo Inácio.

Luis Vitor Silva do Sacramento: A professora Fernanda Sotrate é a supervisora da sessão técnica de saúde, que é liga da UNESP... aqui... ligada na faculdade de... Odonto

Ana Marisa Fusco de Almeida: Os diálogos dela... dela com o... com a... com a Dra. Eliana, né, com a... com a prefeitura, foram muito... profícuos, né? Acho que ela auxiliou muito na elaboração do protocolo de proteção. O protocolo de proteção foi escrito primeiramente pela odontologia na gestão do professor Edinho, né? Com a professora Patrícia como vice. É, inclusive a posse deles foi no período pandêmico, não pôde ser uma posse festiva nem solene.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Foi a primeira posse online...

Ana Marisa Fusco de Almeida: ...online. É, por conta do isolamento...

Luis Vitor Silva do Sacramento: ...justamente em março de 20...

Ana Marisa Fusco de Almeida: Algumas pessoas, né? Bom, o professor Paulo Inácio dispensa até, né? Eu acho que o professor Paulo Inácio foi um herói, né? Mesmo aposentado, responsável pelos testes, ele com a sua habilitação, né? Ele assumiu a responsabilidade de tudo. Foi um grande captador também para mudar a estrutura do laboratório. Hoje essa estrutura, ela mudou porque teve aquisições de equipamentos novos. Muita gente do NAC, eu posso dizer que o *staff* do laboratório de análises clínicas e do hemonúcleo de Araraquara não parou. Não houve isolamento, não houve trabalho remoto para esse pessoal. Eles assumiram um risco pela necessidade...estiveram na frente do fornecimento de sangue e as testagens desses... desses... dessas bolsas e trabalharam... dois anos trabalhando sem parar e se... se oferecendo ao risco, né? Eu acho que não pode esquecer de ninguém que não deixou a peteca cair. Ou seja, a gente tinha lá um fornecimento de bolsa de sangue para 25 municípios. Todos trabalharam, ninguém tirou licença, ninguém ficou em casa. E acho que o... o... esse staff tem que ser lembrado, tá? Todos os funcionários, sejam eles contratados pela UNESP, sejam da fundação... da Fundecif, que trabalharam incansavelmente lá na... na produção de sangue e diagnóstico, tá? E todos os que auxiliaram, professor Paulo Inácio, né? Correndo todo o risco que correram...

Luis Vitor Silva do Sacramento: ...Rualdo...

Ana Marisa Fusco de Almeida: ...o Rualdo, né, que na época era aluno do professor Paulo Inácio, já era... alo... do professor Thiago. Então, acho que são pessoas que a gente precisa destacar.

Luis Vitor Silva do Sacramento: E o professor Paulo Inácio trabalhou nesse protocolo com o início da professora Maria José.

Ana Marisa Fusco de Almeida: ...Sim... que deu contato do RNA, do vírus, né? Que tinha... da Unicamp.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Isso. Tivemos também, nesse meio tempo a... uma participação da... Como é que é o nome daquela menina lá do DOAR

Ana Marisa Fusco de Almeida :Ah, a Gabriela, que pegou o carro, botou uma máquina de PCR no porta-mala, saiu de São Vicente e trouxe aqui pra gente uma da noite pro dia.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Ela saiu de lá 2 horas da tarde, chegou na hora da... consequência dele...40 ... a gente fazia...

Ana Marisa Fusco de Almeida: nós fazíamos aproximadamente 3.000 exames com uma máquina. Quer dizer, olha a atitude dessa pessoa, de pegar o carro e sair no meio da pandemia, trazer uma máquina de PCR que é grande, pesadinha, sozinha, pegou estrada sozinha, varou a

noite viajando, chegou aqui de manhã “toma a máquina, aumenta a testagem”. Então assim, olha a atitude, aí que vem a solidariedade, a consciência das pessoas, então isso precisa ser destacado.

Luis Vitor Silva do Sacramento: Acreditar naquilo que faz em termos científicos, o professor Fernando Pavan e a professora Ana Maria que disponibilizaram o MP3, eles inclusive são idealizadores desse espaço, se eles não tivessem disponibilizado esse espaço nada teria acontecido.

Ana Marisa Fusco de Almeida: O professor Paulo Inácio corria um risco seríssimo, se não fosse essa estrutura o professor Paulo teria tido sim uma infecção no início e com certeza sua vida estaria em risco

Luis Vitor Silva do Sacramento: Naquele início a gente não tinha nenhuma proteção, a questão era evitar o contágio.

ENTREVISTADA: PATRICIA PETROMILI NORDI SASSO GARCIA – VICE-DIRETORA DA FACULADDE DE ODONTOLOGIA DE ARARAQUARA (FOAR) DA UNESP DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 E ATUAL DIRETORA

Pesquisador: Como é que o decreto da pandemia de Covid-19 foi compreendido por você lá em 2020, no início de 2020? Quais que foram essas primeiras preocupações e reações que você teve para o que poderia acontecer na UNESP e na cidade?

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: O decreto que foi aquele....

Pesquisador: Da prefeitura

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Que estabelecia o fechamento das unidades. Então, você lembra quando que foi publicado ele?

Pesquisador: Eu acho que ele foi no dia 16 de março ou mais ou menos nesse...

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Então, o que que aconteceu nesse período? A diretora na época era professora Elaine e o vice-diretor era o professor Edinho. E nós tínhamos ganhado a eleição. Nós íamos assumir a nossa gestão a partir do dia 29 de março de 2020. Então ele como diretor e eu como vice-diretora. Então quando a gente recebeu essa notícia, toda a cerimônia da nossa posse, tudo estava organizado e nós tivemos então que dispensar e tudo mais, né? Aí quais foram as primeiras providências ainda com a professora Elaine aqui? Foi orientado que os alunos terminassem os pacientes que, teve uma semana onde eles continuaram vindo pros pacientes, né, para finalizar os pacientes e serem orientados que a gente não ia poder

mais atendê-los. A princípio, eu não sei se é isso que você quer saber, mas a princípio nós acreditamos que fosse uma coisa que ia durar um mês, que seria assim, ah, vai ser assim, né, até que as estratégias sejam estabelecidas e tal. Nossa, daqui um mês as coisas vão voltar. E então assim, no meu ponto de vista, logo de cara eu não me preocupei tanto, porque eu achei que fosse algo mais simples do que realmente era, e eu acreditei que assim, em um mês, máximo um mês e meio, tudo voltaria ao normal. Então, foi dessa forma que eu encarei a o decreto naquela época, tá?

Pesquisador: E depois num determinado momento onde as coisas não voltaram, né, digamos assim...quais que foram as medidas tomadas para enfrentar o contágio da Covid aqui na UNESP?

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Bom, então aí assim, logo no começo, o conselho diretor, que até o professor Cláudio falou para você, ele teve um papel super importante. Por quê? Porque ele começou se organizar para que a gente pudesse ter meios de fazer a testagem, porque tinha lá a professora Ana Marisa que, né, que tinha um conhecimento muito grande na área. E aí então o professor Paulo, que também trabalhava no NAC e tal, ele foi chamado. Então, logo no início houve uma organização e partiu do Conselho Diretor, essa organização para realizar as testagens. Eu lembro que eles foram buscar amostras em Campinas para poder fazer essa testagem e tudo mais. Foi assim, uma coisa difícil de ser viabilizada, mas que foi uma estratégia que surgiu a partir do conselho diretor, né? E assim, num determinado momento a gente percebeu, eu não lembro, eu não lembro assim, não sei te dizer exatamente quando foi, mas quando a gente percebeu que passou um mês, passou um mês e meio e que as coisas estavam se agravando e as pessoas estavam morrendo, a gente então percebeu que que não era tão simples quanto a gente imaginava. E aí eu lembro um dia que o professor Edinho, ele me disse: "Olha, Patrícia, a situação pra nossa área é mais complexa. Por quê? Porque não é só o não é só uso de máscara. Nós somos a área da saúde e nós o atendimento é dentro da boca, que é onde se, o vírus e é o vírus agora não vírus, bactéria, sei lá. E aí ele a gente vai ter que fazer alguma coisa para evitar isso, porque a hora que a gente trabalha com alta rotação, baixa rotação, a gente forma uma névoa de microrganismos e ia ter o, né, a gente tinha que fazer alguma coisa, como é que a gente vai fazer, né? Foi isso que ele disse. É mais grave, pra gente é mais grave. A partir disso, eu comecei a levantar tudo que tinha na literatura, absolutamente tudo que tinha na literatura internacional sobre como que estavam sendo os procedimentos relacionados à Covid, especialmente na área de odontologia. Então assim, todos os artigos eu levantei, eu li absolutamente tudo e fiz num Excel uma planilha com que cada autor e cada artigo, o que que eles indicavam para cada coisa. Então, ah, nesse país eles indicavam fazer isso, nesse ele

indicava fazer isso, então, ah, para acolher o paciente na hora de atender o paciente. Então, tinham vários passos que a que os artigos falavam. Então, a gente... eu acabei lendo tudo e colocando tudo numa planilha do Excel. Para gente poder definir o mais... a gente ia escolher o mais rigoroso. No processo de todos, a gente ia optar pelo mais rigoroso. Paralelamente a isso, a gente tinha um grupo formado pelas odontologias da USP, Unesp e inclusive tá até aqui, ó [caderno de anotações das reuniões]. E cada uma delas, então a gente se reunia periodicamente e cada uma delas falava o que que estava fazendo, falava as suas dificuldades, apresentava os seus os seus protocolos, como é que estavam fazendo, né, para o enfrentamento, quanto tempo que estavam levando para fazer, né, a preparar os ambientes e também existe um grupo na reitoria que era no comitê central liderado pela Dra. Ludmila, que junto com alguns professores da área de odontologia também se reuniram para fazer um protocolo específico para as odontologias. Então o que que aconteceu? Eu e o professor Edinho, a gente estudava aqui todos os protocolos do mundo. Ao mesmo tempo eu participava desse grupo das Cormãs e tinha alguns professores, especialmente os da comissão de biossegurança, que a gente pediu para eles também ajudarem, né, fazerem um protocolo. Esses participavam na reitoria nesse grupo da do comitê Covid central. Depois que a gente coletou todas as informações de todos os lados, vindo de todos os lados, eu e o Edinho a gente sentou e aí a gente começou a escolher o protocolo mais assim, rigoroso para cada coisa. Então, desde a entrada do paciente, quando o paciente, para onde o paciente ia chegar, que ia ser perguntado pro paciente, o paciente ia colocar seus pertences numa sacola, ele ia colocar máscara, enfim, tudo, tudo, absolutamente tudo, até que até o final, até o final do atendimento. Depois que a gente estabeleceu esse protocolo... o que a gente teve que fazer? A gente teve que adaptar prédio. Então a gente pôs o que era ideal, mas aí a gente tinha que adaptar a nossa estrutura que não estava adequada para isso. Então nós tivemos que fazer mudança das catracas pra portaria porque a entrada do paciente ia ser um determinado lugar, né, que agora é pela Avenida da Saudade para não ficar entrando por vários lugares, então ia ter um específico. O paciente chegava, ele era questionado, ele tinha, ele respondia um pequeno questionário para saber se ele estava com sintomas ou não, se ele tinha tido contato com pessoas, quanto tempo que ele tinha tido esse contato, se ele tivesse tido contato, ele era dispensado, então tinha todo um protocolo. Nós tivemos que fazer, a gente implantou um sistema de renovação de ar em todas as clínicas. Então, foi feito esse projeto, a reitoria, né, entrou com o dinheiro e foi implantado esse sistema de tal forma que quando o aerosol, que é aquela névoa que é produzida a hora que você tá tratando o dente acontece, ele não se deposita nas superfícies e nem pra vai pro pra roupa. Ele sobe e é retirado pelo sistema de renovação de ar. A gente também instalou divisórias de vidro entre uma cadeira odontológica

e outra, evitando que também tivesse essa comunicação do microrganismo. Então assim, vários procedimentos a gente fez para poder adaptar a entrada do protocolo. Não sei se era isso que você queria.

Pesquisador: É, sim. E aí você até já falou um pouquinho da outra pergunta, né, que é como que foi esse movimento dos diretores e diretoras das unidades da UNESP, como que agiram coletivamente no enfrentamento dos riscos e qual que na sua visão é a importância das faculdades, dos institutos, dos comitês, desse conselho dos diretores nessa emergência sanitária que aconteceu.

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: É, assim, o conselho diretor ele teve um papel importante, né? Porque na verdade medidas que deviam acontecer saíram de um grupo de pessoas, então não era uma postura, uma posição isolada. O comitê Covid local também, que foi era constituído praticamente pelo Conselho Diretor e mais outras pessoas com a Fernanda Sotrate, que era a supervisora da sessão técnica de saúde, professor Paulo, enfim, outras pessoas que da área da saúde que tinham *know how* para isso. E assim, esse comitê ele direcionava as medidas e todos os procedimentos que deveriam ser feitos de uma forma geral, considerando as especificidades, por exemplo, de uma forma geral, as pessoas tinham que ter distanciamento, as pessoas tinham que usar máscara, tinham que ter álcool para odontologia tinha que ser uma coisa muito mais específica. Então, dentro da especificidade da odontologia aí o comitê local ele não interferiu tanto porque era uma coisa mais específica da nossa da nossa área, né? Mas foi extremamente importante porque foi um conjunto de pessoas que se uniram e pensaram juntas as estratégias para enfrentar o problema.

Pesquisador: E aí pensando na Unesp nessas diferentes linhas de atuação, como que você vê se essa participação não tivesse acontecido? Então, qual que seria o impacto disso na cidade, na região?

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Olha, eu acredito que assim, eu acredito que o impacto seria muito grande, especialmente porque, como eu já te disse, foi a partir do do comitê local, né? e do conselho diretor que surgiu a ideia da testagem. E se o NAC não tivesse feito as testagens, a Araraquara teria tido um problema muito, né? Teria tido mais mortes, casos mais graves. Por quê? Porque o NAC é que fez todo esse processo de testagem. Então eu acredito que as consequências para a nossa pro nosso município teriam sido muito mais graves do que foram e assim a participação da UNESP, especialmente da faculdade de ciências farmacêuticas e do NAC para o município de Araraquara foi assim de extrema importância, tá?

Pesquisador: E pensando tanto na cidade quanto aqui dentro da Unesp isso porque conversando com o Luís e com a Ana, eles falaram um pouco de como que foi essa visão na

hora de implementar medidas, quais que você pensa que foram as principais forças econômicas e sociais que criaram obstáculo para as medidas de distanciamento social, controle de contágio, teste para enfrentar a pandemia em Araraquara? Como que você avalia essa batalha cultural e política que aconteceu em vários níveis assim?

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Nossa, essa pergunta é difícil. Eu não sei, eu não sei o assim, não sei o que. Eu não estou, eu não estou, não estou entendendo o que você tá querendo dizer com isso assim, me explica melhor.

Pesquisador: Posso dar um exemplo. Então, acho que aqui como no Brasil por várias vezes, é que isso vai ser diferente da do município implementando e da Unesp aqui, mas no geral, quando foi se anunciado determinado tipo de medida, porque era necessário e não há o que fazer pelas evidências, houveram vários tipos de manifestação contrária de resistência. Não vou fazer, isso aqui eu não acredito. Porque que como você avalia esse momento? De onde que veio isso? Quais os principais diretores?

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Aqui dentro da unidade, dentro da UNESP, isso não aconteceu, né? Quando a gente falou que ia fechar, ia fechar. Eu assim, entretanto, para as para a população em geral, eu acho que o grande a grande dificuldade, a grande resistência eram aqueles que tinham comércio, as indústrias, né? Por quê? Porque teria que fechar, não teria consumo. E aí então eles, eu entendo que foi assim, houve uma resistência em função da questão econômica, tanto é que assim, muitas pessoas perderam emprego, muitas empresas, muitas, né, áreas de comércio se fecharam. Então, acho que a resistência veio dessa questão de não era nem pelo não acreditar que o...a questão.... pelo no meu ponto de vista, né, não acreditar que não era grave, mas era assim, eu sei que é grave, mas como que eu vou fazer para pagar meus funcionários, como eu vou fazer para sobreviver? Porque pra gente foi muito cômodo. Na verdade, eu, né, eu, professor Edinho, as assessoras, assim, um grupo de pessoas, a gente não para de vir, de trabalhar, a gente vinha todo, até porque a gente tinha que preparar o ambiente, mas uma grande maioria parou de trabalhar, trabalhava de casa e tem gente que nem de casa, por exemplo, a pessoa operacional que faz limpeza, que não tem o que fazer em casa, né? Mas elas continuaram recebendo seus salários, né, integralmente e elas não tiveram essa preocupação de eu vou ser mandado embora. Eu não, eu não tenho salário no final do mês. Isso não aconteceu com a gente. A gente não tinha essa preocupação. Agora os que não estavam na Unesp que não eram servidores públicos, eles sofriam essa angústia de o que será amanhã. Então eu acho que por isso que veio essa resistência. Tá.

Pesquisador: E você avalia de alguma forma o impacto da descoberta da variante P1 aqui em Araraquara, que foi aquela cepa de Manaus? Então você sentiu que as atividades mudaram? Pouco depois foi logo no início de 21, né, quando os casos aumentaram bastante.

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: As atividades em Araraquara, as atividades aqui na faculdade?

Pesquisador: Aqui na faculdade, principalmente

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Não, não mudaram. Por quê? Porque assim, a o que a gente tinha proposto já era muito rígido, entendeu? Então assim, e eu vou ser franca com você, no começo, quando a gente fez as reuniões com os servidores, porque as pessoas eram resistentes para voltar, as pessoas não queriam voltar, mas a gente tinha que fazer voltar porque o nosso curso é essencialmente prático. Para você ter uma ideia, agora eles começaram o segundo semestre de 2024. Hoje nós estamos um semestre atrasado ainda, desde lá, desde lá, por causa da pandemia, entendeu? Então assim, em janeiro de 2021 nós tivemos que voltar. Não teve jeito. E aí voltou o primeiro e o quinto ano primeiro e depois a gente foi de uma forma escalonada, trazendo os outros anos, mas servidor e docente não queriam votar. E aí a gente fez reuniões, né, com eles e eu falava que eu confiava muito no protocolo que a gente tinha feito e que eu tinha certeza absoluta que não ia acontecer nada, então que eles podiam voltar tranquilos, porque a gente ia conseguir enfrentar e tudo mais. Aí eles voltaram. Eu fiz treinamento com todos os grupos de alunos. Eu fiz treinamento de como se paramentar, de como enfrentar com todos alunos, docentes servidores. Então eles foram preparados para atender, para enfrentar, e eu falava para os alunos “vocês estão aprendendo a enfrentar uma coisa que nunca ninguém enfrentou, não dá para fugir, tem que encarar por que numa próxima vez vocês vão estar preparados para fazer isso com suavidade”. E aí quando a gente chegou, logo que a gente começou em 2021...Aí a gente a gente teve que fechar de novo, tá? Por causa dessa variante, entendeu? E aí nós ficamos assim uns 15 dias fechados. E aí quando a prefeitura autorizou o retorno para a estabelecimentos de saúde e tudo mais, a gente reabriu e continuou então o curso aplicando o protocolo, que já era um protocolo bem exigente. E assim, eu tenho uma alegria muito grande de dizer que nós não tivemos surto aqui dentro. Então assim, nós fomos da área, somos da área da saúde, nós voltamos a atender em janeiro de 2021, numa região altamente assim, com grande risco de contaminação. E o protocolo ele foi tão bom que nós não tivemos surtos aqui dentro.

Pesquisador: E aí agora no geral também, tanto no município, porque querendo ou não vivenciamos esse período também de assistimos as notícias, ficamos relembrando, né? Mas também aqui dentro, como que você compreende o impacto, se existiu, se não existiu, quanto

que ele foi, da força da das desinformações, da das fake news, da dos pensamentos irracionais que pairaram na mídia, tanto tradicional quanto na... sobretudo na era digital, sobre todos esses assuntos, assim...

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: ...é, aqui dentro nós não sentimos isso tão fortemente porque aqui não tinha espaço para não fazer, tá? Era fazer ou fazer, entendeu? Não, não, ninguém tinha. E dentro, aqui dentro não existia assim, até pela própria formação da área da saúde e das consequências, dos impactos de da questão de saúde mesmo, eu não eu não encontrei impacto aqui dentro. Talvez com a vacinação, mas não com a adoção das medidas, tá? Todo mundo, até mesmo os pacientes eles seguiam rigorosamente, eles, eu lembro que logo que a gente implementou uma vez, uma paciente chegou e falou: "Olha, muito obrigada, eu tô... eu tô vindo aqui com meu filho, tô me sentindo tão segura de ser atendida aqui. Nossa, eu vi que tá tudo tão organizado", então assim, não, aqui eu não senti. Agora fora, eu vou ser franca. Eu não, eu não, como eu tava tão imersa aqui, aqui dentro. E tão preocupada aqui dentro, eu não, tipo, eu não prestei atenção no que tava acontecendo fora, porque eu vivi isso aqui 24 horas, entendeu?

Pesquisador: Sim.

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Então, na cidade como um todo, eu não sei te dizer.

Pesquisador: E também não precisa ser especificamente, né, essa outra pergunta sobre só a cidade, mas acho que pensando nisso também, como que você acha que esse conhecimento científico, porque como você me deu o exemplo, né? Relembrando os protocolos, formando novos a partir de coisas que já tinham sido feitas, né? Como que esse conhecimento científico produzido e aplicado pela UNESP, em várias instâncias, pelo que eu vou ouvindo de vocês agora, foi capaz de enfrentar esse problema do negacionismo.

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Eu acho que o conhecimento faz toda a diferença, né? Então, a questão é a informação combatendo a desinformação, né? E isso de fato era um papel nosso aqui, né? Você existia aí um negacionismo, mas que a gente combatia com o conhecimento e demonstrando os riscos, demonstrando o que poderia acontecer caso os protocolos não fossem seguidos. Mas eu, vou ser franca, para um tipo de negacionismo que mais relacionado ao político...o conhecimento ele não faz a menor diferença, porque a pessoa ela não ela não aceita porque ela não quer ver, ela não quer entender. O conhecimento tá ali na sua frente, tá mostrando que é... cientificamente tá mostrando que é importante, o que é importante de ser feito, mas a questão política, e aí a pessoa ela tem... ela sabe do conhecimento, mas ela ela finge e aí você não convence nunca esse tipo de pessoa. Então a pessoa que tem um aí acho que não é nada tal, mas não tem um, é por falta de conhecimento, não tem um punho

político, você consegue convencer, você mostra, ela entende a importância e tudo mais. Aquela que tá relacionada com a com a questão de, “ah eu sou contra porque eu sou contra”. Aí essa você não consegue.. Eu dentro do meu entendimento, você não consegue convencer.

Pesquisador: E indo pro final aqui já, é possível dizer que a gente aprende deu lições importantes com a Covid. Quais que seriam essas lições mais importantes para você que a gente tem que guardar nessa memória histórica?

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Acho que a principal delas é que a gente não faz nada sozinho. E que você só tem sucesso num enfrentamento como esse quando você tem um conjunto de pessoas...que pensam da mesma forma, que tenham o mesmo ideal e aí essas pessoas elas se unem e nem são tantas, são poucas, mas elas têm tanta consciência da importância que elas se unem e fazem então a as coisas acontecerem, né? Então assim, acho que o mais importante para mim foi “a união faz a força”, né? Essa é essa foi a maior mensagem que que eu aprendi. A segunda que eu já sabia, na verdade, mas que talvez as outras pessoas, né, a população de uma forma geral não conhecesse, é que a ciência é extremamente importante e isso tudo aconteceu no momento onde a ciência estava sendo menosprezada, ignorada, desvalorizada, né? E já vinha sendo assim até por questões políticas, né? E de repente a gente conseguiu mostrar pra sociedade quão importante é se investir na produção de conhecimento, porque quando você tem um problema. que surge inesperadamente, você tem estrutura para dar uma resposta rápida. Então, eu acho que assim, é uma coisa que a população esquece depois de um tempo, mas naquela época, se a gente não tivesse a estrutura que a gente tem, se essa faculdade de ciências farmacêuticas não tivesse a estrutura que ela tinha, se isso não tivesse sido alcançado ao longo dos anos...a gente com certeza não teria tido os resultados que nós tivemos, né?

Pesquisador: E aí por último, se teve alguma ou algumas experiências que mais te impactaram como participante da diretoria nesse momento.

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Nossa. Ai, agora você me pegou (risos).

Pesquisador: Se não tiver também tudo bem.

Patrícia Petromilli Nordi Sasso Garcia: Eu acho que acho que muitas coisas me impactaram. Mas acho que uma coisa que me impactou bastante foi um episódio que nós tivemos com os alunos da moradia [estudantil]. Ah, onde lá teve um surto na moradia, né? E aí a gente então tentou implementar medidas e conversar e assim a gente sentiu uma resistência...por parte dos moradores na nas estratégias que a gente estava querendo. me implementar, entendeu? E isso me impactou bastante, porque a princípio parecia que nós estávamos querendo desrespeitá-los, pelo menos era essa a fala deles, assim, a gente estava querendo invadir um lugar que era deles

e tal. E, na verdade, a gente estava preocupado em manter a saúde deles e assegurar que as coisas ali se organizassem da melhor forma possível. Então, as reuniões que nós tivemos com os alunos naquela época, tal, me impactou bastante pela fala, pela, né, pelo entendimento desses alunos em relação à gravidade do que estava acontecendo.